

Este trabalho é escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico.



## **Dedicatória**

O gosto pela leitura nasceu no seio familiar, projectou-se na escola e no ambiente que me rodeia, enriquece-se e fortalece-se ao longo da vida e perdura como hábito corrente, pelo prazer e saber! O desejo da descoberta, o amor pela arte e ávido gosto pelo conhecimento foram-me transmitidos desde tenra idade, por isso, dedico este trabalho aos meus pais, pela educação e múltiplas experiências que me proporcionaram, às minhas manas pela partilha e profunda amizade, ao meu companheiro pela união e momentos inesquecíveis, aos meus amigos pelas vivências e aventuras. A todos que pela minha vida perpassaram e contribuíram para a construção e enriquecimento da minha personalidade... A todos!

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Manuela Barreto Nunes pela disponibilidade, interesse e apoio que me ofereceu durante esta investigação, pelos conselhos e sabedoria.

Aos professores que gentilmente me concederam a oportunidade de desenvolver a investigação e pelo trabalho que arduamente efectuam em prol da difusão do livro e da leitura.

E como um trabalho de investigação exige pesquisa e leitura, predisposição e concentração, motivação e empenho, agradeço à minha família e amigos, o apoio e compreensão que nos momentos mais difíceis me ajudaram a superar.

Em especial ao Pedro, à mana Ana e à minha amiga Raquel.

***“O contributo das políticas públicas educativas para a melhoria dos níveis de literacia e a criação de hábitos de leitura na população. Estudo de caso.”***

## **Resumo**

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelas constantes mudanças sociais, culturais, educativas e económicas que requerem um saber constante, aprendizagens significativas e formação ao longo da vida. O conhecimento, a matéria-prima da educação, é um recurso estratégico da sociedade actual e a leitura, a base da aprendizagem.

As políticas públicas educativas e culturais centradas na escola podem mobilizar a comunidade educativa, as diversas instituições e despertar actores sociais para a temática da educação e da cultura, contribuindo e estimulando de formas diversas para o aumento da qualidade do ensino e da educação. Fortalecem-se assim métodos e aprendizagens, enriquecendo as capacidades e competências da população, sensibilizando-as para as diversas áreas do conhecimento. Na criação de condições de acesso à informação e à cultura, ao livro e à leitura, o Plano Nacional de Leitura sobressai, contribuindo para a elevação dos níveis de literacia da população.

Neste trabalho apresenta-se uma reflexão acerca da importância da leitura na sociedade actual e do retrato de Portugal, Brasil e Espanha no que concerne aos hábitos e práticas de leitura da população, tendo em consideração resultados de estudos nacionais e internacionais. Os Planos Nacionais de Leitura dos diferentes países e respectiva avaliação são apresentados.

Com o objectivo de identificar qual o contributo da implementação do Plano Nacional de Leitura nas escolas do 1º ciclo do concelho de Arganil, realizou-se um estudo de caso através de um inquérito por questionário a alunos e observação directa ao trabalho desenvolvido por docentes e bibliotecas. Da sua análise apurámos que as escolas em estudo e respectivas bibliotecas escolares e biblioteca pública, em articulação com o PNL funcionam como meios de consolidação de hábitos de leitura e na elevação dos níveis de literacia.

**Palavras-Chave:** Leitura - hábitos de leitura; literacia; educação; bibliotecas escolares; bibliotecas públicas; políticas públicas educativas; Planos Nacionais de Leitura; Arganil - Portugal

***“The contribution of public educational politics to improve the levels of literacy and the creation of reading habits in population. Studying the case.”***

**Abstract**

The modern society is characterized by the constant social, cultural, educational and economic changes, which demands a constant knowledge, significant learning's and formation throughout life. Knowledge, the base of education, is a strategically resource of nowadays society and reading, is the base of learning.

National public educational and cultural politics are focused in the way schools can mobilize the educational community, the range of institutions and the arouse of social actors for the main purpose of education and culture, leading and stimulating in different ways to the growth of education and learning quality. Strengthening them, methods and learning's, enriching population's capacities and competences, which will aware them for the different range of the knowledge. Creating conditions to access information and culture, to the book and to reading, the National Reading Plan, will certainly; contribute to the raise of population literacy levels.

In this work it is presented a reflection about the importance of reading in the actual society and the portrait of Portugal, Brazil and Spain in what population's habits and practice of reading is concerned, having in consideration the results of national and international studies. The National Reading Plans from the different countries and respective evaluation are presented.

With the goal to identify which is the contribute of the National Reading Plan, in Arganil's primary schools, a case study through an inquiry was made to students, and also direct observation to the work developed by the teachers and librarians was also made. By this analysis was able to conclude that the schools in study and their school libraries and the public library, working with the NRP function as ways to consolidate the reading habits and the growth of literacy levels.

**Keywords:** Reading - Reading habits, literacy, education, school libraries, public libraries, public educational policies, National Reading Plans, Arganil - Portugal.

## Sumário

Introdução .....	13
Capítulo 1 – A importância da Leitura .....	19
1.1 - A sociedade contemporânea .....	19
1.2 - Educação e desenvolvimento: uma reflexão.....	21
1.3 - O analfabetismo e a alfabetização em Portugal: números .....	25
Capítulo 2 – A Leitura em Portugal.....	31
2.1 - O que é saber ler? .....	31
2.2 - Hábitos de leitura.....	36
2.3 - Estudos sobre hábitos de leitura.....	41
2.4 - Competências de leitura: estudos PISA.....	58
2.5 - Plano Nacional de Leitura.....	61
Capítulo 3 – A Leitura no Brasil e Espanha .....	67
3.1 - Brasil: Literacia/Alfabetismo .....	67
3.1.1 - Hábitos de leitura.....	70
3.1.2 - O Plano Nacional do Livro e Leitura.....	77
3.2 - Espanha: Plan de Fomento de la Lectura .....	79
3.2.1 - Hábitos de leitura.....	81
3.2.2 - Competências de Leitura: estudos PISA.....	84
Capítulo 4 – Questões metodológicas .....	87
4.1 - Metodologia da investigação .....	87
4.2 - Observação directa .....	98
4.3 - Apresentação e análise dos resultados .....	104
4.3.1 - Caracterização dos indivíduos.....	104
4.3.2 - Hábitos de Leitura.....	105
4.3.3 - Caracterização dos pais/encarregados de educação dos indivíduos .....	114
4.3.4 - Escola e a Leitura .....	118
4.3.5 - A Biblioteca escolar: frequência e actividades.....	118
4.3.6 - Conhecimento do Plano Nacional de Leitura.....	123
4.3.7 - Biblioteca Municipal de Arganil: as actividades e a escolha dos livros .....	123

4.3.8 - Ler, livros e leituras.....	125
4.4 - Interpretação dos resultados: considerações finais.....	127
Conclusões.....	135
Bibliografia .....	139
Anexos .....	155

## **Siglas e abreviaturas**

APEL - Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros

BE - Bibliotecas Escolares

BM – Biblioteca Municipal

BP - Bibliotecas Públicas

CNE - Conselho Nacional de Educação

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions

INAF - Instituto Nacional de Alfabetismo Funcional

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

MEC - Ministério da Educação do Brasil

MINC - Ministério da Cultura do Brasil

NTIC - Novas Tecnologias da informação e comunicação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONG's - Organizações Não-Governamentais

PISA - Project for International Assessment

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura

SABE – Serviço de apoio às bibliotecas escolares

SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

TIC - Tecnologias da informação e comunicação

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural organization

## Índice de Figuras

Figura 1 - Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.....	99
Figura 2 - Percentagem do número de livros que os inquiridos possuem em casa.....	105
Figura 3 - Quantidade de livros que os alunos, por ano de escolaridade, possuem em casa...	105
Figura 4 - Percentagem da quantidade de livros que as raparigas e rapazes já leram sozinhos .....	106
Figura 5 - Percentagem da quantidade de livros que os alunos já leram sozinho, por ano escolar .....	106
Figura 6 - Quantidade de livros que os alunos possuem em casa e a leitura de histórias por parte dos pais/irmãos/avós.....	107
Figura 7 - Percentagem da quantidade de livros que as crianças já leram com os pais e a frequência com que o fazem.....	108
Figura 8 – Percentagem da quantidade de livros que as crianças já leram com os pais com os que possuem em casa .....	108
Figura 9 – Percentagem da quantidade de livros que lêem comprados pela família com o número de livros que possuem em casa .....	109
Figura 10 - Percentagem dos alunos cuja família lhes conta histórias e os livros que lêem (comprados, oferecidos ou requisitados).....	110
Figura 11 - As diferentes percepções do gosto pela leitura dos rapazes, por ano de escolaridade .....	110
Figura 12 - As diferentes percepções do gosto pela leitura das raparigas, por ano de escolaridade .....	111
Figura 13 – Percentagem da quantidade de livros que já leram sozinhos e o gosto pela leitura .....	111
Figura 14 – Percentagem das diferentes percepções do gosto pela leitura com a quantidade de livros que possuem em casa .....	111
Figura 15 - Percentagem da quantidade de vezes que os alunos falam com os amigos acerca dos livros que leram ou ouviram ler com a percepção do gosto pela leitura.....	112
Figura 16 – Quantidade de livros que as crianças já leram sozinhas e a forma como os lêem	113
Figura 17 - Grau de instrução das mães e pais dos inquiridos (em percentagem).....	114
Figura 18 - Tipo de ocupação profissional das mães e pais dos inquiridos (em percentagem)	114

Figura 19 - Grau de instrução das mães dos inquiridos com a percepção do gosto pela leitura (em percentagem).....	115
Figura 20 - Grau de instrução dos pais dos inquiridos com a percepção do gosto pela leitura (em percentagem).....	115
Figura 21 - Grau de instrução da mãe e a quantidade de livros que o aluno possui em casa..	116
Figura 22 - Grau de instrução do pai e a quantidade de livros que o aluno possui em casa....	116
Figura 23 - Grau de instrução da mãe e a quantidade de livros que os alunos já leram sozinhos .....	117
Figura 24 - Grau de instrução do pai e a quantidade de livros que os alunos já leram sozinhos .....	117
Figura 25 – Actividades que os inquiridos realizam com os professores na sala de aula quando ouvem histórias (em percentagem) .....	118
Figura 26 - Percentagem dos alunos que vão à Biblioteca da Escola, todos ou quase todos os dias .....	119
Figura 27 - Quantidade de vezes que os alunos vão à Biblioteca da Escola, com o gosto pela leitura .....	119
Figura 28 – O tempo que os alunos passam na Biblioteca e gosto pela leitura .....	120
Figura 29 – A frequência com que os alunos vão à biblioteca e o tempo que lá permanecem	120
Figura 30 - Actividades que os alunos desenvolvem na BE com o professor, por ano escolar	121
Figura 31 - Actividades que os inquiridos realizam na Biblioteca Escolar, por ano de escolaridade (em percentagem) .....	122
Figura 32 - A idade e o sexo dos inquiridos e com quem vão à biblioteca (em percentagem)	124
Figura 33 - O que os alunos costumam fazer na Biblioteca Municipal de Arganil (em percentagem).....	124
Figura 34 – O que é que leva as raparigas a ler, por idade (em percentagem).....	126
Figura 35 - O que é que leva os rapazes a ler, por idade (em percentagem).....	126

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 - Número de livros emprestados às escolas para leitura orientada através do empréstimo interbibliotecas, número de títulos e de alunos por ano lectivo. ....	102
---	-----

# Introdução

---

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelas constantes mudanças sociais, culturais, educativas e económicas. Evoluções cujos percursos individuais e sociais carecem de conhecimento *“e ao mesmo tempo de assimilação de um novo paradigma, o qual valoriza a solidificação de um saber permeado pela aprendizagem significativa”* (Teixeira, n.d.) onde a informação gere conhecimento e reflexão. Um modelo de sociedade em que os contextos, verdadeiramente assinalados pela leitura e pela escrita, são exigências que tendem a aumentar e a reflectirem-se diariamente na vida do cidadão. A leitura é a base da aprendizagem e é fundamental dominar esta competência para que a integração na sociedade seja plena.

A OCDE recomenda o investimento na educação ao longo da vida. A educação é um processo permanente de construção entre o universo da escola e o mundo que nos rodeia, e esta visão implica alterações substanciais, dotando os seus alunos de autonomia que permita centrar-se nos valores humanos, na formação do cidadão, na visão crítica e criativa. O conhecimento, a matéria-prima da educação, é um recurso estratégico da sociedade contemporânea, chave do sucesso e de integração social do indivíduo.

Em Portugal, apesar das reformas, implementação de novas estratégias, aplicação de acções e programas, a realidade portuguesa enfrenta problemas nos domínios da leitura e da literacia. O processo de difusão da escolaridade básica foi lento, mas significativo, registando-se progressos nos níveis de escolaridade, nomeadamente nas últimas quatro décadas. No que se refere à taxa real de escolarização dos portugueses, no primeiro ciclo do ensino básico, atingiu os cem por cento em 2010. No entanto, a taxa de analfabetismo é superior quando comparada aos restantes países da União Europeia assim como na alfabetização funcional.

O lançamento do Plano Nacional de Leitura em Portugal constitui uma prioridade política, com o objectivo de desenvolver as competências de literacia e os hábitos de leitura da população portuguesa. Apesar de este Plano conter, em termos gerais, objectivos equivalentes que, nos últimos anos, tem vindo a ser concebidos e desenvolvidos noutros países (Neves, Lima, & Borges, 2007), todos revelam preocupações sociais no que respeita à literacia e à leitura da população, perspectivando o seu alargamento e aprofundamento.

As avaliações externas realizadas no âmbito do PNL demonstram que o Plano contribuiu positivamente para o incentivo e enraizamento de hábitos e práticas de leitura, provocando

alterações significativas nas atitudes, resultados e competências literárias da população, sobretudo das crianças e jovens. O acesso ao livro é generalizado e as acções de promoção da leitura são sistemáticas, diversificadas e alargadas aos diferentes contextos sociais e diversos públicos-alvo.

A prática de leitura é um requisito básico para a existência social e Freitas, Casanova & Alves (1997) referem que *“a leitura enquanto prática sistemática e cumulativa é socialmente minoritária porque são também minoritários os sectores sociais em que esta prática se encontra mais divulgada”*.

As políticas públicas educativas e culturais centradas na escola podem mobilizar a comunidade educativa, as diversas instituições e despertar actores sociais para a temática da educação e da cultura, contribuindo e estimulando de formas diversas para o aumento da qualidade do ensino e da educação. Fortalecem-se assim, métodos e aprendizagens, enriquecendo as capacidades e competências da população, sensibilizando-as para as diversas áreas do conhecimento. Na criação de condições de acesso à informação e à cultura, ao livro e à leitura, o Plano Nacional de Leitura, sobressai, contribuindo para a elevação dos níveis de literacia da população.

De acordo com estas premissas e reflexões, sendo a leitura fundamental para a formação e desenvolvimento psicossocial do indivíduo e por consequência das nações; a importância que as políticas públicas educativas, implementadas e estruturadas segundo critérios e objectivos, acções e actividades específicas (tendo em consideração a evolução histórica, cultural e social do país e as características da comunidade), dinamizadas através das escolas, instituições, em casa, nas famílias, em suma, pela comunidade, podem contribuir para o desenvolvimento e aumento dos níveis de literacia dos indivíduos. Assim, considerámos a seguinte pergunta de partida: *“As políticas públicas educativas contribuem para a elevação dos níveis de literacia e para a criação de hábitos de leitura da população?”* Arganil: um estudo de caso, a partir da implementação do Plano Nacional de Leitura nas escolas do concelho.

Apesar dos resultados se manifestarem positivos na avaliação do Plano Nacional de Leitura implementado em Portugal (e noutros países), aumentando o interesse e gosto pela leitura, será que os alunos estão mais susceptíveis à leitura de prazer ou o livro estudado em ambiente sala de aula, os TPC e actividades extracurriculares preenchem o quotidiano da criança, ignorando e desprezando momentos de leitura após a escola? Com actividades de promoção da leitura nas escolas, bibliotecas escolares e públicas, as crianças estão mais à vontade com os livros, lêem melhor, compreendem textos e imaginam outros com mais facilidade? Que instrumentos e estratégias é que os professores aplicam no âmbito do PNL? E as bibliotecas, como encaram o

PNL na perspectiva do empréstimo domiciliário e quais os serviços que os alunos procuram mais?

Neste estudo procura-se compreender, em situação real da prática, as atitudes e comportamentos dos alunos face à leitura, em diversos contextos, ao gosto e prazer de ler, a interacção escola/leitura – aluno – bibliotecas e também como os professores se envolvem na implementação do Plano Nacional de Leitura, as estratégias adoptadas e instrumentos utilizados.

Desta reflexão surgiu a investigação que se segue, no sentido de apurar que efectivamente, e de acordo com os estudos realizados em âmbito nacional e internacional, que as políticas públicas educativas contribuem para aquisição de hábitos de leitura da população. Através de projectos, programas e acções que estimulem as práticas leitoriais e a evolução significativa de capacidades e competências de leitura e de escrita, de saberes e conhecimentos, enriquecendo o indivíduo quer em termos pessoais, profissionais, culturais e sociais. A relevância desta investigação é pertinente no sentido de fornecer dados específicos e apresentar uma realidade científica acerca do tema, em primeira instância a nível local e distrital e em contexto nacional, facultando pistas e análises complementares a estudos em curso.

O trabalho está estruturado em duas partes: na primeira faz-se o enquadramento teórico onde consta a revisão bibliográfica e a segunda parte incide sobre o estudo de campo, as questões metodológicas, análise e interpretação de resultados. Para a elaboração deste estudo e bibliografia consultada tivemos em consideração autores, investigadores, pedagogos, bibliotecários e professores na área da sociologia, leitura e literacia, ciência e sociedade, cultura e educação; avaliadores de políticas públicas e coordenadores de estudos e projectos realizados no âmbito das actividades culturais, nomeadamente sobre a leitura, bibliotecas e hábitos de leitura. Destacamos alguns dos autores considerados especialistas principais na área de estudo (por ordem alfabética): Ana Benavente, António Barreto, António Firmino da Costa, António Prole, Henrique Barreto Nunes, Inês Sim-Sim, Isabel Alçada, João Teixeira Lopes, Lourense H. Das, Manuel Castells, Manuela Barreto Nunes, Maria de Lourdes Lima dos Santos, Maria de Lourdes Rodrigues. Utilizamos cerca de duzentas e sessenta citações para melhor ilustrar e fundamentar a análise e reflexão efectuada.

Na segunda parte, e no que se refere à metodologia implementada, optamos por criar e adaptar os instrumentos de recolha de informação, neste caso, o inquérito por questionário a outros anteriormente efectuados, por se constatar a sua viabilidade e consistência (realizados em Portugal, dada as suas características e objectivos como é o caso do estudo, *Os estudantes e a leitura*, 2007).

No Capítulo 1 apresentamos uma reflexão que incide sobre a sociedade actual, como se caracteriza e como as novas tecnologias estão presentes em vários contextos, influenciando deste modo, a maneira de estar do indivíduo e revolucionando o desenvolvimento dos diversos sectores sociais.

Em Portugal, o sistema educativo sofreu alterações significativas ao longo das últimas décadas como o alargamento da escolaridade obrigatória, contudo, o nível de qualificação é baixa: perdura o insucesso escolar associado a um abandono escolar precoce, os fracos hábitos de leitura e a taxa significativa de analfabetismo funcional. Estes são alguns dos factores que contribuem para a situação actual.

Após a observação acerca da importância da educação na sociedade contemporânea e do retrato de Portugal no que concerne à evolução das taxas de analfabetismo e alguns dos factores que contribuíram para estes resultados, apresentamos no Capítulo 2, uma abordagem sobre a leitura em Portugal. E porque sem competências de leitura e de escrita é difícil a integração na sociedade actual, desenvolvemos este conceito: factores e implicações, processos e aprendizagens, condições e importância. Os hábitos de leitura quando praticados alimentam e fortalecem a personalidade, aumenta e desenvolve a sua capacidade de compreensão e expressão. Na verdade, o sucesso global escolar depende muito dos hábitos de leitura, da forma como se lê, como se interpreta e a leitura não é descodificar, mas interpretar, acção que tem uma dimensão social e cultural. Nesta perspectiva, apresentamos resultados de estudos efectuados em âmbito nacional, que revelam dados acerca da leitura em Portugal, definindo o perfil do leitor, características, factores influenciadores desta prática, condições e consequências.

As bibliotecas enquanto pólos de cultura, disponibilizando o acesso rápido à informação, oferecendo e desenvolvendo condições para a aprendizagem ao longo da vida e nas capacidades de orientação no mundo da informação, na selecção e uso de documentos. Serviços de aprendizagem que promovem a liberdade intelectual e cultural através de acções recreativas que possibilitam o ensino da literacia da informação, estimulando a sensibilidade estética, fomentando hábitos e práticas em diferentes suportes de leitura, despertando o gosto pela leitura literária, acções de encontro com a arte e a cultura, o saber e o conhecimento.

Mencionamos ainda, dados dos estudos internacionais relativos à literacia da leitura dos alunos portugueses através do *Project for International Assessment*.

Para terminar este capítulo, apresentamos o Plano Nacional de Leitura enquanto política pública educativa que pretende através dos seus princípios e objectivos elevar o nível de literacia dos portugueses, através do desenvolvimento de competências nos domínios de leitura e de

escrita e da criação de hábitos de leitura nos alunos. Referimos os principais aspectos resultantes da avaliação dos primeiros cinco anos de implementação do Plano.

No Capítulo 3, apresentamos o panorama da leitura no Brasil e em Espanha, escolha que resultou da reflexão de vários factores como afinidade linguística (Brasil) e proximidade geográfica (Espanha). Desta forma apresenta-se a evolução das taxas de alfabetização e hábitos de leitura das populações, tendo em consideração dados de estudos efectuados em contexto nacional e internacional. Apresentamos os Planos de Leitura de ambos os países e respectiva avaliação.

A segunda parte do trabalho incide sobre o estudo de caso e divide-se em quatro subcapítulos: a metodologia de investigação utilizada, a observação directa efectuada, a apresentação e análise dos resultados e interpretação dos mesmos: considerações finais. Na metodologia de investigação reflectimos acerca da implementação e avaliação do PNL e de acordo com a pergunta de partida delineamos como objectivo principal deste estudo: identificar qual o contributo da implementação do Plano Nacional de Leitura nas escolas do 1º ciclo, através dos docentes, da biblioteca pública e escolares, na elevação dos níveis de literacia e criação de hábitos de leitura na população em estudo e as atitudes, comportamentos dos alunos face à leitura, em diversos contextos. Referimos neste capítulo, os objectivos específicos, a metodologia de investigação aplicada, os métodos e técnicas de recolha de dados e o tratamento de dados efectuado.

De acordo com a observação directa aplicada às escolas e população em estudo, apresentamos uma descrição sintetizada das bibliotecas escolares, uma breve análise do PNL nas bibliotecas do concelho de Arganil, das atitudes e comportamentos dos alunos e professores face à leitura, às bibliotecas e actividades promovidas.

No Capítulo 4 descrevemos as questões metodológicas, a análise e interpretação dos resultados obtidos através da aplicação do inquérito por questionário realizado aos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade nas escolas do 1º CEB de Arganil, Folques, Sarzedo, S. Martinho da Cortiça e Pombeiro da Beira.

Por fim, apresentamos as conclusões da investigação e uma reflexão sustentada pela revisão bibliográfica efectuada. E como os estudos são investigações que requerem continuidade e suscitam, inevitavelmente, o levantamento de novas hipóteses, questões e reflexões, apresentamos algumas recomendações finais que podem servir de base a novas pesquisas, com o intuito de aprimorar resultados e conhecer novas realidades.



# Capítulo 1 – A importância da Leitura

---

*“Grande parte do saber acumulado ao longo da história da humanidade encontra-se escrito. Por outro lado, para transmitir mensagens e conhecimentos elaborados, as pessoas recorrem, em boa medida, à escrita. Ser, pois, analfabeto, numa sociedade evoluída, é ficar dependente de outros, é ficar limitado, perdendo a oportunidade de usufruir e participar de recursos enormíssimos de que a sociedade dispõe e oferece aos seus cidadãos” (Rebelo, 1993, p. 39).*

## 1.1 - A sociedade contemporânea

A sociedade contemporânea evidencia-se pela complexa rede de informações que se cruzam a uma velocidade estonteante, pela multiplicidade de conteúdos que se caracterizam pelo volume de produção e pela rápida e intensa difusão do conhecimento. Uma sociedade global caracterizada pelas aceleradas mudanças sociais e constantes transformações, facilitadas pelo uso das novas tecnologias da informação e comunicação que se apresentam em contextos diversos: económicos, políticos, culturais ou sociais.

*“Uma sociedade cujo funcionamento recorre crescentemente a redes digitais de informação. Esta alteração do domínio da actividade económica e dos factores determinantes do bem-estar social é resultante do desenvolvimento das novas tecnologias da informação, do audiovisual e das comunicações, com as suas importantes ramificações e impactos no trabalho, na educação, na ciência, na saúde, no lazer, nos transportes e no ambiente, entre outras” (Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, 1997, p. 9).*

O crescimento explosivo da difusão social da informação, em larga escala de transmissão e o desenvolvimento constante das TIC provocam alterações comportamentais dos indivíduos. Enquanto instrumento de trabalho e lazer, em casa, na escola, no emprego, as novas metodologias de trabalho, com recursos aos instrumentos da Web, são realidades cada vez mais próximas do cidadão comum, revolucionando a sua vida quotidiana, face à criação, difusão, recuperação e avaliação da informação. Como consta no Livro Verde para a Sociedade da Informação *“assume uma importância crescente na vida colectiva actual e introduz uma nova dimensão no modelo das sociedades modernas”* (1997, p. 9). Factores que exigem a necessária actualização e constante renovação de conhecimentos, condição essencial para viver num espaço recheado de desafios e inovações.

*“As próprias transformações que, a ritmo acelerado, atravessam as sociedades contemporâneas, em planos como o tecnológico e o mediático, o cultural e o dos modos de vida. Colocam-se, assim, permanentemente, novas exigências de*

*saberes e, em particular, de competências relativas ao processamento de informação escrita, cada vez mais indispensáveis ao acesso ao emprego, ao exercício da cidadania e à sustentabilidade do desenvolvimento ou, dito de forma inversa, sem as quais as pessoas se tornam vulneráveis à exclusão social e os países ao empobrecimento, pelo menos relativo” (Benavente et al., 1996, p. 142).*

Um modelo de sociedade em que os contextos, verdadeiramente assinalados pela leitura e pela escrita, são exigências que tendem a aumentar e a reflectirem-se diariamente na vida do cidadão. *“É amplamente sabido que a aquisição das competências da leitura e de escrita é condicionante essencial de toda a aprendizagem futura” (Rebelo, 1993, p. 5) e “aprender a ler e a escrever, na sociedade moderna, tornou-se como que uma necessidade básica: é fundamental para nela se poder viver, ser aceite e participar nos recursos que ela disponibiliza” (p. 39).* Pois, são cada vez mais, as situações e contextos que requerem a interpretação de informação escrita. A codificação da informação, possibilitada pela escrita e a sua descodificação através da leitura são requisitos fundamentais para o pleno exercício da cidadania. E nesta perspectiva é importante lembrar que,

*“A educação é um direito fundamental, universal e inalienável e é dever do Estado implementar políticas públicas que são as ferramentas para que se torne capaz de garantir sua qualidade social, bem como o acesso e permanência de todos; construir espaços de participação direta, indireta e representativa, nos quais a sociedade civil possa atuar efetivamente na definição, gestão, execução e avaliação dessas políticas públicas educacionais. É tarefa de todos que acreditam no direito à educação exigir que o Estado efetive políticas públicas para a educação de qualidade, concebendo-a não como simples acesso às escolas e sim à garantia ao conhecimento historicamente construído” (Políticas públicas de educação, 2008 in Wikieducação).*

Uma sociedade de mudanças sociais, culturais, económicas cujos caminhos percorrem trilhos de conhecimento *“e ao mesmo tempo de assimilação de um novo paradigma, o qual valoriza a solidificação de um saber permeado pela aprendizagem significativa” (Teixeira, n.d.),* activa e cooperativa, onde a informação gere conhecimento, sobretudo, a reflexão sobre a informação adquirida. Uma leitura reflexiva ao invés de aprendizagens/leituras mecânicas e repetitivas que não induz o espírito crítico, mas antes, saberes construídos e sólidos. *“A riqueza e o poder na sociedade em rede dependem, antes de mais nada, da qualidade da educação, da plena integração do conjunto da população no sistema educativo e de uma relação fluida entre as organizações e as instituições da sociedade. (...) O conhecimento e a inovação são as fontes de riqueza, de poder e de qualidade de vida” (Cardoso et al., 2005, p. 22).*

## 1.2 - Educação e desenvolvimento: uma reflexão

*“A tão chamada «explosão de informação» é um fenómeno que também influenciou os objectivos e fins de educação. Num mundo saturado de informação cada indivíduo necessita e utiliza uma variedade de informações.*

*Espera-se que a escola prepare os alunos para diferentes papéis na sociedade e, conseqüentemente, num mundo onde a informação se está a tornar numa das mais importantes mercadorias, a escola deve preparar os alunos com pericia no manuseamento de informação para facilitar a utilização da informação corrente e futura” (Hannesdóttir, 1995, p. 11).*

O Conselho Europeu de Lisboa em 2000 definiu para a União Europeia, um novo objectivo estratégico para a próxima década: *“tornar-se na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável com mais e melhores empregos, e com maior coesão social”* (2000).

A OCDE recomenda o investimento na educação ao longo da vida. O papel da escola nos dias de hoje é de desenvolver outras literacias, favorecer espaços e momentos que promovam o desenvolvimento e enriquecimento de capacidades e competências, nomeadamente através do uso das novas tecnologias. Mas mais importante que um motor de busca é a formação base que permite construir o conhecimento.

O conceito tradicional de educação sofreu alterações significativas devido ao advento das novas tecnologias de informação. O ensino deixa de ser um modelo de aquisição de conhecimentos básicos, incentivando a memorização de factos, testados periodicamente em testes/exames, mas antes o desenvolvimento das capacidades cognitivas, de enriquecimento de competências, considerando os aspectos críticos e reflexivos, o estímulo da imaginação e da criatividade. Deve assim, valorizar os estilos individuais de aprendizagem e saber de cada um. Cheng Yin Cheong<sup>1</sup> (2012) *“Acredita que cada aluno é diferente e por isso o ensino deve fazer-se de forma personalizada”*. E como podemos ajudar os estudantes para que sejam criativos?

*“É importante ajudá-los a desenvolver uma inteligência múltipla contextualizada. Isso significa que têm um pensamento não só económico, não só tecnológico mas também social, cultural e sabem como aprender. (...) Mudar uma visão do ensino que existe há várias gerações é uma tarefa que não é fácil, precisa de uma nova abordagem que implica os professores deixarem de se verem como guardiões do conhecimento”* (Learning world, 2012).

---

<sup>1</sup> Cheng Yin Cheong é professor no Hong Kong Institute of Education. Doutorada na Universidade de Harvard, possui uma vasta experiência na área da pesquisa e educação, projectos que focam principalmente a eficácia da educação, liderança, mudança de paradigma, a formação de professores e a reforma da escola. Autor de diversos livros e presidente da Associação de Pesquisa Educacional Mundial (WERA).

A educação deve servir para otimizar o desenvolvimento dos indivíduos, tendo por isso, que ir para além da sua condição de alunos e versar a estruturação da personalidade. Enquanto a principal tarefa de educação consistiu na “socialização”, as tarefas de uma criança tendem a desenvolver as atitudes, as acções e aptidões necessárias para satisfazer e reproduzir a sociedade. A tarefa contínua e central da educação não é a socialização, mas sim a construção da identidade, nas suas mais variadas vertentes. O conceito de educação será cada vez mais um processo contínuo, que ocorre ao longo da vida do indivíduo sempre fortemente influenciado, por um lado, pelo meio social e por outro, pelos meios de difusão e obtenção de informação e conhecimento.

*“desde 1986, que a missão atribuída à escola é outra: integrar e ensinar todos os alunos, mesmo os que não estejam motivados ou que não tenham as melhores condições para aprender (...) Exige-se hoje que a escola responda pelos resultados escolares dos alunos, requerendo-se novas práticas pedagógicas, novas metodologias de ensino, novas atitudes e uma nova forma de olhar para os alunos. (...) Exige grande esforço, não apenas da escola, mas também das famílias e dos alunos. Um esforço de valorização do estudo, do saber e do conhecimento” (Rodrigues, 2010, p. 34).*

A família enquanto agente principal na socialização do indivíduo, onde inicia a sua aprendizagem a partir do momento em que nasce, criando os primeiros contactos com o mundo que a rodeia, o ambiente social e escolar, os amigos e a escola onde se estabelece uma inter-relação, determinantes na construção da personalidade, aprofundando e modificando o seu próprio desenvolvimento. A relação com as pessoas e com a comunidade, a cultura e a linguagem que a criança adquire para se expressar e comunicar (oral, escrita, gestual e corporal) surgem como agentes essenciais e indispensáveis à sua existência enquanto ser humano. A linguagem adquire-se de forma natural e espontânea enquanto suporte de aprendizagens e aquisições que vai fazendo ao longo da vida. E essa linguagem vai evoluindo, aperfeiçoando-se através do contacto com o mundo que a rodeia, mas que pode sofrer influências de ordem social, cultural e económico. Quando a criança entra para a escola, a leitura e a escrita é uma tarefa escolar, matérias imprescindíveis que devem ser desenvolvidas e consolidadas com a intervenção do professor, mas esta etapa é conseguida com sucesso, quando o ambiente familiar e social contribui para esse enriquecimento. Portanto, um projecto comum: a família e a comunidade, sendo a escola um pilar imprescindível à consolidação de saberes.

*“A Sociedade da Informação exige uma contínua consolidação e actualização dos conhecimentos dos cidadãos. O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes, aptidões e da sua capacidade de discernir e agir. A escola desempenha*

*um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a sociedade da informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro” (Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, 1997, p. 43).*

Actualmente, o livro, o jornal e a revista, que permitiram a divulgação dos saberes enquanto suportes do registo escrito estão em vias de se transformar, pois as novas tecnologias dão lugar a novos suportes que permitem o acesso à informação, através de um simples *clique* do rato do nosso computador de forma instantânea e eficaz. Este contributo é fulcral para o avanço do conhecimento, ampliando as representações da realidade, seja no plano dos conteúdos, com conseqüente alargamento do campo de imaginação, seja no plano da sociabilidade, com entradas em novas redes, em novas e simultâneas comunidades de pertença (Lages, 2007).

A educação é um processo permanente de construção entre o universo da escola e o mundo que nos rodeia, e esta visão implica alterações substanciais, dotando os seus alunos de autonomia que permita centrar-se nos valores humanos, na formação do cidadão, na visão crítica e criativa. O conhecimento, a matéria-prima da educação, é um recurso estratégico da sociedade contemporânea, chave do sucesso e de integração social do indivíduo.

Como refere, o Livro verde para a Sociedade da Informação,

*“A escola deve transforma-se num espaço que integre a interdisciplinaridade, visando uma concepção unitária e profunda do conhecimento, que conceda meios para construir conhecimento, atitudes e valores e adquirir competências. Só assim a Escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento. O conceito de educação deve, por isso, evoluir ultrapassando as fronteiras do espaço e do tempo ao longo do qual o aluno faz o seu percurso de escolarização, passando pelos diferentes níveis de ensino do sistema educativo, para dar lugar a um processo de aprendizagem durante toda a vida, isto é, facultando a cada indivíduo a capacidade de saber conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenómeno da globalização” (p. 43).*

E quando se fala em constantes alterações, se interrogam as diferentes políticas públicas educativas de diversos sistemas educativos, na escola, o indivíduo tende adquirir conceitos, enriquecer capacidades, melhorar competências, aprofundar matérias, viver múltiplas experiências nas diversas áreas do conhecimento. Um conceito universal dos países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, considerado básico e essencial. A filósofa norte-americana Martha Nussbaum<sup>2</sup> alerta para *“uma crise planetária da educação. Em nome da prosperidade, países de todo*

---

<sup>2</sup> Martha C. Nussbaum é professora de direito e ética na Universidade de Chicago, conhecida pelos seus trabalhos sobre questões de desenvolvimento. Em conjunto com o economista Amartya Sen (Prémio Nobel em 1998), contribuiu para a elaboração do conceito de *capability*, que permite medir o desenvolvimento de um país não em termos de PIB mas em função da liberdade dos indivíduos para desenvolverem determinado tipo de vida. É autora de duas dezenas de obras. O excerto apresentado é uma versão condensada do primeiro capítulo do seu livro *Not For Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, lançado nos Estados Unidos em 2010.

*o mundo abdicam de cultivar nos jovens as competências indispensáveis à sobrevivência das democracias”.*

Acrescenta ainda que,

*“As Humanidades e as Artes perdem terreno sem cessar, tanto no ensino primário e secundário como na universidade, em quase todos os países do mundo. Consideradas pelos políticos acessórios inúteis, numa época em que os países têm de desfazer-se do supérfluo para continuarem a ser competitivos no mercado mundial, estas disciplinas desaparecem em grande velocidade dos programas lectivos, mas também do espírito e do coração dos pais e das crianças. (...) As escolas e as universidades do mundo inteiro têm, por conseguinte, uma tarefa urgente: cultivar nos estudantes a capacidade de se considerarem membros de uma nação heterogénea (...) e de um mundo ainda mais heterogéneo, bem como uma nação da história dos diferentes grupos que a povoam” (2010, p. 60).*

A educação é um dos principais aspectos que contribui para o despoletar da economia, desencadear e fomentar o desenvolvimento social e cultural de um país. Mas para usufruir das potencialidades que os diversos vectores da sociedade oferecem, é importante ler e reflectir, e essa capacidade de uso da informação é fundamental para a produção de conhecimento. Na ausência de competências neste domínio, coloca em causa, fragiliza e compromete a integração plena do indivíduo no mundo actual. Ler é saber, capacidade e poder e para isso, como refere Martha Nussbaum, para ser um cidadão responsável, necessita de algo mais:

*“de ser capaz de avaliar os dados históricos, de manipular os princípios económicos e exercer o seu espírito crítico, de comparar diferentes concepções de justiça social, de falar pelo menos uma língua estrangeira (...) Ser capaz de se referenciar em relação a um vasto leque de culturas, de grupos e de nações e à história das suas interações, isso é que permite às democracias abordar de forma responsável os problemas com os quais se vêem actualmente confrontadas. A capacidade - que quase todos os seres humanos têm, em maior ou menor grau - de imaginar as vivências e as necessidades do outro deve ser amplamente desenvolvida e estimulada, se queremos ter alguma esperança de conservar instituições satisfatórias, ultrapassando as múltiplas clivagens que existem em todas as sociedades modernas” (p. 61).*

Embora esta seja uma percepção realista das competências necessárias para a vida em sociedade, a verdade é que nem todos os países, devido às suas características culturais, sociais, económicas e políticas, estimulam e assumem do ponto de vista educacional, a inevitável e contínua formação ao longo da vida, um projecto de práticas de acesso à informação, renovação do conhecimento quer na área profissional, especificamente, quer nas diversas áreas do saber. Este

aspecto define a evolução da sociedade, do país e Portugal, é exemplo de como a evolução histórica e cultural determinou e determina o desenvolvimento dos seus cidadãos.

As três grandes mudanças políticas que operaram no século XX: a implementação da república (5 de Outubro de 1910), o fim do regime republicano (28 de Março de 1926), a instauração da ditadura e a revolução do 25 de Abril de 1974, apresentam efeitos culturais e sociais diversos e distantes de outras sociedades tão próximas de nós. Até há poucos anos, o nosso país viveu uma ditadura com mais de 40 anos, que gerou desigualdades, estabeleceu contrastes e de acordo com o que se pretende analisar, apresentava baixos níveis instrução e de alfabetização. Em 1930, 61,8% da população portuguesa era analfabeta, trinta anos depois cerca de 40%, valor que desceu para 31% após o 25 de Abril de 1975. Aspecto relevante quando constatamos que os outros países o já tinham extinguido. Percentagem elevada fruto das grandes mudanças históricas e políticas e que ainda hoje acarreta repercussões, já que os portugueses possuem competências literárias consideradas abaixo do mínimo necessário, para viver na sociedade que se apelida da informação e do conhecimento.

### 1.3 - O analfabetismo e a alfabetização em Portugal: números

Em Portugal, o sistema educativo sofreu alterações significativas ao longo das últimas décadas tendo como objectivo adaptar-se às características da sociedade actual. Apesar das reformas, implementação de novas estratégias, aplicação de acções e programas, realização de estudos, análises e avaliações, resultados recentes acerca da temática da educação revelam que "é difícil explicar" a realidade portuguesa.

*“A OCDE espanta-se com a desproporcionalidade entre o rendimento e a escolaridade (fraca escolaridade para o nível de rendimento já atingido), com o grande abandono escolar e com a grande adesão ao programa das novas oportunidades. (...) que a fraca escolaridade básica está entre os principais obstáculos ao crescimento da economia portuguesa. (...) os peritos avançam timidamente e de forma dispersa [apresentam] três causas explicativas: a desigualdade social, a herança da ditadura (38 anos após!) e, por fim, tocam no essencial, o fraco valor que a sociedade portuguesa atribui à educação” (Jesus, 2012).*

O Ministério da Educação Nacional através do Decreto de Lei nº 38968, de 27 Outubro de 1952, documento que reforça o princípio da obrigatoriedade do ensino primário elementar, reorganiza a assistência escolar, cria os cursos de educação de adultos e promove uma campanha nacional contra o analfabetismo, anuncia que “A taxa de analfabetismo da população por-

tuguesa metropolitana de 7 e mais anos de idade, que em 1890 era de 75,9 por cento, era ainda de 61,8 por cento em 1930” (Ministério da Educação Nacional, p. 1067).

Maria Filomena Mónica no estudo *“Deve-se ensinar o povo a ler?”: a questão do analfabetismo (1926-39)* revela que *“O facto de, em 1930, em cada 100 portugueses 70 não saberem ler chocava algumas pessoas e, simultaneamente, tranquilizava outras. Para os sectores mais progressivos da intelligentsia portuguesa (...) o analfabetismo era o principal obstáculo ao desenvolvimento do País. Para os salazaristas, porém, era uma virtude”* (p. 321).

Neste período os salazaristas confirmavam a sua convicção *“de que o povo português «não sentia necessidade de aprender»*. Em 1870, o primeiro Ministério da Instrução descrevia as causas do analfabetismo como *“a organização centralizadora, a carência completa de inspecção, a situação do professorado, sem habilitações, sem [facilidade de] acesso [à profissão], [sem] consideração nem estímulo e quase sem remuneração, o desamparo da instrução do sexo feminino, a falta de frequência escolar e a desorganização interna da escola”*. Factores que se verificavam ainda em 1938.

*“Para os ilustres procuradores, «a síndrome do analfabetismo, em especial nas populações rurais, [tinha] causas profundas de ordem psicológica, económica e social». De entre elas, a psicológica era a principal: o nosso vergonhoso índice de analfabetismo resultava da «indiferença» do povo pela instrução. Ao contrário de outros países mais evoluídos (...) em Portugal existiam muitas escolas sem alunos, pelo que só se podia concluir que o povo, «pela sua riqueza intuitiva (...) não sentia a necessidade de saber ler» (...) argumentavam que, contrariamente à opinião dominante, a baixa frequência escolar não resultava da negligência dos professores, mas da indiferença dos pais”* (Mónica, 1977).

Em 1933, António Ferro, responsável pela política cultural do Estado Novo, dizia: *“Considero [...] mais urgente a constituição de vastas elites do que ensinar o povo a ler. É que os grandes problemas nacionais têm de ser resolvidos, não pelo povo, mas pelas elites enquadrando as massas.»* Num discurso posterior queixava-se de que a imprensa fazia constantes apelos ao Governo para que ensinasse o povo a ler; e impacientemente perguntava: *«Para ler o quê?»* (idem, ibidem).

Outros defensores proclamavam que, *“Em resumo, devia-se ensinar o povo a ler por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, para se obter «ordem nos espíritos»; em segundo lugar, e muito secundariamente, a fim de que o povo adquirisse certas aptidões rudimentares”* (idem, ibidem). Nesse período relatavam-se exemplos de outros países como a Inglaterra, França e Suécia no sentido de *“provar que a paz social podia coexistir com a alfabetização das massas”* (idem, ibidem).

No entanto, simpatizantes de Salazar, e ele próprio não aceitava por completo estas ideias “desconfiava da propaganda de massa e achava que aqueles que advogavam a teoria do papel «civilizador» da escola tendiam a minimizar a tendência «natural» do povo português para o conservadorismo” (idem, ibidem).

O Decreto-Lei nº 18140, de 22 de Março de 1930, apontava para a divisão do Ensino Primário elementar em dois graus, dos quais o primeiro era constituído pelas três primeiras classes, a que passava a corresponder um exame final. A aprovação neste exame seria o termo do ensino obrigatório. Na primeira república, a escolaridade obrigatória era até às cinco classes. “Depois de reduzir a escolaridade obrigatória, primeiro a quatro e, a seguir, a três anos, o Estado Novo decidiu que a única instrução necessária ao povo era a religião. (...) À pergunta «Deve-se ensinar o povo a ler?, a resposta ortodoxa foi «Sim, desde que o livro seja o catecismo» (idem, ibidem).

A Monarquia liberal e a República criam que o desenvolvimento dependia das mentalidades, da sua renovação e a educação ocupou um lugar ideologicamente muito importante, acreditando-se assim, na modernização do país.

*“À escola cabia formar, não apenas o cidadão consciente da democracia moderna, como também, o que era ainda mais urgente, o operário qualificado necessário à industrialização. O salazarismo rejeitou estes pressupostos. (...) Os defensores da escola única visavam principalmente três objectivos: a igualdade de acesso à instrução, a gratuidade dela e a criação de um sistema de orientação vocacional. Todas as crianças, ricas ou pobres, raparigas ou rapazes, do campo ou da cidade, deviam gozar das mesmas oportunidades educacionais” (idem, ibidem).*

Em forma de síntese e de acordo com Maria Filomena Mónica,

*“O Portugal de 1930, porém, continuava a ser uma sociedade tradicional, onde não só a educação popular não recebia qualquer estímulo oficial, como as próprias aspirações do povo à educação eram extremamente reduzidas. Por um lado, o Estado Novo não estava interessado em industrializar o País, (...) e muito menos em formar cidadãos esclarecidos (...). Por outro lado, para um elevado número de portugueses os benefícios resultantes da educação eram mais do que duvidosos. Em última análise, uma percentagem significativa da população não estava de facto «interessada» em mandar os filhos à escola” (1977).*

Uma população caracterizada por um elevado nível de analfabetismo e de fraca adesão à escola, por motivos diversos, muitas vezes alheios aos cidadãos, devido à falta de informação, à ignorância subsequente desta ausência e pela influência que a ditadura e os demais dirigentes exerciam sobre o povo iletrado. “No decénio de 1930 a 1940 a percentagem de analfabetos des-

ce de 61,8 para 49, e de 1940 a 1950 (...) diminui para 40,4 por cento” (Ministério da Educação Nacional, 1952, p. 1067).

Em 1952, verificamos que as causas do analfabetismo são referidas como *“O analfabetismo, mormente entre as populações rurais, é devido a circunstâncias de natureza diversa, mas a sua mais funda razão de ser reside (...) no facto de o nosso povo, pela sua riqueza intuitiva, pelas condições da sua existência e da sua actividade, não sentir a necessidade de saber ler”* (idem, ibidem, p. 1069). Apesar desta *“riqueza intuitiva”* constatava-se que em 1960 cerca de 40% da população portuguesa era analfabeta<sup>3</sup>.

Daniel Melo no livro que escreveu intitulado *A leitura pública no Portugal contemporâneo (1926-1987)*, *“estabelece o período entre 1930 e 1970, no que diz respeito à alfabetização da sociedade portuguesa, como aquele em que se passou «de uma minoria significativa [38%] para uma maioria consolidada [76%]»* (Trindade, 2006, p. 70).

A constituição da República Portuguesa de 1976 estabeleceu o princípio da universalidade, obrigatoriedade e gratuidade do ensino básico e dez anos mais tarde, a Lei de Bases do Sistema Educativo determinou o alargamento a nove anos de escolaridade obrigatória; actualmente até aos 12 anos (a partir de 2009/2010), uma medida de política educativa que pretende combater o abandono escolar precoce e elevar os níveis de escolaridade das novas gerações. Contudo,

*“a elevada taxa de analfabetismo da população portuguesa e os resultados recentes de inquérito à literacia dos portugueses, são reveladores de grandes desigualdades sociais no acesso a estas duas competências culturais fundamentais para o desenvolvimento da condição humana. Com efeito as últimas décadas ficaram marcadas em Portugal por um aumento substancial dos níveis de escolaridade da população. (...) Embora positivos na sua evolução, estes valores não retiram Portugal da cauda dos países europeus comunitários. Acrescem a esta situação os níveis elevados de iliteracia, enquanto incapacidade de utilização das competências escolares adquiridas. Cerca de 80% da população portuguesa não ultrapassa o nível 2 da escala de literacia, agravando-se a incapacidade de exercitar as competências escolares entre grupos sociais mais desfavorecidos, os indivíduos de idades mais avançadas, bem como as regiões rurais e interiores”* (Fontes & Fortuna, 1999, p. 13).

---

<sup>3</sup> *“Em 1958, a UNESCO recomendava a definição seguinte de analfabeto “pessoa incapaz de ler e escrever e de compreender uma exposição simples e breve de factos relacionados com a sua vida quotidiana”. Em 1978, revia esta mesma definição, da forma que se segue “é considerada funcionalmente analfabeta a pessoa incapaz de exercer todas as actividades para as quais se exige a alfabetização, no interesse do seu grupo e da sua comunidade, e também para permitir-lhe continuar a ler, escrever e calcular, em ordem ao seu desenvolvimento próprio e ao da comunidade. Pela mudança de perspectiva, operada nas definições de analfabetismo, facilmente se deduz que alfabetizar já não consiste em ensinar apenas os mecanismos da leitura e da escrita, mas em habilitar as pessoas a ler o mundo em que vivem: torná-las capazes de conhecer e responder às exigências da sociedade que é a sua, transformando-a e desenvolvendo-se a si mesmas, pela sua actividade interventora”* (Rebello, 1993, p. 41).

Em Portugal, o processo de difusão da escolaridade básica foi lenta, mas significativa, registando-se progressos nos níveis de escolaridade, nomeadamente nas últimas quatro décadas. No que se refere à taxa real de escolarização dos portugueses, constatamos que em 1961, 80,4 % da população possuía o primeiro ciclo do ensino básico<sup>4</sup>, dados que subiram para 98,4 % em 1980. A partir de 1981 o valor atingiu os cem por cento, contudo, é de salientar que este valor desceu para 99,1% em 2011 (GEPE/ME; INE, PORDATA, 2012).

*“Passados mais de vinte anos sobre a aprovação da Lei de Bases em 1986, o progresso do nosso país em matéria de educação foi enorme (...) as taxas de escolarização aos 13, 14, 15 e 16 anos de idade eram, em 1986, respectivamente, 84%, 67%, 57% e 42%; actualmente são de 100%. Ou seja, hoje, no nosso país, todas as crianças e jovens com menos de 17 anos frequentam a escola”. Esta evolução é fruto das mudanças profundas da sociedade portuguesa «com a energia e o esforço de muitas escolas, com programas, como os do combate ao trabalho infantil, com decisões e medidas de política como a do alargamento da escolaridade obrigatória em 1986» ” (Rodrigues, 2010, p. 45).*

No entanto, a taxa de analfabetismo é superior quando comparada aos restantes países da União Europeia assim como na alfabetização funcional *“ou seja, a capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao nível escolar na sociedade onde se insere”* e *“Portugal apresenta resultados muito negativos com uma taxa de apenas 52% para uma média das economias avançadas de 83% e de mais de 80% para os EUA e a Finlândia”* (Cardoso et al., 2005, p. 131).

*“No conjunto dos países da União Europeia, Portugal é o país que apresenta os mais elevados valores de desigualdade, quer no rendimento entre as famílias, quer na percentagem de agregados domésticos a viver em risco de pobreza, configurando uma realidade que tem um elevado impacto nas condições de base das crianças e dos jovens para estudar e aprender. As enormes desigualdades que, fora do sistema educativo, condicionam a aprendizagem e o sucesso das crianças no seu percurso escolar, torna mais difícil o trabalho de todos: das famílias, dos alunos e dos professores”* (Rodrigues, 2010, p. 110).

Um país com nível de qualificação baixa, afectada pelo insucesso escolar associado a um abandono escolar precoce, os fracos hábitos de leitura, a taxa significativa de analfabetismo e de iliteracia são alguns dos factores que estão na origem de um retrato preocupante que urge ser alterado. Apesar dos recursos disponibilizados, o investimento nas escolas, nos alunos e nas infraestruturas, Portugal não se aproxima dos padrões europeus devido ao nível tão elevado de

---

<sup>4</sup> Nível de ensino que se inicia cerca da idade de seis anos, com a duração de nove anos, cujo programa visa assegurar uma preparação geral comum a todos os indivíduos, permitindo o prosseguimento posterior de estudos ou a inserção na vida activa. Compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1.º de quatro anos, o 2.º de dois anos e o 3.º de três anos. É universal, obrigatório e gratuito (meta informação – INE, 2012).

insucesso escolar e abandono escolar precoce, sobretudo no ensino secundário (idem, ibidem, p. 38).

*“Os baixos níveis de qualificação da generalidade da população portuguesa e, em particular, da inserida no mercado de trabalho, apresentam-se como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento, em Portugal, de uma sociedade de modernidade avançada (Machado e Costa, 1998) e de uma economia baseada no conhecimento (Conceição e Heitor, 2003) ou, nos termos da conceptualização de Manuel Castells (2002, 2003), à transição para a sociedade em rede” (Cardoso, et al., 2005, p. 46).*

Nas últimas décadas, o nosso país atravessou períodos de transformação, mudanças e progressos significativos na área da educação, contudo, o défice na formação e qualificação da população activa é uma realidade preocupante, que se traduz nas elevadas taxas de abandono e insucesso escolar, factores inibidores ao sucesso e desenvolvimento do país.

Na visão de António Barreto, sociólogo e investigador, fazemos uma retrospectiva histórica, cultural e social do nosso país,

*“As mudanças sociais verificadas em Portugal ao longo das últimas quatro décadas foram profundas e mais rápidas do que na maioria dos países europeus. (...) A emigração, a guerra colonial, uma revolução política e social, a fundação do Estado democrático, a descolonização, uma contra-revolução, a adesão à União Europeia e a imigração foram alguns dos acontecimentos ou fenómenos históricos que marcaram estas quatro décadas e que resultaram ou aceleraram mudanças sociais profundas. (...) As escolas superiores e as universidades, por exemplo, cresceram muito rapidamente em dez ou vinte anos (em unidades e instituições, em número de estudantes e de professores, em número de cursos, etc.). Acontece que, para esse crescimento, não havia edifícios, salas, professores, cursos, técnicos, laboratórios, etc., em condições, com qualidade e experiência suficientes. Foi necessário construir à pressa, recrutar docentes (desqualificados) à pressa, criar instituições à pressa, estabelecer «numerus clausus» com o único objectivo de limitar o acesso depois de verificado o excesso. O resultado está à vista: ensino de má qualidade, cursos e diplomas desqualificados, desperdício de recursos, multiplicação de cursos e instituições, investigação muito deficiente, deficiente ligação das escolas à sociedade e às empresas, etc” (2007).*

Após a reflexão acerca da importância da educação na sociedade contemporânea e do retrato de Portugal no que concerne à evolução das taxas de analfabetismo e alguns dos factores que contribuíram para estes resultados, apresentamos no capítulo 2, a importância da leitura. E porque sem competências de leitura e de escrita é difícil a integração na sociedade actual, desenvolvemos este conceito: factores e implicações, processos e aprendizagens.

## Capítulo 2 – A Leitura em Portugal

---

*“Face à constatação comparativa de que em Portugal não se lê, são os instrumentos desenvolvidos para medir essa não-leitura que se impõem como principal imagem das práticas dos que o fazem: a leitura como capacidade de se compreender o que se lê, uma competência (a «literacia»), e a leitura enquanto quantidade e diversidade do que é lido, uma abundância (os «hábitos de leitura»)” (Ágoas, 2008).*

### 2.1 - O que é saber ler?

O que é saber ler? Segundo Mialaret (1997, p. 15) saber ler *“corresponde a um conjunto de processos biológicos, psicológicos e sociais particularmente complexos. Para saber ler tem de ser capaz “de transformar uma mensagem escrita noutra sonora em conformidade com determinadas leis bem definidas, equivale a ser capaz de a conceber e de apreciar o seu valor estético”.*

Aprender a ler é um processo contínuo e que não acaba no momento em que se domina a tradução dos sons em letras. Saber ler significa *“ser capaz de extrair informação de material escrito, qualquer que seja o suporte (de papel ou informático), qualquer que seja o tipo de texto e qualquer que seja a finalidade da leitura, transformando essa mesma informação em conhecimento”* (2001, p. 51).

Como qualquer outra aprendizagem,

*“a da leitura e da escrita passa por um processo de aquisição, armazenamento e processamento da informação. Ora, em todo este processo, desempenham papel importante certos factores, que o podem condicionar, tais como: a motivação, atenção, concentração e memória. Estas, com efeito, são indispensáveis a qualquer tipo de aprendizagem”* (Cito Klausmeier e Ripple, 1971; Gagné, 1977; Bloom, 1991 in Rebelo, 1993, p. 155).

Saber ler é compreender, é o meio essencial de aquisição de conhecimentos, do desenvolvimento do pensamento e enriquecimento da personalidade. *“A aprendizagem da leitura é inseparável da formação do pensamento e do desenvolvimento do espírito crítico; saber ler constitui, pois, o resultado de toda uma educação, educação essa que não se pode dar como concluída”* (Mialaret, 1997, p. 16).

Como refere a mesma autora *“os símbolos gráficos traduzem uma mensagem e a posse de uma técnica resultaria inútil se não permitisse atingir um pensamento. Já não se trata unicamente da simples decifração que faculta a passagem de uma percepção visual a uma emissão sonora, mas de uma verdadeira tradução que revela o sentido de uma mensagem escrita”* (idem,

ibidem). Existem dois momentos no processo de leitura: a decifração de símbolos gráficos e a captação de um significado ou de uma mensagem, numa proposição ou num texto. É fundamental compreender o que se decifra, atribuir significados às palavras, traduzir em pensamentos e sentimentos, ideias e emoções, no essencial, acrescentar algo ao nosso conhecimento.

Rebello afirma que *“Ler é um processo de receber linguagem (...) codificada por um escritor, e termina num significado, que o leitor constrói. Existe, portanto, ao ler, uma interação essencial entre linguagem e pensamento. Quem escreve codifica pensamentos em linguagem e quem lê descodifica linguagem em pensamento”* (Cito Gollash, 1992 in 1993, p. 5).

O leitor através das suas estruturas cognitivas e afectivas e de diferentes processos inerentes a esta abordagem (como a motivação, interesse, atenção, disponibilidade, gosto e apetência) facilita a compreensão do texto. *“A motivação para ler é uma variável importantíssima. Se a motivação para ler um determinado texto pré-existe à leitura, ela ditará uma maior atenção, concentração e um maior envolvimento do leitor. Mas o texto, em si mesmo, poderá também constituir-se como motivador”* (Viana, et al., 2010).

Vários são os tipos de leitura e diversas as condições e motivos que influenciam o leitor. Um leitor ávido e assíduo mais facilmente apreende e dá sentido ao texto que se predispõe a ler, que um leitor cujo contacto com a leitura literária é escassa ou esta se traduz numa leitura obrigatória e pertinente para completar com sucesso os seus estudos. As condições físicas, psicológicas e ambientais são determinantes neste processo e a intenção com que o faz influência directa e indirectamente a compreensão dos conteúdos. Na sociedade actual, as TIC proporcionam o acesso a uma multiplicidade de conteúdos, cuja leitura se processa de forma fragmentária em que o leitor pesquisa e lê de acordo com o que procura e lhe interessa, facilitada pelas ferramentas que os programas oferecem. Contudo, diferente das leituras mais aprofundadas, extensivas e contextualizadas que exigem maior concentração, e aqui, o estado psicológico do leitor influencia e dá rumo à compreensão e enriquecimento que esta prática requer. O ambiente em que a leitura se processa também interfere no modo como lemos: o espaço, o tempo disponível, a hora em que ocorre, a situação e meio conduzem a uma maior ou menor disponibilidade mental para esta prática. Se o ambiente é propício à leitura e reúne condições favoráveis ao acto de ler, mais facilmente o leitor interage com o texto e com a informação.

Contudo, para o exercício da leitura é necessário tempo porque há um tempo de reflexão, compreensão e interpretação dos conteúdos tal como existe o tempo e o ritmo de leitura do próprio leitor. E na leitura, somos nós que definimos o ritmo, o tempo, ao contrário do que se passa quando assistimos a um filme/programa televisivo em que somos obrigados a seguir o ritmo que é imposto, tornando-nos meros telespectadores passivos. A disponibilidade é muitas

vezes razão associada à inexistente ou pouca prática da leitura ou porque o tempo escasseia ou outras actividades preenchem o quotidiano. Contudo, esta situação deve ser encarada de outra forma, já que a leitura exige apenas um tempo diferente das outras actividades, necessitamos apenas de um tempo mais calmo, silencioso e pessoal.

Ler implica um conjunto de actividades cognitivas complexas em que somos confrontados a relacionar o que o texto diz com os conhecimentos já adquiridos o que reforça o conhecimento e ajuda a (re)construir o mundo interior, aceitar a diferença, a compreender, a ponderar e perspectivar.

Quando as crianças iniciam a escola transportam consigo mundos diferentes, alimentados pelas experiências que viveram, influenciando e enriquecendo a sua maneira de estar e de ser e a forma como se expressam oralmente (capacidade linguística que varia de criança para criança). E a leitura é sem dúvida, um acto social. Se os pais lêem durante o serão convidam instintivamente os filhos a ler porque o ambiente assim o proporciona. Mais facilmente as crianças imitam os pais, seguem modelos, atitudes e hábitos e se estes pais estão habituados a ler, a criança de forma natural, mesmo não sabendo ler, folheia o livro e olhando para as ilustrações cria uma história. Mesmo que essa história não seja idêntica à que está escrita, mas relatada com enorme convicção e como prática corrente, estas crianças quando entram na escola já tem hábitos de leitura diária, mesmo sem saber ainda juntar letras. E a aprendizagem da leitura é facilitada pelo grau de domínio da linguagem oral, isto é, quanto mais palavras a criança conhece, a forma como estabelece as frases e o contacto com as pessoas (e se esse contacto contribui para o desenvolvimento da expressividade, cuja comunicação se desenvolve correctamente, com dinâmica e constante interacção) mais facilmente desenvolve a aprendizagem e o seu próprio crescimento. Quando estes factores estão ausentes no percurso de vida da criança até então, o trabalho/desenvolvimento da criança na escola é mais moroso e complexo. Complexo porque terá de aprender a palavra nas duas vertentes, como se diz e com se escreve (oral e escrita).

O sistema educativo no nosso país contempla já desde o pré-escolar actividades com os livros, de sensibilização e promoção da leitura, acções que contribuam para a implementação de hábitos de leitura desde a mais tenra idade. As orientações emanadas pelo Ministério da Educação referem que *"É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica"* (Silva & Pré-escolar, 1997). De acordo com as orientações curriculares da língua portuguesa no 1º ciclo do ensino básico *"Considera-se essencial que, na aprendizagem da Escrita e da Leitura, (...) se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, ler e de escrever"*. E como objectivos gerais *"utilizar a leitura com finali-*

*dades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua)* " (Ministério da Educação, 2004, pp. 136-137).

Se a escola favorecer estes encontros, dinamizar iniciativas e promover hábitos, o gosto cria-se, desenvolve-se e alimenta-se. Práticas de leitura incentivadas nas escolas e estimuladas pelos pais serão o ponto de partida para a descoberta e prazer de ler, da vontade de aprender e enriquecer os seus conhecimentos num percurso constante e ao longo da vida, sendo estes espaços privilegiados para formar leitores.

No 1º ciclo do ensino básico foram lançadas algumas medidas como a reorganização e requalificação de rede de escolas, generalização da escola a tempo inteiro que se manifesta através do prolongamento do horário e da oferta de actividades de enriquecimento curricular.

Maria de Lourdes Rodrigues refere,

*"Assumem aqui particular importância a ocupação plena dos tempos escolares, garantindo o acompanhamento dos alunos em caso de falta de uma actividade lectiva; a detecção precoce de percursos de insucesso acompanhada da implementação de instrumentos de intervenção adequados, como os planos de recuperação ou os percursos curriculares alternativos (...) e no Plano Nacional de Leitura, criando dinâmicas de utilização que melhorem os hábitos e competências nos domínios da leitura e da escrita"* (2007, p. 4).

Mas também é condição fundamental o professor adquirir formação na área para que auxilie a criança *"a desenvolver estratégias de automonitorização da leitura que lhe possibilitem obter do texto um sentido tão profundo quanto possível e enraizar hábitos de leitura, essenciais à prática de leitura extensiva e, conseqüentemente, ao prazer de ler"* (Sim-Sim, 2001, p. 55).

Para que o ensino da leitura e a compreensão dos textos aconteça, nomeadamente se desenvolva uma leitura de prazer, o professor deve dominar um conjunto de ferramentas e de estratégias de ensino, conhecendo o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, avaliar o progresso das crianças na leitura para que estes momentos se tornem aliantes e atractivos, adequadas a todos e a cada um. Fundamentalmente, usar diversas abordagens no ensino e aprendizagem da leitura apresentando um leque variado de materiais e suportes de leitura, aglutinando diferentes textos e géneros literários, abraçando um universo rico e diversificado, tendo em consideração os seus interesses, motivações e expectativas.

Contudo, para o indivíduo compreender o que lê, para além de todos os factores que influenciam o comportamento do leitor, é necessário dominar um vocabulário e estar familiarizado com a estrutura do texto. Se o mesmo possuir conhecimento acerca do que se lê, sobre o assunto, tema e/ou contexto enriquece o saber, entra em confronto com essa informação e gera conhecimento, exercendo reflexão e estabelecendo acções críticas e avaliadoras do que se lê.

*“O acto de ler está para além da mera percepção das palavras, exige a compreensão enquanto reacção crítica ao conteúdo do texto, nesse encontro dialéctico entre o mundo que o leitor transporta e o mundo que o texto revela. E nessa fusão, que fecha o ciclo do acto de ler, o leitor escava o sentido do mundo e a compreensão de si próprio. Proust afirmou a este propósito: «Na realidade, cada leitor é, no acto de ler, leitor de si mesmo. O trabalho do escritor não é mais que uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor para permitir-lhe entender o que, sem esse livro, acaso nunca teria percebido nele»”* (Prole, 2005, p. 2).

O acto de ler é uma operação que envolve a totalidade da pessoa: inteligência, vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente. *“Significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”* (Foucambert, 1994, p. 5). Uma actividade que influencia e assegura o processo de maturação do indivíduo, através da autonomia intelectual, transformando-se num factor de liberdade interior daquele que lê. Como vários autores referem a leitura é um processo dinâmico e interactivo, *“através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo. A extracção do significado e a consequente apropriação da informação veiculada pela escrita são os objectivos fundamentais da leitura, dependendo do nível de compreensão atingido, do conhecimento prévio que o leitor tem sobre o assunto e o tipo de texto em presença”* (Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica, 1997, p. 27).

Jocelyne Giasson (1993) descreve as grandes componentes do modelo de compreensão na leitura: o leitor, o texto e o contexto. No que se refere ao leitor esta compreende as estruturas do sujeito e os processos de leitura que ela utiliza.

*“Globalmente, as estruturas têm a ver com o que o leitor é (os seus conhecimentos e as suas atitudes) enquanto que os processos dizem respeito ao que ele faz durante a leitura (habilidades a que recorre). A variável texto diz respeito ao material a ler e pode ser considerado sob três aspectos principais: a intenção do autor, a estrutura do texto e o conteúdo. A intenção do autor determina, com efeito, a orientação dos outros dois elementos. A estrutura refere-se ao modo como o autor organizou as ideias no texto, enquanto que o conteúdo remete para os conceitos, conhecimentos e vocabulário que o autor decidiu transmitir.*

*O contexto compreende elementos que literalmente não fazem parte do texto e que não dizem respeito directamente às estruturas ou processos de leitura, mas que influem na compreensão do texto. Podemos distinguir três contextos: o contexto psicológico (intenção da leitura, interesse pelo texto...), o contexto social (as intervenções dos professores, dos colegas...) e o contexto físico (o tempo, o barulho...)”* (p. 24).

Essencialmente, a leitura constitui um saber em construção que é facilitado pelos conhecimentos e habilidades do leitor e nos contextos em que eles acontecem e se desenvolvem. Quando eficaz enriquece o pensamento, facilita a comunicação (oral e escrita), a interpretação e contribui para o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo. Para além desta dimensão comunicativa e contemplativa, é também uma operação cognitiva, do conhecimento prévio do leitor, da compreensão global.

Os benefícios da leitura são variadíssimos, e enquanto actividade de gosto e prazer, proporciona ao leitor um conjunto de emoções e sensações que são despoletados através da história, do texto e ilustrações permitindo alcançar novos mundos e a criação de espaços virtuais imaginados e alimentados pelos leitores. A leitura exercita a capacidade criativa e estimula a imaginação como mais nenhum outro componente de comunicação. É uma actividade enriquecedora do ponto de vista emocional, pois permite o indivíduo sair do universo dos estereótipos, partilhar emoções e experiências, conhecer outros valores e culturas.

## 2.2 - Hábitos de leitura

Os hábitos de leitura quando praticados alimentam e fortalecem a personalidade, e o livro, um magnífico instrumento de permanente formação intelectual, moral, afectiva e estética do leitor, aumenta e desenvolve a sua capacidade de compreensão e expressão.

Por hábito de ler entende-se como ser *“resultado de uma série de actos gratificantes, e por isso, repetidos, que criam uma necessidade íntima de continuar a aprender com os outros, num espaço definido pela autonomia na fruição do que é belo e bom”* (Lages, et al., 2007, p.24).

Como explica Bornes

*“Por isso, logo no primeiro dia de aulas, é indispensável que os professores iniciem um processo de empatia, de envolvimento, de sedução que cativa a criança e lhe transmita uma sensação de conforto, de segurança e de bem-estar que a aproxime da escola e a motive para a aprendizagem, porque é a partir do primeiro dia de aulas que a criança começa a reconstruir o seu conceito de escola confrontando-o com a realidade que encontra e a reconstruir a sua auto-imagem, no confronto com os sucessos que certamente obterá”* (2011, p. 429).

A forma como o processo de iniciação à leitura e à escrita acontece e decorre na escola é condição essencial na transformação da leitura num acto de prazer, que reforça, inevitavelmente o sucesso da aprendizagem.

No estudo conduzido pelo *National Literacy Trust* (2005) verificou-se que as consequências da motivação intrínseca e extrínseca na criação ou perda de hábitos de leitura estão relacionadas com a leitura associada quase exclusivamente aos usos escolares, tende a fazer declinar o interesse e o gosto pela leitura com a conclusão da escolaridade obrigatória ou a saída da escola. O interesse pela leitura de prazer decresce à medida que aumenta a escolaridade e a escola, por vezes, não oferece materiais de leitura que vão de encontro aos seus interesses (Clark, Torsi, & Strong, 2005).

As descobertas, partilhas e experiências de leitura, reforçadas pelo conhecimento adquirido e incentivado pelos mistérios, aventuras e personagens que habitam no imaginário e sustentam a criatividade, desempenham um papel crucial na relação que a criança estabelece com o livro e a leitura.

*“Numa percentagem muito significativa das nossas escolas a leitura literária ou está completamente ausente ou é uma actividade casuística. Num país com uma taxa de analfabetismo funcional assustadora entre a população activa, onde o livro está ausente e a leitura desvalorizada no seio familiar, isto significa que muitas das nossas crianças acabam a escola primária sem nunca terem lido ou sequer escutado uma estória. Limitaram-se à famigerada leitura de excertos, seguida de uma série de exercícios para o treino das funcionalidades básicas da língua. Nunca aprenderam a primeira das regras do jogo da leitura, essa intimidade interactiva entre o leitor e o autor, e não o aprenderam, «não porque não possam ler, mas porque os livros que lhe deram não incluíam essa necessidade de se ocuparem com o que o autor não está dizendo»” (Prole, 2005, p. 6).*

Se a literatura de prazer com refere Prole (2005) não é aprofundada e estimulada nas aulas, actividades onde a literatura, a dança e a música, o desenho e o teatro, a arte, que transportam entretenimento, estimulam e favorecem a sensibilidade estética, alimentam a imaginação e facilitam a expressão, áreas e disciplinas que reforçam apetências e que conduzem à reflexão dos estudantes, então a parte criativa não é incitada. Actividades que o professor pode implementar, oferecer e recorrer sem grandes custos, dirigindo-se a bibliotecas escolares e públicas, a projectos e parcerias partilhadas, dentro e fora da escola. Contribuindo desta forma para a formação do indivíduo, *“reduzindo a delinquência e a perda de tempo induzidas pela ausência de investimento pessoal”* (Nussbaum, 2010, p. 65). Como reforça a autora, *“estudar humanidades melhora as capacidades de leitura e de escrita. Qualquer que seja a actividade que se exerça, saber ler um parágrafo e compreender-lhe o sentido (é um talento mais raro do que se julga) representa uma vantagem considerável”* (idem, ibidem).

Modos de ensino que devem proporcionar o questionamento, facilitar a interpretação, contribuir para o desenvolvimento da capacidade criativa, imaginativa e crítica. *“O imaginário possibilita o acesso à descoberta promovendo o raciocínio. O desenvolvimento do imaginário promove a capacidade de levantar hipóteses, de inventar soluções e de resolver problema”* (Bornes, 2011, p. 428). Contudo, a competência de comunicação não se desenvolve apenas pela aquisição de técnicas e metodologias é também e sobretudo, criar momentos, estabelecer espaços e tempos estimulantes ao desenvolvimento dessas habilidades. Nomeadamente no espaço sala de aula através de conteúdos e matérias apelativas, atractivas e interessantes do ponto de vista do aluno e professor onde estejam presentes ideias, sentimentos, valores e problemas. O texto literário é um espaço privilegiado de problematização do ser humano e *“o uso literário não se institui como um «desvio» em relação ao uso «corrente» mas antes como uma intensificação e exploração de um potencial comum”* (Fonseca, 2000) e ainda de acordo com Coseriu (*in idem, ibidem*) *“a obra literária (...) é obra de linguagem, obra que não utiliza simplesmente a linguagem mas que constrói linguagem, desenvolve, realiza virtualidades já contidas na linguagem”*. O interesse e gosto pela leitura são factores decisivos no desenvolvimento da competência leitora - só desta forma, através de estratégias de fruição e contemplação, de práticas continuadas, é possível criar e manter essa mesma vontade.

Com a evolução dos tempos a leitura faz-se de diferentes maneiras, a passagem da leitura oral para a silenciosa, da disseminação dos livros, jornais e revistas quer na produção e reprodução de textos. Assistimos hoje, a mudanças significativas no que respeita aos suportes de leitura, que actualmente se prende no suporte electrónico: a tela do computador, os e-books, os *tablets*, os telemóveis... Suportes atractivos, acompanhado de textos, imagens e sons interactivos que colocam à distância de um *clique* a oportunidade de aceder a uma panóplia de informação que o leitor gere à sua maneira. Práticas e possibilidades que podem ser exploradas pelos professores e educadores em ambiente sala de aula, motivando e promovendo os hábitos de leitura, independentemente do suporte utilizado.

A escola deve proporcionar, estimular e intensificar as oportunidades de aprendizagem e de autonomia dos alunos quer na procura, uso e selecção da informação, servir, não só para a preparação de alunos com vista ao exercício das funções sociais e de uma aprendizagem instrumental (emprego e formação). Formar também, cidadãos que procuram o enriquecimento da personalidade, através da liberdade de opiniões que se desejam fortalecidas de decisões conscientes e reflectidas, sobretudo, facilitar a sua participação e inclusão na sociedade, que se encontra em constante alteração. Actualmente, a escola deve oferecer ferramentas, estratégias e me-

metodologias que auxiliem o indivíduo a construir o seu conhecimento, produto de uma constante edificação, interação e enriquecimento mútuo e constante entre aluno e professor.

A prática de leitura contribui para uma maior fluência nas palavras, na velocidade como as debitamos e no universo léxico que possuímos, que se adquire, reforça e estimula ao longo da escolaridade. Um processo formativo em que está subjacente o desenvolvimento da personalidade e as experiências leitoras motivadoras e desmotivadoras que ocorre em dois contextos principais, o familiar e escolar.

Os hábitos de leitura adquirem-se depois de muitas horas de prática e na verdade, ser leitor é uma opção individual, contudo, a escola deve facilitá-la e promovê-la. As leituras obrigatórias em âmbito escolar devem contemplar obras que vão de encontro às aspirações, interesses e motivações dos alunos. Que contenham situações implícitas às suas vivências, acções com as quais se identifiquem, que relatem problemas similares aos do leitor, de forma a desmistificá-los e auxiliá-los a ultrapassar obstáculos que a própria vida impõe, oferecendo sugestões que os podem *conduzir à* reflexão e compreensão das suas próprias dúvidas e incertezas. Desta forma, conseguem identificar-se com as personagens, ambientes e situações motivando-os em práticas de leitura futuras. Cujas formação de leitores é essencial à integração na sociedade, no desempenho da sua actividade profissional e aptos a desafios que se atravessam quotidianamente nas mais variadas vertentes. Sem leitura não há formação, conhecimento, cidadania. E sem cidadania não há sociedade, composta por massas críticas, aptas a reproduzi-las, transformando-as num mundo melhor. E sem o domínio da leitura, do enriquecimento de capacidades e competências não há reflexão e atitude crítica. E neste contexto, os hábitos de leitura, as práticas e incentivos são aspectos determinantes no processo de formação do indivíduo ao longo da vida.

E a escola assume um papel relevante nestes hábitos e aprendizagens, porque é através dela que muitos indivíduos se tornam leitores. À escola compete ensinar a ler, sendo uma acção que se processa em duas fases: numa primeira fase a escola ensina à criança a equivalência entre o sinal gráfico e a palavra que a criança já conhecia ou que não sendo sua conhecida passa a integrar o seu vocabulário, numa segunda fase, leva a criança a atribuir sentido aos textos que lê. A escola tem, então, a função de ensinar a criança a decifrar o código escrito, a atribuir sentido ao que lê e de a conduzir na exploração da leitura de textos e de autores, e nas várias maneiras de os ler. O ensino e a aprendizagem são acções complexas, nos quais os alunos constroem os seus próprios conhecimentos a partir das suas experiências prévias e das interações que estabelecem com o professor, com os colegas e com o meio, contudo, processos que não podem estar limitados apenas à sala de aula ou à escola.

Na verdade, o sucesso global escolar depende muito dos hábitos de leitura, da forma como se lê e se interpreta, por isso, que se utilize a leitura de forma ágil e correcta.

Segundo Elvira Moreira dos Santos no seu livro intitulado *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes* (2000), os jovens que se interessam pela leitura fazem-no por motivações e interesses diversos e não propriamente por se aperceberem da importância da leitura. No seu entender existem dois tipos de motivações e interesses no que se refere à leitura: os de carácter geral e os interesses que caracterizam as diversas idades e fases de crescimentos.

O simples prazer de pôr em prática as técnicas de leitura recentemente adquiridas e o entusiasmo resultante da descoberta de uma nova actividade intelectual são a primeira motivação que leva a criança a ler. Para além disso, ela é impelida pela vontade de exercitar certas faculdades, como o raciocínio, a imaginação e pela necessidade de conhecer melhor o mundo que a rodeia, enriquecendo as suas próprias experiências e ideias. Por outro lado, a leitura pode funcionar como resposta às aspirações da criança que encontra nas diferentes histórias, aventuras, contos e fábulas, de viver num universo imaginário ou na necessidade de se afirmar e procurar ideais, conselhos e distrações.

Como afirma Freitas, Casanova e Alves (1997, p. 263)

*“A actividade leitural em geral é um medidor de comunicação quase omnipresente nas sociedades contemporâneas. Preenche boa parte dos tempos de trabalho e de lazer, estando na base da formação, da informação e da recreação, e marcando presença tanto nas actividades domésticas como nas mais elaboradas e cultivadas. [Acrescenta ainda, que] tais diferenças ficam a dever-se não apenas a factores como a disponibilidade de bibliotecas e livrarias, ou o preço dos livros, mas também com disposições para o aprofundamento de prática leitural e capacidades de ler diversas nos indivíduos, que dependem largamente do grau de presença dessa prática nas suas famílias de origem, de socializações primárias mais ou menos promotoras da leitura e de inserções socioprofissionais, graus de escolarização e modelos de orientação de vida distintos”.*

Em forma de síntese, relembramos que as exigências literárias da população na sociedade actual são mais complexas de que às colocadas anteriormente em termos qualitativos e quantitativos, *“o que implica uma preocupação acrescida com o ensino da leitura no período da vida escolar do cidadão. Os baixos níveis de literacia e os diminutos hábitos de leitura dos portugueses (...) só poderão ser eficazmente combatidos se for investido um esforço efectivo no melhor ensino da leitura na escola e, portanto, no empenhamento na formação de professores nesta área”* (Sim-Sim, 2001, p. 51).

### 2.3 - Estudos sobre hábitos de leitura

*“Por leitura pública deve entender-se o estabelecimento de uma relação entre a criação e o público, com a dupla finalidade: cultural - possibilitar o acesso de outras camadas da população às fontes de conhecimento nas suas diversas formas, e social - contribuir para a afirmação do indivíduo na comunidade, conferindo-lhe a possibilidade de exercer plenamente o acto de escolher”* (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1983).

No que se refere aos estudos sobre Hábitos de leitura em Portugal apresentamos os mais relevantes e iniciamos com os principais resultados do estudo *a Leitura dos portugueses* (Freitas & Santos, 1991) que indica que 67,6% dos inquiridos lia jornais, 61,2% revistas e 53,5% livros. No que respeita apenas aos leitores de livros e quando revelam as condições favoráveis à criação desse hábito, estas estão relacionadas com a familiaridade que os inquiridos têm com a leitura. No que concerne, às carências que impedem quem sabe ler de o fazer é justificada pela falta de motivação e os que não possuem hábitos de leitura revelam a falta de tempo. A força de vontade e a paciência são invocadas como uma das condições necessárias ao cultivo dos hábitos de leitura.

Verifica-se também, que ao longo da pesquisa o perfil dos pequenos leitores caracterizam-se como indivíduos que possuem baixos níveis de instrução, profissões pouco qualificadas, pais com idênticas características e reduzido contacto com a leitura na infância. Das actividades de ócio apresentadas, em relação à alternativa leitura/televisão privilegiam esta última pela facilidade e distração que proporciona e a leitura pelos conhecimentos que oferece (idem, ibidem, p. 82).

Em relação às vias de acesso aos livros, as livrarias e o da compra por correspondência (*mais cómodo e mais rápido* – argumento mais frequentes entre os inquiridos que utilizam este sistema) assumem um peso considerável, ao invés das bibliotecas que quase metade dos inquiridos nunca entrou em nenhuma ou não as frequenta. Os jovens estudantes são os seus principais utilizadores. Os autores salientam que é necessário *“criar condições para que apeteça entrar numa biblioteca aos que não têm, ou têm pouco, o hábito da leitura”* (idem, ibidem, p. 86).

Rui Vieira de Castro e Maria de Lourdes Dionísio de Sousa autores do estudo sobre *hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses do ensino básico e secundário* (1996) anunciam com principais conclusões: a resistência à leitura de livros, embora não resistência à leitura em geral; a correlação entre leitores fracos e baixos níveis de instrução, trabalho menos qualificado, pais com características similares e a leitura significativa de jornais e revistas. Em termos

gerais, a leitura é uma prática valorizada positivamente, atitude que decresce à medida que se progride na escolaridade: os estudantes do 2º ciclo do ensino básico são apenas 16,7% os que declaram "não gostar" de ler e de 30,2% entre os estudantes do ensino secundário.

No que se refere ao contexto familiar, constata-se que 67,5% dos inquiridos afirmam que os adultos com quem vivem costumam "todos" ou na "maior parte" ler jornais ou revistas, no entanto, esta percentagem diminui quando se trata da leitura de livros (27%). Um grande número de estudantes relata como frequente o hábito de oferecer livros no interior da sua família e cerca de 65% dos inquiridos revelam que na sua infância, "algumas vezes" ou "muitas vezes" lhes foram lidas histórias pelos mais velhos.

*“embora a leitura seja reconhecida pelos estudantes como uma prática significativa, esta atitude é de alguma forma contrariada pelas respectivas práticas; (...) A desvalorização efectiva da leitura entre os estudantes mais velhos e a apetência pela leitura entre os mais novos impõe a investigação das razões de tal atitude. Parece que o material posto à disposição dos jovens do grupo «16 anos e mais» não corresponde aos seus interesses; por outro lado, podemos inferir algum tipo de decréscimo na promoção da leitura entre estes estudantes ou, pelo menos, uma desconexão entre tais acções e as expectativas dos estudantes” (Castro & Sousa, 1996).*

No que respeita ao papel da escola na promoção da leitura, o estudo revela que cerca de 80% dos estudantes afirmaram que os seus professores costumavam aconselhá-los a ler "algumas vezes" ou "muitas vezes", por outro lado, os estudantes, sobretudo aqueles dos níveis de escolaridade mais avançada, afirmam que "nunca" ou "poucas vezes" seguiam aqueles conselhos (43,6%). "Estar com os amigos" é a preferência mais assinalada pelos inquiridos para a ocupação dos tempos livres entre os jovens, independentemente do grupo etário. "A leitura aparece entre os diferentes grupos com os valores médios que traduzem a rejeição mais elevada". Da amostra, 65,3% dos estudantes seleccionaram como razão principal para não lerem a preferência por outras actividades.

Constata-se que a casa dos inquiridos é o lugar privilegiado para se ler, surgindo a leitura como prática predominantemente privada. Em relação às bibliotecas, mais de metade da amostra declarou que "nunca" ou "raramente" costuma frequentar a biblioteca da escola e mais de 60% afirmar que "nunca" ou "quase nunca" frequentou outras bibliotecas.

*“A escassa frequência de bibliotecas escolares ou públicas é um dado importante, designadamente se tivermos em conta que a rede de leitura pública dispõe de importantes infraestruturas que, mais tarde ou mais cedo, serão inúteis se ninguém as utilizar. Tendo estes resultados em mente, parece necessário que as bibliotecas vão à procura dos seus leitores em vez de ficarem à sua espera. Devemos concordar que se as actividades de promoção de leitura forem*

*mais agressivas, a transição entre a infância e a idade adulta, no que aos hábitos de leitura diz respeito, poderá ser feita sem tantas perdas” (idem, ibidem).*

Um estudo intitulado *Leitura Juvenil: hábitos e práticas no distrito de Coimbra* (Fontes & Fortuna, 1999) constata que os jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 18 apresentam características similares ao do padrão geral da população portuguesa: os jornais e revistas predominam em relação à leitura dos livros. *“A leitura de livros não escolares tem, entre estes jovens, uma presença relativamente limitada no conjunto das suas práticas dominantes de ocupação de tempos livres. Predominam as actividades de natureza doméstico-receptiva, mas, nestas, o lugar central é ocupado pelo visionamento e a audição de rádio e de música”* (p. 85). As raparigas conversam mais sobre os livros comparativamente aos rapazes, sendo a leitura para elas um recurso de aprendizagem e formação e, em segundo lugar de divertimento ou passatempo. Contudo, *“no seu todo os inquiridos apresentam índices elevados de prática habitual de leitura, sendo de assinalar uma clara vantagem das raparigas e dos jovens em ambiente rural”* (idem, ibidem).

Os leitores actuais<sup>5</sup> representam 47,3% do total da amostra, maioritariamente raparigas (entre os 14 e 16 anos), dos ambientes rural e urbano, com pais de capitais escolares médios e altos e de forte relacionamento primário (familiar) com a leitura. Cerca de 15% dos leitores são *“grandes leitores”* (lêem mais de 10 livros por ano). A razão da *“não leitura”* é explicada, pela falta de tempo, contudo, razões como a deficiente cobertura quer do mercado livreiro em geral, quer da oferta de leitura que as bibliotecas públicas ou municipais proporcionam, também são assinaladas. No entanto, este cenário está a mudar devido à oferta institucional da leitura e à dotação generalizada de equipamentos e serviços especializados neste sector.

*“O facto de os jovens lerem menos do que seria desejável não pode ser desligado dos contextos sociais (...) família-escola-convivialidade. (...) os níveis de recursos económicos e educativos da família desempenham uma função crucial no desenho dos hábitos e práticas juvenis de leitura (...) o relacionamento primário com a leitura é decisivo na sua função de maior ou menor agente familiarizador dos jovens com esta prática cultural. (...) Em relação directa com a família (...) encontra-se a escola. Apenas 3,7% dos inquiridos referem os professores como conselheiros das suas leituras não curriculares. (...) O actual sistema de ensino em Portugal assinala algumas deficiências que incidem sobre este afastamento dos professores de uma relação mais social e informal com os alunos. (...) a escola de hoje é demasiado absorvente para professores e alunos por igual e mostra-se refractária ou incapaz de fomentar um espírito de maior*

---

<sup>5</sup> Aqueles que se encontravam a ler no momento da aplicação do questionário.

*horizontalidade relacional entre alunos e professores, com eventuais e desejáveis encorajamentos à leitura não curricular”* (pp. 87-88).

Em relação à convivialidade (amigos), espaço balizado entre a família e a escola, é deveras significativo para a formação das identidades juvenis. Neste estudo, cerca de 17% reconhecem que a sua última leitura se deve à influência do círculo de amigos.

Outro estudo intitulado *Bibliotecas e Hábitos de Leitura: Balanço de quatro pesquisas*, a conclusão principal a enunciar é, *“A leitura fornece ainda um vasto conjunto de indicações sobre clivagens e hierarquias sociais. Desde logo, pela associação entre intensidade da prática e capital escolar de origem”* (Lopes & Antunes, 1999, pp. 53-54).

Uma investigação realizada pelos mesmos autores no ano seguinte revelam que,

*“Apesar de se manter uma associação positiva entre o gosto pela leitura, a intensidade da prática e o capital escolar de origem, é possível encontrarmos, por exemplo, um número significativo de inquiridos declarando não gostar de ler que são oriundos de agregados domésticos fortemente capitalizados em termos culturais. Tendências que podem ter valores significativos: multiplicam-se os agentes de socialização, proliferam os grupos de referência e perde-se importância relativa a socialização primária de base familiar”* (2000).

Aspectos comuns que se evidenciam nos estudos anteriormente apresentados: famílias com poder socioeconómico e com níveis de escolaridade mais elevados são algumas das características dos leitores de livros. Contudo, verifica-se neste relatório que esta tendência tende a alterar-se. Isto é, um número significativo de inquiridos, com estas características, afirma não gostar de ler. A socialização primária com a leitura (família) deixa de acarretar um peso tão significativo na aquisição de hábitos e gosto pela leitura, devido à multiplicidade de agentes influenciadores, que permitem o contacto e o interesse pelos mesmos. *“Por outro lado, a escola (...) parece exercer um potencial efeito perverso já que, ao prescrever leituras obrigatórias, diminui drasticamente a disponibilidade dos jovens estudantes para outro tipo de referências literárias, fechando, assim, todo o universo a descobrir”* (idem, ibidem). Se no ensino básico grande parte dos professores aconselham a ler livros *“algumas vezes”*, na realidade os inquiridos ocupam os tempos livres com outras formas de entretenimento que não passa pela leitura literária.

*“as bibliotecas públicas parecem assumir-se de forma muito visível como uma rectaguarda da instituição escolar, fornecendo um ambiente propício ao estudo, bem como, os instrumentos de trabalho necessários (livros, dicionários, enciclopédias, computadores, ligação à internet, etc) para a prossecução dos trabalhos escolares, sem que existam nítidos efeitos de arrastamento para o investimento na intensificação e diversificação das práticas de leitura”* (idem, ibidem).

A biblioteca necessita de oferecer aos utilizadores e potenciais utilizadores actividades de promoção da leitura destinados a todas as faixas etárias. Investir em materiais e espaços alternativos que garantam a presença de jovens, através de parcerias, com escolas e outras instituições, recheadas de acções de descoberta e partilha, tendo sempre presente a divulgação/promoção de livros e leituras, de arte e cultura. Entra-se na era da tecnologia, do audiovisual, do atractivo, do rápido e instantâneo, contudo, *“não que o livro tenha perdido centralidade simbólica. (...) Os jovens apostam cada vez no paradigma audiovisual e na mescla instantânea de imagem, som e informação, a par de uma orientação marcadamente informal e convivial dos tempos livres”* (idem, ibidem).

Relativamente aos hábitos de leitura da população adulta, o estudo da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros em 2001 constata que menos de metade dos portugueses (45%) lêem livros, e desses, 55% dedicam apenas três horas semanais, ou menos à leitura (Sim-Sim, 2001).

*“apesar de ter aumentado o tempo de escolaridade obrigatória, e a respectiva taxa de frequência escolar, os hábitos de leitura dos portugueses não sofreram alterações. Igualmente também não melhoraram os níveis gerais de desempenho de leitura da população portuguesa adulta. Disso nos dá conta o estudo «A Literacia em Portugal» (...) e em que se verifica que, surpreendentemente, mesmo os adultos com frequência de escolaridade dos ensinos secundário e superior atingem níveis de desempenho de leitura genericamente baixos”* (idem, ibidem).

Factores como estes e outros relacionados com a leitura (razões, motivos, processo de aquisição e domínio da leitura) tão importantes e igualmente fundamentais, constata-se que diversas são as causas dos baixos índices da leitura dos alunos portugueses. Salientamos, *“os reduzidos hábitos de leitura das famílias, a não frequência de bibliotecas (...) e [a] que tem que ver com a qualidade do ensino da leitura que está a ser feito nas nossas escolas, o qual parece não responder à actual realidade da população que as frequenta”* (idem, ibidem, p. 3).

No entanto, como refere Sim-Sim esta realidade é igualmente alargada aos professores que confirmam também, as suas dificuldades em ensinar a ler todas as crianças.

*“Este facto explica o assustador número de alunos sinalizados com dificuldades de leitura, o qual mobiliza imensos recursos de apoio educativo, quase sempre com resultados ineficazes e insuficientes, e alimenta o caudal de insucesso ou de um rendimento escolar muito abaixo do desejado.*

*Os poucos estudos nacionais sobre o modo como a leitura está a ser ensinada nas nossas escolas indicam que o tempo lectivo semanal, que os professores dizem dedicar ao ensino da leitura nos primeiros anos de escolaridade, é superior ao dos nossos parceiros europeus (Sim-Sim, 1994). A questão não parece*

*estar, portanto, no montante do tempo despendido, mas certamente na forma como esse tempo é gerido, quer em termos de organização e gestão da classe, quer quanto ao uso de materiais pedagógicos e práticas lectivas específicas"* (idem, ibidem).

Parece-nos que esta realidade é muito mais complexa: o ensino e aprendizagem da leitura, os incentivos e actividades de promoção da leitura, a influência dos pais, a existência de equipamentos e infraestruturas são um conjunto de factores que contribuem para o sucesso. A verdade é que os professores são impulsionadores destas tendências e modelos que os alunos seguem, contudo, e como se constata em estudos anteriores, o aconselhamento de obras literárias por parte dos professores é pouco evidente. E porque acontece? Os docentes não estão *sensibilizados* para a leitura literária ou a gestão do tempo de ensino da língua e da riqueza que ela oferece é insuficiente ou por vezes inexistentes durante o tempo curricular. Isto quer dizer, que apesar do tempo despendido ao ensino da leitura e das estratégias implementadas, a leitura literária ainda fica muito aquém do que seria desejável. Se o perfil de desempenho profissional dos professores refere que no âmbito da educação em Língua Portuguesa, o professor do 1.º ciclo *"incentiva os alunos a utilizar diversas estratégias de aprendizagem e de desenvolvimento da leitura em variados tipos de textos e com diferentes finalidades"* (2001), estas responsabilidades devem ser consideradas e aplicadas nas escolas, com o trabalho dos professores e educadores, garantindo a presença de obras literárias diversas. Como refere Inês Sim-Sim (2001, p. 5)

*"ensinar a ler eficazmente implica possuir um nível elevado de conhecimento da língua em que se ensina a ler, no nosso caso do Português, uma sólida compreensão dos conceitos que subjazem ao desenvolvimento de competências que resultam de processos de aquisição natural e espontânea, como são a compreensão e a expressão oral, e dos processos e estratégias pedagógicas que devem enformar a aprendizagem de competências secundárias, como são a leitura e a expressão escrita".*

A formação e qualificação de professores e educadores deve contemplar o conhecimento das diversas obras literárias para a infância e juventude de autores portugueses e estrangeiros, não se cingirem apenas à leitura de excertos mas da obra em que se insere, são factores decisivos à implementação e continuação de hábitos e práticas de leitura. Estudar as capacidades e competências, tendo em conta o perfil leitor dos seus alunos, seleccionar obras que se adequam aos diferentes graus de ensino, que se relacionem com as matérias e conteúdos, mas em concordância com os interesses e motivações, num ambiente sedutor e intimista - leitura de prazer - onde a imaginação e a criatividade sejam estimuladas, a expressão oral incentivada e a prática da leitura exercitada. Como refere Prole (2005), a deficiente compreen-

são leitora está inevitavelmente associada aos hábitos de leitura e esta prática exige desde a primeira infância o contacto permanente e estreito com a literatura. *“O ensino da leitura requer, deste modo, a literatura como instrumento fundamental para o desenvolvimento das respectivas competências de leitura. Não é possível separar o ensino da leitura da leitura literária e esta deve ser introduzida no processo educativo, como prática quotidiana, mesmo antes da aprendizagem formal”* (p. 4).

E se os estudantes que dedicam mais tempo à leitura por prazer tendem a ser melhores leitores, significa que a literatura *“enquanto leitura, deve ser entendida como um instrumento para o desenvolvimento de competências específicas de leitura que possibilitem o acesso à leitura enquanto compreensão e chave do conhecimento”* (idem, ibidem).

E se ler contribui para um melhor desempenho da competência leitora, no contacto constante com a literatura literária no pré-escolar e 1º ciclo, promover a leitura *“é aproximar de uma forma continuada e regular o leitor, ou potencial leitor, do livro e da leitura literária, deitando mão de estratégias que induzam ao prazer lúdico de ler e aprofundem, simultaneamente, a leitura: facilitando o acesso ao significado implícito e levando o leitor a realizar inferências de nível superior que lhe permitam o acesso à compreensão e à avaliação crítica do lido”* (idem, ibidem).

No entanto, para que este trabalho de estudo e investigação, conhecimento e aprofundamento de obras literárias disponíveis no mercado, serem apresentadas e trabalhadas em contexto escolar é muitas vezes uma tarefa autónoma, que exige ao educador/professor uma actualização permanente. Contudo, é conseguido através da partilha de projectos, leituras e matérias entre escolas e colegas, nas idas às bibliotecas e livrarias com vista ao enriquecimento de conteúdos e acesso a diversidade de obras. Contribuindo assim, para que os resultados relativos ao acto de ler sejam significativos no processo da aprendizagem, no desenvolvimento de práticas e apetências. *“Esta concepção de leitura como compreensão, e do processo cognoscitivo complexo que lhe subjaz, este entendimento do leitor como o construtor de sentido e da literatura como instrumento da capacitação leitora, tem que ter necessariamente reflexos no perfil de competências, na atitude e na actividade desenvolvida por professores e bibliotecários enquanto mediadores de leitura”* (idem, ibidem).

Ainda relativamente a estudos sobre leitura e em concreto *Leitores de bibliotecas Públicas* (2004) os autores referem *“Ora, numa população de fraca e recente alfabetização, dotada de pouquíssimos instrumentos favorecedores da leitura, e cujas raízes rurais geralmente associadas à predominância da comunicação oral só foram funcionalmente substituídas pelo*

*acesso a meios de comunicação áudio-visual, o acesso ao livro e a leitura individualizada mantêm-se muito escasso”* (Brasão, Domingos, & Santos, p. 9).

Um estudo encomendado pela APEL em 2004 revela que apenas 44% da população portuguesa maior de 15 anos se declara leitora de livros. Em média, os portugueses afirmam ler 8,5 livros por ano (número inferior ao de 2003 que atingia os 11), dedicando, quatro horas semanais à leitura de livros. As mulheres destinam mais tempo à leitura de livros (49%) (2004).

No ano seguinte, um novo estudo revela que 91,35% dos inquiridos costuma ler livros e a maioria fá-lo por gosto (72,4%). Das pessoas inquiridas, 27,9% lêem entre 3 a 5 livros por ano e em média e por semana despende entre 30 minutos a 2 horas (26,6%) para a leitura. No momento em que se realizou o estudo, 68,35% declarou que estava a ler um livro. A investigação apurou ainda que a esmagadora maioria (96,95%) indicou ter livros em casa (Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros, 2005).

O resultado de uma sondagem do Eurobarómetro realizada a pedido da Comissão Europeia entre 22 de Agosto e 27 de Setembro de 2001, sobre a participação dos europeus em actividades culturais, indicava que 60% dos europeus declaram ler pelo menos um livro por ano, embora aí também seja referido que *“os portugueses apresentam o menor índice de leitura da União Europeia (32%)”* (Sousa, 2004).

De acordo com o estudo *A Leitura em Portugal*<sup>6</sup> revela em termos de síntese que *“Quanto à dimensão educativa, baixa a taxa de analfabetismo, embora se mantenha a um nível relativamente elevado, e aumenta a qualificação escolar. (...) ainda muito distantes dos da média quer dos países da OCDE quer dos da EU”* (2007, p. 45).

Constata-se que a leitura é encarada de uma forma instrumental, verificando-se que os indivíduos que frequentam as bibliotecas públicas e os jovens leitores são na grande maioria estudantes que vêem a leitura como meio de aprendizagem, fonte de informação e como ferramenta escolar.

*“Quanto à evolução da oferta cultural ela tem sido positiva, tanto no que toca aos eventos como aos equipamentos culturais. Importa destacar o crescimento do número de bibliotecas, em particular das públicas e também das escolares. No panorama da imprensa destaca-se a presença crescente na Internet e o surgimento dos jornais de distribuição gratuita. Relativamente às TIC, generalizou-se o uso do telemóvel e, a um nível mais geral, dos que têm computador”* (idem, ibidem).

---

<sup>6</sup> Estudo coordenado por Maria de Lourdes Lima dos Santos e aplicado à população residente no Continente com 15 e mais anos que declara saber ler e escrever (não analfabeta).

Em relação à evolução das taxas de leitura por suportes (livros, revistas e jornais), o estudo indica que tem vindo a diminuir a de não-leitores<sup>7</sup>, agora nos 5% face aos anteriores 12% (inquérito realizado por Freitas, Casanova & Alves, 2007), aumentando as taxas de leitores de jornais. Relativamente à leitura de livros (excluindo os escolares ou profissionais), predominam os pequenos leitores<sup>8</sup> (Neves & Lima, 2008). Caracterizando o perfil social dos leitores este é acentuadamente feminino, nos mais escolarizados, nos mais jovens, nos estudantes.

Conforme destacam os autores, *“O principal factor explicativo dos hábitos e das práticas de leitura é a escolaridade: quanto mais elevada, maior as percentagens daqueles que lêem nas categorias que sinalizam níveis de maior exigência (leitura de livros, grandes leitores, leitura cumulativa)”* (Santos, Lima, & Carvalho, 2007, p. 182).

De forma geral, como se caracteriza o panorama da leitura em Portugal? Como refere o estudo, relativamente à socialização primária para a leitura, constata-se que a idade de aprendizagem se situa, actualmente entre os 6 e 7 anos de idade. *“A precocidade da aprendizagem está directamente relacionada com a leitura: quanto mais cedo, mais cumulativa a leitura”* (idem, ibidem, p. 183).

Relativamente ao contacto com livros e leituras na infância constata-se que cerca de 58% viam os pais ou os familiares a ler *“Muitas vezes”*. Dos inquiridos 48% mencionam que os pais ou familiares tinham o hábito de ler para eles *“Algumas vezes”* e 49% recebiam *“Algumas vezes”* livros. A existência de incentivos à leitura na infância é generalizada entre os inquiridos, sobretudo pelos familiares, mas em particular, pela mãe e cerca de 11% refere esse incentivo no contexto educativo por parte dos professores. *“Quanto aos modos como estes inquiridos foram incentivados para a leitura sobressaem quatro: a solicitação à criança para ler em voz alta (76%), a oferta de livros (70%), a leitura de livros (68%) e as conversas sobre livros e leituras (66%)”* (p. 85) e noutros casos associados aos locais de acesso aos livros (bibliotecas, livrarias) ou ao contacto com o objecto livro e com os seus conteúdos. *“Os incentivos estão directamente relacionados com o capital escolar familiar: quanto mais qualificado o núcleo familiar mais os incentivos familiares”* (idem, ibidem).

No que respeita ao gosto pela leitura na infância, dois em cada três gostava de ler, razões associadas com a aprendizagem e curiosidade. E como evoluiu o gosto pela leitura?

*“Uma grande maioria (nove em cada dez) dos que gostavam de ler na infância (...) afirma continuar a gostar de ler, sendo que as razões mais apontadas são gostar de aprender e de se cultivar, por gosto e prazer e, como passatempo e*

---

<sup>7</sup> Aqueles que não lêem nenhum dos três suportes (livros, revistas e jornais).

<sup>8</sup> Aqueles que lêem até 5 livros por ano.

*distracção. (...) Para os que passaram a gostar de ler, a necessidade de informação e actualização, bem como a necessidade de aprender e se cultivar são as razões mais apontadas” (idem, ibidem, p. 183).*

Em relação à evolução do gosto pela leitura, 58% afirmam que gostavam de ler na infância e que continuam a gostar na actualidade e cerca de 13% dos inquiridos que em criança não gostavam de ler passam actualmente. Os restantes que deixaram de gostar de ler são caracterizados por baixas qualificações escolares, actividades socioprofissionais menos qualificadas e baixos capitais escolares familiares.

Os dados do estudo revelam que 56% dos inquiridos são pequenos leitores, lêem 2 a 5 livros por ano. Os médios (6-20 livros) e os grandes leitores (mais de 20 livros) são fundamentalmente jovens e estudantes. Os inquiridos afirmam que os livros lêem-se essencialmente em casa. A frequência de bibliotecas é assinalada por 17% da amostra, sendo de assinalar 12% em bibliotecas municipais e cerca de 6% nas escolares. O motivo por aqueles que não as frequentam é por não gostar de bibliotecas. O perfil social dos utilizadores que frequentam as bibliotecas municipais são jovens, escolarizados e 39% são estudantes.

Na área das novas tecnologias e a utilização das TIC, a maioria dos inquiridos não usa computador, mas os que usam, fazem-no a um ritmo diário ou quase. Dos que usam computador, 87% utiliza a internet destacando-se a procura de indicações úteis e comunicações com familiares. Os mais escolarizados, mais jovens e a quase totalidade dos estudantes são os utilizadores das TIC.

No que respeita ao volume e género de livros, 92% dos inquiridos tem livros em casa e a maioria afirma tanto ter livros de lazer como livros de estudo ou profissionais (59%). Os géneros de livros que têm em casa em maior quantidade são os dicionários/enciclopédias (82%), livros escolares (64%) livros de culinária (62%). Mais de metade dos inquiridos (54%) diz ter até 50 livros em casa.

Quanto às restantes práticas culturais, a leitura de livros (excluindo escolares ou profissionais) é assinalada por 60% dos inquiridos, sendo a frequência mais elevada nas opções *“Pelo menos uma vez por semana”* e *“raramente”*. Em relação à frequência e necessidade de escrita, as taxas de realização são mais elevadas nas necessidades práticas e nas de relações e de convívio com os amigos, familiares.

Comparativamente às práticas e ao tempo gasto (ao longo de um dia normal - excluindo as férias), ver televisão, ouvir rádio, são claramente as que ocupam mais tempo, seguido de utilizar a internet e ler. Para a leitura (quase metade dos inquiridos) é despendida cerca de meia hora diária.

Os inquiridos referem que hoje se lê mais (44%) e atribuem essa alteração,

*“ à maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio, e ao maior número de pessoas com boa formação escolar. Segue-se em importância a existência de mais, e mais apelativas, bibliotecas.*

*Entre os que acham que se lê menos, a quase totalidade dos inquiridos aponta (...) a existência de mais distrações (televisão, vídeos, jogos, computadores, etc.). Entre as causas menos referidas (todas abaixo dos 50%) estão a falta de estímulos familiares, de boa formação escolar e de estímulos por parte da escola” (Santos, Lima, & Carvalho, 2007, p. 188).*

No que concerne às iniciativas dos pais e/ou encarregados de educação, no sentido de estimular as práticas de leitura dos seus filhos/educandos, sete em cada dez afirmam oferecer-lhes livros adequados, iniciam o contacto com a leitura através de “*livros-brinquedo*”, lendo livros antes que os filhos tenham aprendido a ler. Cinco em cada dez aconselha os filhos/educandos a reservar tempo para a ler e conversar com eles sobre os livros que lêem. As iniciativas de menor adesão são as relacionadas com as bibliotecas (participar em programas de estímulo à leitura) e levá-los a livrarias.

Metade do Grupo restrito<sup>9</sup> afirma fazer a orientação das leituras dos menores, prática mais comum do que para o Grupo Alargado. Contudo, ambos apresentam os mesmos motivos: desenvolvem a imaginação e a criatividade, desenvolvem a expressão escrita e oral, gostem de ler cada vez mais e para que adquiram uma boa cultura geral.

*“Os pais e/ou encarregados de educação atribuem muita importância a todas as actividades de promoção de leitura na escola que lhes foram indicadas. (...) a mais valorizada é o incentivo à leitura de livros adequados à idade dos respectivos filhos/educandos (...) e a menos valorizada é a promoção de sites na Internet sobre a leitura em geral, resultado (...) que poderá traduzir um ainda reduzido acesso à recente utilização das TIC em programas de promoção da leitura” (p. 214).*

Um dado a destacar acerca do posicionamento sobre as bibliotecas escolares e as da rede de leitura pública relativo à frequência destas por parte dos filhos/educandos, os resultados indicam uma utilização cumulativa das bibliotecas (escolares e municipais). A justificação da não frequência destas bibliotecas verifica-se: relativamente às BE, no Grupo alargado, a idade (precoce) dos filhos surge como razão mais apontada, ao invés do Grupo restrito que afirma que é ter outras formas de aceder a livros. No que toca às bibliotecas municipais, é para ambos os

---

<sup>9</sup> Devido à diversidade de situações da população inquirida, para efeitos de análise, os investigadores construíram dois grupos: grupo alargado (pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) e grupo restrito (encarregados de educação que têm a seu cargo pelo menos um educando a frequentar um grau de ensino entre o 1º ciclo do ensino básico e o secundário).

grupos, o facto de ter outras maneiras de aceder a livros. A avaliação em relação à forma como as bibliotecas podem estimular a leitura dos filhos/educandos, os resultados manifestam que os pais atribuem um elevado grau de importância, nomeadamente, a preocupação de adequação à idade, de satisfação do interesse pessoal e de apoio para desenvolver projectos escolares.

O estudo sobre os *Estudantes e a leitura* conclui,

*“Os resultados do inquérito ao 1º ciclo trazem-nos um retrato de equilíbrio das novas gerações, que hoje tem entre 6-10 anos. As crianças portuguesas têm, e gostam de ter actividades muito diversificadas, combinando o físico e o intelectual, o real e o virtual de modo bem distribuído. Estamos perante pessoas mais interessadas em experimentar tudo o que tem à sua disposição do que em excluir recursos, nomeadamente quando se trata de comunicar ou de adquirir informação. De um modo geral, podemos dizer que ler é uma actividade bem cotada no quadro de actividades relevantes e agradáveis dos estudantes do 1º ciclo, sendo incluída no podium das actividades preferidas. (...) O resultado que se torna claro quando se observa que 61% das crianças do 3º e 4º ano confessam que gostam muito de ler” (Lages, et al., 2007).*

Neste como noutros estudos constata-se na grande maioria, que as raparigas lêem e gostam mais de ler que os rapazes e que o nível socioeconómico e o maior grau de instrução dos agregados familiares demonstram mais interesse pela leitura. Constata-se que *“seis em dez histórias mais conhecidas pelos alunos do 1º ciclo são, sobretudo, conhecidas no formato audiovisual, ainda que tenha também havido acesso a elas através do ouvir contar ou de as ter lido em livro”* (Lages, et al., 2007, pp. 360-361).

Isabel Alçada, então Comissária do Plano Nacional de Leitura escreve na Nota de abertura do estudo (Santos, Lima, & Carvalho, 2007),

*“Os hábitos de leitura de uma comunidade dependem de um conjunto complexo de factores. Em Portugal muitas circunstâncias têm concorrido para os alterar. A melhoria das condições económicas das famílias, medidas de política educativa e cultural como a escolarização progressiva e mais prolongada da população, o lançamento da rede de bibliotecas públicas, há vinte anos, e da rede de bibliotecas escolares, há dez, decerto contribuíram para alargar as possibilidades de acesso aos livros, revistas e jornais. E várias iniciativas públicas ou privadas visando estimular o encontro entre livros e leitores como feiras de livro, debates com autores ou comunidades de leitores têm vindo a obter efeitos positivos”.*

As bibliotecas públicas e escolares começaram a expandir-se por todo o território nacional, dotando municípios e escolas de infraestruturas que apoiam a comunidade escolar e a população em geral. As bibliotecas, entenda-se nas diversas tipologias, disponibilizam serviços de aprendizagem, fomentam o acesso à cultura geral, criam e desenvolvem hábitos de leitura atra-

vés de manifestações culturais diversas, promovem o acesso às novas tecnologias de informação, garantem assim, a disponibilização de livros e informação em suportes digitais, que permita aos cidadãos transformarem-se em pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação. Estimulando, assim, a formação individual e psicossocial transformando o indivíduo num cidadão autónomo e membro activo de uma sociedade, pois desta forma, se abre a porta ao desenvolvimento de práticas leiturais e procura de hábitos culturais. *“A biblioteca pública assume uma multiplicidade de papéis onde se deve destacar «o papel educacional, económico, o impacto na leitura e na literacia e o impacto na promoção de igualdade de acesso à informação, ideias e aos produtos da criação humana em geral»”* (Brasão, Domingos, & Santos, 2004, p. 130).

Como se lê no manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Públicas (1994),

*“A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação”.*

Formar leitores, criar e ajudar a desenvolver práticas de leitura através da descoberta de mais livros e mais leituras, de diversos contextos socioculturais, de diferentes épocas e variados géneros, de forma a permitir que, uma vez o hábito criado, o leitor se transforme num indivíduo mais crítico (Pereira & Calixto, 2010, p. 134). A biblioteca deve implementar actividades que tenham a leitura como objectivo central das suas acções, espaços e condições acessíveis a todos. Dinamizar e criar estratégias de inclusão, de comunicação, partilha e informação e nomeadamente, no acesso e uso dos serviços de informação. O ambiente digital, os computadores, o acesso à Internet, favorece a propagação e produção de conteúdos, acelerando a difusão da informação, contribuindo para a ampliação do conhecimento e do saber.

*“Uma biblioteca pública só poderá ser entendida, como tal se assumir como objectivos a educação, a informação, a cultura e o lazer, tiver como finalidade contribuir para assegurar a qualidade de vida e fomentar a vivência de uma sociedade democrática tornando acessíveis os registos da experiência humana e assim promovendo a livre circulação de ideias e de informação. (...) constituem componentes essenciais da infra-estrutura informacional, cultural, educacional da Sociedade em Rede e garantem o exercício do direito individual de acesso à informação”* (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2009).

Nesta perspectiva, novos desafios se colocam às bibliotecas numa sociedade onde prospera a informação a um ritmo avassalador,

*“As bibliotecas em rede estarão melhor preparadas para enfrentar estes desafios, avaliando, prevenindo, formando e criando/usando mecanismos que a Web e outros meios disponibilizam. O futuro depende da capacidade das instituições e dos indivíduos se organizarem em rede e de trabalharem em parceria na construção de novos saberes e de uma sociedade mais justa. A resposta das bibliotecas passa em grande parte: pela sua modernização tecnológica; por novas metodologias de trabalho com recurso aos instrumentos que a Web disponibiliza; por uma relação cada vez mais íntima da biblioteca com a actividade curricular dos alunos e dos professores. A biblioteca tem que ser, cada vez mais, a interface entre o interior e o exterior, a aprendizagem formal, a não formal e a informal, o local e o global, o individual e o colectivo, entre a informação e o conhecimento” (Carmo, 2009).*

Obter informação através do livre acesso às fontes e aos conteúdos gera conhecimento e saber. Neste sentido, as Bibliotecas públicas e escolares mais facilmente enfrentam estes desafios se criarem suportes, recursos e usufruírem dos mecanismos que a Web oferece, onde a introdução e desenvolvimento de novas formas de organização e acesso ao conhecimento, constitui uma prioridade. Instrumentos que permitem o trabalho em rede, alimentada pela difusão de informação estruturada e colaborativa.

A informação, indispensável à construção do conhecimento multiplica-se, assim como os suportes onde encontrá-la. *“É, neste ambiente, que as bibliotecas tradicionais, onde predominam os documentos impressos, vão dar lugar a espaços multifuncionais capazes de disponibilizar serviços e diferentes recursos documentais” (Afonso & Silva, 2009).* Um centro de recursos de aprendizagens que perspectivam a formação ao longo da vida, dotando os indivíduos de instrumentos que permitam um processo de ensino aprendizagem em capacidades e competências formativas e sociais.

O Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Escolares refere que sua missão é disponibilizar *“serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação. (...) É essencial a qualquer estratégia a longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento económico, social e cultural” (2006).*

E relativamente às suas funções, estas são várias:

*“informativa, fornece informação fidedigna de acesso rápido, instrumentos de recuperação e transferência da informação; educativa, proporciona condições individuais para a aprendizagem contínua ao longo da vida, capacidades de orientação no mundo da informação, na selecção e uso de documentos. Pro-*

*move a liberdade intelectual e cultural, melhora a qualidade de vida através da disponibilização das diferentes experiências estéticas. E a vertente recreativa, apoia e promove uma vida enriquecida e encoraja a ocupação dinâmica dos tempos livres através de informação, documentos e programas de valor recreativo e orientação no uso dos tempos de lazer” (Nunes, 2005).*

As bibliotecas escolares através dos seus serviços e sectores possibilitam oferecer às crianças instrumentos e ferramentas de formação/educação permanente que se prolonguem durante a sua vida de estudante e que se estendam às bibliotecas públicas enquanto formação ao longo da vida. *“A biblioteca escolar promove a literacia através do desenvolvimento e promoção da leitura como meio de aprendizagem e de lazer. A leitura e as actividades audiovisuais estimulam e reforçam o interesse da criança pela leitura”* (Internacional Association of School Librarianship, 1993). Actividades que aglutinem o livro e as novas tecnologias, leituras em diferentes suportes que os auxiliem no conhecimento, *“e sua utilização no sentido de localizar e avaliar informação para responder aos interesses e necessidades educativas e recreativas, bem como de capacidades para produzir registos e mensagens visuais, audiovisuais e electrónicas adequadas aos objectivos da comunicação”* (idem, ibidem). Condições que permitem a aquisição de competências para utilizar e gerir fontes de informação de forma autónoma e individual.

*“Todos os sistemas de educação devem também ser estimulados a alargar os contextos de aprendizagem à biblioteca escolar não os reduzindo ao professor e aos manuais”* (idem, ibidem). E a BE deve servir também de ponte entre a escola e a sociedade, e os bibliotecários escolares e equipa de trabalho reunir esforços de partilha e cooperação com recursos humanos e materiais das bibliotecas públicas e outros centros de informação, para que desta forma e em conjunto, contribuam para o desenvolvimento de hábitos e práticas de leitura duradouros. Espaços que devem estar permanentemente actualizados quer na informação e no acesso a essa mesma informação, acompanhando os tempos e as vontades, as tecnologias e inovações. *“As bibliotecas escolares do futuro serão instituições de informação dentro da escola e, como tal necessitarão, num grau cada vez maior, de mudar e de ajustarem o seu papel como catalisadoras na sociedade de informação”* (Hannesdóttir, 1995).

É importante lembrar que,

*“A educação e as bibliotecas escolares são fundamentais para desenvolver no indivíduo capacidades de adaptação à mudança. A biblioteca escolar é vital para o cumprimento da missão e dos objectivos educativos da escola e não sendo uma entidade isolada no seio da mesma, é da sua natureza o envolvimento no processo de ensino e aprendizagem, princípios que servem toda a comunidade educativa”* (Nunes, 2005).

Com refere o Relatório Estratégico para a Educação e a Pesquisa, (M.E. Finlandês) “A educação e a pesquisa são factores cruciais para a evolução de um país no sentido de uma sociedade da informação” e “a qualidade da educação, bem como um desenvolvimento equilibrado das capacidades de pesquisa básica e aplicada são pré-condições da inovação e da cidadania” (Cito Nunes, 2005).

Em suma, a comunicação de Lourense H. Das acerca das *Bibliotecas escolares no século XXI: à procura de um caminho* (2008), sintetiza o papel, funções e objectivos das Bibliotecas escolares numa sociedade em mudança:

*“A biblioteca escolar é mais do que uma sala com livros e serviços: é uma função na escola. (...) precisa de usar todas as novas tecnologias e de se antecipar face às novas concepções educacionais, tais como o e-learning e o m-learning. A biblioteca escolar não é apenas um centro de aprendizagem e conhecimento para os alunos, mas também o é para os professores, pessoal não docente, estruturas de gestão e, possivelmente, para os pais. Esta é o portal – físico e virtual – para todos os recursos e serviços”.*

A nova função da biblioteca pode descrever-se como,

*“uma «biblioteca escolar sem fronteiras», uma vez que possibilita acesso permanente, a partir de qualquer ponto.(...) A biblioteca escolar não só estimula, potencia e facilita mas também promove a aprendizagem. Nesta biblioteca, o conteúdo importa mais do que tudo! E isto não se consegue exclusivamente com livros e computadores. Esta biblioteca antecipa-se aos desenvolvimentos actuais e oferece numerosas possibilidades de cooperação com um vasto número de parceiros: escolas, bibliotecas públicas, museus, e outros, mas sempre tendo como ponto de partida a escola e o seu objectivo educativo. (...) É uma biblioteca onde a leitura é acarinhada e fomentada e o desenvolvimento da literacia da informação é vital. É uma biblioteca que evoluiu de “justa library” para um centro de aprendizagem e conhecimento que oferece a base para a aprendizagem ao longo da vida” (2008).*

O mesmo autor refere que actualmente existem várias razões que definem os novos princípios educacionais: o facto das necessidades individuais se tornarem importantes assim como o papel que as inovações tecnológicas desempenham na vida dos jovens. O crescente aumento do abandono escolar e a persistência nos problemas que afectam os jovens para continuarem com sucesso os seus estudos, a aquisição de competências de autonomia e pesquisa são outras razões.

As personalidades diferem de indivíduo para indivíduo assim como as suas características e ritmos de aprendizagem. Se falarmos no conceito tradicional de aprendizagem, onde as necessidades individuais eram descuradas, os novos princípios de aprendizagem implicam “uma aprendizagem construtivista, conhecimento baseado na aprendizagem, aprendizagem baseada

nos recursos, aprendizagem autêntica (...) incluem a aprendizagem individual e autónoma fora da sala de aula” (Das, 2008). O desenvolvimento tecnológico é permanentemente actualizado e aperfeiçoado, cujos sistemas evoluem incansavelmente, ritmo acompanhado pelos jovens pela dinâmica que oferecem, alterando comportamentos e atitudes, formas de estar e de ser.

Como refere Manuela Barreto Nunes (2008),

*“O novo paradigma das bibliotecas leva a que encaremos os utilizadores como actores, e não como destinatários passivos do processo da informação, acompanhando o novo paradigma da educação, que exige que os alunos sejam aprendizes activos e autónomos, preparando-se para um processo que lhes durará toda a vida. (...) E este é um dos aspectos em que a intervenção das bibliotecas escolares se torna fundamental: a ordenação do caos da Internet para uso das comunidades educativas. A constituição de portais, ou melhor, de plataformas de assuntos e repositórios de informação é uma tarefa urgente, que deve ser realizada em estreita colaboração entre bibliotecas e até recorrendo à colaboração das universidades e outras instituições de dinamização local ou nacional.”*

A biblioteca deve estar preparada para oferecer não apenas a informação registada na forma impressa, mas incluir a informação electrónica e a digital, nomeadamente a Internet, pela amplitude de recursos que representa e oferece. Contudo, outra ideia surge na sequência desta reflexão: à semelhança de vários países da Europa, a promoção da leitura é essencial para o desenvolvimento de competências dos cidadãos. Como refere Costa, Pegado & Ávila,

*“a informação escrita e a leitura dela impregnam o sistema de ensino, a cultura e a ciência, as actividades económicas e políticas, a comunicação mediática e interpessoal, o conjunto da vida quotidiana. As situações de leitura multiplicaram-se e surgem novos suportes. Isto é, a leitura e a escrita não se fazem apenas em suporte papel mas também em meios electrónicos. (...), a leitura se tornou uma prática multifacetada na sociedade contemporânea como a capacidade de leitura – a literacia – passou a constituir um recurso social indispensável a qualquer cidadão” (2008, p. 5).*

Os principais objectivos das bibliotecas escolares são fornecer e explorar informação organizada, a fim de contribuir para o enriquecimento do conhecimento de base de cada aluno e de forma individual, de os auxiliar na procura, utilização e manuseamento dessa informação em prol do seu futuro académico, profissional e pessoal.

O gosto pela leitura educa-se e necessita de tempo. É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética, uma educação estética que se faz através de processos comparativos, nos quais intervêm referências valorativas e qualitativas, exigindo uma pedagogia essencialmente experiencial onde o professor e o bibliotecário são fundamentais. As BP devem disponibilizar espaços e rever funções como estratégias de cap-

tação de públicos com diferentes gostos. Se são os jovens e estudantes que mais frequentam as bibliotecas, estes equipamentos são complementos indispensáveis da escola. Se os seus utilizadores a frequentam como resposta às suas necessidades escolares, de apoio ao estudo (muitas vezes compensando a falta de recursos em casa, democratizando o acesso à informação), esta deve também oferecer espaços e meios cada vez mais motivadores e actuais, com o objectivo de promover as práticas de leitura e o contacto com a arte e a cultura, o saber e o conhecimento.

## 2.4 - Competências de leitura: estudos PISA

Se até ao século XIX, a leitura era considerada um privilégio de uma minoria, actualmente, a necessidade de ler e escrever e consequente aprendizagem já não é apenas aconselhada, mas antes um requisito, uma capacidade imposta ao cidadão, contudo, um direito de todos.

*“A partir da década de 90, vulgarizou-se, no léxico da análise sobre as questões da leitura, o conceito de iliteracia, muitas vezes traduzido por analfabetismo funcional. Este conceito alberga não só um novo entendimento sobre o processo cognoscitivo do acto de ler, como reserva ao leitor um novo papel no processamento da informação. (...) Existe como que uma mudança de paradigma relativamente à definição do acto de ler, que se consubstancia na passagem da leitura como descodificação à leitura como compreensão. Isto implica uma visão mais complexa do acto de ler e do processo cognoscitivo que o sustenta, necessariamente mais lento e demorado na aquisição das competências que o constituem, e o reconhecimento do papel activo do leitor na compreensão enquanto acto de (re)construção do significado” (Prole, 2005, p. 1).*

“A Literacia em Portugal” foi o primeiro grande estudo<sup>10</sup> sobre a iliteracia efectuado em Portugal. O estudo incidiu sobre a população activa (15 e os 64 anos) e revelou que a taxa de analfabetismo funcional era de 79,4%, inquiridos que se situavam em níveis de literacia baixos ou muito baixos. No nível 0 situam-se 10,3% dos inquiridos, cujo posicionamento revela a incapacidade de resolver correctamente qualquer das tarefas e os níveis 1 (37%) e 2 (32,1%) englobam as maiores percentagens. Por fim 12, 7% da população localizavam-se no nível 3 e no nível 4 surge apenas 7,9%.

---

<sup>10</sup> Estudo foi coordenado por Ana Benavente, apoiado e editado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Conselho Nacional de Educação (1996).

Ana Benavente revela que na literacia “*não se trata de saber o que é que as pessoas aprenderam ou não, mas sim de saber o que é que, em situações da vida, as pessoas são capazes de usar. A literacia aparece, assim, definida como a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana*” (1995, p. 23).

Quatro anos mais tarde, a OCDE aplicou um estudo que abrangia público-alvo com as características do anterior e revelou que “*Cerca de 77 por cento da população adulta portuguesa apresenta níveis de literacia escrita baixos. Ler um texto simples de um jornal, saber analisá-lo ou interpretar um simples folheto médico de forma a saber que quantidade de medicamento tomar, podem tornar-se para estas pessoas tarefas muito difíceis*” (Sanches, 2000).

A definição de literacia da leitura, apresentada no relatório da OCDE (2001), conhecida através do GAVE (2001, p. 5) é a “*capacidade de cada indivíduo compreender, usar textos escritos e reflectir sobre eles, de modo atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade*”. A leitura é a chave do conhecimento e sem a compreensão leitura, o cidadão não consegue adaptar-se às novas realidades que se cruzam em todos os domínios necessários à vida quotidiana. Como refere Inês Sim-Sim,

*“Ler é hoje fundamentalmente aceder ao conhecimento através da reconstrução da informação contida no texto, o que implica uma íntima e permanente interacção entre o leitor e o texto. O leitor tornou-se um construtor do significado e a leitura transformou-se na grande porta de acesso ao poder do conhecimento. É esta a base do conceito de literacia plena, uma supracapacidade promotora de transformação pessoal e social”* (2004).

A noção de literacia enquanto compreensão, acesso ao sentido que se retira da informação, exige competências específicas que estão para além da mera descodificação, interpretação, mas assimilação e reflexão do seu significado. Definição que “*ultrapassa o conceito tradicional de leitura como simples descodificação e interpretação literal do escrito, alargando-se a tarefas mais específicas e complexas*” (cito PISA, 2001 in Prole, 2005).

Como acrescenta Prole, “*o acto de ler exige competências de leitura específicas e cuja complexidade ultrapassa a mera descodificação e interpretação linear; segunda: que a leitura implica necessariamente uma íntima e permanente interacção entre o leitor e o texto*” (2005).

O estudo internacional PISA (Project for International Assessment) tem como aspecto essencial avaliar competências que evidenciem o que os jovens de 15 anos sabem, valorizam e são capazes de fazer em contextos pessoais, sociais e globais. O primeiro ciclo do PISA (estudo que se realiza de 3 em 3 anos) que teve como principal domínio de avaliação a literacia em con-

texto de leitura ocorreu em 2000 e no nosso país, o estudo compreendeu 149 escolas desde o 5.º ao 11.º ano de escolaridade.

A cada vertente da literacia da leitura corresponde uma classificação a que foram definidos cinco níveis, e o nosso país destaca-se no nível 1 (tarefas menos complexas, como localizar uma única peça de informação e identificar o tema principal do texto) com 17%. Cerca de 10% dos portugueses não conseguiram atingir o nível 1, mostrando sérias dificuldades em usar a leitura como instrumento efectivo para a extensão de conhecimentos noutras áreas. Vinte e cinco por cento dos alunos situam-se no nível 2; no nível 3 encontram-se 27%; 17% no nível 4 e no nível 5 apenas 4% dos alunos. De forma apreensiva, constata-se que 52% dos alunos estão nos patamares inferiores, revelando níveis muito baixos de literacia de leitura. Alunos que *“são incapazes de relacionar segmentos de informação dispersos no texto, integrar diversas partes de um texto para identificar a ideia principal, estabelecer relações a propósito de um elemento do texto, ou comparar, explicar ou avaliar uma característica do texto. Compreender o texto graças a conhecimentos correntes”* PISA/OCDE, 2000 (citado por Prole, 2005, p. 10). O mesmo autor, refere ainda que,

*“Se acrescentarmos a estes dados os cerca de 8 a 9% de analfabetos puros e duros (cerca de 850 000 pessoas), o facto de Portugal ter a maior taxa de abandono escolar da Comunidade Europeia, só pouco mais de 20% dos nossos alunos concluírem o secundário e de 80% dos empresários portugueses terem no máximo o 9º Ano de escolaridade, percebemos que a situação é grave e que necessitaria de uma intervenção estratégica de fundo e politicamente sustentada”* (idem, ibidem).

Portugal enfrenta problemas nos domínios da leitura e da literacia, estando posicionada nos últimos lugares em comparação com os restantes países da OCDE, de acordo com estudos nacionais e internacionais. O Relatório da Avaliação Integrada das Escolas anuncia que 21% dos alunos que terminam a escolaridade obrigatória nas escolas avaliadas, não possuem o domínio das competências básicas para se expressarem oralmente e por escrito (Inspeção-Geral da Educação, 2001).

Tal como em 2000, o estudo de 2003 revela que os alunos portugueses mantem uma percentagem elevada nos níveis inferiores: 48% situam-se no nível de proficiência de leitura 2. A taxa de alfabetização situa-se nos 93,3 %, sendo a taxa dos homens 95,5 % e das mulheres em 91,3 %.

Como descreve Henrique Barreto Nunes (2005) *“Como se sabe temos razões históricas – em especial resultantes do analfabetismo e da situação política vivida durante 48 anos – que ajudam a explicar esta situação, que a iliteracia galopante torna ainda mais dramática, a que*

*acresce o abandono e o insucesso escolar que não tem sido possível combater com resultados estimulantes”.*

Dados de 2007, de acordo com a UNESCO, revela que em Portugal os valores da alfabetização de jovens e adultos (indivíduos com 15 e mais anos) apresentam uma taxa de alfabetismo de 94,9%. A população analfabeta portuguesa ronda os 459.000 indivíduos, 68% dos quais mulheres (2012).

De acordo com o PISA 2009, Portugal é o quarto país que mais progrediu em leitura, sendo também o país com maior percentagem de alunos de famílias economicamente desfavorecidas que atingem excelentes níveis de desempenho, em leitura. No estudo anterior, os alunos portugueses obtiveram 489 pontos em literacia de leitura, estando em 2009, situado pela primeira vez na média da OCDE. Em 2000, Portugal era o 25º país da OCDE, em 27 países. Em 2009 é o 17º país num total de 33, aumentando a percentagem de alunos com desempenhos positivos (Serrão, Ferreira, & Sousa, 2010).

O PISA 2010 define literacia de leitura como a *“capacidade do indivíduo para compreender, usar, reflectir sobre e apropriar-se de textos escritos, de forma a alcançar os seus objectivos, desenvolver o próprio conhecimento e potencial e participar na sociedade”* (2010). Apesar das alterações significativas, verificamos que no seio da população portuguesa e dos alunos em particular existe ainda *“um número considerável de pessoas [que] vai perdendo literacias adquiridas aquando da sua formação inicial por falta de aplicação das mesmas ou de actualização”* (Carvalhais, 2010).

## **2.5 - Plano Nacional de Leitura**

Portugal apresenta problemas na área da educação que se verificam nas taxas significativas de abandono e insucesso escolar, apesar do aumento de escolaridade obrigatória. As competências de literacia dos alunos portugueses situam-se, actualmente, na média dos países da OCDE, lê-se mais e utilizam-se com mais frequência as bibliotecas e equipamentos culturais. Contudo, no que respeita a estudos relacionados com a leitura, Portugal surge na cauda da Europa. Apesar do sistema educativo público ser obrigatório, gratuito e universal, é necessário a implementação de uma

*“política educativa centrada na escola e capaz de mobilizar os múltiplos actores sociais e instituições a nível local é essencial para responder ao desafio central de aumentar os níveis de qualificação e a qualidade do sistema público de educação e, por consequência, das aprendizagens e das competências da população portuguesa. É a formação sustentada de capital humano, objectivo central das políticas públicas de educação, que poderá criar as condições estruturais que permitam à economia portuguesa crescer de forma sustentada e compatibilizar a criação de riqueza com a redução das desigualdades socioeconómicas” (Rodrigues, 2008).*

Uma política educativa em que as acções a implementar devem ser baseadas nas necessidades primárias dos indivíduos, onde a leitura e a escrita são cruciais e direitos consagrados ao pleno exercício da cidadania na actual sociedade. A leitura deve ser encarada como *“un derecho; no es un lujo, ni una obligación. No es un lujo de elites que pueda asociarse con el placer y la recreación, ni es una obligación impuesta por la escuela. Es un derecho que, además, permite un ejercicio mayor de la democracia y por consiguiente el cumplimiento de otros derechos”* Emilia Ferreiro (citado por Castrillón, 2006).

Por conseguinte, a formação de leitores é tarefa indispensável de qualquer estado ou nação, família ou escola. Uma verdadeira democracia necessita de cidadãos (in)formados, críticos e reflexivos, que tenham acesso à cultura escrita. Projecto, planos políticos e culturais que envolvam a sociedade civil, a comunidade, que facilitem a integração do indivíduo, através de acções que permitam a aquisição de aprendizagens e desenvolvimento de competências. Possível através da leitura e da escrita, necessidades básicas, mas actos que devem ser voluntários, gratificantes e que gerem prazer e entretenimento. E de que forma acontece? Ter à disposição um conjunto de infraestruturas, condições e ambientes de aprendizagem, aceder à informação, saber usá-la, tratá-la e difundi-la, aperfeiçoar capacidades e competências. Uma política nacional de leitura com a participação das pessoas, instituições, empresas, governos que apostem na importância do livro e da leitura no desenvolvimento, na evolução e progresso da sociedade e do país.

*“Las políticas de lectura no tienen una receta acabada, pero de todas maneras, se hace necesaria la constitución de una red de acciones asumidas colectivamente en cada comunidad, con decisiones concertadas interinstitucionalmente, que acojan las iniciativas y proyectos para apoyarlos y expandirlos hasta que las prácticas se tornen habituales en la experiencia de cada sujeto ciudadano”* (Yunes, 2005).

Maria de Lourdes Rodrigues descreve que a evolução no ensino em Portugal apresenta melhorias, contudo, muitos alunos apresentam percentagens elevadas de insucesso e baixas competências na leitura.

*“ [no] 1º Ciclo regista-se uma melhoria, mais acentuada e consistente a partir de 2002/03. (...) o 2º ano de escolaridade apresenta-se com percentagens muito elevadas de insucesso, decorrente sobretudo do défice de competências na leitura. Uma percentagem demasiado elevada de crianças não atinge os níveis de competência estabelecidos, iniciando, aos 7 anos de idade, um caminho de repetência e de insucesso que comprometerá irreversivelmente o seu percurso escolar. Iniciativas como o Plano Nacional de Leitura, o Programa Mais Sucesso e o Programa de Formação Contínua de Professores do 1º Ciclo em Português e a generalização das provas de aferição em Matemática e Língua Portuguesa que tem focalizado a sua atenção neste problema – certamente que permitirão intervir com mais eficácia” (Rodrigues, 2010, p. 70).*

O Plano Nacional de Leitura (PNL), implementado desde o ano lectivo de 2006/2007 é uma iniciativa da responsabilidade do Ministério da Educação em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares e constitui-se como uma prioridade política, procurando dar resposta aos níveis de iliteracia da população em geral e dos jovens em particular. O PNL tem como grandes objectivos, o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita e a criação de hábitos de leitura nos alunos. Estimular o prazer de ler nas crianças e nos jovens, intensificando o contacto precoce com os livros e a leitura na escola, designadamente nas salas de aula e nas bibliotecas escolares. O público-alvo prioritário são as crianças que frequentam o ensino pré-escolar e os alunos dos 1.º e 2.º ciclo, no entanto, prolonga-se aos restantes níveis de ensino e ao público não escolar.

A avaliação efectuada sobre o impacto do 1º ano do PNL, na mudança de hábitos de leitura foi considerada positiva, principalmente a adesão das escolas e autarquias. O estudo revela que 83% das escolas consideram que o PNL é positivo para reforçar a promoção da leitura, nomeadamente na sala de aula. Aspecto relevante e significativo é o facto da adesão às actividades pelos alunos ser avaliada como *forte ou muito forte* nos diversos níveis de ensino. As actividades elaboradas foram consideradas *muito favoráveis* ao fomento das práticas de leitura dos estudantes, indicando que, em cerca de 70%, os professores notaram progressos no domínio da leitura. O resultado manifesta mudanças positivas, *“pois o leitor português está mais à vontade com os livros, os jornais e as revistas, mas ainda é pouco exigente”*, como refere Maria de Lurdes Santos (LUSA, 2007). A então comissária do PNL, Isabel Alçada, afirmou que houve uma evolução positiva e que este estudo servirá para o PNL tomar decisões mais concretas sobre os incentivos à leitura. Na sua avaliação, as bibliotecas públicas são os grandes motores para o incentivo desta prática (idem, ibidem).

O Plano está envolto em três áreas: educação, cultura e comunicação social face aos objectivos e acções programadas. Os principais produtos do PNL, passaram pela criação de uma

marca, logótipo LER+, pela criação de um sítio electrónico do PNL (instrumento de divulgação e informação actualizada para todos os envolvidos na promoção da leitura, professores, bibliotecários, famílias para além da disponibilização de um conjunto de ferramentas para a promoção da leitura, orientações para a leitura em contexto escolar e familiar, listas de obras recomendadas segundo o nível de escolaridade e grau de dificuldade) e outro *Clube de Leituras* (Universidade Nova de Lisboa) que tem como objectivo a criação de uma comunidade de leitores.

O PNL nas escolas tem como actividade mais estruturante e contínua, a leitura orientada em sala de aula. De forma, a promover a leitura, esta actividade consiste na atribuição de um tempo específico para a leitura, diário ou semanal, conforme o nível de escolaridade: jardins-de-infância, escolas do 1.º, 2.º ciclo, onde se privilegia o contacto directo dos alunos com os livros. Esse contacto é assegurado pela existência de um número de exemplares do mesmo livro (pelo menos um cada dois alunos) para acompanhar as actividades de leitura. Outro objectivo está relacionado com o reforço orçamental das escolas pelo Ministério da educação e outras entidades para equipar as escolas e/ou bibliotecas com esse conjunto de livros.

De acordo com a avaliação externa do 2.º ano do PNL, através de um inquérito on-line às escolas, focado na execução dos programas, nas atitudes do público abrangido e nos impactes do Plano, conclui que é visível o aumento do interesse e gosto pela leitura dos alunos do pré-escolar e do 1.º e 2.º ciclo, apresentando melhorias nas competências e resultados. Verifica-se igualmente, o aumento das práticas de leitura destes alunos e da frequência da utilização de bibliotecas, assim como, das actividades de promoção da leitura nas escolas. Relativamente, à leitura orientada em sala de aula, a quase totalidade de agrupamentos e das escolas desenvolveu acções como se verifica no pré-escolar, (82,4%) no 1.º ciclo (98,3%), 2.º ciclo (98,4%) e no 3.º ciclo (83,3%). A participação nas iniciativas promovidas pelo PNL e a importância atribuída às bibliotecas escolares para o desenvolvimento das actividades do PNL nas escolas são factores assinalados (Ministério da Educação, 2008).

As razões de adesão de educadores e professores ao Plano são várias, entre as quais destacamos o facto das actividades propostas serem coerentes com as orientações curriculares do Ministério da Educação para a leitura nos tempos lectivos; destas actividades serem exequíveis e irem ao encontro de práticas já desenvolvidas em muitas escolas; a existência de listas de obras recomendadas, que funcionam como referências e orientações para o trabalho a desenvolver e a possibilidade de ser atribuídas às escolas uma verba destinada à aquisição dos livros escolhidos (Costa, Pegado, & Ávila, 2008, p. 22).

Diversas actividades foram promovidas e realizadas nas escolas, nomeadamente a *Semana da Leitura* e outras como dramatizações e espectáculos, encontros com escritores e ilus-

tradores ou feiras do livro. As escolas também participaram em concursos e passatempos de leitura lançados pelo PNL.

O PNL nas Bibliotecas públicas é destacado pela continuidade e reforço de actividades de promoção da leitura (anteriormente pela Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas) e agora integradas no Plano, *“O programa de Acções de Promoção da Leitura”* dirigidos a mediadores e públicos-alvo diversos (foram realizadas em Bibliotecas, cerca de 650 acções). Reforçadas e desenvolvidas também as acções de formação sobre promoção de leitura dirigidas a professores. *“Porém, tem havido alguma dificuldade na concretização destas acções, designadamente pelo reduzido número de inscrições e elevada taxa de desistência, a que não é alheio o facto de estas decorrerem fora do horário laboral”* (p. 23). De acrescentar, que a visibilidade do PNL nas bibliotecas públicas não é tão forte como nas escolas.

O PNL nas famílias integra uma vertente de promoção da leitura em contexto familiar, promovidas essencialmente a partir das escolas de forma de *“incentivar a participação dos pais como agentes fundamentais no processo de desenvolvimento de competências de leitura e do gosto pela leitura por parte dos alunos”* (p. 24). As acções dirigidas aos pais foram ainda restritas com apenas 5 grupos de pais/encarregados de educação, paralelamente as estas, foram realizadas acções de formação de formadores, dirigidas a docentes do pré-escolar, 1º e 2º ciclo e animadores de bibliotecas.

Neste estudo, quando à auscultação de vários actores sociais ligados à promoção da leitura, *“é consensual a opinião de que a criação do PNL constitui uma iniciativa muito pertinente, necessária e urgente no nosso país, encarada de forma muito positiva, dados os baixos níveis de literacia e os relativamente fracos hábitos de leitura da população portuguesa, que no entanto, reconhecem alguns, tem vindo a ser objecto de melhoria nos últimos anos”* (p. 59). Alguns dos inquiridos declaram que se lê mais hoje do que há uns anos atrás, o que pode ser justificado pela venda de livros de ano para ano, assim como o aumento das qualificações escolares da população.

Numa primeira fase, as actividades dirigiram-se às crianças em idade pré-escolar, 1º e 2º ciclo do ensino básico sendo considerada acertada, pois partilham da opinião que a aposta na promoção da leitura deve começar tão cedo quanto possível. Referem ainda que o PNL veio dar atenção particular ao 1º ciclo, que consideram *“central no desenvolvimento dos hábitos de leitura”* e que estes ciclos *“constituem igualmente uma estratégia para chegar às famílias, mais presentes na vida escolar das crianças nesta fase do seu percurso educativo”* (p. 61).

É saudada, por parte dos representantes ligados ao ensino, de editores e livreiros, a criação de lista de livros recomendados. O PNL surge também como um elo de ligação entre os dife-

rentes actores envolvidos na promoção da leitura e entre as diversas actividades que se realizam, nomeadamente, na relação entre bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. *“O PNL terá dado fortes contributos para a dinamização de bibliotecas escolares, mas que ainda é necessário percorrer um caminho mais longo no caso das bibliotecas públicas”* (p. 63).

E como refere Costa *et al.*, (2009, p. 10) *“O segundo e o terceiro ano foram marcados pela continuidade dos programas nucleares que o constituem desde o seu início, mas igualmente pela concepção e execução de novas actividades, que se traduzem no alargamento a novos públicos e no envolvimento de novos actores na prossecução do objectivo de promoção da leitura”*.

De acordo com a avaliação do Plano Nacional de Leitura: os primeiros cinco anos, os autores constatam que um dos aspectos mais relevantes ao longo destes anos se traduz na implementação de actividades regulares e consistentes de leitura orientada em ambiente sala de aula nas escolas do 1º ciclo do ensino básico (Costa *et al.*, 2011).

O PNL tem uma duração temporal de 10 anos, implementada para a criação de hábitos de leitura nos alunos e combater a taxa de iliteracia da população, nomeadamente, a dos mais jovens e ampliar a escala dos processos de promoção da leitura na sociedade portuguesa.

## Capítulo 3 – A Leitura no Brasil e Espanha

---

### 3.1 - Brasil: Literacia/Alfabetismo

*“Com a implantação da indústria editorial no Brasil no século XIX, foram implantadas as políticas públicas voltadas para o livro. (...) A falta de continuidade dessas políticas e o pouco envolvimento da sociedade civil e demais atores sociais contribuíram para que o país chegasse ao século XXI com uma média de leitura por ano de 1,9 livro e em pesquisa mais recente, a 4,7 livros (incluindo a bíblia e os livros didáticos) (AMORIM, 2008) ” (Cito Flávia Rosa in Neto, 2010, p.170).*

Em 1900 a taxa de analfabetismo no Brasil era de 65,3%, valor que diminuiu para 13,6% em 2000. Percentagem que se traduz em 14 milhões de analfabetos absolutos e 29,5 milhões de analfabetos funcionais, *“Além disso, 42,7% dos analfabetos já tinham frequentado a escola em algum momento de suas vidas”* (Ministério da Educação do Brasil, n. d.).

Exames nacionais e internacionais promovidos pela OCDE constataam que os estudantes brasileiros não passam dos últimos e penúltimos lugares, entre os restantes países.

O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) revela os níveis de alfabetismo funcional<sup>11</sup> da população brasileira adulta. O principal objectivo é oferecer informações qualificadas sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade. Estudo que permite *“fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para o monitoramento do desempenho das mesmas”* (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, n. d.).

---

<sup>11</sup> O Inaf define quatro níveis de alfabetismo (2012),  
“ANALFABETOS FUNCIONAIS:

**Analfabetos:** não conseguem realizar nem mesmo tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).

**Alfabetizados em nível rudimentar:** localizam uma informação explícita em textos curtos e familiares (como, por exemplo, um anúncio ou pequena carta), lêem e escrevem números usuais e realizam operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias.

FUNCIONALMENTE ALFABETIZADOS:

**Alfabetizados em nível básico:** lêem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo com pequenas inferências, lêem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade.

**Alfabetizados em Nível pleno:** pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos usuais: lêem textos mais longos, analisam e relacionam suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem facto de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planeamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.”

Assim, em 2001, 2003 e 2005 foram medidas as habilidades de leitura e escrita e partir de 2007, a pesquisa realiza-se de dois em dois anos, divulgando desta forma, a evolução dos índices respectivos.

Os primeiros dados de 2001 revelam que 9% da população brasileira, na faixa de 15 a 64 anos são analfabetas. As pessoas alfabetizadas, por sua vez, foram classificadas em três níveis: *“31% da população estudada foi classificada no nível 1 (rudimentar) de alfabetismo, ou seja, consegue retirar uma informação explícita apenas em textos muito curtos; 34% no nível 2 (básico), que consegue também localizar uma informação não explícita em textos de maior extensão; e 26% no nível 3 (pleno) de alfabetismo, que é capaz de ler textos mais longos, localizar mais de uma informação e estabelecer relações entre diversos elementos do texto”*. Assinala ainda que 37% dos brasileiros não lêem no trabalho e 41% deles não escrevem nada. As mulheres obtiveram melhor desempenho no teste aplicado comparativamente aos homens (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, 2001).

Em 2003, a pesquisa indica que apenas 25% dos brasileiros demonstram domínio pleno das habilidades testadas (leitura e escrita). Contudo, oito por cento dos brasileiros encontram-se na condição de analfabetismo absoluto e 37% conseguem localizar uma informação em textos curtos. O estudo revela ainda que *“A escolaridade reafirma-se como principal fator de promoção das habilidades e práticas de leitura da população. Os resultados (...) não são surpreendentes se considerarmos que 60% da população estudada não têm a escolaridade mínima obrigatória de 8 anos e que a educação básica<sup>12</sup> é privilégio de apenas 20%”* (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, 2003).

Dois anos depois verifica-se que 26% da população brasileira na faixa de 15 a 64 anos de idade são plenamente alfabetizados, destes, 53% são mulheres e 47%, homens (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa).

*“Apesar de não ter sido a leitura o foco da avaliação, o PISA-2006, ao medir o letramento em leitura (...) são identificados com número maior de estudantes no nível 1 ou abaixo dele (...) destaca-se ainda mais o desempenho insatisfatório dos alunos brasileiros, próximos do final da educação básica, revelando que necessitam desenvolver diversas habilidades para enfrentar os desafios do conhecimento nas complexas sociedades contemporâneas. (...) O ranking brasileiro continua sendo o mesmo daqueles países cuja vulnerabilidade socioeconômica explica em muitos aspectos a situação revelada pelos dados”* (Neto, 2010, pp. 39-40).

---

<sup>12</sup>Entende-se por educação básica, o ensino fundamental + ensino médio. O ensino fundamental é obrigatório para crianças e jovens com idade entre 6 e 14 anos (9 anos) e o ensino médio é a etapa final da educação básica e prepara o jovem para a entrada na faculdade (duração mínima de três anos), (Presidência da República, 1996).

O balanço dos cinco anos anuncia que a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente. Contudo, o INAF revela que *“este aumento da escolaridade ainda não garante resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. Com efeito, o desempenho dos brasileiros entre 15 e 64 anos mostra uma tendência de melhora tanto em letramento quanto em numeramento, mas em ritmo inferior ao da própria escolarização”* (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, n. d.).

*“Como é possível aprender outras disciplinas com a leitura deficiente? A propaganda oficial garante que 97% das crianças de sete a 14 anos estão na escola. Devia ser 100%, como manda a Constituição. Tudo bem, mas e a qualidade? Ao lado dos analfabetos e da escola pública precária, está o preço elevado do livro, porque as tiragens são pequenas. Há ainda a comissão das livrarias.” (...)* Finalmente, há o sub-emprego, os salários baixos, o desemprego que não permitem nem aquisição de comida, quanto mais de livros, revistas e jornais! E o poder público não supre, como devia, a população com bibliotecas públicas. Escolas precárias e escassez de livros não levarão o Brasil a lugar nenhum” (Rodriguez, 2010).

Em 2007, este estudo anuncia a diminuição de analfabetos absolutos e no nível rudimentar de alfabetismo e o aumento sólido nos níveis básico e pleno. *“Esta evolução pode ser associada à crescente escolarização da população brasileira, que aumentou significativamente nas últimas décadas. A parcela de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos frequentando a escola, por exemplo, praticamente se universalizou, graças ao maior acesso e permanência na escola”* (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, 2007).

Os dados consolidados do período de 2001 a 2007 confirmam que quanto maior o nível de escolaridade, maior a possibilidade do indivíduo atingir bons níveis de alfabetismo.

Os resultados de 2009 divulgam importantes avanços no alfabetismo funcional dos brasileiros: redução dos analfabetos absolutos *“acompanhada por uma queda ainda mais expressiva, de cinco pontos percentuais no nível rudimentar amplia consideravelmente a proporção de brasileiros adultos classificados como funcionalmente alfabetizados. O nível básico continua apresentando um contínuo crescimento, passando de 34% em 2001-2002 para 46% em 2009. O nível pleno de alfabetismo não mostra crescimento”* (Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, 2009).

Na última década, a evolução do alfabetismo funcional constata que *“o percentual da população alfabetizada funcionalmente foi de 61% em 2001 para 73% em 2011, mas apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática”* (2012).

### 3.1.1 - Hábitos de leitura

*“Segundo estudo da Unesco (FIORE,1998), o preço do livro e o acesso ao mesmo ocupam respectivamente a terceira e a quarta posição em uma lista de cinco fatores críticos para o estabelecimento do hábito de leitura de uma pessoa ou povo, sendo o primeiro e segundo lugares ter nascido em uma família de leitores e estudado em um sistema escolar preocupado com o hábito da leitura” (Paiva, 2008).*

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, efectuada em Janeiro de 2001<sup>13</sup> revela os hábitos de leitura dos brasileiros, cujo universo incide sobre indivíduos com pelo menos três anos de escolaridade e com 14 ou mais anos de idade. O estudo afirma que 61% dos brasileiros adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contacto com livros: 6,5 milhões de pessoas das camadas mais pobres da população dizem não ter nenhuma condição de adquirir um livro; 73% dos livros estão concentrados em apenas 16% da população brasileira (2006).

*“Para elevar o nível de escolaridade da população, melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis, reduzir as desigualdades sociais e regionais em relação à educação pública e democratizar a gestão do ensino público”, o Brasil criou em 2001, o Plano Nacional de Educação (Governo Federal do Brasil, 2001). O PNE também promove a campanha Mobilização Social pela Educação, para que os diversos segmentos sociais alcancem o sucesso e a permanência do aluno na escola. “Este Plano foi um documento, que consolidava os intensos debates ocorridos nos anos 1920 e 1930 sobre o sistema educacional brasileiro, que tinha como objetivo ampliar o acesso da população à educação, definir as responsabilidades do governo - estados e municípios – em assuntos educacionais, inclusive propor currículos e métodos de ensino. Enfim, dotar o país de uma política nacional de educação, até então inexistente” (Flávia Rosa in Neto, 2010, p. 170).*

O balanço do Plano (2001-2010) revela que as metas estão longe de serem cumpridas *“sem verba definida, não dá para cobrar ações dos governos municipais e estaduais”,* argumenta Mozart Neves Ramos, membro do CNE.

Os resultados considerados mais relevantes para esta análise, referem que,

*“Em 2008, 2,4% dos brasileiros de 7 a 14 anos ainda estavam fora da escola, uma queda de 1,1% em relação aos dados de 2001, o que indica que 680 mil crianças não estudam. (...) Entre 2001 e 2007, 10,9 milhões de pessoas fizeram parte de turmas de Educação de Jovens e Adultos, (...) representa apenas um terço dos mais de 29 milhões de pessoas que não chegaram à 4ª série e seriam o público-alvo dessa faixa de ensino. No que diz respeito ao abandono, os resul-*

---

<sup>13</sup> Realizado pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), Snel (Sindicato Nacional dos Editores de Livros) e Abrelivros (Associação Brasileira de Editores de Livros), com apoio da Bracelpa (Associação Brasileira de Celulose e Papel), realizada em 2000/2001, pelo Instituto A. Franceschini Análise de Mercado, de São Paulo.

*tados são bons (...). Mas a reprovação, por sua vez, aumentou de 11 para 12,1%. (...) Entre 2001 e 2008, a taxa de analfabetismo caiu apenas de 13% (...) para 10% (...)” (Moço, 2011).*

Em 2003 foi promulgada a Lei n.º 10.753, de 30 de Outubro de 2003 que institui a Política Nacional do Livro mediante várias diretrizes gerais, entre as quais destacamos:

*“I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;  
II - o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;  
III - fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;  
V - promover e incentivar o hábito da leitura; (...)  
X - instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro.”*

No capítulo IV da Difusão do livro, salientamos:

*“I - criar parcerias, públicas ou privadas, para o desenvolvimento de programas de incentivo à leitura, com a participação de entidades públicas e privadas;  
II - estimular a criação e execução de projetos voltados para o estímulo e a consolidação do hábito de leitura, mediante:  
a) revisão e ampliação do processo de alfabetização e leitura de textos de literatura nas escolas;  
b) introdução da hora de leitura diária nas escolas;  
c) exigência pelos sistemas de ensino, para efeito de autorização de escolas, de acervo mínimo de livros para as bibliotecas escolares” (Presidência da República, 2003).*

Uma lei que estabelece bases para uma política duradoura para o livro e a leitura.

A 13 de Março de 2006 foi lançado o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) que se estabelece *“um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (...) e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro”* (Ministério da Cultura do Brasil). A finalidade deste plano *“é assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional”* (2005).

A segunda edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007), este ano com maior abrangência territorial (na edição anterior o universo de estudo incidiu sobre 49% da população e em 2007 em 92%) anuncia que 55% da população leu pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Metade desta amostra leu livros indicados pelas escolas (incluindo os didáticos) e 6,9 milhões

estavam a ler a Bíblia. O número de livros comprados por ano foi de 1,2 livros por habitante/ano (excluídos os habitantes com menos de 5 anos) e os entre compradores, a média foi de 5,4 livros adquiridos por ano (este número de livros cresce conforme rendimento e escolaridade). Dados acerca da leitura revelam que o número de livros indicados pela escola (incluindo os didáticos) é de 3,4 livros lidos por habitante/ano e os lidos fora da escola é de 1,3.

Resultados que se assemelham a outros estudos referem que as mulheres lêem mais que os homens. Constata-se que as crianças e jovens lêem mais que os adultos, valor que cresce com o aumento da escolaridade. Outro dado indica que quem está na escola lê mais (7,2 livros em geral em comparação com os 3,4 não estudantes) e que a prática de leitura cresce na proporção do rendimento familiar.

*“Quem nasce em uma família de pais leitores, quem é apresentado ao livro por bons professores, quem experimenta o prazer de um livro bem lido, o prazer e o deleite estético de um belo texto, sabe da importância da leitura para a plena realização da nossa humanidade. Sabemos que a família é, de fato, o lugar por excelência para a formação de novos leitores. Depois da família, vem a escola, a necessidade de bons professores, que saibam abrir a porta para o mundo encantado da leitura e desenvolvam o hábito da leitura entre seus alunos, despertando a curiosidade intelectual desde as mais tenras idades e valorizando o livro como um tesouro. O terceiro ambiente é a biblioteca, um suporte acessível para ampliar o acesso aos livros. Por isso, os princípios norteadores do PNLL levam em conta a necessidade de desenvolver a leitura nas casas e nos núcleos familiares”* (Juca Ferreira in Neto, 2010, pp. 24-25).

Constata-se que a média nacional de leitura (entre a população acima de 5 anos) ficou em 4,7 livros por ano. A maior parte, no entanto, está ligada à escola e à distribuição de obras didáticas pelo governo (Metade dos brasileiros não tem hábito de leitura, 2008). O estudo comparativo entre 2000-2007 revelou que o índice de leitura cresceu no país. *“Parece-me que estamos diante de um fenômeno de mobilização social em que o livro começa a ser incorporado como instrumento importante”* (Ferreira, 2008).

No que respeita às bibliotecas públicas no Brasil, há cinco anos atrás, mais de mil municípios não possuíam este equipamento cultural e durante este período (2008), menos de um terço encontram-se nessa situação. Contudo, Juca Ferreira reforça: *“Mas ainda é pouco. É preciso mais e melhores bibliotecas, que atuem como verdadeiros centros culturais capazes de atrair não só o mesmo público, mas também aqueles que ainda não foram sensibilizados para o mundo da leitura”* (idem, ibidem).

José Castilho Marques Neto, Secretário Executivo do PNLL (2008) acrescenta,

*“Dos 55% da população brasileira considerada leitores pela pesquisa, 54% são estudantes e 70% tem formação escolar. (...) Outro fator indicativo da centrali-*

*dade da escola no processo de formação de leitores é a informação de que 3,4 livros lidos, num total de 4,7 são indicados pela escola. (...) Isso significa que a escola facilita o acesso ao livro mais do que qualquer outro equipamento cultural, inclusive as bibliotecas, e se afirma no Brasil como o local privilegiado de formação de leitores” (Neto, 2008).*

Refere ainda, que o PNLL assinala a necessidade de políticas que

*“ultrapassem o código da escrita alfabética e a mera capacidade de decifrar caracteres, percebendo-a como um processo complexo de compreensão e produção de sentidos, sujeito a variáveis diversas, de ordem social, psicológica, fisiológica, linguística e outras; uma perspectiva mecanicista da leitura, que pretende reduzir o ato de ler a mera reprodução do que está no texto, tem sido um dos mais graves obstáculos para o desenvolvimento da leitura e da escrita. A leitura configura um ato criativo de construção de sentidos, realizado pelos leitores a partir de um texto criado por outro(s) sujeito(s)” (2008).*

Papel que a escola deve assumir, ajudar a criar e a desenvolver, porque para além da tarefa de conquistar os não leitores (45%) deve proporcionar uma política de leitura para a *“construção dos sentidos”* e *“aí cabe ressaltar a importantíssima e estratégica aliança entre educação e cultura no desenvolvimento do trabalho de formação de leitores na escola”* (idem, ibidem).

O Levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) revela que os alunos *“quando estão na universidade, época em que a leitura é ainda mais exigida, quase 15% dos estudantes brasileiros não lêem sequer um livro por ano”* (Cunha, 2007).

Um estudo levado a cabo por Fecomércio do Rio de Janeiro, cujo objectivo é o de avaliar os hábitos de lazer relacionados com a cultura, constatou-se que entre Dezembro de 2007 e Dezembro de 2009 o hábito de leitura desceu: 60% das pessoas mencionaram que não têm o hábito de leitura e 22% disseram que não gostam de ler (Agencia Estado, 2010).

O Ministro de Estado da Cultura refere que o grande desafio dos brasileiros,

*“é fazer com que a experiência da leitura, ainda pouco vivenciada no cotidiano, seja um momento de prazer e fruição. No Brasil lê-se, em grande medida, por obrigação. (...) É preciso, portanto, desenvolver o gosto pela leitura desde a infância. E nós, do Ministério da Cultura (MinC), temos nos empenhado em estimular crianças, jovens, adultos e idosos a participar dessa viagem imaginativa proveniente da leitura. Mas sabemos que essa responsabilidade não é exclusiva do governo ou da comunidade escolar, mas deve ser compartilhada com a família e toda a sociedade civil”* (p. 24).

Em 2011, a terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil estima que os brasileiros lêem em média 1,3 livro por ano. Os que lêem livros (95 milhões de habitantes) é uma média bem mais baixa quando comparada com outros países, como os Estados Unidos da América, em que se lêem 10 livros anualmente.

*“O índice de leitores passou de 55% em 2007 para 50% em 2011 e assim como nas edições anteriores, a pesquisa confirma as principais correlações com a leitura: escolaridade, classe social e ambiente familiar. Quanto mais escolarizado ou mais rico é o entrevistado, maior é a penetração da leitura e a média de livros lidos nos últimos três meses” (Instituto Pró-livro, 2012).*

Dados recentes, de acordo com uma pesquisa efectuada pelo Instituto Mapear para a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, com 4 mil estudantes e 1,2 mil responsáveis concluiu *“que 14% dos alunos declararam não ter lido nenhum livro nos últimos cinco anos. Entre os que não leram nada, 17% residiam no interior e 12% na região metropolitana. Um livro foi lido no período por 11% dos estudantes; dois ou três livros por 26% e quatro ou cinco livros por 17%. Entre os alunos que leram mais que um livro em média nos últimos cinco anos, a pesquisa registrou que 14% leram entre seis e dez livros, 8% entre 11 e 20 e 10% leram mais que 20 livros em cinco anos” (Yunes, 2012).*

*“Há quem diga, por exemplo, que não se pode estipular uma hora única e obrigatória para ler. Isto porque, de acordo com esses argumentos, os livros devem estar presentes durante todo o período escolar e em todas as disciplinas, e não haver uma só matéria para a leitura. Na essência, está absolutamente correto. Só que na vida real não é bem assim que as coisas acontecem.*

*A grande preocupação desses adeptos de maior presença da leitura de literatura na educação brasileira é que, por ausência de políticas mais claras nesse sentido, milhares de escolas brasileiras ainda mantêm suas portas fechadas para os livros em geral. A única exceção, naturalmente, fica por conta dos livros didáticos, que são distribuídos gratuitamente pelo governo e costumam ancorar os projetos pedagógicos e as próprias aulas nas diferentes redes de ensino. (...) Afinal, a leitura tem papel fundamental na formação do ser humano. A capacidade de ler, compreender e processar as informações de um texto é adquirida de uma maneira: lendo. Proporcionar o aprendizado dessa atividade com prazer depende de todos nós – começa na família, em casa (as mães, por sinal, são vistas pelas crianças como aquelas pessoas que mais influenciam no gosto de ler)” (Amorim, 2010).*

A sociedade da informação e do conhecimento apresenta novos suportes de leitura, outras ferramentas tecnológicas que oferecem aos indivíduos novas formas de ler. Para que a aquisição e prolongamento dos hábitos de leitura da população aconteça, é necessário também, ter acesso a estes novos suportes, compreender as novas linguagens, mas fundamentalmente, saber usufruir de todas as suas potencialidades, essenciais ao desenvolvimento intelectual, social e cultural do cidadão. O mediador de leitura é peça chave na formação de leitores, sensibilizando e estimulando práticas de leitura, motivando o indivíduo na busca autónoma da informação e na procura do prazer e saber que o livro/leitura nos oferece.

*“O hábito e o gosto pela leitura se aprendem em casa e também na escola. (...) É fundamental, portanto, investir também em ações de mediação para a for-*

*mação de leitores, seja na escola, na biblioteca, seja trazendo também a família para esses projetos. Enfrentar esses desafios para transformar o Brasil em um país de leitores é tarefa de toda a sociedade. É preciso transformar esse desejo em políticas públicas” (Jorge Yunes in Neto, 2010, p. 203).*

Como refere Eliana Yunes (2012), *“Nós temos poucos mediadores aptos a entrar neste diálogo, nestes suportes, nestas novas linguagens e que tragam uma herança cultural vastíssima” (...), sem uma mediação adequada “existe uma simplificação do uso da língua. Falta uma mediação que permita que esses meninos tenham acesso, mesmo via internet, a sites muito bons de poesia, de blogs, pequenas histórias, de museus, que discutem música, história”.*

O que se pretende é que os alunos que tem acesso a estes novos suportes saibam criar relações com a leitura literária, navegando em páginas web que lhes forneça informações que aumentem o seu universo cultural, enriqueçam o saber e aprofundem ideias e conceitos. Experiências criativas que devem ser despoletadas e alimentadas nas escolas. *“Acho que a questão da escola passa pelo problema da mediação. Se nós não formos leitores de várias linguagens, de vários suportes, nós perderemos realmente o passo com esta geração, que está velozmente à nossa frente, buscando outras linguagens, outras formas de comunicação. (...) Realça ainda que “Literatura é vida” (idem, ibidem).*

A formação fundamental para uma mediação plena, composta por metas e objectivos passíveis de serem concretizados, exigem o conhecimento de estratégias, adequadas a todos os grupos e públicos, metodologias que resultem, acções que motivem e estimulem. Contudo, se o mediador não gostar de ler é difícil criar hábitos e práticas de leitura. *“Os professores são os principais influenciadores nos hábitos de leitura dos brasileiros. Mas há indícios de que, no seu tempo livre, eles raramente abrem um livro, assim como a maioria dos brasileiros”.* Acrescenta ainda,

*“A gente imaginava que, sendo educador, fosse haver um indicador melhor de leitura, de indicação de literatura, de clássicos, diferente da população como um todo. É uma amostra pequena, a gente não pode generalizar, mas é um indício. No seu tempo livre, eles preferem a televisão e as redes sociais. (...) Isso é um dos principais problemas. A escola é um espaço privilegiado para formar leitores. Tanto que a gente percebe, pela pesquisa, que eles [os jovens] leem mais quando estão na escola. Depois que saem, deixam de ler porque não foram despertados para isso. Se o professor não é um leitor, não consegue transmitir esse prazer pela leitura e conquistar os alunos. Não tem repertório para indicar. Quando você tem uma conexão com os livros, consegue despertar emoções no outro. O bom leitor interpreta, fala sobre os personagens, cita frases e faz quase um marketing dos livros. Se o professor for um bom «marketeiro» dos livros, ele consegue atrair o interesse dos alunos” (Zoara Failla in Polato, 2012).*

No que respeita às Bibliotecas,

*“Embora soubéssemos do problema por dados parciais e por percepção, não deixa de ser chocante a informação que 73% dos brasileiros não frequentam bibliotecas, 17% a usam ocasionalmente e apenas 10% a frequentam. Com todos os índices de exclusão social e econômica que vive a maior parte dos brasileiros, refletidos no comércio de livros no conhecido problema do preço final de capa versus a capacidade de compra da população, é central o papel da biblioteca como meio de acesso democrático ao livro para o conjunto da população. A biblioteca deveria ter um papel equivalente ao da escola na manutenção e formação de leitores que já não estejam na esfera escolar” (Neto, 2008).*

O preço do livro, o poder socioeconómico, a escolaridade, os indivíduos que não lêem ou porque não tem acesso a eles ou não gostam de ler são factores inibidores de práticas de leitura no país. Como refere a justificativa do PNLL, *“O tortuoso acesso a livros em escolas e bibliotecas somado ao baixo poder aquisitivo da absoluta maioria dos leitores propicia efetivamente alternativas escassas para que se concretize a leitura. (...) porque a rede de bibliotecas no país é reduzida, seja em termos quantitativos, seja em um plano qualitativo”* (Ministério da Educação do Brasil, n. d.).

Em 2009, o Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais (MinC/FGV) revela que 42013 municípios brasileiros ainda não tinham biblioteca pública e a maior parte das existentes possuíam equipamentos precários, acervos ínfimos e/ou muito desfasados para além de recursos humanos que não continham formação profissional para um processo de mediação eficiente na formação de leitores. *“Ao final de 2010, já podemos afirmar que a meta de zerar o número de municípios sem biblioteca no país foi atingida. (...) o Ministério da Cultura estabeleceu como condição (...) a existência de biblioteca pública em condições minimamente adequadas de atendimento à população”* (Neto, 2010, p. 41).

O Brasil é de acordo com dados estatísticos, um país de poucos leitores: a taxa de alfabetismo funcional e a escolaridade vai aumentando, os alunos de 7 aos 14 anos frequentam a escola e os dados confirmam que quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a possibilidade do indivíduo atingir bons níveis de alfabetismo. Contudo, apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática.

Em 2000, os alunos com mais de 15 anos liam em média 1,8 livros por ano. Constata-se que em 2001, os adultos brasileiros alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contacto com os livros.

No ano de 2006 foi lançado o Plano Nacional do Livro e da Leitura com o objectivo de transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e no ano seguinte, a média nacional de leitura para indivíduos com mais de cinco anos era de 4,7% livros lidos por ano, contudo a maior parte dos mesmos estavam ligados à escola e à distribuição gratuita de obras didácticas.

De acordo com estudos em 2011 estimava-se que os brasileiros liam em média 1,3 livros por ano. Uma percentagem reduzida de estudantes (10%) leu mais de 20 livros em 5 anos e 14% não leu nenhum. Verifica-se que quanto mais elevada a escolaridade e classe social e a preocupação do ambiente familiar acerca desta temática, maior o contacto com os livros e a média de livros lidos. Consta-se que as crianças e jovens lêem mais que os adultos e cresce de acordo com o nível da escolaridade e poder socioeconómico, sendo os que possuem melhores condições os que compram livros e lêem mais. Os livros devem estar presentes ao longo do período escolar, nas disciplinas e apoios, e no Brasil, a preocupação de determinados actores sociais rege-se na falta de políticas claras neste sentido, sabendo que a população lê pouco, na sua maioria obras didácticas e na prática é fundamental, instituir horas obrigatórias de leitura para que estes hábitos se prolonguem fora do ambiente escolar e perdurem durante a sua vida.

Apenas 10% dos brasileiros frequenta bibliotecas (e estas são poucas ou inexistentes), contudo, no final de 2010 todos os municípios brasileiros possuíam este equipamento cultural.

### 3.1.2 - O Plano Nacional do Livro e Leitura

*“A partir do ato da leitura podemos então desenvolver um certo número de operações cognitivas, hierarquizando os argumentos, comparando os enunciados, descartando idéias que pouco nos agradam, destacando outras e colocando aquelas que mais apreciamos em contato com idéias e enunciados de outros livros, de outros temas, de outros autores, de outros mundos. Usamos essas idéias – que agora já nos constituem – nas conversas com nossos amigos, em nosso trabalho, em nossos lares. Nos utilizamos delas para sermos melhores amigos e amigas, melhores pais e mães, melhores trabalhadores, melhores empresários ou melhores políticos” (Gil G. , 2004).*

O Plano Nacional do Livro e Leitura é uma política que tem como objectivo assegurar e democratizar o acesso ao livro e à leitura e que esteja ao alcance de todos os cidadãos brasileiros. Um plano com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis para que o ser humano possa desenvolver plenamente as suas capacidades, no plano individual, quer de âmbito colectivo na actual sociedade contemporânea (Ministério da Cultura do Brasil, n. d.).

Este plano pretende atingir vários objectivos que vão desde a formação de leitores, através do aumento do índice nacional de leitura (número de livros lidos por habitante/ano) em todas as faixas etárias e o preço do livro que seja acessível à maior parte das pessoas, do nível qualitativo das leituras realizadas, à formação de leitores e mediadores até à implantação de

biblioteca em todos os municípios. Objectivos que serão acompanhados de estudos e indicadores na área da leitura, no aumento de títulos editados no país e número de livrarias e do destaque de projectos de acções de fomento e estímulo às práticas sociais de leitura (Ministério da Cultura do Brasil).

O PNLL é constituído por projectos e programas que integram 20 Linhas de Acção agrupadas a partir de quatro eixos principais: Democratização do acesso; Fomento à leitura e formação; A valorização da leitura e comunicação e a Economia do livro.

*“Há a convicção de que somente assim é possível que, na sociedade da informação e do conhecimento, ele exerça de maneira integral seus direitos, participe efetivamente dessa sociedade, melhore seu nível educativo (em amplo sentido), fortaleça os valores democráticos, seja criativo, conheça os valores e modos de pensar de outras pessoas e culturas e tenha acesso às formas mais verticais do conhecimento e à herança cultural da humanidade”* (Ministério da Cultura e Ministério da Educação, 2006, p. 22).

De uma forma geral, o PNLL é avaliado positivamente pelas diversas entidades, ministérios, interlocutores, agentes e intervenientes como se constata na edição organizada por José Castilho Marques Neto em 2010 intitulado *PNLL: Textos e história*. No que concerne à avaliação *“destacam-se preocupações com implantação, dinamização e manutenção de bibliotecas de acesso público. (...) o da compreensão da biblioteca como um equipamento cultural que reúna elementos de acessibilidade do espaço físico; a ampliação e a qualificação do acervo; a contratação de mediadores de leitura capacitados; a incorporação à biblioteca de diferentes suportes de texto e novas tecnologias”* (p. 33).

Ezequiel Theodoro da Silva, professor doutorado em educação, actualmente aposentado alude,

*“Consegui o PNLL mudar, para melhor e significativamente, o panorama da leitura no Brasil? Eu responderia “um pouquinho”, em decorrência dos quistos existentes nos organismos de educação e cultura neste país. Poderia ter feito mais? Julgo que não porque, de certa forma, as dificuldades relacionadas ao enfrentamento desses quistos não podem ser superadas num par de gestões: serão décadas de trabalho para vencer barreiras e juntar todas as energias em favor de uma sociedade verdadeiramente leitora”* (p. 159).

Flávia Rosa, Presidente da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) refere, que *“Em cinco anos de existência, é possível avaliar positivamente essa política histórica para um país com índices de leitura ainda desanimadores. As entidades do livro confiam e cooperam com a política atual e o diálogo permanente pode ser traduzido em uma parceria para a construção de um país de leitores!”* (p. 172).

Gabriela Gambi, coordenadora geral de Livro e Leitura da Diretoria de Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura refere a importância da união de esforços de vários intervenientes, desde actores diversos, indivíduos, entidades, empresários em torno da leitura e dos quatro eixos estruturantes do Plano. *“Os resultados foram positivos: criou-se uma imensa mobilização de norte a sul do país sobre o livro, reunindo desde projetos pontuais realizados por pessoas físicas até programas nacionais de instituições privadas que se empenharam em fazer do Vivaleitura um compromisso de todos e uma responsabilidade compartilhada”* (pp. 172-179).

Jéferson Assunção, Secretário de Cultura de Canoas acrescenta o aumento do interesse e da importância do livro e da leitura no quotidiano dos brasileiros. *“Nunca se falou tanto de livro e de leitura. Não apenas nos discursos dos governos ou dos professores nas escolas, mas nas fábricas, nas praças, nos parques, nos ônibus, enfim, nos muitos novos espaços de leitura que foram conquistados ao longo desses últimos anos. O livro e a leitura vêm se espalhando por todo o país, como nunca antes”* (p. 197).

Antonio Torelli, Presidente da Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL) acrescenta, *“já é possível observar alguns avanços e algumas boas surpresas, com destaque para o aumento do índice de leitura. Índice ainda modesto, mas mostra que ações conjugadas, como as apresentadas no PNLL, são suficientes para atingir plenamente os objetivos, principalmente se vierem acompanhadas da melhor capacitação dos professores, bibliotecários e mediadores de leitura, conforme recomendado nos quatro eixos do PNLL”* (p. 207).

No que diz respeito às bibliotecas, Ilce Cavalcanti, Bibliotecária e Coordenadora-Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) apresenta as acções implementadas e refere que *“Desta forma, o PNLL possibilitou a integração nas políticas públicas da área do livro, leitura e bibliotecas, fortalecendo e divulgando as acções da FBN/SNBP”* (pp. 188-189).

### **3.2 - Espanha: Plan de Fomento de la Lectura**

O *Plan de Fomento de la Lectura* é um plano que fomenta a promoção da leitura, como um acto de prazer que começa na família e na escola e nas pessoas e lugares que permitem a abordagem aos livros. Acreditando na premissa que a leitura é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da personalidade e da socialização do indivíduo, essencial para viver em democracia.

De acordo com o Dec. Lei nº 10/2007 de 22 de Junho *“Ley de la lectura, del libro y de las bibliotecas”* que se refere-se como *“una herramienta básica para el ejercicio del derecho a la educación y a la cultura en el marco de la sociedad de la información y [los planes de fomento de la lectura] subrayarán el interés general de la lectura en la vida cotidiana de la sociedad, mediante el fomento del hábito lector”*.

Este plano prevê a promoção da leitura como uma tarefa comum para toda a sociedade, o resultado da colaboração entre os responsáveis da política cultural, social, educacional e de comunicação. Alguns dos objectivos propostos no plano para a promoção da leitura são (tradução própria): Entender e reflectir sobre os hábitos de leitura, os meios humanos e materiais das bibliotecas; Promover em colaboração com o governo, acessibilidade, competência técnica e adequada do pessoal das bibliotecas públicas e escolares; Criar uma consciência social acerca da importância da leitura; Apoiar os grupos com dificuldades (imigrantes, idosos, pessoas com deficiência ou população que está na prisão) para ter acesso aos livros e à leitura, iniciativas apoiadas por organizações não-governamentais (ONG's) e outras instituições públicas e privadas (Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2007, p. 19).

O plano de actividades para a promoção da leitura é dividido em seis áreas: Observatório da leitura e do livro: instrumentos de análise; promover o hábito de leitura nas escolas: projectos direccionados às escolas; promover o desenvolvimento das bibliotecas públicas; acções de comunicação; actividades de incentivo à leitura e de sensibilização e colaboração com outras instituições.

De acordo com o balanço efectuado, o Plano de Promoção da Leitura do Ministério da Cultura é considerada uma ferramenta de referência e um marco pioneiro no âmbito da promoção da leitura, apresentando resultados positivos.

Um estudo efectuado intitulado *Plan de Fomento de la Lectura: Balance 2004-2007* (p. 23) revela que os cidadãos espanhóis estão a ler mais. A percentagem de leitores em Espanha aumentou de 54% em 2001 para 55,5% em 2006 e cerca de 58,1% da população acima de 14 anos são leitores. A percentagem de não leitores diminui e o número de leitores regulares aumenta. No que respeita aos utilizadores de bibliotecas verifica-se que 18,7% dos entrevistados vai pelo menos uma vez por trimestre a estas instituições e 30,1% declaram-se leitores frequentes. Em suma, *“en el 2006 se consolidaron las tendencias de los últimos años: Las mujeres leen más que los hombres; A mayor edad hay menos lectores; Se lee principalmente novela; El idioma de lectura habitual es el castellano; La motivación para leer es el entretenimiento”* (p. 26).

Os dados relativos aos hábitos de leitura em crianças de 10-13 anos, (primeiro ano de análise a esta faixa etária datou de 2005) conclui-se que 90,3% dos inquiridos são leitores e destes 73,6% lê diária ou semanalmente (idem, ibidem).

Após quatro anos da nova fase do Plano de Fomento de la Lectura, o balanço revela resultados animadores: maior conhecimento, com o aperfeiçoamento de estudos e estatísticas, tais como "*hábitos de leitura e de compra livros*" ou o censo de actividades de promoção da leitura; mais conferências, reuniões e a criação do Observatório da Leitura e do Livro, um órgão que permanentemente analisa a situação do sector. Mais e melhores bibliotecas, com a construção de novos edifícios e através de melhorias nas instalações e equipamentos, bem como do aumento das verbas orçamentais e a concessão de ajudas para a publicação de livros e revistas culturais para as bibliotecas públicas e a presença das bibliotecas em ambiente virtual, cada vez mais presentes na sociedade.

*"Por todo ello podemos afirmar que el desarrollo de este Plan de Fomento de la Lectura 2004-2007, de mejora de la dotación bibliotecaria y aumento de los hábitos lectores de los españoles, ha ayudado a situar el libro y la lectura en la agenda de todos los poderes públicos. (...) Por su parte, el Estado ha ido más allá de la implementación de acciones de fomento de la lectura y los libros. Con la Ley 10/2007, de 22 de junio, de la Lectura, del Libro y de las Bibliotecas, ha elevado las políticas y planes de fomento de la lectura" (pp. 87-88).*

### 3.2.1 - Hábitos de leitura

Em 2003, o estudo do Barómetro de hábitos de leitura e compra de livros<sup>14</sup> revela que quatro em cada dez espanhóis lêem livros todas as semanas, contudo 46,8% da população nunca ou raramente lêem um livro. Quarenta por cento dos espanhóis (80% dos leitores) lê livros com frequência e verifica-se que as mulheres lêem mais do que os homens (55,4% versus 50,7%) e por idades, os mais jovens são os que mais livros lêem (69,5%). Dos leitores, 25,8% foi a uma biblioteca no terceiro trimestre. Há mais leitores nas grandes cidades e entre a população que possui mais habilitações literárias e pertencentes às camadas mais jovens (Federación de Gremios de Editores de España, 2003).

Quase dois terços das pessoas que visitaram uma biblioteca (63,8%) dizem que nunca teve problemas em encontrar o livro que pretendiam e 67,9% estão inscritas (2004).

---

<sup>14</sup> Estudo realizado trimestralmente para analisar o comportamento de cidadãos espanhóis (mais de 14 anos) em relação à leitura e outras práticas culturais.

Em 2004 apurou-se verifica-se o aumento de leitores (55%). Os leitores menos frequentes não lêem mais pela falta de tempo (61,1%) e 23,6% preferem outro tipo de entretenimento. *“También ha aumentado el porcentaje de asistentes a las bibliotecas españolas, hasta situarse en 2004 en un 28,4% de la población, frente al 24,8% del año 2003”* (2005). Os serviços mais utilizados nas bibliotecas referem-se ao empréstimo/requisição de livros (61%), na consulta de obras (59,6%) e no estudo (41,3%) ou navegação na Internet.

No ano seguinte, ocorre um aumento do índice de leitura da população espanhola para 57% e da percentagem de leitores frequentes (41,1%). Diminui o valor percentual de não-leitores e em consequência, aumenta o número de pessoas que dedica o seu tempo livre à prática da leitura. Setenta e dois por cento das famílias com filhos menores de seis anos dedica diariamente um tempo e espaço à partilha de leitura com as suas crianças e 84,1% das crianças com idade entre 6 a 13 anos lê livros, independentemente de livros didáticos (2006).

Os resultados do Barómetro de hábitos de leitura e compra de livros em 2006 assinalam que a percentagem de leitores diminui. *“En definitiva y en cuanto al perfil del lector, se consolidan las tendencias de los últimos años, según las cuales leen más las mujeres que los hombres; a mayor edad menor población lectora; se lee mayoritariamente novela; el idioma de lectura habitual es el castellano y la motivación para leer es el entretenimiento”* (Moscardó, 2007).

O índice de leitura melhora entre os espanhóis em 2007, mais de metade lê e compra livros (54%). A frequência de práticas de leitura e nível de escolaridade está directamente correlacionados, pois quanto maior o nível de escolaridade, maior o número percentual de leitores (2008). Cerca de 84,5% das crianças entre 10 e 13 anos são leitores e a média de livros lidos pelas crianças, no ano passado, ultrapassa o de adultos (9,5 livros versus 8,7 livros). Cinquenta e nove por cento das crianças lê porque gosta, 30,4% porque alguém recomendou, mas fá-lo por gosto e 10,6% leu por obrigação (leitura imposta na escola). A influência dos adultos, especialmente os pais e professores é determinante na aquisição e desenvolvimento do hábito de leitura das crianças. Cerca de 75% dizem que seus pais lêem regularmente e 84,3% lembra-se que os pais lhes liam quando eram pequenos. A maioria dos entrevistados (97,3%) apontam que os professores os incentivam a ler, que na escola se desenvolve actividades (87,1%) em torno da leitura e 83,0% dizem participar. Todas as faixas etárias o fazem por entretenimento, enquanto as idades compreendidas entre os 14 e 24 anos o fazem também pelos estudos.

Relativamente à frequência de bibliotecas, 29,6% da população acima de 14 anos visitou uma no ano passado. Os principais motivos citados por aqueles que não foram a uma biblioteca no ano passado é porque não têm tempo para ir (52,6%).

*“Si se analizan los datos acumulados en los primeros nueve meses de 2009, la tasa de lectura se sitúa en el 54,6% e iguala al porcentaje obtenido en todo el año 2008. Entre los menores de 10 a 13 años, el porcentaje de lectores se eleva al 92,9%, de ellos, el 70,1% se declara lector frecuente y el 22,8% lector ocasional. Sólo el 7,1% de los menores en esta franja de edad se considera no lector” (2009, p. 2).*

A idade, o sexo e nível de escolaridade são os três factores principais que definem o perfil espanhol. As mulheres (57,9%) lêem mais do que homens (50,7%). O nível de instrução pesa mais que o sexo do indivíduo, verificando-se que 81,2% dos estudantes universitários lêem mais em comparação com os 56,8% do ensino secundário e 28,8% do ensino fundamental.

O estudo apresentado em Setembro de 2010 conclui que nove em cada dez espanhóis (91,1%), com mais de 14 anos lê em qualquer suporte, seja impresso ou digital. Destes, 86,2% são leitores frequentes e verifica-se que 9% da população não lê nada. Conforme aumenta a idade, diminui a percentagem de leitores em todos os suportes, expectando a leitura de jornais, onde a maior percentagem de leitores ocorre na meia-idade. Entre os leitores de livros, 56,4% lê livros no tempo livre e 21,6% para o trabalho ou estudos. Ao analisar os dados, a tendência dos leitores de prazer/lazer é mais frequente nas mulheres, nos jovens, naqueles que possuem níveis mais elevados de educação e os que vivem em populações maiores (72,6%). O entretenimento, o amor pela leitura e interesse pelos livros são as principais motivações desses leitores.

Todas as crianças com 10-13 anos lêem pelo menos uma vez por trimestre: cem por cento lêem livros e a leitura é considerada de prazer e entretenimento (Moscardó, 2010).

Em Abril de 2011, Espanha conta com mais de 23 milhões de leitores de livros (57%) dos quais 17 milhões lêem semanalmente. Nos últimos cinco anos, o número de leitores frequentes cresceu 7,3% e as novas tecnologias estão a ser utilizadas e a dominar o processo de leitura.

O perfil de leitor de livros em Espanha é feminino com menos de 65 anos e possuem pelo menos o ensino secundário. E ainda *“una mujer preparada, que está al día y tiene un hábito de lectura muy consolidado y lo hace en cualquier soporte. Además, está acostumbrada a la lectura digital y afirma ser usuaria frecuente de Internet”* (2011, p. 1).

De acordo com os dados, pode-se concluir que a leitura é uma actividade voluntária e de prazer realizada em ambientes adequados e no geral em formatos tradicionais. *“Ahora, el mundo globalizado e interconectado gracias a los nuevos medios tecnológicos, donde Internet aparece como una ventana abierta al mundo de la información, está provocando un cambio en la propuesta lectora. La tendencia actual se dirige a configurar un lector polivalente através de distintas formas de lectura”* (Miguel, 2011).

Em Fevereiro de 2012 (Miguel) os dados anunciam que 61,4% dos inquiridos espanhóis se declaram leitores de livros. A percentagem de pessoas que afirmam ler livros, em qualquer

formato, quer seja para lazer/entretenimento ou para o trabalho aumentou. Estes leitores leram em média 10,3 livros nos últimos doze meses. É de salientar o aumento da percentagem de leitores que afirmam ler todos os dias.

Em Espanha, a leitura de prazer aumentou praticamente em todas as faixas etárias, exceptuando o grupo dos 14 aos 24 anos. O nível de escolaridade é factor determinante na frequência dos hábitos de leitura e está mais presente naqueles que possuem o ensino superior e nos que vivem em centros populacionais de maior dimensão. O entretenimento é o principal motivo pelo qual os espanhóis lêem e quanto aos locais, os jovens com mais de 14 anos admitem que lêem em casa, contudo 16,6% da população também lê nos transportes públicos. Quanto aos temas, a literatura ainda é a principal escolha especialmente romances e contos.

As crianças com idades entre os 10 e 13 anos praticamente todas possuem hábitos de leitura por prazer e muitas fazem-no diária e semanalmente. O ambiente familiar e escolar é decisivo no incentivo e desenvolvimento destas práticas. A média de livros lidos pelas crianças ultrapassa a dos adultos, verificando-se ainda, a presença das bibliotecas em centros educativos (escolas) e actividades de sensibilização à leitura, onde muitos afirmam participar. Quase metade dos inquiridos visitam bibliotecas, uma vez ou duas vezes por semana: o empréstimo, a consulta de livros são as principais razões. Não há diferenças entre os sexos em termos de leitura de livros e enquanto todas as crianças lêem livros relacionados com os estudos, 82,9% fazem-no por entretenimento durante o seu tempo livre. Lêem em formato digital (46,6%) e é no computador (36,2%) que o fazem com mais frequência (2012, p. 7).

A percentagem de leitores espanhóis aumentou durante estes anos. Leitores que lêem durante o seu tempo livre e todos ou quase os dias, sendo a população jovem que mais o fazem, os que possuem mais habilitações literárias e os que vivem em cidades com maior número de habitantes.

### **3.2.2 - Competências de Leitura: estudos PISA**

*“Las definiciones de la lectura y de la competencia lectora han evolucionado paralelamente a los cambios sociales, económicos y culturales. El concepto de aprendizaje, y en especial el de aprendizaje a lo largo de toda la vida, han transformado las percepciones de la competencia lectora y de las necesidades a las que ha de hacer frente. Ya no se considera que la capacidad de lectura sea algo que se adquiere en la infancia durante los primeros años de escolarización. Más bien se ve como un conjunto en evolución que incluye una serie de conocimientos, habilidades y estrategias que las personas van construyendo con los años, según las diversas situaciones que viven y mediante la interacción con sus compañeros y con las comunidades más extensas en las que participan”* (Ministerio de Educación y Ciencia: Instituto de Evaluación, 2007, p. 11).

Os estudantes espanhóis de 15 anos obtiveram na literacia de leitura em 2009 desempenhos que atingiram uma média de 481 pontos em comparação com os 493 de média da OCDE.

Verifica-se que 20% dos estudantes se situa no nível 1 ou inferior e a percentagem de alunos que se encontram nos níveis mais elevados é de 3% em comparação com os 8% da média da OCDE, resultados que se justificam pelo facto destes alunos possuírem condições económicas, sociais e culturais mais favoráveis.

*“Es muy importante considerar estos resultados que ponen de manifiesto que el sistema educativo español tiene un comportamiento muy similar al promedio OCDE cuando se analizan los resultados de los alumnos y centros con niveles de rendimiento medios y bajos y que las diferencias, aunque moderadas, se producen, precisamente, en los rendimientos de alumnos y centros que presentan mejores resultados”* (Ministerio de Educación, 2010, p. 63).

Constata-se que tal como a média da OCDE, em Espanha, quanto mais elevado o nível de escolaridade e ocupação profissional dos pais dos estudantes, maior o desempenho dos alunos. A pontuação média obtida pelos alunos na compreensão da leitura é influenciada de forma notável na relação número de livros que os estudantes possuem em casa. *“En todos los países, los alumnos que disfrutaban más con la lectura tuvieron un rendimiento significativamente más alto que aquellos que dijeron que no les gustaba leer”* (2010, p. 124).

Considerando a composição por níveis de desempenho, no nível 1 ou inferior, 74,1% dos estudantes afirmam não ler por entretenimento ou prazer e esta percentagem diminui à medida que os níveis da escala aumentam. Dos inquiridos, 12,7% situam-se no nível 5 ou superior. Nos níveis mais baixos, localizam-se 73,1% comparado com os 74,1% da média da OCDE. *“La distribución entre los niveles de rendimiento de los alumnos españoles que dicen que leen por placer en menor medida que la media del país es muy interesante, porque corrobora la asociación existente entre el disfrute por la lectura y su grado de rendimiento en PISA”* (Idem, Ibidem, p. 125).

Entre 2000 e 2009, a média dos estudantes espanhóis no que concerne à literacia da leitura desceu 12 pontos, contudo, concluir-se que o sistema espanhol apresenta estabilidade nos resultados. É de salientar que Portugal durante este período aumentou 19 pontos. Em Espanha, os resultados de 2006 foram significativamente menores dos referentes a 2000 e 2003.

O retrato espanhol de 2009 aproxima-se ao de 2000 e é semelhante ao da OCDE, nomeadamente a países como Portugal (18% de alunos nos níveis mais baixos de desempenho). *“Como señala el informe internacional, reducir el porcentaje de alumnos con niveles bajos de rendimiento es una tarea fundamental de los sistemas educativos de muchos países”* (Idem, Ibidem, p. 143).

Se considerarmos os altos níveis de desempenho (níveis 5 e 6), em 2000 situavam-se 4,2% dos estudantes e 3,3% em 2009. *“El sistema educativo español tiene un rendimiento relativo similar a los promedios internacionales con los alumnos de resultados más modestos, hecho que no se corresponde con el elevado «fracaso escolar» español, muy superior a esos promedios internacionales”* (Idem, Ibidem, p. 145).

De salientar que a familiaridade dos alunos com as novas tecnologias da informação e comunicação evolui com o passar dos anos assim como a proporção de alunos que têm um computador em casa (67,3% em 2000 para 91,3% em 2009). A média registada nos países que participaram no PISA 2000 e 2009 revela que existiu um aumento de 75% para 96%.

Em síntese, *“En cuanto a los niveles de rendimiento de los alumnos en comprensión lectora -acceder y obtener información, integrar e interpretar y reflexionar y valorar, el 20 por ciento de los estudiantes españoles evaluados no alcanzan el mínimo, un dato similar al de Francia e Italia”* (Europa Press, 2010).

## Capítulo 4 – Questões metodológicas

---

### 4.1 - Metodologia da investigação

Portugal enfrenta problemas nos domínios da leitura e da literacia, estando posicionada até há poucos anos atrás, nos últimos lugares em comparação com os restantes países da OCDE, de acordo com estudos nacionais e internacionais. Contudo, entre 2000 e 2009, Portugal foi o quarto país que mais cresceu ao nível dos resultados na literacia de leitura (19 pontos). O último relatório (2011) demonstra uma evolução bastante positiva do sistema educativo português no que concerne ao desempenho dos alunos, tendo em conta os critérios definidos e validados internacionalmente. Actualmente podemos constatar que,

*“Há mais jovens a considerar que a leitura é importante para a sua vida pessoal. Em 2007, entre os que tinham 15 a 24 anos, 30,6% consideraram-na «muito importante». Em Março passado, neste grupo etário, já eram 52,4% os que afirmaram o mesmo. Este aumento de 22 pontos percentuais regista-se entre o primeiro e o quinto ano de vigência do Plano Nacional de Leitura (PNL)” (Viana, 2011).*

O lançamento do Plano Nacional de Leitura em Portugal constitui uma prioridade política, com o objectivo de desenvolver as competências de literacia e os hábitos de leitura da população portuguesa. Apesar de este Plano conter, em termos gerais, objectivos equivalentes que, nos últimos anos, têm vindo a ser concebidos e desenvolvidos noutros países (Neves, Lima, & Borges, 2007) todos revelam preocupações sociais no que respeita à leitura e à literacia da população, perspectivando o seu alargamento e aprofundamento, designadamente na sociedade actual, retratada por mudanças sociais, económicas e culturais.

A avaliação efectuada sobre o impacto do 1º ano do PNL (2007) na mudança de hábitos de leitura foi considerada positiva. Segundo o estudo citado, o facto de o Plano dar continuidade a algumas boas práticas, anteriormente desenvolvidas por algumas escolas e professores, o de fornecer meios e informação que ajudassem ao reforço e generalização dessas boas práticas e a grande aposta em actividades como a leitura orientada em sala de aula são aspectos de grande relevância. Isabel Alçada, então comissária do Plano Nacional de Leitura, faz um balanço do primeiro ano, *"a avaliação é francamente positiva, mas temos de melhorar a comunicação com as escolas e bibliotecas. Temos de trabalhar mais em conjunto e numa comunicação em tempo real"* (2007). Sendo este plano uma prioridade, tendo em conta o comportamento dos portu-  
guese-

ses face à leitura, o grupo procurou "*identificar o que já tinha sido estudado e avaliado e aplicar projectos que já tivessem dado resultados seguros*" (2007). A receptividade e visibilidade do plano é notória não só com o logótipo criado e colado nos livros que integram as listas, à venda em livrarias e supermercados, destacados em bibliotecas públicas e escolares, como o envolvimento de professores e famílias, autarquias e fundações: "*há um ambiente social muito receptivo à ideia da leitura*" (idem, ibidem). O PNL apoia financeiramente as escolas no apetrechamento e aquisição de livros, dando liberdade e opção de escolha às escolas envolvidas para que as obras seleccionadas vão ao encontro dos gostos, interesses e necessidades da comunidade escolar em causa.

*"O professor trabalha melhor com os livros que o encantam. Somos contra cânones ou imposições, mas damos os instrumentos de apoio. Quanto mais cedo adquirirem competências de leitura, maior é a eficácia nas suas vidas, porque ler não é só para a escola, mas para toda a vida"* (Plano Nacional de Leitura com balanço positivo, 2007).

Já a avaliação externa do 2.º ano do PNL (2008), revela um aumento do interesse ou gosto dos alunos do pré-escolar e do 1.º e 2.º ciclo pela leitura. De destacar o desenvolvimento, a melhoria de competências e resultados dos alunos, assim como uma intensificação das práticas de leitura. Constata-se o reforço das actividades de promoção da leitura nas escolas, bem como um aumento da frequência da utilização de bibliotecas pelos alunos.

No que se refere ao balanço dos três anos de implementação do PNL constata-se que os portugueses estão a ler mais e sobretudo, a valorizar mais a importância de manter hábitos de leitura. António Firmino da Costa (2009) afirma que "*há muito mais pessoas a ler e há uma subida clara do reconhecimento público da importância que tem a leitura para a sociedade actual e para a vida individual de cada um*", progresso considerável "*num país que tinha historicamente grandes carências neste domínio e precisava de fazer avanços muito rápidos*". Lêem mais porque existe

*"uma actividade de leitura orientada, com livros oferecidos, para que todos os alunos tenham livros na mão. Há aí uma expansão enorme da leitura, mas, por outro lado, os inquéritos que têm sido feitos por várias entidades à leitura da população como um todo permitem perceber que a leitura tem tido uma tendência crescente, quer do ponto de vista do reconhecimento da sua importância, quer do ponto de vista da actividade da leitura. (...) Nada disto são movimentos bruscos, estamos a falar de processos sociais e culturais de longa duração e que, portanto, levam o seu tempo. O que é muito surpreendente é que, em três anos, tenham havido progressos tão significativos"* (Plano Nacional de Leitura pôs portugueses a ler mais, defende sociólogo, 2009).

O quarto ano de balanço do PNL (2010) divulga que as actividades nos Agrupamentos/escolas têm vindo a consolidar-se, alargar-se, diversificar-se e articular-se com as actividades curriculares. As escolas são unânimes em considerar que os professores promovem mais actividades de leitura, os alunos lêem mais, as bibliotecas são mais frequentadas. Os alunos lêem melhor, a leitura recebe mais atenção da sociedade em geral e os pais estão mais atentos à importância da leitura. Constatam-se que o âmbito em que se inserem as várias actividades é predominantemente lectivo e revelam o interesse na continuidade do plano (Costa *et al.*, 2010, p. 49).

Nesta abordagem é importante mencionar o estudo *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: os primeiros cinco anos* que revela um conjunto de impactos claramente positivos:

*“No desenvolvimento regular de actividades de leitura num conjunto de contextos institucionais – escolas, bibliotecas, (...) famílias; No envolvimento, em iniciativas de promoção da leitura e da literacia, de uma diversidade de actores sociais (...) Nas práticas de leitura dos alunos, assim como nas suas atitudes relativamente à leitura e às bibliotecas e nas suas competências de literacia (...); Na sensibilização da opinião pública a respeito da importância da leitura e da literacia e das acções que visam promovê-las – associando à implementação do PNL o desenvolvimento de um ambiente social claramente mais favorável à leitura do que anteriormente. Um dos impactos mais salientes do PNL foi ter contribuído decisivamente para que nas escolas do ensino básico de todo o país se tivesse implantado uma actividade regular e consistente de leitura orientada em sala de aula”.* (2011, p. 93)

Em síntese, podemos traçar as seguintes conclusões:

*“ [na] criação de um clima social favorável à leitura; no envolvimento de uma variedade de actores sociais na promoção da leitura; na geração, reforço ou actualização de recursos, instrumentos, perspectivas e capacidades de promoção da leitura e da literacia; na intensificação das actividades de leitura, na mudança de atitudes em sentido favorável à leitura e no desenvolvimento de competências de literacia (e das novas literacias) – sobretudo entre crianças e jovens em contexto escolar, mas também junto de outros contextos sociais e de outros segmentos da população, em particular familiares dos anteriores (crianças e jovens) e adultos em percursos de qualificação”* (2011, p. 107).

As avaliações externas realizadas no âmbito do PNL demonstram que o Plano contribuiu positivamente para o incentivo e enraizamento de hábitos e práticas de leitura, provocando alterações significativas nas atitudes, resultados e competências literárias da população, sobretudo das crianças e jovens. O acesso ao livro é generalizado e as acções de promoção da leitura são sistemáticas, diversificadas e alargadas aos diferentes contextos sociais e diversos públicos alvo. No entanto, a implementação de directrizes, metodologias e dinamização de actividades e

projectos emanados pelo Plano geram dúvidas, incertezas e alguma controvérsia. José António Calixto considera que

*"O PNL é necessário porque os hábitos de leitura e os níveis de literacia em Portugal devem deixar-nos a todos muito preocupados e deixar alguns um tanto envergonhados. E também porque a tecnologia não é tudo e sem literacia pode ser nada. É oportuno porque cada vez mais a elevação dos níveis de literacia é individualmente essencial para lidar com a complexidade da vida em sociedade, para a participação cívica e o aprofundamento da democracia. É insuficiente porque nunca investiremos suficientemente na promoção do livro, da leitura e das bibliotecas. E também porque a concorrência da anticultura (como o telelixo e o netlixo) é muito desleal"* (Plano Nacional de Leitura: que pensam alguns livreiros, pais e professores, 2008).

A codificação da informação, a leitura e a escrita constituem requisitos fundamentais para o pleno exercício da cidadania. A prática de leitura é um requisito básico para a existência social e Freitas, Casanova, & Alves, 1997 referem que *"a leitura enquanto prática sistemática e cumulativa é socialmente minoritária porque são também minoritários os sectores sociais em que esta prática se encontra mais divulgada"*.

José Saramago, então convidado para a Comissão de Honra do Plano Nacional de Leitura questionou a utilidade do Estado em dar *"estímulos"* à leitura, afirmando que o *"voluntarismo não vale a pena, é inútil"* numa área que *"sempre foi e será coisa de uma minoria"*. *"Não vamos exigir a todo o mundo a paixão pela leitura."* O escritor disse desconhecer o conteúdo do PNL e acrescentou ainda que *"há dinheiro para gastar"*, mas resta *"esperar para ver que resultados"*. *"O estímulo à leitura é uma coisa estranha, não deveria ter que haver outro estímulo além da necessidade de um instrumento que permita conhecer."* *Mal vão as coisas quando é preciso estimular"* (Ministra da Cultura desvaloriza críticas de Saramago ao Plano Nacional de Leitura, 2006).

Já Cristina Bento (Lisboa) comenta, segundo o mesmo artigo:

*"A leitura de Saramago ou outro escritor (...) será sempre de minorias enquanto não mudarem as mentalidades de alguns pais na educação das crianças, estimulando-as para a leitura e enquanto alguns professores não abandonarem a perspectiva romântica (...) que defende o professor como um malabarista para motivar os alunos. Os alunos têm de trabalhar (na escola, subentenda-se) com ou sem motivação e isso inclui a leitura. Sabemos que este alunos fazem parte duma minoria e este será o caminho da nossa educação, de minorias, se as políticas continuarem na mesma linha de actualmente"*.

Na mesma corrente de comentários, um anónimo refere *"A senhora ministra que não tire conclusões no futuro que pôs os alunos a ler. Até ao momento só se viu espalhafato. O esforço*

*está dentro das salas de aula, apesar de conspurcado por responsáveis decisores da política educativa” (idem, ibidem).*

Existem, de acordo com o estudo da Avaliação do Plano Nacional de Leitura (Costa, Pegado, & Ávila, 2008) aspectos menos positivos que são apresentados por professores e educadores que avaliam no terreno a implementação do mesmo, pois referem que já antes se desenvolviam actividades de promoção da leitura, face a professores que já fariam o que havia de essencial no domínio da leitura. Do mesmo modo, assinalam a dificuldade na gestão dos tempos de leitura (quando ela – a leitura - faz parte do programa curricular do 1º CEB) e uma certa instabilidade ou insuficiência dos recursos humanos de parte das bibliotecas escolares.

Ana Josefa Cardoso, professora de Português do 2º ciclo diz o que pensa em relação ao PNL, *“De certa forma o Plano Nacional de Leitura resulta. Embora na nossa escola [EB, 2,3 de Vale da Amoreira] a biblioteca não esteja ainda lá muito apetrechada. Há muitas prateleiras vazias. Os livros do Plano vão chegando, mas não são suficientes”,* profere. *“O PNL é para motivar para a leitura. Os alunos requisitam mais livros, mas o resultado continua a depender muito do trabalho dos professores”* (Plano Nacional de Leitura: que pensam alguns livreiros, pais e professores, 2008).

Também os diversos actores sociais envolvidos directa ou indirectamente no Plano manifestam opiniões distintas e criticam as listas de livros sugeridos no sítio electrónico do PNL, no que concerne, à presença ou ausência de certos títulos em concreto. José Mário Silva, escritor, jornalista, crítico literário refere que,

*“das centenas de livros recomendados este ano, pelo PNL, «para leitura autónoma e/ou com apoio do professor ou dos pais», pediram-me que seleccionasse dez. À partida, a tarefa parecia fácil: era só identificar os melhores entre os melhores. Mas foi tudo menos fácil. A longlist (...) acabou por resumir-se, e com muito boa vontade, a uns 15 títulos. Se um dos objectivos do plano – elevado a «desígnio nacional» – é fazer com que os jovens desfrutem das «grandes obras da Literatura», o mínimo que se pode dizer é que a escolha feita por uma «equipa de especialistas» acerta quase sempre ao lado. O problema é a presença excessiva de autores medianos ou medíocres (...), face à escassez de verdadeiros clássicos da literatura infanto-juvenil. (...). Incompreensível, seja a que luz for, é a aposta da dita «equipa de especialistas» em livros que são manifestamente cartas fora do baralho. (...) Mas indesculpável mesmo é o chorriho de gralhas que infesta estas listas destinadas a orientar professores e pais. (...) Já para não falar dos títulos mal transcritos. São lapsos? Sim, mas lapsos que não se admitem em quem se propõe «elevar os níveis de literacia dos portugueses”.* (A leitura está a ganhar cada vez mais espaço nas escolas, 2008).

No mesmo artigo, Rogério Casanova diz,

*“À terceira página, uma nave espacial desce dos céus e aterriza numa pequena aldeia gaulesa que resiste ainda e sempre ao invasor. Esta imagem lamentável*

*pode ser encontrada em O Céu Cai-lhe em cima da Cabeça, a 33ª aventura de Astérix, que a comissão pedagógica atribui ominosamente a «R. Gosciny [sic] e Outro». Uma vez que Gosciny faleceu 23 anos antes da publicação do álbum, podemos, de consciência tranquila, culpar o Outro. As senilidades de Uderzo (...) têm todo o direito a poluir as livrarias, mas porquê envenenar os jovens contra a melhor banda-deseenhada de todos os tempos encaminhando-os precisamente para o seu pior exemplar? (...) Nesse sentido, a comissão pedagógica do PNL efectuou louváveis diligências no sentido de polvilhar a selecção com escolhas irracionais em número suficiente para manter toda a gente indignada”.*

E ainda, a Escritora e jornalista Filipa Melo, enuncia,

*“O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes Saavedra, é a grande ausência das recomendações do PNL. Uma surpresa, já que a obra setecentista tem lugar cativo no cânone universal como primeiro romance moderno e é um símbolo de como se pode ensinar o prazer e a aventura da leitura. (...) Estão também ausentes as versões originais de As Aventuras de Pinóquio (1883) e de O Livro da Selva (1894), de Rudyard Kipling”.*

Para além destas críticas referente à lista de obras sugeridas, Dora Batalim (coordenadora pedagógica da Pós Graduação em Literatura Infantil, na Universidade Católica Portuguesa) declara que *“os critérios não permitem perceber «se [o livro] é bom» porque falta uma ficha de leitura com imagem da capa incluída”* (2008). Em relação a esta opinião Isabel Alçada, comissária do PNL reconhece que esse é um trabalho que tem de ser feito, mas acrescenta que essa informação não pode dispensar os professores da consulta dos livros. E ainda de acordo com o estudo levado a cabo por António Firmino da Costa cerca de 68% dos inquiridos consideram as listas adequadas. Mas como se seleccionam os livros que as escolas e a maior parte dos alunos lêem e trabalham em sala de aula (leitura orientada)? Dados oficiais revelam que *“a escolha das obras, que estão nas listas, disponíveis na Internet, é feita por uma comissão que analisa se os livros contêm erros e indicam títulos que possam ter interesse para cada ano de escolaridade e com diferentes graus de dificuldade”* (Plano Nacional de Leitura com balanço positivo, 2007).

As escolas e as bibliotecas escolares contribuem também para a sugestão de obras para leitura orientada. Mas como se constroem as listas?

*“Primeiro, é pedido às escolas e bibliotecas escolares que apresentem títulos que têm utilizado nas aulas ou em projectos pedagógicos. Depois, há uma equipa de especialistas que, face às indicações, efectua a selecção. Os critérios de escolha são: grande diversidade de estilos, de ilustrações e de colecções, «para suscitar adesão do maior número possível de leitores»; obras em prosa, poemas, peças de teatro e também de carácter informativo, «para cativar leitores menos motivados pela ficção e para apoiar trabalhos de pesquisa e projectos transdisciplinares»; obras clássicas da literatura infanto-juvenil e histórias tradicionais recontadas numa linguagem contemporânea; autores e ilus-*

*tradores portugueses e estrangeiros, consagrados, recentes ou estreantes”* (Plano Nacional de Leitura: que pensam alguns livreiros, pais e professores, 2008).

Acrescentam ainda,

*“Todos os anos o PNL convida as editoras a enviarem os livros, que podem chegar a 3.000 ou 4.000 títulos sujeitos a avaliação. Grande parte das editoras portuguesas está representada no plano, desde os grupos editoriais Leya e Babel, às pequenas editoras, como a Gatafunho e a recente Gato na Lua”* (LUSA, 2011).

Contudo, quais os critérios utilizados pelos professores na escolha de livros de leitura orientada: intuição ou conhecimento? Reconhecem efectivamente os títulos, recorrem a bibliotecas ou livrarias para os ler e/ou estudar, perspectivando o interesse dos alunos e a realização de trabalhos complementares? Optam por títulos já seleccionados por colegas ou delegam esse trabalho a outro?

António Mota, consagrado escritor português no âmbito da literatura Infanto-juvenil descreve *“O PNL é uma casa com as janelas e as portas abertas. Deve continuar a apostar na diversidade, e depois as pessoas que escolham. Talvez faltem livros de teatro, para serem dramatizados pelos miúdos. Também é bom que todos os anos se renovem as listas e se escolham reedições de textos com novas ilustrações”* (2008).

Ainda em relação à implementação do PNL, uma mãe explica *“Não dei por nada... Numa casa de leitores, o bichinho pega-se”*, e defende que o PNL *“é uma forma de sensibilizar e motivar para a leitura quem não vive num ambiente de livros”*. Acredita no entanto que esta prática pode acontecer *“sem grandes custos”*. O plano não alterou o quotidiano da família embora note que na escola do filho João, a frequentar o 3º ano do ensino básico, as idas à Biblioteca se tornam mais frequentes. *“No caso da minha filha, Catarina, que anda no 10º ano, não dei por nada relacionado com o plano, nem no ano passado nem neste”* (2008).

Qual o impacto provocado pelo PNL na frequência dos alunos nas Bibliotecas escolares e na Biblioteca Pública? Os alunos requisitam mais livros nas bibliotecas, dão continuidade ao livro estudado na sala de aula, ou escolhem outros de gosto pessoal ou de necessidade escolar?

Apesar dos resultados se manifestarem positivos na avaliação do Plano Nacional de Leitura, aumentando o interesse e gosto pela leitura, será que os alunos estão mais susceptíveis à leitura de prazer ou o livro estudado em ambiente sala de aula, os TPC e actividades extracurriculares preenchem o quotidiano da criança, ignorando e desprezando momentos de leitura após a escola? Com actividades de promoção da leitura nas escolas, bibliotecas escolares e públicas, as crianças estão mais à vontade com os livros, lêem melhor, compreendem textos e imaginam

outros com mais facilidade? Que instrumentos e estratégias é que os professores aplicam no âmbito do PNL? E as bibliotecas, como encaram o PNL na perspectiva do empréstimo domiciliário e quais os serviços que os alunos procuram mais?

Neste estudo procura-se compreender, em situação real da prática, as atitudes e comportamentos dos alunos face à leitura, em diversos contextos, ao gosto e prazer de ler, a interacção escola/leitura – aluno – bibliotecas e também como os professores se envolvem na implementação do Plano Nacional de Leitura, as estratégias adoptadas e instrumentos utilizados. Qual o tipo de público que frequenta as bibliotecas escolares e públicas, quando o PNL aproxima as crianças, a família e a escola a estas instituições. Fundamentalmente pretende-se analisar os comportamentos dos alunos face à leitura orientada em sala de aula, a criação de hábitos de leitura e frequência de bibliotecas escolares e públicas.

De acordo com esta reflexão, consideramos a seguinte pergunta de partida: *“As políticas públicas educativas contribuem para a elevação dos níveis de literacia e para a criação de hábitos de leitura da população?”*.

Sabendo que o objectivo da investigação *“é pôr à prova hipóteses expectativas das relações supostas entre as variáveis apresentadas no problema, ou pergunta de partida, em estudo”* (Veiga, et al., 1996, p. 1) delineámos como objectivo principal deste estudo:

- Identificar qual o contributo da implementação do Plano Nacional de Leitura nas escolas do 1º ciclo do concelho de Arganil, através dos docentes, da biblioteca pública e das bibliotecas escolares, na elevação dos níveis de literacia e criação de hábitos de leitura na população em estudo.

Objectivos específicos:

- Identificar os hábitos de leitura das crianças e respectivas famílias;
- Reconhecer a relação que os professores/alunos e alunos/professores estabelecem com os livros e a leitura, dentro e fora da sala de aula;
- Identificar a importância que a biblioteca pública e escolar assume no quotidiano das crianças;
- Identificar os objectivos e acções que o Plano Nacional de Leitura preconiza nesta realidade concreta.

Para desenvolver esta investigação e devido às características que a definem e constituem, decidimos realizar um estudo de caso,

*“uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de*

*mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse” (Ponte, 2006, p. 2).*

Um “estudo de caso é explorar, descrever ou explicar” (Yin, 1994) e nesta perspectiva pretendemos dar resposta à nossa questão inicial, descrevendo a realidade do concelho de Arganil, de acordo com as características e especificidades dos alunos, professores e familiares face ao fenómeno em estudo, bem como a aplicação e implementação das orientações decorrentes do PNL nas escolas e agentes que estão directamente relacionados com a promoção da leitura (bibliotecas públicas e escolares). O objectivo “é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede directamente, de uma forma profunda e global” e “apreender a dinâmica do fenómeno” (Araújo, et al., 2008, p. 4).

O paradigma científico aplicado é o objectivista positivista empregando estratégias de investigação quantitativas e recorrendo a fontes variadas de dados, a meios, métodos e técnicas de recolha de informação. Um conjunto de ferramentas que utilizamos a fim de responder à nossa questão, através da pesquisa bibliográfica que “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” (Cervo & Bervian, 1983, p. 55), recorrendo a livros, documentos, jornais, artigos, dissertações, sítios na Internet... E a pesquisa,

*“é considerada como “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade». É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” Minayo (1993, citado por Brito, 2010, p. 14).*

Através da leitura, análise e interpretação, chegamos à compreensão, desenvolvimento e aprofundamento do(s) fenómeno(s) em estudo, uma sustentação teórica realizada também através da análise documental que “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” sendo uma etapa que, “propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenómenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência” Caulley (1986, citado por Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009, p. 3).

A pesquisa de campo procede à observação dos factos com o objectivo de compreender os diferentes aspectos do fenómeno em estudo. Esta etapa exige a escolha das técnicas de recolha de dados que será através da aplicação e distribuição de questionários, “instrumento para

recolha de dados constituído por um conjunto mais ou menos amplo de perguntas e questões que se consideram relevantes de acordo com as características e dimensão do que se deseja observar” Hoz (1985, citado por Dias *et al.*, n. d., p. 12). O inquérito “pode ser definido como uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objectivo de generalizar” (Ghiglione & Matalon, 2001, pp. 7- 8) e “se bem construído, permite a recolha de dados fiáveis e razoavelmente válidos de forma simples, barata e atempadamente” Anderson (1998, citado por Dias *et al.*, n.d., p. 13). Os questionários aplicados contêm questões fechadas que “facilitam enormemente a anotação no acto de inquirir e o apuramento dos resultados” (Figueiredo, 2009, p. 39).

A obtenção e recolha de dados têm como objectivo descrever as características, relações e práticas existentes no fenómeno investigado, sustentado pela teoria apreendida e reflectida. O estudo de caso tem sido definido como sendo um termo global para uma família de métodos de investigação que têm em comum o facto de se concentrarem deliberadamente sobre o estudo de um determinado caso (Erasmie & Lima, 1989). O estudo de caso “se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa” (Gil, 1994, p. 79).

Entende-se paradigma como um sistema de crenças, princípios e postulados que informam, dão sentido e rumo às práticas de investigação,

*“O paradigma positivista quantitativo supõe leis gerais que regem os fenómenos (formula hipóteses prévias, usa técnicas de verificação sistemática, procura explicações causais para os fenómenos e produz generalizações teóricas com validade e confiabilidade), recusando a compreensão subjectiva dos factos de uma realidade”* Serrano, 2004; Denzin, Lincoln, e col., (2006, citado por Craveiro, n. d., p. 202).

Em suma, o paradigma positivista que tem como pressupostos básicos o papel imprescindível da teoria na compreensão dos factos, os conhecimentos baseados na observação, sendo a base epistemológica objectivista em que o investigador tem que ser capaz de observar objectivamente - realidade objectiva (Dias *et al.*, n.d., p. 5). A observação é o método de investigação mais frequentemente utilizado, sendo a base dos estudos de caso (Bisquerra, 1989).

O universo do estudo é composto por 245 alunos do 1º ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de escolas de Arganil. A amostra (objecto de estudo) incidiu sobre 146 alunos que frequentam o 2º, 3º e 4º ano de escolaridade das escolas do 1º CEB de Arganil, Folques, Sarzedo, Pombeiro da Beira e S. Martinho da Cortiça, correspondendo a 62,5% do universo. Escolas situadas num concelho, Arganil, enquadrado no território da Região Centro de Portugal que integra,

também, a designada sub-região do Pinhal Interior Norte e que abrange uma área de 332,9 km<sup>2</sup>, subdividindo-se em 18 freguesias. Consideramos a amostra seleccionada significativa, tendo como ponto de referência uma turma por escola dos respectivos anos de escolaridade.

A principal condicionante científica desta investigação prende-se com o facto de ser necessário elaborar um inquérito para o 1º ano de escolaridade devido às especificidades e características desta população alvo, onde as capacidades e práticas de leitura dos alunos são diferentes dos restantes. Consideramos, portanto, a amostra seleccionada convincente, reunindo e revelando as atitudes e comportamentos da população escolar, dum meio socioeconómico e cultural, característico de uma vila rural do interior, garantindo assim, a validade da investigação.

As técnicas de recolha de dados utilizados nesta investigação passam pela pesquisa bibliográfica e análise documental, fundamental para compreender fenómenos, atitudes, comportamentos, a observação directa, sendo a unidade de observação, as actividades de promoção de leitura desenvolvidas nas Bibliotecas Escolares e na Biblioteca Pública, bem como o comportamento dos alunos face a estas iniciativas, e os inquéritos por questionário. Estes são considerados uma das técnicas fundamentais, utilizada com maior eficácia na recolha de informação, devido à capacidade de “*objectivar informação*” (Ferreira *in* Silva & Pinto, 1999, p. 167) sendo possível inquirir um grande número de pessoas, cujos resultados serão facilmente entendidos, sob a forma de dados estatísticos, como é o caso. A possibilidade de recorrer a técnicas observacionais (a oportunidade de observar a realidade das bibliotecas escolares do concelho e da biblioteca pública: espaços e actividades) permite a obtenção de dados qualitativos sobre a temática de uma forma mais detalhada, para posterior análise. Este estudo de caso é referente ao ano lectivo de 2009/10, e os questionários foram aplicados na semana de 14 a 17 de Junho de 2010.

O inquérito por questionário é composto por questões fechadas e reparte-se por seis subtemas: caracterização dos indivíduos (questões 1, 2 e 3), hábitos de leitura (questão 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17), características dos pais/encarregados de educação dos indivíduos (questão 18 e 19), a escola e a leitura (questões 20, 21, 22, 23 e 24), a biblioteca escolar: frequência e actividades (questões 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36 e 37), o conhecimento do Plano Nacional de Leitura (questões 38, 39 e 40), a Biblioteca Municipal de Arganil (questões 41, 42, 43, 44, 45 e 46) e por palavras e conceitos associados ao acto de ler, livros e leituras (questões 47, 48, 49 e 50). Ao longo do questionário deparamo-nos com algumas questões que permitem assinalar mais que uma opção de resposta, devido às características das mesmas (por exemplo, os livros que lêem são comprados, oferecidos, requisitados ou as actividades que costumam participar na BE ou BP, entre outras).

Os inquéritos foram preenchidos na sala de aula e/ou na biblioteca escolar com o apoio dos professores e investigadora devido ao número extenso de questões, das especificidades e características das exigências escolares que os referentes anos de escolaridade apresentam.

A análise e tratamento dos dados do inquérito por questionário foi efectuada através do programa informático SPSS (*Statistics Package for the Social Sciences*), sendo considerada “*uma poderosa ferramenta informática que permite realizar cálculos estatísticos complexos, e visualizar os seus resultados, em poucos segundos*” (Pereira, 1999, p. 10).

A técnica de análise é realizada através da estatística descritiva: a organização dos dados, interpretação e descrição dos mesmos e por fim, redigida a informação científica. No final, utiliza-se a triangulação objectiva de técnicas de recolha e análise dos dados: interacção alunos - escola/leitura – Bibliotecas (aprendizagem da leitura/ensino/competências/gosto e hábitos de leitura).

A análise e interpretação dos resultados obtidos através da aplicação do inquérito por questionário serão apresentadas no subcapítulo 4.3.

No próximo capítulo apresentamos de acordo com a observação directa aplicada às escolas e população em estudo, uma descrição sintetizada das bibliotecas escolares, uma breve análise do Plano Nacional de Leitura nas bibliotecas do concelho de Arganil, das atitudes e comportamentos dos alunos e professores face à leitura, às bibliotecas e actividades promovidas.

## **4.2 - Observação directa**

Neste subcapítulo apresentamos os aspectos considerados mais relevantes retirados dos apontamentos do diário de bordo que nos acompanhou desde o início do estudo empírico. A observação directa aplicada nas escolas e população em estudo decorria durante as actividades implementadas e dinamizadas na biblioteca pública, escolares e a decorrida em ambiente sala de aula. Encaramos esta análise como pertinente no sentido de aperfeiçoar e descrever de forma mais detalhada e aprofundada o fenómeno em estudo.

As Bibliotecas Escolares no Concelho de Arganil são constituídas por oito Bibliotecas em escolas do 1º ciclo de ensino básico que se distribuem pelas seguintes freguesias: Arganil, Folques, Sarzedo, Pombeiro da Beira, S. Martinho da Cortiça, Coja, Pomares e Benfeita.

Neste primeiro momento é importante salientar que as bibliotecas escolares apresentam condições físicas consideradas satisfatórias no que concerne ao funcionamento, estando equipadas com mobiliário adequado, permitindo o acesso a catálogos informatizados e apresentando um fundo documental diversificado face ao público-alvo. No que respeita aos recursos

humanos, estas estavam a cargo das equipas das BE que inclui técnicos de biblioteca e documentação, professores bibliotecários, professores coordenadores das BE e elementos da equipa do Serviço de Apoio à Biblioteca Escolar do Concelho de Arganil. Como refere, Margarida Fróis, Bibliotecária da Biblioteca Municipal Miguel Torga de Arganil, *“O apoio técnico desenvolvido pelo SABE nas Bibliotecas Escolares do 1º Ciclo do Ensino Básico assegura: o tratamento documental do fundo documental das Bibliotecas, o controlo do empréstimo domiciliário, entre bibliotecas e interno e a arrumação da biblioteca”* (2008).

Técnicos que asseguravam o horário de funcionamento, apoio técnico, informático e acções de promoção do livro e da leitura. Para além do apoio técnico, o SABE reforçava as actividades de animação da leitura: hora do conto, leituras partilhadas, oficinas de escrita criativa, plástica e dramática, ateliês relacionados com as novas tecnologias da informação, exposições biobibliográficas, concursos e passatempos (...) semanalmente e a todas as turmas/salas/BE. No gráfico da Figura 1 podemos observar as freguesias que compõem o Agrupamento de Escolas de Arganil e de Coja.



Figura 1 - Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

No caso das bibliotecas escolares onde era necessário apetrechar e diversificar o fundo documental com suportes e materiais diversos, a Biblioteca pública construía um baú (que permanecia na escola durante um mês e em média transportava 2 livros por aluno), compreendendo livros de ficção e que incluía autores portugueses e estrangeiros de diferentes géneros: poesia, teatro, banda desenhada, provérbios, adivinhas, lendas e contos (...). Estes baús proporcionavam o acesso a uma maior diversidade de autores, ilustradores e obras de literatura infantil/juvenil, colmatando as eventuais falhas que o fundo documental apresentava, para além de sugerir e apresentar novidades e recentes obras editadas cada baú era construído de acordo com as características do fundo documental da(s) BE, número de alunos e diferentes faixas etárias, efectuado através do empréstimo interbibliotecas.

Da amostra analisada, apenas o 1º CEB de Arganil não possuía biblioteca escolar devido às obras de requalificação da escola (futuro Centro Educativo). Os alunos deslocavam-se semanalmente à biblioteca municipal para participarem em actividades dinamizadas pelas técnicas da BP: hora do conto, leituras partilhadas, formação de utilizadores (desde a inscrição na BE, apre-

sentação dos diversos serviços e sectores, à pesquisa no catálogo...), oficinas de escrita criativa, concursos, visita guiada a exposições biobibliográficas/temáticas e procediam ao empréstimo domiciliário.

O trabalho desenvolvido tinha como objectivos: fomentar, desenvolver e criar laços de permanência das crianças, jovens, professores, funcionários e famílias com as bibliotecas escolares e públicas em geral, através de estratégias diversas, englobando acções de promoção do livro e da leitura; formação de utilizadores no sentido de desenvolverem competências autónomas de pesquisa e investigação, fundamentalmente, criar cidadãos com práticas de leitura permanentes e duradouras, incentivar a procura espontânea e incessante de um saber que se quer construtivo e contínuo ao longo da vida. Em suma, criar condições em que os utilizadores adoptem experiências e hábitos de leitura e de escrita alimentando literacias, capacidades e competências: um projecto que entende as características culturais, sociais e intelectuais da comunidade educativa das diferentes escolas, acompanhado por actividades que requerem o apoio incondicional e a motivação permanente dos técnicos e professores no gosto pela literatura.

Podemos afirmar que desde a implementação do Plano Nacional de Leitura no concelho que as escolas e os professores seguem em geral as directrizes emanadas pelo Plano. A selecção das obras para leitura orientada favorece a divulgação e promoção da literatura, nomeadamente o trabalho em sala de aula com os professores e alunos. Como refere Margarida Fróis,

*“Dando cumprimento ao Protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Arganil e o Plano Nacional de Leitura, a Biblioteca Municipal Miguel Torga como interlocutora do PNL no Concelho de Arganil desenvolveu os procedimentos necessários para pôr em execução os compromissos assumidos pela Câmara Municipal. Assim foi definida uma estratégia de empréstimo solidário que permitiu entregar em todas as Escolas do 1º CEB e Jardins-de-Infância livros recomendados para leitura orientada em sala de aula.*

*O trabalho desenvolvido pelas coordenadoras das Bibliotecas Escolares das EB2,3 de Arganil e Côja no diálogo com os professores para a selecção das obras a trabalhar em sala de aula foi fundamental (...) Conhecidas as escolhas dos professores procedeu-se então à recolha desses livros nas várias bibliotecas formando os conjuntos necessários de acordo com o número de alunos de cada turma. (...) todas as Bibliotecas contribuíram com exemplares do seu fundo documental para a concretização deste objectivo.*

*Por fim foi então possível distribuir pelas escolas os livros escolhidos pelos Professores, que aí ficaram até ao final do primeiro período. No final do primeiro período os livros foram recolhidos, estando neste momento a ser feita a segunda distribuição de acordo com a selecção feita pelos professores. Esta primeira fase não contou ainda com os livros que estão a ser adquiridos pelos Agrupamentos, utilizando as verbas disponibilizadas para este ano. (...) A fim de dar maior visibilidade a este trabalho foi criado um selo alusivo ao PNL no Concelho de Arganil que foi reproduzido e está a ser aplicado em todos os livros de leitura orientada, leitura autónoma e informativa” (2008).*

Constatamos que a leitura das obras é efectuada em ambiente sala de aula, onde os professores e alunos partilham as leituras, trabalham as diversas vertentes da língua portuguesa, o que o texto em particular e a obra em geral oferece, assim como a pesquisa da biobibliografia do autor em estudo. Alguns dos professores, na sequência da leitura, incentivavam os alunos a elaborar textos, desenhos/ilustrações de excertos da obra, que resultou na criação de livros construídos pela turma com materiais diversos, outros dramatizados ou adaptados e procederam à representação teatral. Estes trabalhos foram reunidos e no final do ano resultou numa exposição colectiva exposta na Biblioteca Municipal intitulada “À volta do PNL”. Os professores redigiram sinopses dos livros que foram partilhados na permuta de materiais no sítio Web da Biblioteca Municipal. Muitos dos docentes recorreram à BE para efectuarem as leituras orientadas, promovendo o livro, autor e ilustrador, recorrendo ao fundo documental existente e às novas tecnologias da informação (na visualização de sites e blogues sobre o tema). Os docentes que trabalharam para além do texto e da obra, diversas matérias e conceitos, motivando os alunos, pais e colegas, cultivando o gosto pela leitura aproximando-os da literatura e do prazer de ler, na criação de hábitos e costumes. É de salientar a entrega notória dos professores e alunos às actividades desenvolvidas nas bibliotecas quer no empenho, frequência e assiduidade.

Muitas iniciativas promovidas pelas escolas/Agrupamento inerentes ao PNL são desenvolvidas nas BE que incluem horas do conto, conversas com escritores locais, leituras partilhadas com pais e filhos, teatros, feiras do livro, exposições, concursos de leitura, encontros intergeracionais, projecção de filmes, etc. Na semana da leitura são desenvolvidas diversas actividades que vão desde jogos de promoção da leitura (peddy paper), exposições de trabalhos realizados durante o ano pelas turmas/escolas, partilha de leituras entre crianças, professores e toda a comunidade educativa na BE, encontro com escritores, apresentação de livros, mini feiras do livro nas diversas escolas, oficinas de expressão escrita e plástica (reconto oral do texto; escrita de frases registando as ideias principais do texto; desenho a ilustrar essas partes; compilação dos trabalhos em forma de livro), sessões de contos, comunidade de leitores, dramatizações realizadas pelos professores e alunos, participação em programas da Rádio local, divulgando o plano das acções, entre outros.

Podemos afirmar que, ao longo dos primeiros três anos de implementação do PNL, vários foram os acontecimentos, os projectos e acções implementadas, quer nas bibliotecas escolares com toda a comunidade escolar envolvida quer a dinamização de actividades na biblioteca pública dirigida a toda a população (projectos pontuais e continuados). As bibliotecas continham um espaço destinado à exposição/divulgação de livros PNL e permitia a pesquisa no catálogo informático (colectivo) por ano de escolaridade recomendado pelo Plano. Verificámos que estas

sugestões surtiam efeito devido ao número de leituras presenciais e empréstimos domiciliários a pais, professores e alunos. Era usual os familiares dos alunos dirigirem-se à BP à procura de livros PNL e materiais associados.

Verificamos o empenhamento da comunidade nos projectos desenvolvidos contribuindo de alguma forma para a realização dos eventos, num espírito fraterno, de cooperação, de enriquecimento e crescimento da cultura que estas acções oferecem.

De acordo com dados estatísticos (BMA, 2011) apresentamos na Tabela 1, o número de empréstimos e títulos emprestados às escolas de Arganil, Folques, Sarzedo, Pombeiro da Beira e S. Martinho da Cortiça (apresentadas apenas as BE em estudo).

Escola	2007/08			2008/09			2009/10		
	Número de livros	Títulos	Número de alunos	Número de livros	Título	Número de alunos	Número de livros	Título	Número de alunos
Arganil	290	35	202	269	30	191	296	30	180
Folques	74	22	17	73	20	18	76	24	26
Sarzedo	149	27	44	144	23	42	140	19	45
Pombeiro da Beira	119	22	34	68	15	18	74	15	26
S. Martinho da Cortiça	124	26	30	107	21	37	110	19	44
<b>Total:</b>	<b>756</b>	<b>132</b>	<b>327</b>	<b>661</b>	<b>109</b>	<b>306</b>	<b>696</b>	<b>107</b>	<b>321</b>
<b>Empréstimo interbibliotecas</b>	<b>1246</b>			<b>1068</b>			<b>1097</b>		
<b>Plano Nacional de Leitura</b>									

Tabela 1 - Número de livros emprestados às escolas para leitura orientada através do empréstimo interbibliotecas, número de títulos e de alunos por ano lectivo.

Verificamos que, no primeiro ano de implementação do PNL, o número de livros, títulos e empréstimos interbibliotecas era superior, comparativamente aos dois anos seguintes, devido ao número de alunos. Foi distribuído em média um livro de leitura orientada por turma/período, num total de três livros durante o ano lectivo. Podemos afirmar que houve professores que estudaram mais que uma obra por período, pelo interesse, dedicação, motivação e tempo disponibilizado. O decréscimo de alunos é visível no(s) ano(s) seguintes, e como a quantidade de livros PNL depende do número de alunos, verificamos a descida de livros/títulos e por consequência, dos empréstimos interbibliotecas, justificado por exemplo por turmas que deixaram de existir (4º ano em Pombeiro da Beira). No entanto, a ligeira subida de alunos no ano 2009/10, permitiu o empréstimo de mais livros, embora, os títulos estudados fossem inferiores ao ano transacto (provavelmente devido ao aumento de exemplares adquiridos por título). Salientamos o interesse generalizado dos professores na escolha dos títulos para leitura orientada, procurando a biblioteca escolar e pública para ler as obras antes de os seleccionar para a turma, analisando as sinopses efectuadas pelos colegas, consultando sítios Web e catálogos, facilitando a escolha,

pesquisa e estudo da obra. Esta motivação é extensiva aos alunos que posteriormente requisitam nas bibliotecas e procuram outros livros recomendados pelo Plano.

Para concluir, verificamos o apoio do SABE na dinamização de práticas nas BE: na mediação da leitura, na construção e enriquecimento do catálogo informático (base geral), na actualização da rede e de computadores com ligação à internet, na preparação, divulgação, dinamização de acções no âmbito PNL e na contribuição para o desenvolvimento de práticas leiturais dos alunos. O Plano vem reforçar hábitos, criar apetências, desenvolver capacidades e competências, melhorar espaços, dando vida às bibliotecas escolares através das inúmeras acções implementadas. Os alunos requisitam mais livros, o empréstimo domiciliário é prática instituída, lêem mais, conhecem um leque significativo de obras e autores e autonomamente procuram, investigam matérias em ambiente biblioteca para a realização de trabalhos escolares e outros de mero entretenimento ou lazer. Os professores aderiram às iniciativas com empenho e expectativa, apesar de para alguns estas mudanças significarem alterações quotidianas e curriculares, a verdade é que a leitura passou de indiferente e/ou obrigação para um acto de prazer, um momento encarado como partilha de emoções e alimento à criatividade e imaginação. Apesar de difícil inicialmente, a prática instalou-se na rotina escolar auxiliada pelo trabalho de técnicos de biblioteca que sensibilizavam, promoviam e dinamizavam acções de estímulo à leitura, nomeadamente à de recreio e prazer. Os alunos melhoraram gradualmente as suas competências de escrita e de expressão oral facilitadas pela leitura orientada com os professores e actividades associadas e às decorridas na BE com objectivos específicos que passamos a descrever de uma forma geral: fomentar e enriquecer as práticas de leitura; despertar nas crianças o gosto pelo livro e o prazer de ler a partir da magia dos contos; estimular a sensibilidade, a criatividade e a imaginação; proporcionar o contacto com os diversos materiais de leitura; dar a conhecer a vida e obra de escritores portugueses e estrangeiros infante/juvenis; promover a criatividade de forma a explorar as várias vertentes da palavra, do texto, da personagem, das histórias e/ou jogos de imaginação, desenvolver o espírito crítico, activo e reflexivo; proporcionar à criança o contacto com o imaginário, o fantástico e a descoberta; estimular a expressão criativa e estética da criança e a curiosidade pelo saber; promover a leitura em voz alta; desenvolver a capacidade de expressão e comunicação e dotar os alunos de competências autónomas de procura, uso e avaliação da informação.

Os pais e familiares das crianças frequentaram as actividades, inicialmente com alguma apreensão mas actualmente lêem com os filhos, partilham histórias de vida, participam nas conversas e reflexões de encontros com professores e escritores.

Este foi o resultado do trabalho de observação por nós realizado no início do estudo empírico e que contribuíram para a elaboração e aperfeiçoamento do inquérito final aos alunos.

Apresentamos em seguida a análise dos dados recolhidos no inquérito e principais conclusões.

### **4.3 - Apresentação e análise dos resultados**

Neste subcapítulo apresentamos a análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário realizado aos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade nas escolas do 1º CEB de Arganil, Folques, Sarzedo, S. Martinho da Cortiça e Pombeiro da Beira.

Para a apresentação dos resultados optámos pelos gráficos e tabelas; nalguns casos houve cruzamento de dados (mais que uma variável), para melhor compreender o fenómeno em causa, de forma aprofundar a investigação e enriquecer o seu conteúdo.

O inquérito por questionário reparte-se em seis subtemas: caracterização dos indivíduos, hábitos de leitura, características dos pais/encarregados de educação dos indivíduos, a escola e a leitura, a biblioteca escolar: frequência e actividades, o conhecimento do Plano Nacional de Leitura, a Biblioteca Municipal de Arganil e por último palavras e conceitos associados ao acto de ler, livros e leituras.

A primeira fase da investigação incide sobre as características pessoais dos indivíduos, representada por uma amostra de crianças que abrangem a faixa etária dos 7 aos 10 ou mais anos. Uma fase que determina a entrada na escola, a adaptação ao meio escolar e social, com entrada em novos meios de socialização. Um período assinalado pela construção autónoma da personalidade onde a liberdade, responsabilidade, educação e cultura familiar se repercute em novas formas de estar e de ser, onde regras e condutas, hábitos e rotinas se confluem, em espaços e acções diversas, aceleradas pela incessante evolução da sociedade.

#### **4.3.1 - Caracterização dos indivíduos**

Dos 146 alunos inquiridos, 51,7% pertencem ao sexo masculino e a maior percentagem de alunos encontra-se inscrito no 2º ano de escolaridade (39,7%). Os restantes repartem-se pelo 3º ano, 32,2% e com menor percentagem (28,1%) cursam o 4º ano. Da amostra recolhida, a maioria tem 8 e 9 anos de idade, 31,7% e 31% respectivamente; só dois alunos têm mais de 10 anos.

### 4.3.2 - Hábitos de Leitura

Para analisar os comportamentos dos alunos face à leitura, determinamos questões que envolvessem livros e práticas de leitura em ambiente familiar e a actuação dos pais relativamente a esta temática.

Constatamos que 140 alunos (95,9%) têm livros em casa e a maior parte (70%) possui mais de 15 livros; apenas 6 afirmam ter um livro, como podemos verificar no gráfico da Figura 2.

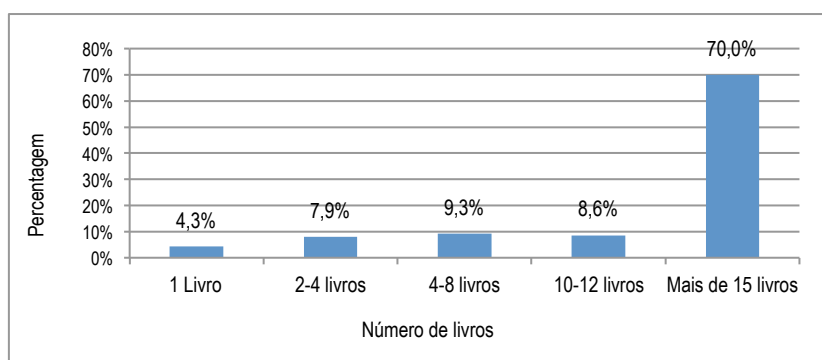


Figura 2 - Percentagem do número de livros que os inquiridos possuem em casa

Por ano de escolaridade são os alunos que frequentam o 2º ano aqueles que mais livros têm em casa<sup>15</sup>, como pudemos observar no gráfico da Figura 3.

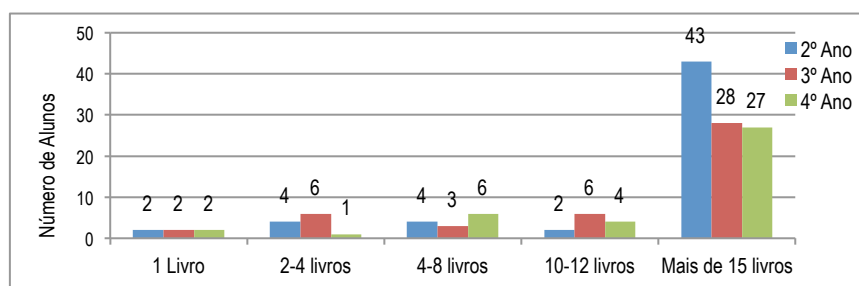


Figura 3 - Quantidade de livros que os alunos, por ano de escolaridade, possuem em casa

Quase todos os inquiridos (97,9%) costuma ver/ler livros em casa. Para reforçar esta questão, interrogamos os alunos quanto ao número de livros que já leram sozinhos e constatamos que 34,5% já leram mais de 20 livros sozinhos; somente 4 crianças afirmam não ter lido nenhum e 31% leram entre 5 a 10 livros.

As raparigas<sup>16</sup> lêem mais que os rapazes, 44,3% leu mais de vinte livros. Os rapazes atingem a percentagem mais elevada (38,7%), na escala dos entre os 5 e 10 livros. Estes dados as-

<sup>15</sup> Cruzamento das variáveis *quantidade de livros que os alunos possuem em casa* com o *ano de escolaridade*.

<sup>16</sup> Cruzamento das variáveis *sexo* e *quantos livros já leram sozinhos*.

semelham-se a estudos anteriores que referem que as raparigas lêem mais que os rapazes (Fontes & Fortuna, 1999; Lages, *et al.*, 2007), como se constata no gráfico da Figura 4.

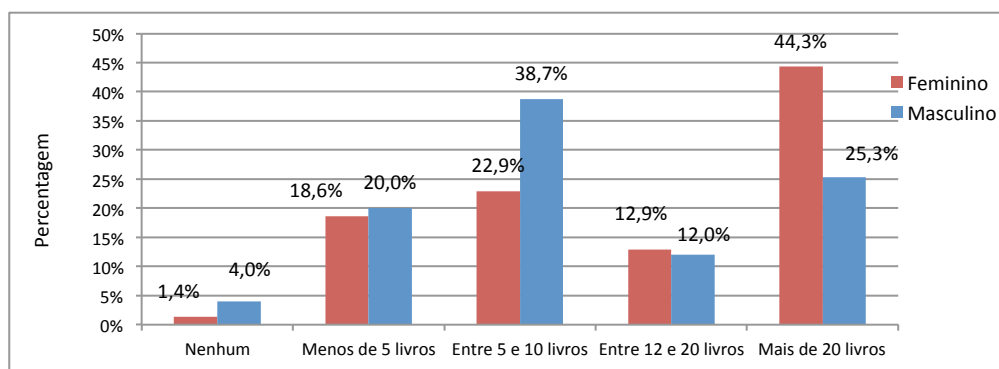


Figura 4 - Percentagem da quantidade de livros que as raparigas e rapazes já leram sozinhos

Os alunos do 2º ano são aqueles que mais livros leram<sup>17</sup>, mais de vinte. Dos alunos que não leu nenhum livro, metade frequenta o 3º ano. É curioso verificar que o número de livros lidos assume intervalos entre nenhum e mais de vinte, como se verifica no gráfico da Figura 5.

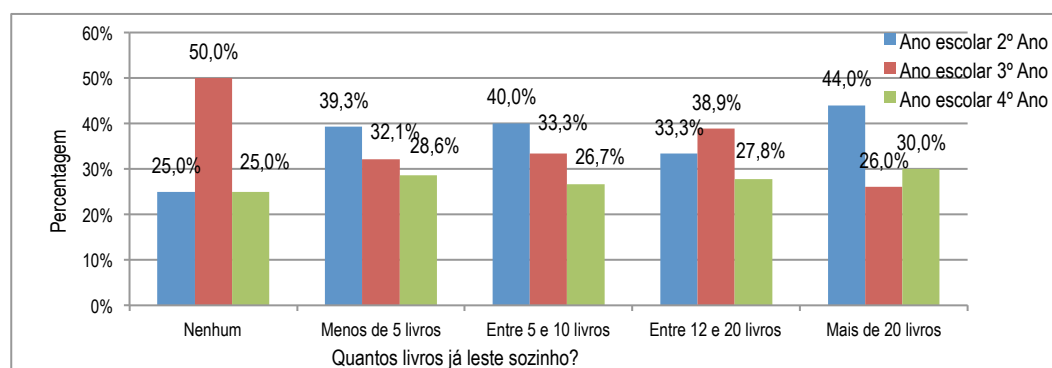


Figura 5 - Percentagem da quantidade de livros que os alunos já leram sozinho, por ano escolar

Os alunos que frequentam o 2º ano lêem mais, verificamos assim, que a socialização primária para a leitura acontece nos primeiros anos de escolaridade, tornando-se um hábito. Como refere Santos, Lima & Carvalho (2007), “*A precocidade da aprendizagem está directamente relacionada com a leitura: quanto mais cedo, mais cumulativa a leitura*”. No 1º ano de escolaridade coincide com o estágio inicial de leitura, a decodificação, e durante este ano revela-se o domínio que o aluno exerce sobre a leitura: fluência. Quanto mais cedo e maior o contacto e a oportunidade de acesso aos livros, na família e na escola, mais livros lêem. Será que os pais se preocupam com esta realidade, motivando os filhos para a leitura nos primeiros anos de escolaridade?

<sup>17</sup> Cruzamentos das variáveis *quantos livros já leram sozinhos* e o *ano escolar*.

Actualmente, as instituições, escolas, professores, educadores e alunos partilham acções que confluem o ensino, a arte, o lúdico, o pedagógico, a língua e a literatura com o objectivo de alargar perspectivas, diversificar conhecimentos, partilhar experiências, criar sensibilidades, despertar emoções e sentimentos que permitam ao indivíduo transformar-se num cidadão crítico, reflexivo e activo; e o papel das bibliotecas é o de elevar os níveis de literacia da população, contribuir para o enriquecimento pessoal, cultural e social do indivíduo numa vertente de formação ao longo da vida. Será que esta prática está enraizada nestas instituições ou apenas se desenvolvem acções em semanas e datas comemorativas? Será que o Plano Nacional de Leitura contribui para esta tendência devido à implementação da leitura orientada em sala de aula e em âmbito escolar a partir do pré-escolar? A promoção e divulgação da importância da leitura, nos diversos meios e suportes de informação e comunicação (bibliotecas, escolas, centro de saúde, televisão, rádio, jornais e revistas) têm contribuído para a sensibilização desta temática junto da população? Relativamente ao 4º ano podemos constatar que mais dois anos de frequência escolar contribuem para a leitura de mais livros, mais textos, mais informação, seja em ambiente familiar e/ou escolar.

Os pais, irmãos e avós dos inquiridos contam histórias em casa como afirmam 104 crianças (71,7%) e os que têm mais de 15 livros em sua casa são aqueles em que o agregado familiar lhes proporciona maior contacto com a leitura<sup>18</sup>, como se verifica no gráfico da Figura 6.

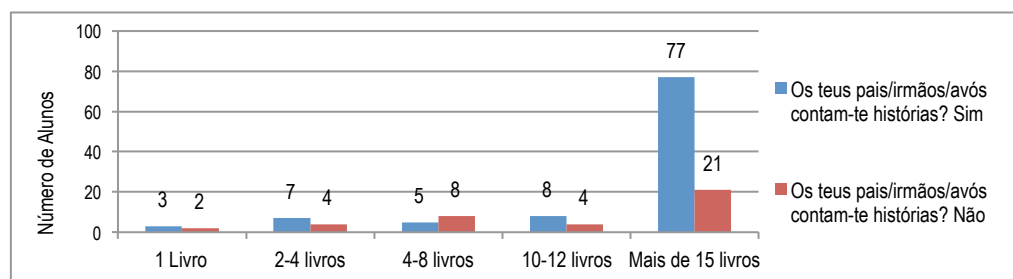


Figura 6 - Quantidade de livros que os alunos possuem em casa e a leitura de histórias por parte dos pais/irmãos/avós.

Para desenvolver esta questão quisemos saber quantos livros as crianças já leram com os pais. Apesar de os resultados se distribuírem pelas diversas opções de resposta, a maioria já leu entre 5 a 10 livros (29,5%) e 26,7% leu menos de 5 livros. Contudo, é de salientar que cerca de 18,5% dos alunos já leram entre 10 e 50 livros, com os pais e 10,3% leram mais de 50 livros.

Aprimorámos esta questão para conhecermos com que frequência os pais contam histórias aos seus filhos e verificamos que 47% dos pais, apenas o faz só as vezes. Em contrapartida,

<sup>18</sup> Cruzamento das variáveis *Os pais, irmãos e avós dos inquiridos contam histórias em casa* com o *número de livros que os inquiridos possuem*.

cerca de 24,6% dos pais contam histórias aos seus filhos todos ou quase todos os dias e 12 alunos referem que quase nunca lhe contam histórias.

As crianças que leram menos de cinco livros com os pais e os que assinalaram entre cinco a dez livros e entre 10 a 50 livros a maioria, só às vezes é que o fazem<sup>19</sup>. Para contrastar os dados anteriores, 80% das crianças que leram mais de 50 livros com os pais, fazem-no todos ou quase todos os dias. Dos que leram menos de cinco livros, 25,6% declaram que os pais quase nunca o fazem. É de salientar que 15,1% das crianças não leu nenhum livro com os pais, como se pode observar no gráfico da Figura 7.

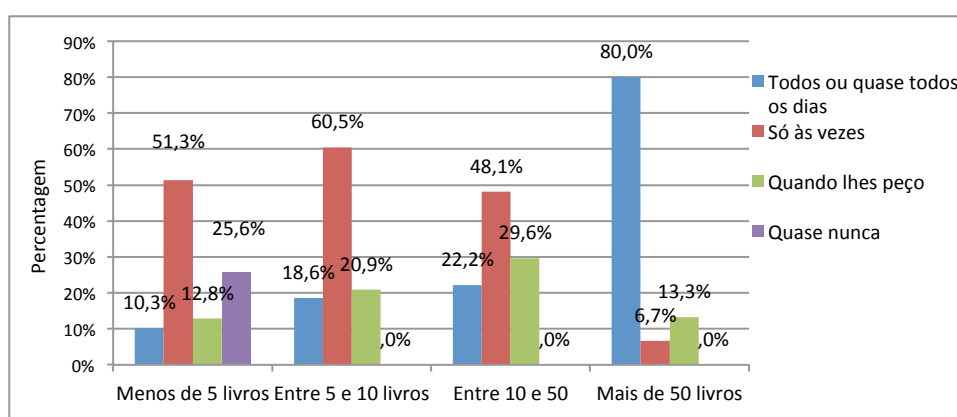


Figura 7 - Percentagem da quantidade de livros que as crianças já leram com os pais e a frequência com que o fazem.

Dos pais que não leram nenhum livro aos filhos, a maioria possui mais de 15 livros em casa e o mesmo se observa nos alunos cujos pais leram menos de 5 livros<sup>20</sup>. Poder-se-á constatar que, pelo facto de os pais lerem poucos livros aos filhos não significa que não tenham livros em casa. No entanto, é de reforçar que aqueles que lêem mais livros aos filhos são os que possuem mais livros em casa, como se verifica no gráfico da Figura 8.

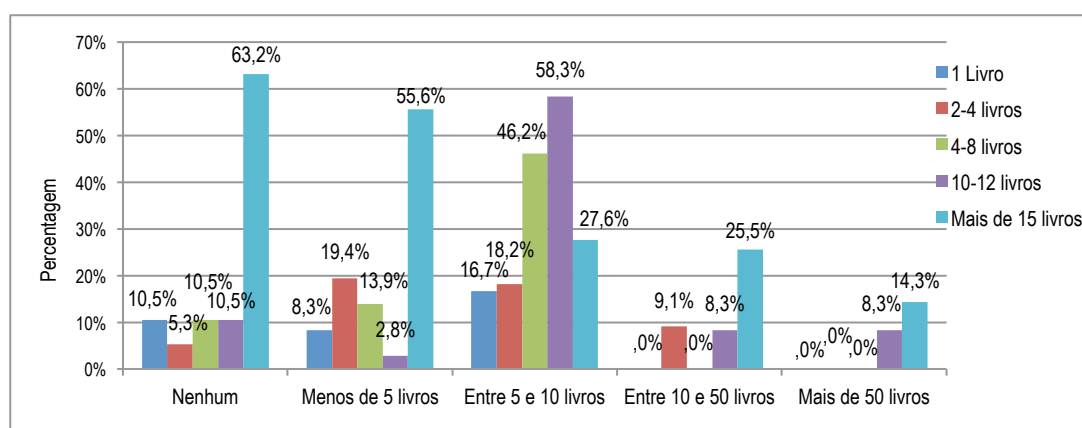


Figura 8 – Percentagem da quantidade de livros que as crianças já leram com os pais com os que possuem em casa

<sup>19</sup> Cruzamento das variáveis *quantidade de livros que as crianças já leram com os pais* e *a frequência com que o fazem*.

<sup>20</sup> Cruzamento das variáveis *quantidade de livros que as crianças já leram com os pais* e *com os que possuem em casa*.

Os pais parecem estar despertos para esta temática (existem livros em casa): contudo, na prática, não partilham leitura de livros em casa, com os filhos?

Em síntese, reconhecemos que os alunos inquiridos possuem livros em casa e habitualmente os lêem e a família também lhe conta histórias. No entanto, é quantitativamente visível que a maioria das crianças leu poucos livros com os pais e essa prática é realizada, na sua maioria, só as vezes. Apesar deste facto, as famílias possuem hábitos de leitura, já que quase todos costumam ler livros, jornais e revistas (93,8%). Da amostra, os alunos do 2º ano de escolaridade são os que mais livros têm e lêem.

Os livros que as crianças lêem são na maioria oferecidos pela família e amigos (74,5%), mas com pouca diferença surgem os livros comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro e outros requisitados na biblioteca da escola (ambos com 69,7%). Apreendemos que a família encoraja as crianças para a leitura, desde a oferta ou a compra de livros, para além da biblioteca da escola assumir relevância no domínio do empréstimo domiciliário.

Quando essas práticas nascem e se desenvolvem em casa e quando prolongadas na escola, no grupo de amigos e nas bibliotecas, tornam-se hábitos correntes na vida do indivíduo, uma acção quotidiana, que deve ser alimentada, alicerçando costumes e contribuindo para a criação de laços de afectividade com os livros e a leitura. Experiências que devem ser vividas desde a mais tenra idade e se prolonguem na vida adulta.

Ao cruzar as variáveis *os livros que lêem comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro* com o *número de livros que contêm em casa* constatamos que estes alunos possuem na sua maioria mais de 15 livros em sua casa (73,5%), como se constata no gráfico da Figura 9.

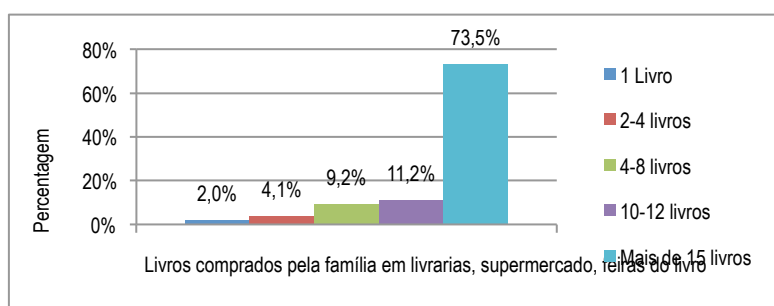


Figura 9 – Percentagem da quantidade de livros que lêem comprados pela família com o número de livros que possuem em casa

Na perspectiva de examinar em pormenor os dados recolhidos, em relação à actuação da família com os livros e inquiridos, verificamos que a maioria das famílias conta histórias às suas crianças com livros requisitados nas bibliotecas através do empréstimo domiciliário: biblio-

teca da escola (76%) e na biblioteca municipal (73,6%).<sup>21</sup> Para além dos livros que lêem serem requisitados nas bibliotecas, o papel da família assume relevância no que concerne à compra dos mesmos (73,3%). Significa, portanto, que o ambiente familiar está, também, sensibilizado para esta temática. Os valores das diferentes opções de resposta são aproximados, como se confirma no gráfico da Figura 10.

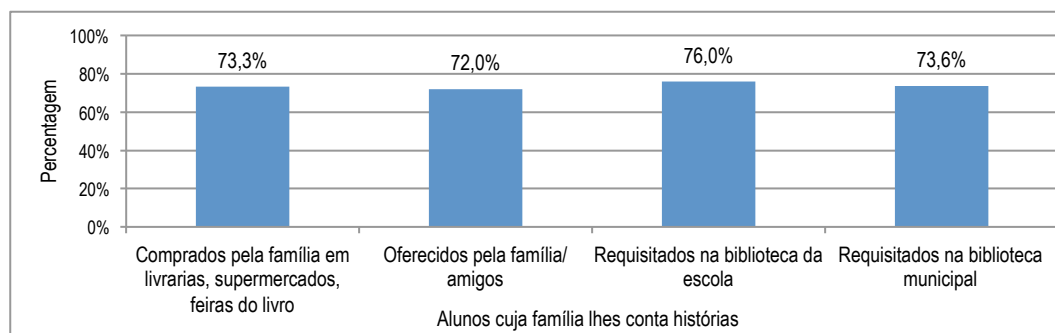


Figura 10 - Percentagem dos alunos cuja família lhes conta histórias e os livros que lêem (comprados, oferecidos ou requisitados)

Particularizando o gosto pela leitura por parte dos alunos inquiridos, quisemos saber qualitativamente como se situa este prazer: 78,1% admite gostar muito de ler, 15,8% assim-assim e 6,2% diz gostar pouco. Por género e ano de escolaridade, os rapazes do 2º ano são os que gostam muito de ler (79,4%), bem como as raparigas que frequentam o 4º ano (95,8%) e o 3º ano (95,5%), como podemos observar nos gráficos da Figura 11 e Figura 12, respectivamente.

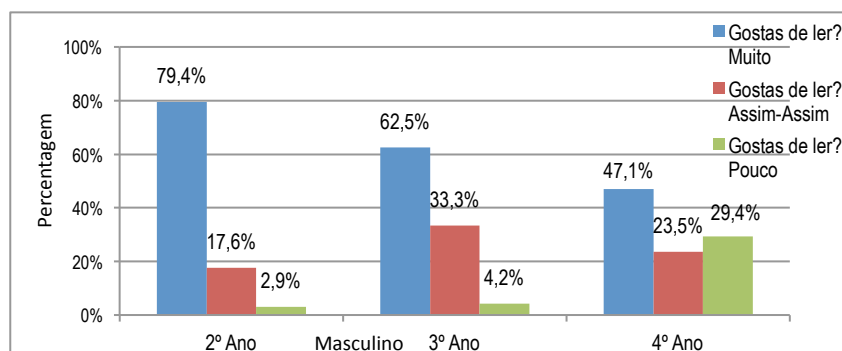


Figura 11 - As diferentes percepções do gosto pela leitura dos rapazes, por ano de escolaridade

<sup>21</sup> Cruzamento das variáveis *os teus pais, irmãos, avós contam-te histórias* com *os livros que lêes são comprados, oferecidos ou requisitados*.

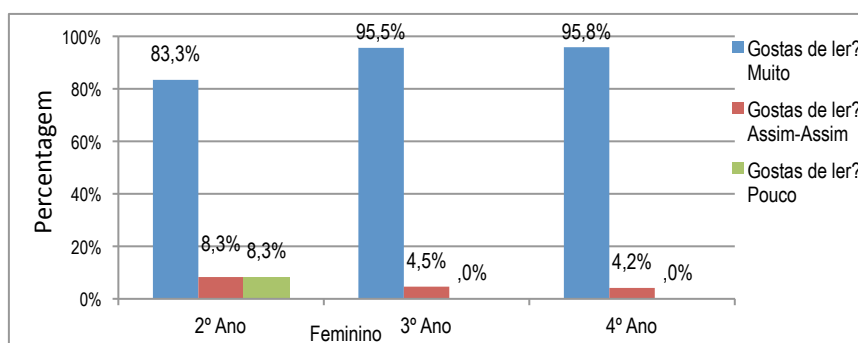


Figura 12 - As diferentes percepções do gosto pela leitura das raparigas, por ano de escolaridade

Conferimos que 90% dos alunos que já leram mais de vinte livros sozinhos gostam muito de ler, bem como os que leram entre 12 a 20 livros (83,3%)<sup>22</sup>. Este cruzamento reforça o entusiasmo que os alunos têm pela leitura. Quem gosta muito de ler, cria e desenvolve o hábito, pratica lendo livros de forma autónoma, como verificamos no gráfico da Figura 13.

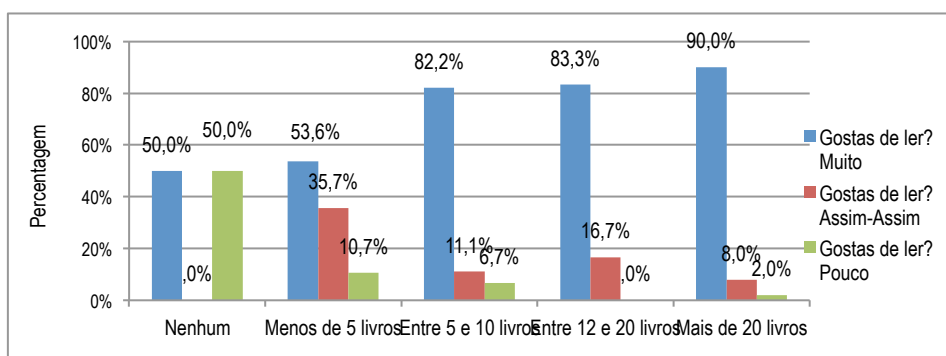


Figura 13 – Percentagem da quantidade de livros que já leram sozinhos e o gosto pela leitura

Aproximadamente 74% dos indivíduos que gostam muito de ler possuem mais de 15 livros em casa, assim como, os que gostam assim-assim (61,9%), como se constata no gráfico da Figura 14.

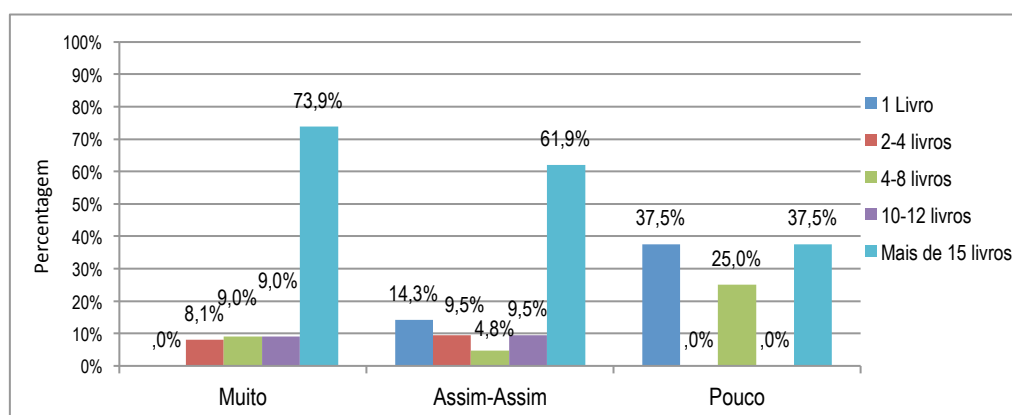


Figura 14 – Percentagem das diferentes percepções do gosto pela leitura com a quantidade de livros que possuem em casa

<sup>22</sup> Cruzamento das variáveis *quantos livros já leram sozinhos* e *o gosto de ler*.

É de referir que 37,5% das crianças que declaram gostar pouco de ler possuem mais de 15 em casa. O que nos leva a reflectir que muitas destas crianças têm livros à sua disposição mas não gostam ou gostam pouco de ler, porque será? Não são incentivados? São sensibilizados na escola e pelos pais?

A maioria das crianças (62,3%) revela que às vezes falam com os amigos acerca dos livros que leram ou ouviram ler na escola e/ou na biblioteca e 27,4% reconhece que fala muitas vezes, ao invés de 10,3% que afirma nunca ter falado. A grande maioria dos alunos (90%) que falam muitas vezes com os amigos acerca de livros e os que falam às vezes (75,8%) afirmam gostar muito de ler, como se constata no gráfico da Figura 15.

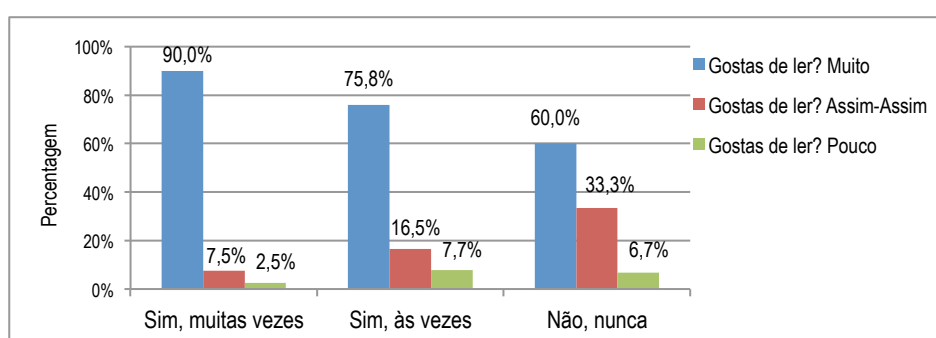


Figura 15 - Percentagem da quantidade de vezes que os alunos falam com os amigos acerca dos livros que leram ou ouviram ler com a percepção do gosto pela leitura

Para investigar a questão do gosto dos alunos pela leitura procuramos saber como os inquiridos actuam perante a leitura de um livro. A maioria (66,9%) revela que lêem todos os livros do princípio ao fim e a segunda opção mais cotada, 24,1% dos inquiridos declara que deixam vários livros por acabar. Das opções restantes, 9 alunos afirmam que apenas lêem do princípio ao fim livros com desenhos e 4 dizem que não lêem, apenas vêem os desenhos.

Dos alunos que leram entre 12 e 20 livros, na sua maioria (77,8%) leram todos os livros do princípio ao fim, e o mesmo sucede com alunos que leram mais de vinte livros. É de realçar que os alunos que leram poucos livros (menos de cinco), a grande maioria leram todos os livros na sua totalidade, apesar de a opção *deixo vários livros por acabar*, se aproximarem desta percentagem (42,9%).

Pudemos dizer que esta cumplicidade de leitura é significativa porque apesar de lerem poucos livros, são todos lidos, do princípio ao fim, já que a percentagem de alunos que vêem apenas os desenhos é muito reduzida, como se constata na Figura 16.

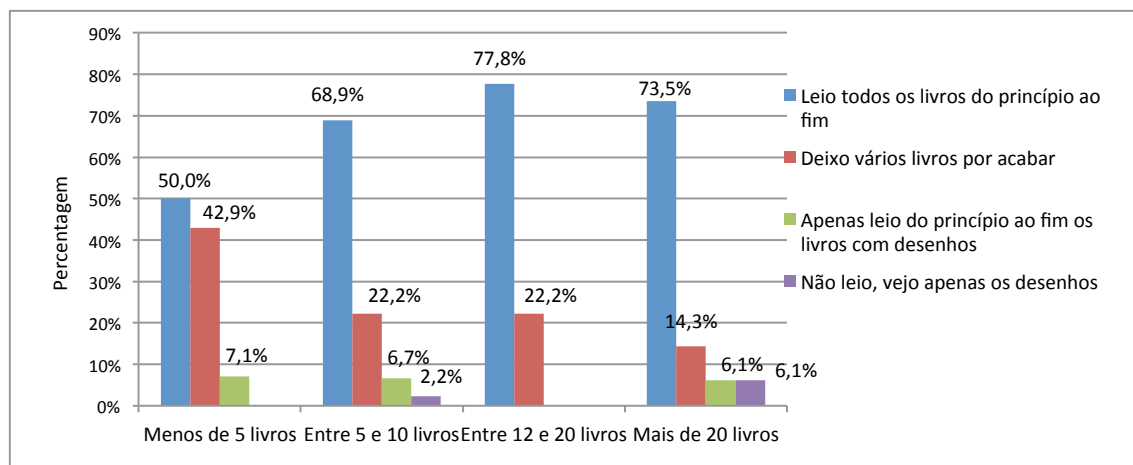


Figura 16 – Quantidade de livros que as crianças já leram sozinhas e a forma como os lêem

A maioria das crianças (91,7%) afirma tratar todos os livros com muito cuidado; 6,2% afirma cuidar alguns livros com muito cuidado mas outros não, e uma percentagem muito reduzida (2,1%) diz que não se preocupa muito com eles.

Quisemos saber se os alunos, para além deste contacto pessoal e familiar com os livros, alguma vez escreveram textos, que representam diversos tipos de comunicação escrita em diferentes suportes, como é o caso de diários, poesias, cartas (*clássica*, o papel e lápis), e-mails, SMS, mensagens no *Messenger*, no Hi5 ou Facebook (com recurso às novas tecnologias de informação). Da lista apresentada, as crianças revelam que a maioria já escreveu uma carta (80,4%), uma poesia (72,7%) e um e-mail (44,8%). De seguida, constatamos que 43,4% dos alunos já escreveram uma mensagem no *Messenger*, escreveram um diário (42,7%), um SMS (40,6%) e uma percentagem reduzida, 22,4 % afirma ter escrito no Hi5 ou Facebook.

Esta breve descrição leva-nos a concluir que perante tipos de acesso diferenciados, os alunos repartem-se entre a comunicação mais prática, como é o caso da carta e poesia, mas o e-mail e as mensagens no *Messenger*, onde o acesso ao computador e Internet é a base de escrita e muitas das vezes não os têm à sua inteira disposição (por vezes só na escola/biblioteca ou os que podem ter acesso em casa) são também das opções mais cotada. Nesta amostra podemos assinalar que as redes sociais já estão introduzidas no seu quotidiano, verificamos que menos de metade assume não ter escrito nestes suportes, contudo é uma prática assinalada por uma percentagem significativa de alunos, seja por necessidades práticas ou em relação ao convívio com os amigos e/ou familiares. Estamos perante uma nova geração de leitores, adeptos das novas formas de comunicação, em diferentes plataformas, a novas redes e comunidades, onde a escrita assume um papel de relevância social e pessoal na interacção e comunicação.

### 4.3.3 - Caracterização dos pais/encarregados de educação dos indivíduos

Relativamente às habilitações literárias/grau de instrução completo dos pais ou encarregado de educação com quem o aluno vive, 47,7% dos pais e 37,9% das mães dos inquiridos possuem o 1º ciclo (ou equivalente) completo. Os restantes mais assinalados possuem o 2º e 3º ciclo completo, como se constata no gráfico da Figura 17.

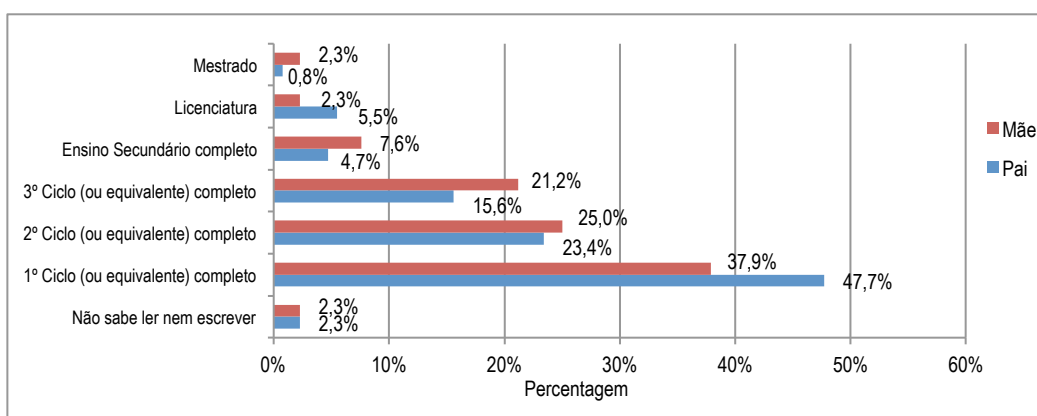


Figura 17 - Grau de instrução das mães e pais dos inquiridos (em percentagem)

A ocupação ou profissão mais recente do pai e da mãe revela que a grande maioria dos pais (54,6%) e das mães (37,1%) são empregados de escritório, de comércio e serviços operários. Quanto aos pais, a segunda profissão mais assinalada (16,8%) são o de trabalhadores por conta própria no comércio, serviços e actividades industriais e de seguida, 11,8% pertence aos quadros técnicos. Já as mães, 17,4% são domésticas e 15,2% são trabalhadores por conta própria no comércio, serviços e actividades industriais e de assinalar que 11,4% estão desempregadas, como se verifica no gráfico da Figura 18.

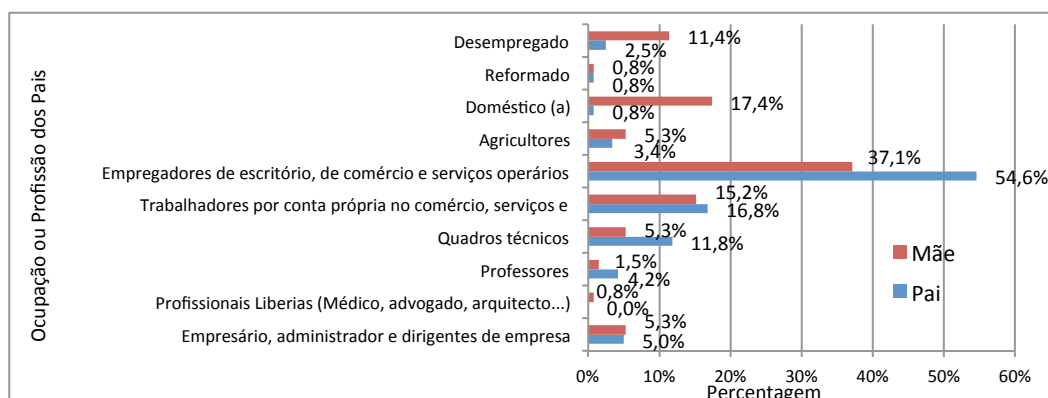


Figura 18 - Tipo de ocupação profissional das mães e pais dos inquiridos (em percentagem)

Para entendermos a relação filho/a – mãe/pai relacionámos a percepção do *gosto de ler* dos alunos com as *habilitações literárias de ambos*. Os alunos cujas mães detêm maior grau de

instrução (frequentam o ensino superior, possuem licenciatura e mestrado) gostam muito de ler (100%) e à medida que a habilitação literária aumenta, verificamos apenas uma opção de resposta. A maior percentagem de alunos que gostam pouco de ler (33,3%) situa-se nas mães que não sabem ler nem escrever. Reconhecemos, contudo, que a maioria dos alunos inquiridos, independentemente do grau de instrução das mães, afirma gostar muito de ler, como podemos observar no gráfico da Figura 19.

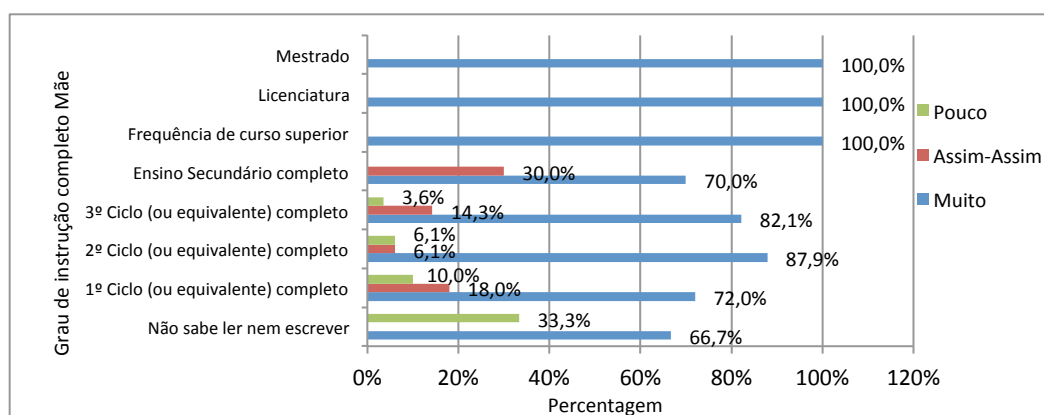


Figura 19 - Grau de instrução das mães dos inquiridos com a percepção do gosto pela leitura (em percentagem)

No que concerne ao grau de instrução dos pais, verificamos um retrato semelhante ao das mães: os alunos, independentemente do grau de instrução dos pais, a maioria gosta muito de ler. Os alunos cujos pais detêm habilitações literárias superiores (mestrado e licenciatura) afirmam na sua totalidade gostar muito de ler, verificando-se também nos alunos cujos pais não sabem ler nem escrever, como se constata na Figura 20.

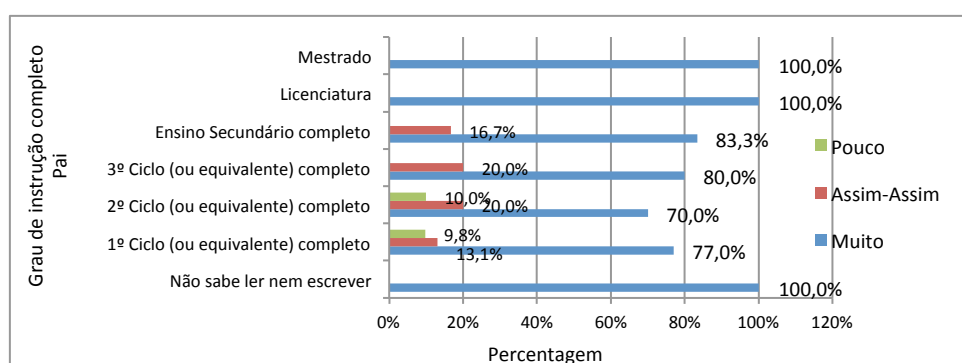


Figura 20 - Grau de instrução dos pais dos inquiridos com a percepção do gosto pela leitura (em percentagem)

Contudo, o dado relevante desta análise reforça estudos anteriormente efectuados que constata que são os pais com níveis de escolarização mais elevados quem mais investem na formação do hábito e gosto de ler (Lages, *et al.*, 2007). No entanto, é de salientar que nesta in-

investigação, se verifica também, que existem pais que não tem qualquer escolaridade e os seus filhos afirmam gostam muito de ler. Será que os pais incutem nos filhos o gosto pela leitura e pelo saber, numa perspectiva de investimento na formação escolar, valorizando a educação e o futuro profissional?

É de ressaltar que em todos os graus de instrução da mãe e do pai, na maioria, os alunos possuem mais de 15 livros em casa. Os pais que possuem habilitações literárias mais elevadas surge apenas a variável *mais de quinze livros*, como se pode verificar no gráfico da Figura 21 e Figura 22, respectivamente.

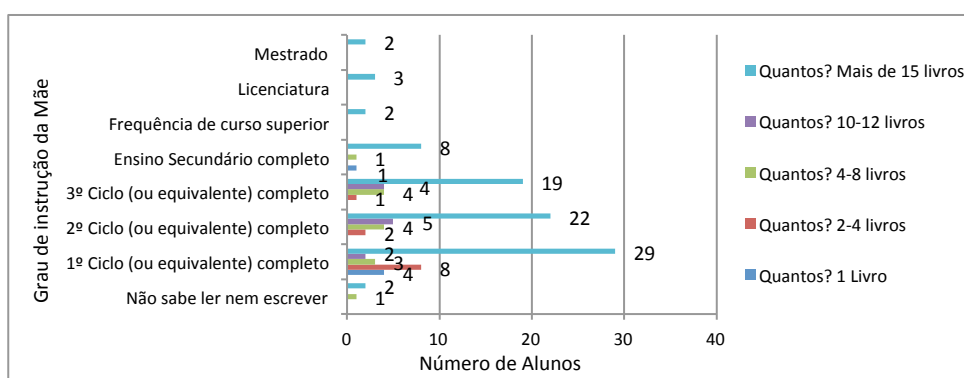


Figura 21 - Grau de instrução da mãe e a quantidade de livros que o aluno possui em casa

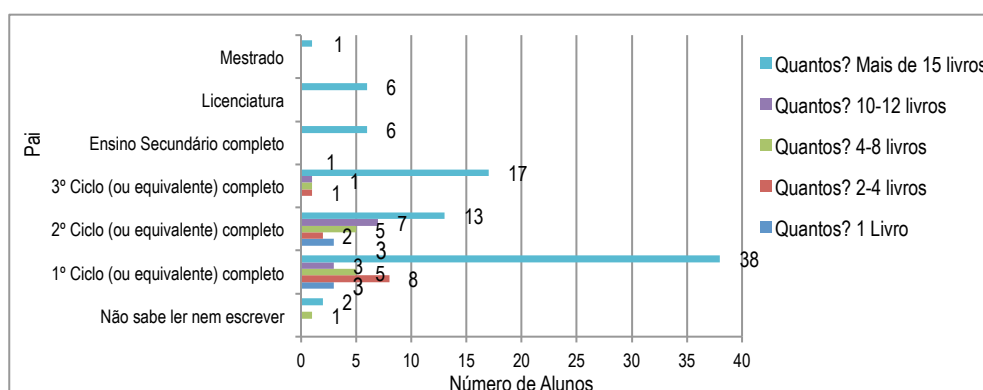


Figura 22 - Grau de instrução do pai e a quantidade de livros que o aluno possui em casa

Para perceber a influência que os pais exercem nos filhos no que se relaciona com a motivação para a leitura e dos laços de afectividade que estabelecem com os livros, cruzámos as variáveis *grau de instrução da mãe* e *a quantidade de livros que os alunos já leram sozinhos*. Os alunos cujas mães não sabem ler nem escrever e frequentam o ensino superior (66,7%) leram mais de 20 livros sozinhos, verificando-se, contudo, uma disparidade de instrução significativa. Das mães que possuem o 1º ciclo completo, os alunos leram entre 5 e 10 livros (32%), como se verifica na Figura 23.

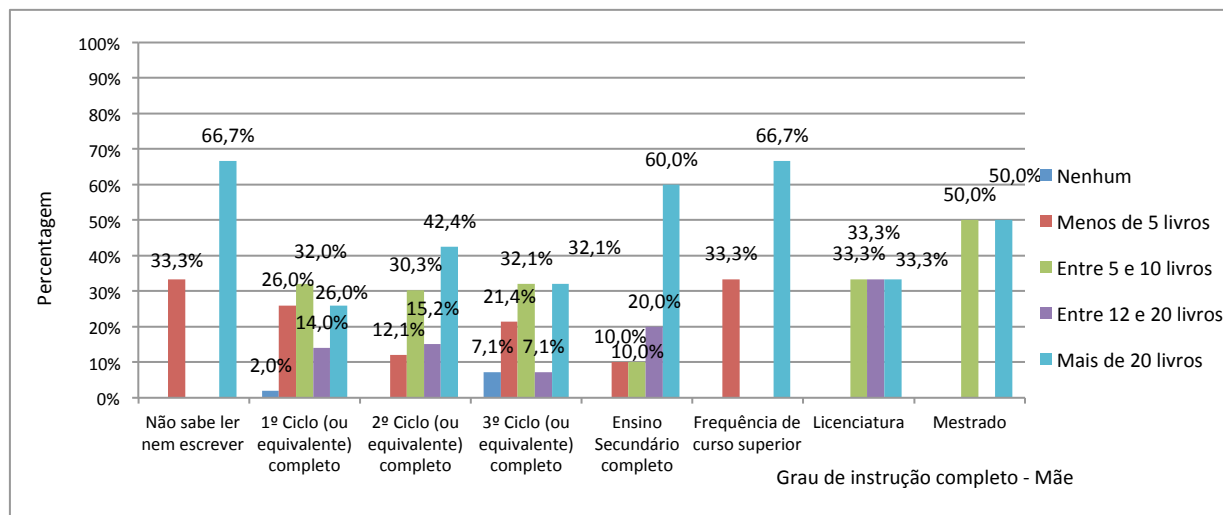


Figura 23 - Grau de instrução da mãe e a quantidade de livros que os alunos já leram sozinhos

Relativamente ao grau de instrução do pai, à medida que este aumenta, maior a percentagem de alunos que lê mais de vinte livros (do 3º ciclo aos pais que possuem mestrado). Verifica-se que os alunos cujos pais detêm o 2º ciclo a maior percentagem de livros lidos é entre 5 e 10 livros, como se constata na Figura 24.

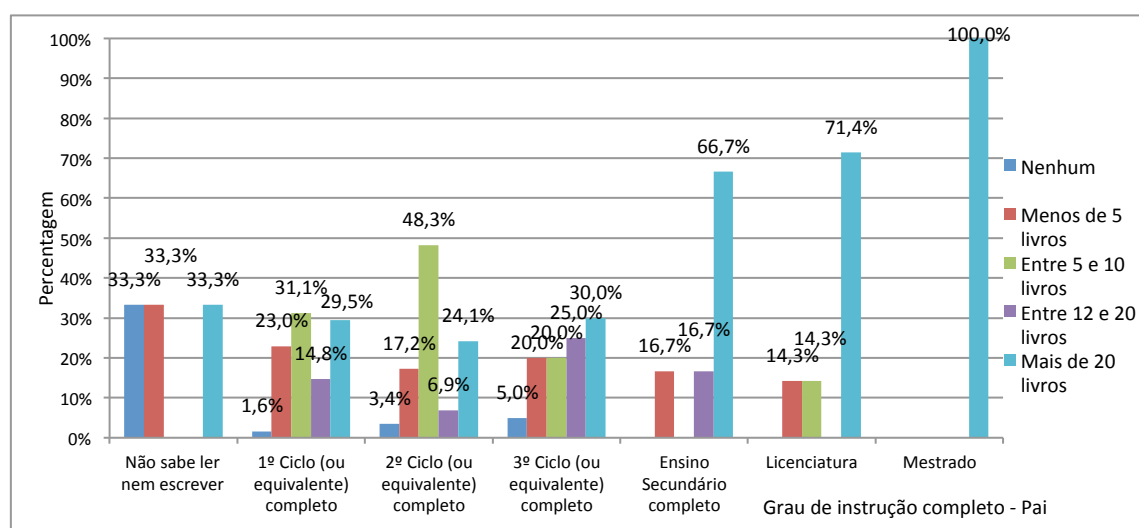


Figura 24 - Grau de instrução do pai e a quantidade de livros que os alunos já leram sozinhos

Neste estudo constata-se que quanto maior o grau de instrução do pai, maior a quantidade de livros que os alunos lêem. Quanto mais qualificado o núcleo familiar mais os incentivos familiares para a leitura (Santos, Lima & Carvalho, 2007). Contudo, no caso das mães, verificamos que a maior percentagem de alunos que leram mais de 20 livros sozinhos se situa nas mães que não sabem ler nem escrever e aquelas que frequentam o ensino superior.

#### 4.3.4 - Escola e a Leitura

A terceira parte do questionário foca a temática da escola e da relação do aluno/professor com a leitura dentro e fora da sala de aula. Questionámos os alunos sobre se os seus professores lhes costumam contar histórias na sala de aula e constatamos que 136 alunos reponderam afirmativamente. Em relação à frequência com que o fazem, mais de metade (57%) assinalou que só às vezes. Já 24,6% declara que pelo menos uma vez por semana e 16,9% dos alunos afirmam que todos ou quase todos os dias os professores contam histórias na sala.

No que se refere à(s) actividade(s) que se relacionam com a leitura em ambiente de sala de aula (questão de resposta múltipla), a mais assinalada pelos alunos é que costumam ouvir a história em voz alta (91,1%). Mas também fazem desenhos (79,5%) resumos da história (67,8%) e fichas de leitura (63%), como se verifica no gráfico da Figura 25.

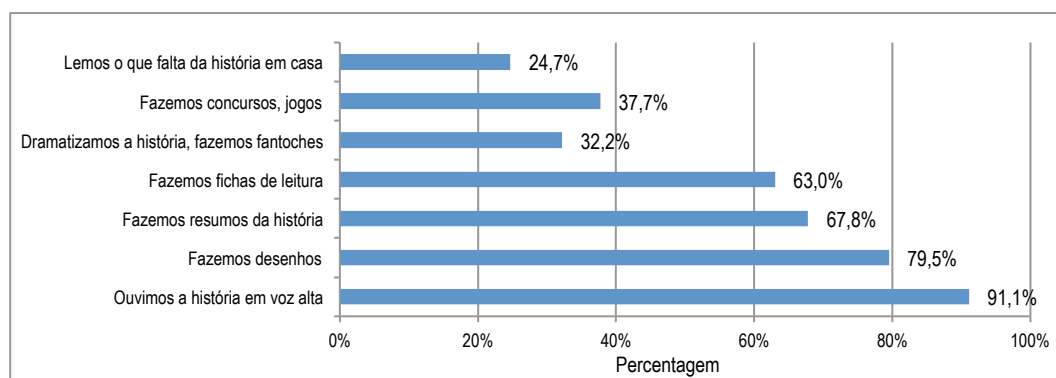


Figura 25 – Actividades que os inquiridos realizam com os professores na sala de aula quando ouvem histórias (em percentagem)

Dos inquiridos, 79,3% declara que os professores costumam levar livros para a sala de aula para lhes mostrar e mais de metade (52,1%) afirma que existe troca de livros na turma entre os alunos.

#### 4.3.5 - A Biblioteca escolar: frequência e actividades

A parte seguinte do questionário aborda o tema relativo à biblioteca escolar: a frequência, o tempo que os alunos dispõem por dia/semana, o que fazem, com quem vão à biblioteca e que tipo de actividades frequentam, desenvolvem e participam.

A quase totalidade dos alunos (96%) lêem os livros da biblioteca escolar e a maioria costuma lá ir cerca de uma vez por semana (52,8%) e todos ou quase todos os dias (37,5%). São os

rapazes do 3º ano (78,6%) e as raparigas do 4º ano de escolaridade (62,5%) que frequentam a biblioteca escolar, todos ou quase todos os dias<sup>23</sup>, como se verifica no gráfico da Figura 26.

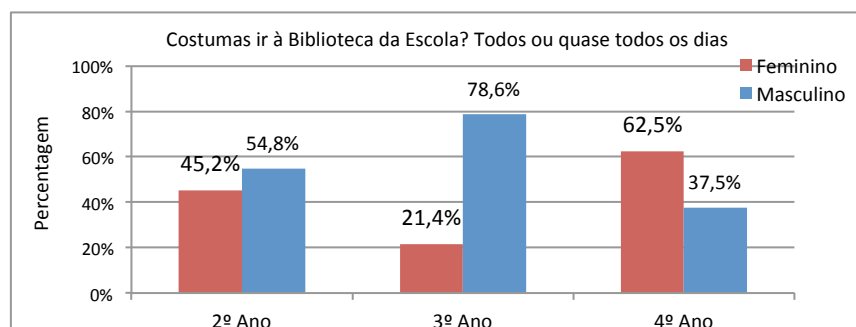


Figura 26 - Percentagem dos alunos que vão à Biblioteca da Escola, todos ou quase todos os dias

Os alunos que gostam muito de ler vão à biblioteca da escola cerca de uma vez por semana (65 alunos) e 39 inquiridos vão lá todos ou quase todos os dias, como se pode observar no gráfico da Figura 27.

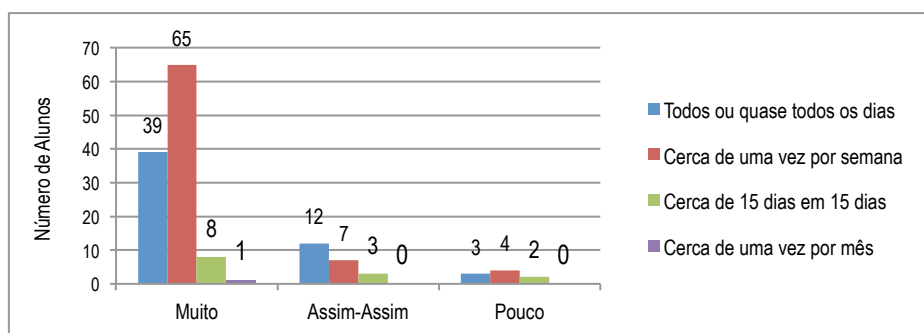


Figura 27 - Quantidade de vezes que os alunos vão à Biblioteca da Escola, com o gosto pela leitura

A questão seguinte permite-nos apurar que 71,1% dos alunos vão à biblioteca nos intervalos das aulas e que durante a semana (segunda a sexta feira) passam lá mais de 1 a 3 horas (43%). Com diferença mínima em termos percentuais, 42,3% dos alunos passam menos de uma hora por semana na Biblioteca Escolar. Vinte e um alunos costumam passar mais de 3 a 6 horas na Biblioteca escolar.

Dos 60 alunos que passam menos de uma hora na BE, 48 alunos gostam muito de ler. Dos que afirmam que frequentam a biblioteca cerca de uma a três horas, destacam-se significativamente os alunos que gostam muito de ler. Verificamos que os alunos que gostam muito de ler são aqueles que passam lá mais tempo<sup>24</sup>, como se pode verificar no gráfico da Figura 28.

<sup>23</sup> Ao cruzar o sexo, ano de escolaridade e a frequência com que costumam ir à biblioteca.

<sup>24</sup> Cruzamento das variáveis o tempo que os alunos passam na biblioteca com o gosto de ler.

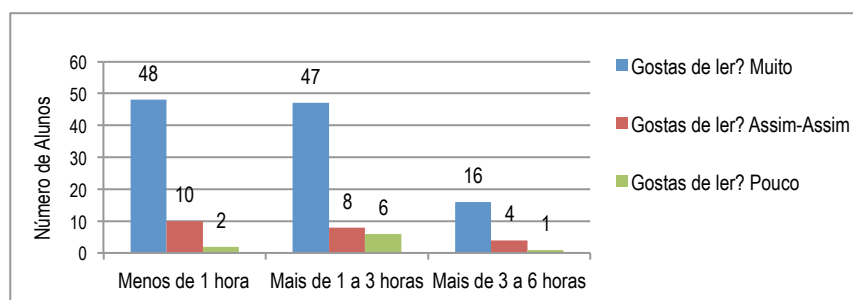


Figura 28 – O tempo que os alunos passam na Biblioteca e gosto pela leitura

É de salientar que dos alunos que frequentam a biblioteca uma vez por semana, a maioria permanece lá entre 1 a 3 horas. Dos alunos que frequentam todos ou quase todos os dias, metade mantêm-se na BE menos de uma hora e um número significativo de inquiridos mais de 3 horas, como se observa no gráfico da Figura 29.

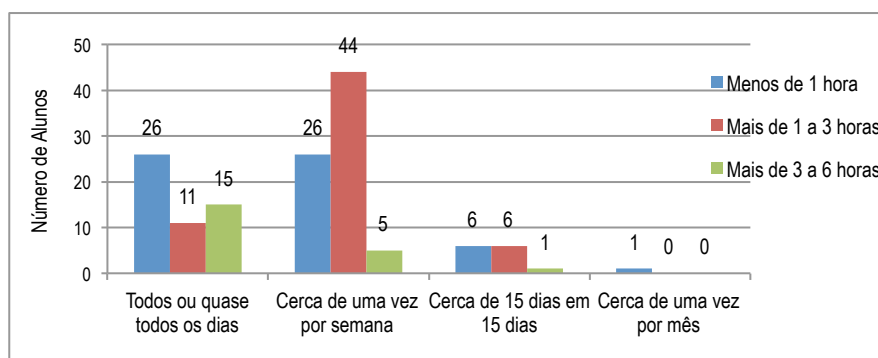


Figura 29 – A frequência com que os alunos vão à biblioteca e o tempo que lá permanecem

Questionámos os alunos acerca do que fazem na Biblioteca da escola e da longa lista de acções (resposta múltipla), destacamos as mais assinaladas: requisição e leitura de livros (ambos com 93,7%), ouvem histórias (91,6%) e acompanham o professor(a) numa actividade escolar (76,1%). Contudo, importante para analisarmos as tendências e disposições dos alunos face ao que procuram na BE, descrevemos as restantes actividades: os alunos também lêem banda desenhada (72%), fazem teatro (68,5%), navegam na Internet (65%), visitam exposições (63,6%) e escrevem histórias (61,5%). As actividades menos cotadas prendem-se com a pesquisa e uso do computador para trabalhos da escola (49%), passam o tempo livre (47,6%), estudam/fazem trabalhos de casa (46,2%) e por último lêem jornais e revistas (40,6%).

As opções de resposta menos assinaladas evidenciam-se aquelas que têm directamente a ver com o uso da BE para reforço de actividades lectivas, seja nos trabalhos de casa, pesquisa ou estudo. Todavia, podemos afirmar que o espaço biblioteca é utilizado para actividades lúdicas e recreativas, relacionadas directamente com a promoção do livro e da leitura, da arte e cultura.

Na tentativa de aprimorarmos a investigação, procurámos mais informações acerca da participação dos alunos na dinamização da biblioteca escolar. Nomeadamente, no que respeita à

divulgação de eventos, actividades, textos, artigos, trabalhos, sugestões. Questionámos os alunos sobre se na biblioteca da escola existe algum jornal (de parede, em papel ou em formato electrónico) e dos alunos inquiridos, 60,3% responde que não. Na questão seguinte é-lhes perguntado se já alguma vez escreverem para ele e a maioria (81,3%) responde negativamente. Contudo, 64,4% dos alunos afirmam que os seus trabalhos são publicados no blogue da escola, da biblioteca escolar ou da biblioteca municipal.

Interrogámos os alunos sobre *com quem vão à biblioteca* (resposta múltipla) e a maior parte dos alunos costuma ir com os professores à biblioteca (84,9%) - esta tendência é partilhada por todos os anos lectivos; contudo, a companhia dos colegas não é descurada para 69,2% dos inquiridos, ao contrário de 33,6% que costumam ir sozinhos.

O que os alunos costumam fazer com mais frequência com os professores na biblioteca é requisitar livros e ouvir histórias (91,8%) e ler livros (89,7%). Também se deslocam à Biblioteca para usar o computador/navegar na Internet (62,3%) e para fazerem actividades de expressão plástica, dramática, teatro (59,6%). As menos assinaladas estão relacionadas com o estudo (45,2%) e com as pesquisas para trabalhos de sala de aula (39%).

Pudemos constatar que a ida dos alunos com os professores à biblioteca pode estar relacionada com actividades lúdicas, desde a leitura de livros, navegação na internet a actividades de expressão. Verificamos que quando os alunos vão à BE, menos de metade dos alunos usufruem das novas tecnologias, esta tendência tende a aumentar quando vão com os professores, assumindo o terceiro lugar na lista de sete acções.

Os alunos que estudam no 2º ano são os que assumem com mais frequência as diferentes actividades com o professor<sup>25</sup>, como se pode verificar no gráfico da Figura 30.

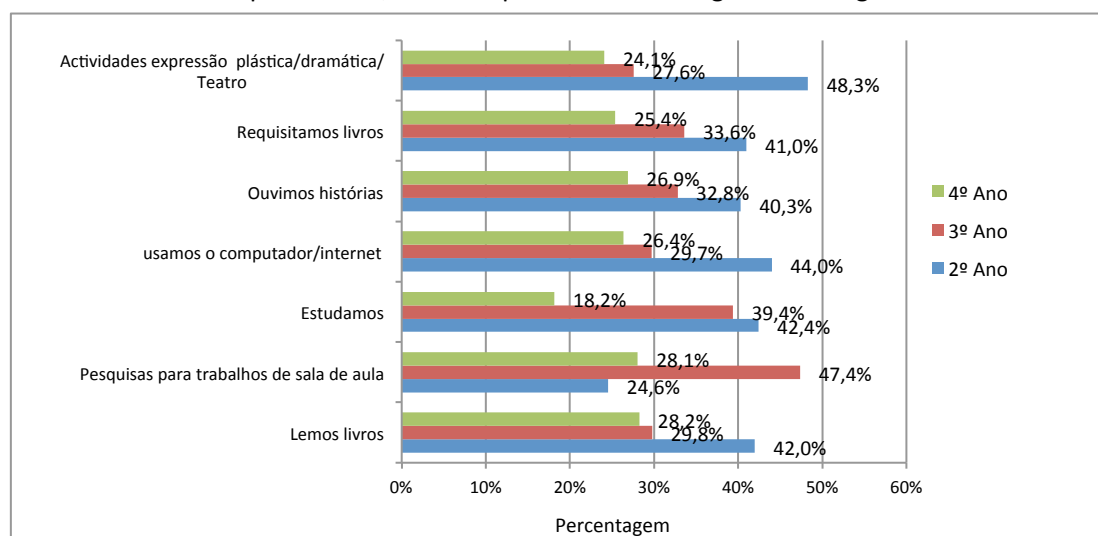


Figura 30 - Actividades que os alunos desenvolvem na BE com o professor, por ano escolar

<sup>25</sup> Cruzamento das variáveis o ano de escolaridade e o que costumam fazer com os professores na biblioteca.

Alunos que participam em actividades de expressão plástica, dramática, teatro (48,3%), no uso do computador e internet (44%), no estudo (42,4%) e leitura de livros (42%). São os que requisitam livros (41%) e ouvem histórias (40,3%) com mais assiduidade. Os alunos do 3º ano (47,4%) são os que elaboram mais pesquisas para trabalhos da sala de aula e os do 4º ano (28,2%) destacam-se na leitura de livros.

Para aprofundar esta questão, questionámos os alunos sobre se costumavam ir à biblioteca da escola para actividades específicas e a maioria respondeu afirmativamente (95,8%). E habitualmente fazem-no com os professores da escola (71,3%), com a professora bibliotecária (64,3%), com os técnicos da biblioteca municipal (63,6%).

Ao cruzar o *ano escolar* e *com quem vão à biblioteca* apuramos que para além de todas as respostas assinaladas, 48,9% dos alunos do 2º ano, 31,1% do 3º ano e 20% do 4º ano vão “com todos” (professora bibliotecária, professores da escola, técnicos da biblioteca escolar e técnicos da biblioteca municipal) à biblioteca. O que demonstra a diversidade de escolhas, situações, actividades e acontecimentos.

Do conjunto de actividades apresentadas, aquelas em que os alunos mais participam na biblioteca é a Hora do Conto (98,6%) e actividades de expressão plástica, dramática, teatros, concursos, jogos e passatempos e visitam exposições (80,1%). Desenvolvem também oficinas de escrita criativa, ateliês sobre novas tecnologias de informação (71,2%) e encontros com escritores (39%). E por último, 29,5% dos inquiridos desenvolvem encontros de leitura com os pais.

Os alunos do 2º ano destacam-se nos encontros com escritores (50,9%), nas actividades de expressão plástica, dramática e teatros (48,7%),<sup>26</sup> como se constata no gráfico da Figura 31.

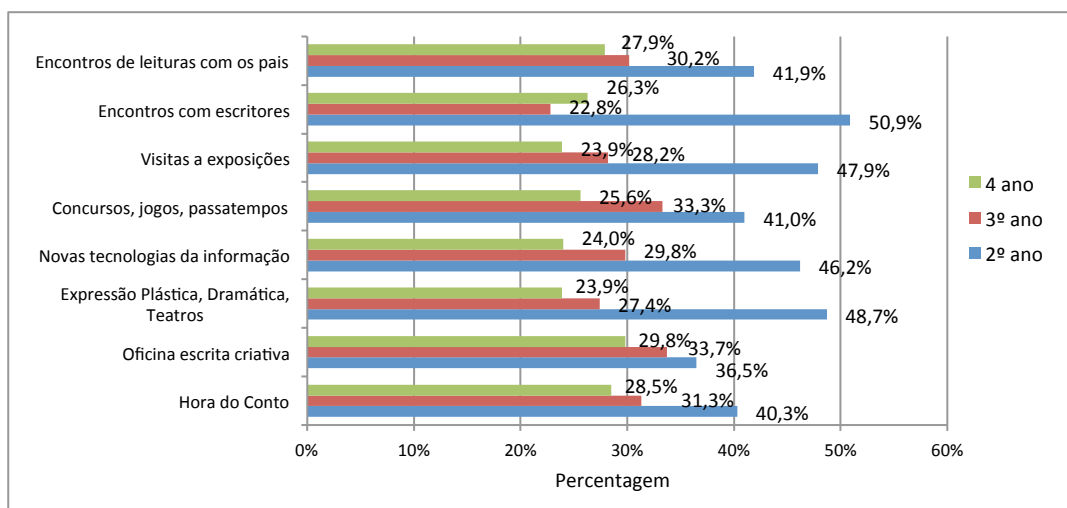


Figura 31 - Actividades que os inquiridos realizam na Biblioteca Escolar, por ano de escolaridade (em percentagem)

<sup>26</sup> Cruzamento das variáveis *ano de escolaridade* com o *tipo de actividades que desenvolvem na biblioteca da escola*.

Estes alunos frequentam em maior percentagem todas as actividades. Os alunos do 3º ano realizam mais vezes oficinas de escrita criativa (33,7%) e participam em concursos e passatempos (33,3%). No que respeita aos alunos do 4º ano, as oficinas de escrita criativa (29,8%), a hora do conto (28,5%) e os encontros de leitura com os pais (27,9%) são as acções mais realizadas.

#### 4.3.6 - Conhecimento do Plano Nacional de Leitura

Para 51% dos alunos inquiridos, o Plano Nacional de Leitura são as actividades que os professores desenvolvem na biblioteca e 36% dos mesmos identificam o mesmo como os livros que os professores lêem nas aulas. Já 12,6% das crianças não sabem o que é.

De seguida, os alunos foram questionados sobre se costumavam requisitar os livros do Plano Nacional de Leitura que ouvem ler na sala de aula e aqui, as opiniões dividem-se. A maioria, 56,6% dos alunos fá-lo às vezes, 28% costuma fazê-lo sempre e 15,4% dos inquiridos não o faz. Os que responderam sim ou às vezes afirmam que o fazem porque gostaram muito da história/livro (78,5%) e 21,5% fazem-no porque o (a) professor(a) disse que era muito importante.

#### 4.3.7 - Biblioteca Municipal de Arganil: as actividades e a escolha dos livros

O último bloco deste questionário está directamente relacionado com a Biblioteca Municipal de Arganil. É de referir que as escolas inquiridas fazem parte do Agrupamento de escolas de Arganil, cuja distância geográfica ronda os 20Km (aproximadamente) e cuja rede de transportes públicos ainda não corresponde às necessidades da população no sentido de abranger horários flexíveis e periódicos. É de referir que, para as escolas se deslocarem à Biblioteca Municipal têm de necessariamente calendarizar as visitas no início do ano lectivo e na prática (factores externos à Biblioteca Pública) fazem-no cerca de uma ou duas vezes por ano.

Dos alunos inquiridos, 70,1% costuma ir à Biblioteca Municipal e normalmente vão com os colegas/professor (70,1%) e 41% das crianças vão com os pais, avós e irmãos. Constatamos também que 30,8% dos alunos vão com os amigos e, com menor percentagem, 13,1% deslocam-se sozinhos.

Cinquenta por cento das raparigas com 10 anos e 30% dos rapazes com a mesma idade vão sozinhos à biblioteca<sup>27</sup>. As raparigas com 8 anos (40 %) e os rapazes de 7 e 9 anos costumam

---

<sup>27</sup> Cruzamento das variáveis *idade* e o *sexo* dos inquiridos e *com quem vão à biblioteca*.

ir com os pais/avós/irmãos à biblioteca. Os rapazes com 8 anos vão com os amigos. As meninas com 7 e 9 frequentam a biblioteca com os colegas e professor. Verificamos que os alunos mais velhos já têm mais autonomia para visitar e frequentar a biblioteca sozinhos, como se pode verificar no gráfico da Figura 32.

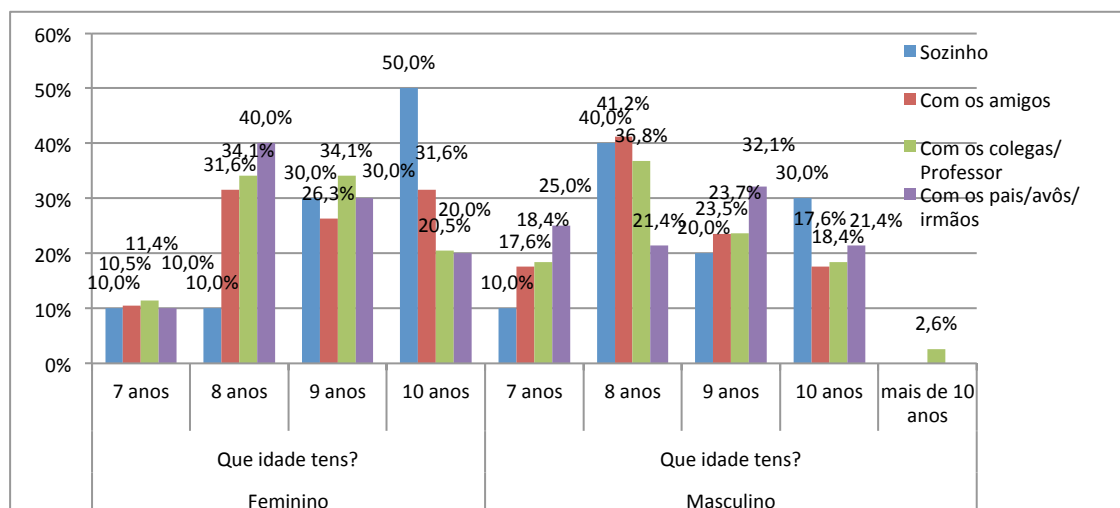


Figura 32 - A idade e o sexo dos inquiridos e com quem vão à biblioteca (em percentagem)

Da amostra recolhida, 46% dos alunos estão inscritos na Biblioteca Municipal. Quando indagados acerca das actividades em que costumam participar (resposta múltipla), as mais assinaladas são a visita à biblioteca (88,7%), ouvem histórias (64,5%), lêem livros na sala, participam em concursos/passatempos (61,3%) e requisitam livros e/ou filmes (55,6%).

Das quinze opções de resposta verificamos que os alunos inquiridos participam em actividades directamente relacionadas com o lúdico, onde as histórias e as leituras, ateliês, visualização de filmes, visita a exposições são das acções que cooperam com muita frequência, um espaço de convívio, de encontro de amigos, colegas, onde se ocupa o tempo livre, usa o computador e navega na Internet. Curiosamente, o espaço não é associado a tarefas que incluem o estudo, a pesquisa e a realização de trabalhos de casa, ocupando os últimos lugares da tabela, como se pode verificar na Figura 33.

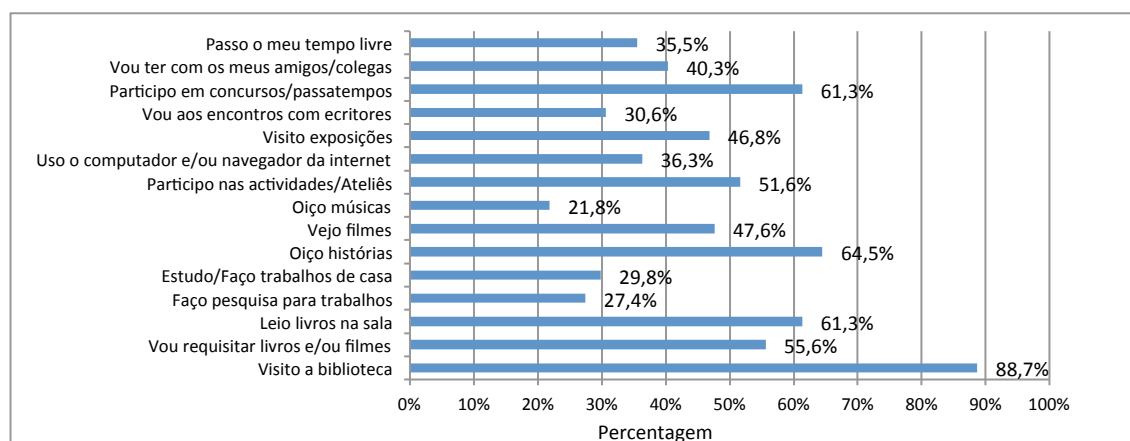


Figura 33 - O que os alunos costumam fazer na Biblioteca Municipal de Arganil (em percentagem)

Para investigar com mais detalhe a questão da leitura e nesta vertente mais social, questionámos os alunos acerca da forma como escolhem os livros na biblioteca para levar para casa e a grande parte fá-lo sozinho (83%), demonstrando a autonomia na escolha; já 20,2% dos alunos pedem ajuda ao professor para seleccionar os livros e 19,1% das crianças escolhe com ajuda do funcionário da biblioteca.

A segunda actividade que os alunos mais frequentam na BM é a Hora do conto, momento de leitura e partilha de livros e constatamos que 79,1% costuma requisitar os livros que ouvem nas diferentes sessões.

#### 4.3.8 - Ler, livros e leituras

O último bloco de questões aborda o conceito da leitura e, de uma forma mais específica, as palavras que os inquiridos associam ao acto de ler, o significa para eles a leitura, como escolhem os livros e como se situam na prática da leitura. A maior parte dos inquiridos (resposta múltipla), diverte-se a ler (85,6%), aprendem mais e coisas novas (83,6%), compreendem melhor os textos (78,1%) mas também conhecem novas palavras e falam melhor (72,6%). Os alunos dizem que os professores afirmam que ler é fundamental (68,5%), outros seguem o exemplo dos pais/familiares (58,2%) e dos amigos (49,3%).

Depreendemos que as raparigas de 8 anos (54,8%) seguem o exemplo dos amigos e 40% dos rapazes seguem o exemplo dos pais<sup>28</sup>. Os rapazes da mesma idade também conhecem novas palavras e falam melhor (35,1%) e divertem-se a ler (31,8%). As raparigas de 9 e 10 anos e os rapazes de 9 aprendem mais e coisas novas. Estes dados manifestam e reforçam os hábitos de leitura da família e amigos, onde na rotina quotidiana cabem os livros e a leitura. O papel do docente é importante, na medida que as raparigas e rapazes com 8 e as raparigas com 9 anos (33,3%) afirmam que os professores dizem que ler é fundamental, como se constata na Figura 34 e Figura 35.

---

<sup>28</sup> Cruzamento das variáveis *idade, ano* e *o que significa para ti ler*.

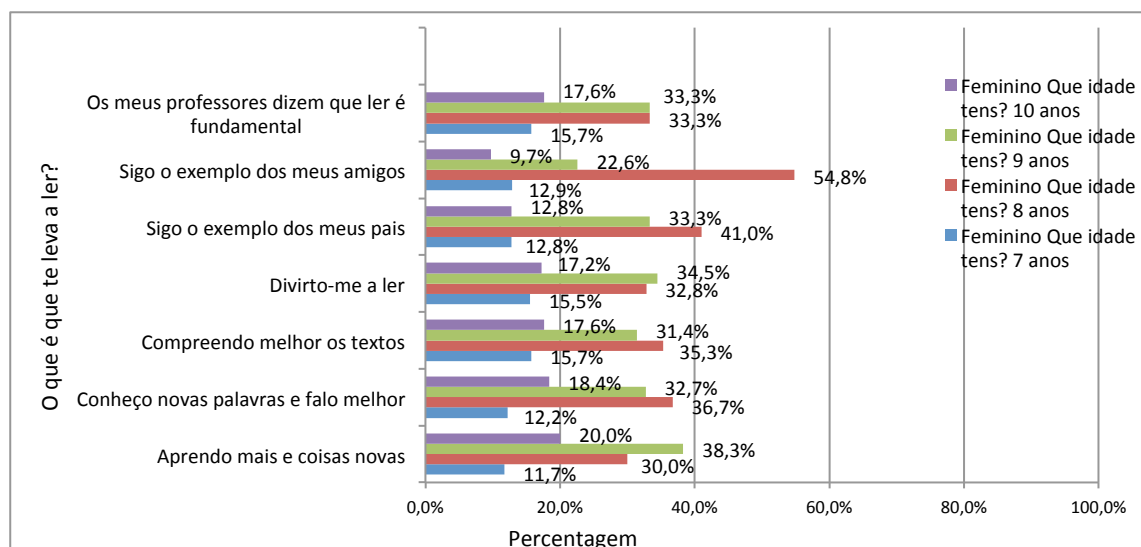


Figura 34 – O que é que leva as raparigas a ler, por idade (em percentagem)

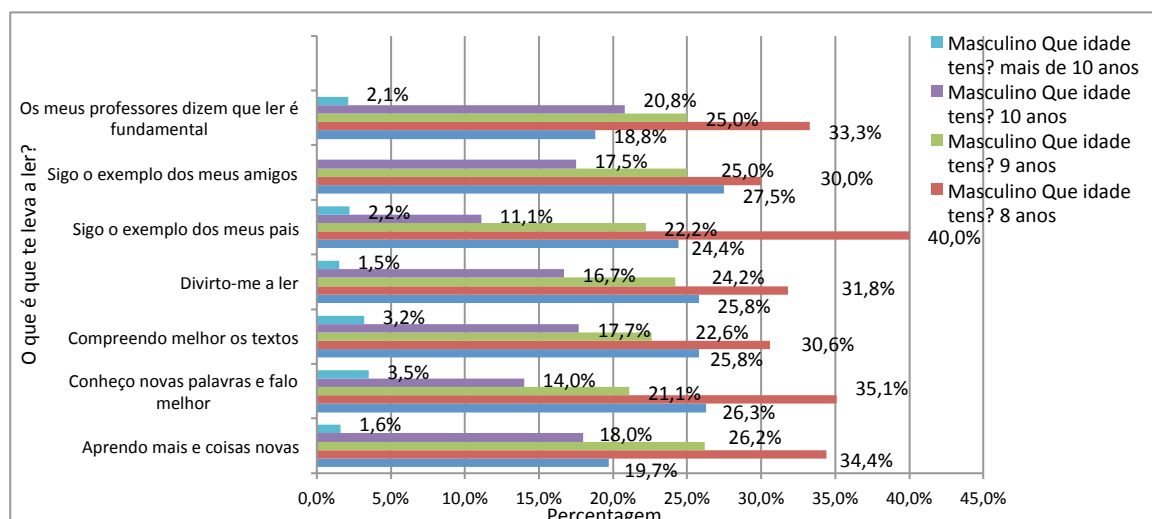


Figura 35 - O que é que leva os rapazes a ler, por idade (em percentagem)

Questionámos os alunos como escolhem os livros que lêem e a maioria é por lhe agradecer o título e a capa (77,8%). Em segundo lugar, por indicação do funcionário da biblioteca e/ou livraria (26,4%). Os restantes, porque viram um filme ou uma série de televisão sobre o livro (25%) e para muitas crianças a opinião do(a) professor(a) (22,2%) é fundamental bem como dos familiares (20,8%), amigos (18,8%).

Das palavras que os inquiridos associam à leitura, a maioria identifica esta acção como: imaginação (80,7%), aprendizagem (77,2%) e prazer (75,9%). Um acto de criação (58,6%), utilidade (49%) e comunicação (43,4%). Já com menor percentagem estão as palavras associadas à obrigação: a leitura como esforço (42,1%) e necessidade (33,1%), cansaço (6,9%), inutilidade (6,2%), desagrado (5,5%) e nada (2,1%).

A última questão deste questionário versa sobre se os alunos acham que lêem bastante e a maioria dos alunos pensa que sim (77,8%). Já 21,5% responde que não e gostava de ler mais.

No que respeita à amostra deste estudo, verificamos que 33,8% dos alunos pertencem ao 1º CEB de Arganil, 21,6% de S. Martinho da Cortiça, 20,9% do Sarzedo. Em menor percentagem estão os alunos de Pombeiro da Beira (13,7%) e Folques (10,1%).

Ao cruzar as variáveis *estás inscrito na Biblioteca Municipal* e *a escola que frequentam* constatamos que 95,5% dos alunos com cartão de leitor/utilizador da Biblioteca Municipal são os inquiridos de Arganil e 63,2% de Pombeiro da Beira. A quase totalidade dos alunos que frequentam a escola da sede do concelho estão inscritos e usufruem dos serviços da biblioteca.

#### 4.4 - Interpretação dos resultados: considerações finais

*“Como é que a leitura e a escrita podem contribuir [para] desenvolver os cidadãos nos planos social e cívico, mas também a nível intelectual e estético? Usando exemplos da literatura portuguesa, defende-se uma concepção da leitura como instrumento do saber mas também do prazer, alargando os horizontes da mente através da fruição de mundos reais e imaginários”* (Mourão, 2009, p. 19).

Quais os hábitos de leitura dos alunos que frequentam o 2º, 3º e 4º ano de escolaridade num concelho da região centro de Portugal, qual o lugar da leitura no conjunto de práticas desenvolvidas nas escolas e bibliotecas por professores e técnicos? Qual a frequência das práticas de leitura de filhos/educandos e respectivos familiares? De que forma usam e desfrutam das actividades do PNL?

Em forma de síntese descrevemos os principais resultados desta investigação que nos permite constatar: o panorama relativo aos hábitos de leitura dos alunos apresenta-se sustentado e consistente, pois, a quase totalidade dos alunos lê e possui mais de quinze livros em casa e verificamos que as raparigas lêem mais que os rapazes, uma tendência generalizada, como se verifica em estudos anteriores (Fontes & Fortuna, 1999; Lages, *et al.*, 2007). Reconhecemos que os alunos que frequentam o 2º ano estão mais familiarizados com a leitura e a descoberta da mesma, onde se constata que os livros fazem parte do seu quotidiano. Provavelmente existe uma maior pressão, uma consciência colectiva e social, recente, que encara a importância e necessidade de aprender a ler, a escrever, a capacidade de interpretar e processar a informação quotidiana como uma tarefa imprescindível à plena integração na sociedade, num universo soci-

ocultural onde todos estamos incluídos. Não só por isto, mas sendo esta faixa etária, um grupo que coloca em prática o que conheceu e adquiriu no ano lectivo transacto e ao longo da sua vida, nas experiências e consolidação de conceitos. Conferimos que grande parte dos alunos que já leram mais de vinte livros sozinhos gostam muito de ler e dos que gostam muito de ler possuem mais de quinze livros em casa.

É de salientar que mais de um terço das crianças que declaram gostar pouco de ler possuem mais de quinze livros em casa. O que nos leva a reflectir que muitas destas crianças têm livros à sua disposição mas não gostam ou gostam pouco de ler, porque será? Não são incentivados? São sensibilizados na escola e pelos pais?

Relativamente à frequência da prática da leitura em família, constatamos que a maioria dos pais, irmãos e avós contam histórias em casa e os que possuem mais de quinze livros, partilham mais leituras.

Verificamos que os pais que não leram nenhum livro aos filhos a maioria das crianças possui mais de quinze livros em casa, o mesmo se observa nos alunos cujos pais leram menos de cinco livros. Poder-se-á constatar que pelo facto de os pais lerem poucos livros aos filhos não significa que estes não tenham livros em casa. Os pais parecem estar despertos para esta temática (existem livros em casa): contudo, na prática, não partilham leitura de livros em casa, com os filhos?

Os livros que as crianças lêem são na maioria oferecidos pela família e amigos mas com pouca diferença surgem os livros comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro e outros requisitados na biblioteca da escola. Apreendemos que a família encoraja as crianças para a leitura, desde a oferta ou a compra de livros, para além das bibliotecas assumirem relevância no domínio do empréstimo domiciliário.

Quanto maior o grau de instrução do pai, maior a quantidade de livros que os alunos lêem e como se verifica em estudos anteriores: quanto mais qualificado o núcleo familiar mais os incentivos familiares para a leitura (Santos, Lima & Carvalho, 2007). Contudo, no caso das mães, esta tendência mantém-se mas também se revela naquelas que não possuem habilitações literárias .

Pais que possuem na sua maioria o equivalente ao 1º ciclo e que gostam de ler jornais, livros e revistas, contudo, lêem livros com os filhos só às vezes e em quantidade inferior ao que seria desejável (entre cinco a dez livros). Esta frequência é acentuada e (quase) sistemática, como seria de prever, nos alunos que leram mais de cinquenta livros com os pais – quem lê mais, lê todos ou quase todos os dias. Verificamos que existem livros em casa das crianças, mas algu-

mas gostam pouco de ler e ainda há pais que apesar de terem livros em casa para os seus filhos, contam poucas histórias e só as vezes.

A maioria das crianças revelam que às vezes falam com os amigos acerca dos livros que leram ou ouviram ler na escola e/ou na biblioteca. E os que falam muitas vezes afirmam gostar muito de ler. Sabemos que dois terços dos inquiridos lêem todos os livros do princípio ao fim, nomeadamente os que leram mais de doze e vinte livros sozinhos, e os trata com muito cuidado.

A escrita é uma prática corrente na vida destes alunos, pois a maioria dos alunos já escreveu uma carta, uma poesia e um e-mail, aspectos que reforçam as necessidades práticas e as relações de convívio com os amigos, familiares, colegas. Nesta amostra podemos assinalar que as redes sociais já estão introduzidas no seu quotidiano, verificamos que menos de metade assume não ter escrito nestes suportes, contudo é uma prática assinalada por uma percentagem significativa de crianças. Estamos perante uma nova geração de leitores, adeptos das novas formas de comunicação, em diferentes plataformas, a novas redes e comunidades, onde a escrita assume um papel de relevância social e pessoal na interacção e comunicação.

No que concerne ao ambiente escolar apuramos que os professores costumam ler histórias na sala de aula mas para mais de metade dos inquiridos só o fazem às vezes. Das actividades que se relacionam com a leitura em ambiente de sala de aula as mais frequentes são: ouvir a história em voz alta, fazer desenhos e resumos. Os professores costumam levar livros para a sala para mostrar aos alunos e existe troca de livros entre os alunos. Parece prática habitual a divulgação de livros que podem estar associados a temas explorados pelas turmas/escolas e professores, e a troca de livros permite a disseminação da informação e o acto da partilha de leituras e conhecimento.

*“Uma vez que, um dos novos paradigmas da educação é aprender a aprender; isto é, adquirir habilidades para aprender, saber obter, utilizar e gerar nova informação; os sistemas de informação tornam-se extremamente importantes, pois podem contribuir para a sua democratização, ou seja, facilitar e aumentar o seu acesso, e mais ainda, contribuir para que a informação recebida transforme-se em conhecimento, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos”* (Furtado in Calixto, 2010, p. 52).

É hábito os alunos lerem os livros da Biblioteca da Escola e mais de metade dos alunos costuma lá ir cerca de uma vez por semana. São os rapazes do 3º ano e as raparigas do 4º ano que frequentam a biblioteca todos ou quase todos os dias. Mais de setenta por cento dos alunos vão à biblioteca nos intervalos das aulas e durante a semana passam lá mais de um a três horas. Destes alunos, destacam-se significativamente os alunos que gostam muito de ler.

As actividades que mais fazem na biblioteca são a requisição e a leitura de livros, ouvem histórias e acompanham o professor numa actividade escolar. O uso das novas tecnologias (In-

ternet) surge a meio da tabela. As actividades menos cotadas prendem-se para menos de metade, com a pesquisa e uso do computador para trabalhos da escola mas também, passam o tempo livre, estudam/fazem trabalhos de casa. Verificamos que as opções de resposta menos assinaladas evidenciam-se aquelas que têm directamente a ver com o uso da BE para reforço de actividades lectivas, seja nos trabalhos de casa, pesquisa ou estudo. Todavia, podemos afirmar que o espaço biblioteca é utilizado para actividades lúdicas e recreativas, relacionadas directamente com a promoção do livro e da leitura, de arte e cultura. Para além das actividades, quase dois terços dos alunos afirmam que os trabalhos que desenvolvem são publicados no Blogue da escola e da Biblioteca Escolar ou Biblioteca Municipal.

A maior parte dos alunos costuma ir com os professores à biblioteca mas também com os amigos. Quando vão com os professores o que costumam fazer com mais frequência é requisitar livros, ouvir histórias e ler livros. O empréstimo domiciliário é prática corrente, facilitando o acesso aos livros, diferentes matérias e conteúdos. Usufruem também do computador e navegam na Internet e participam em actividades de expressão plástica, dramática, teatro. Verificamos que quando os alunos vão à BE, menos de metade dos alunos usufruem das novas tecnologias, esta tendência tende a aumentar quando vão com os professores, assumindo o terceiro lugar na lista de sete acções.

Os alunos que estudam no 2º ano quando vão com o professor são os que participam com mais frequência nas diferentes actividades, destacando-se as actividades de expressão plástica, dramática, teatro e no uso do computador e Internet. Os alunos do 3º ano são os que elaboram mais pesquisas para trabalhos da sala de aula e estudam e os do 4º ano lêem livros e fazem pesquisas para trabalhos da sala de aula.

Da amostra analisada verificamos que pelo menos uma escola (centro escolar) possui quadros interactivos nas salas de aula transformando-se numa excelente ferramenta de trabalho para os professores na difusão e explicação da matéria a leccionar. Na realidade permite que os alunos tenham acesso ao mundo e ao conhecimento através de um simples *clique* que para além do atractivo visual é acompanhado de inúmeras potencialidades e recursos didácticos. Contudo, o espaço biblioteca não é descurado da vertente informativa, de aprendizagem que possibilita através da procura individual, do apoio do professor e das acções implementadas pelos técnicos, num ambiente propício à leitura e à descoberta, instrumentos de pesquisa e investigação, rotina que deve acompanhar o estudante e a pessoa ao longo da vida. Na verdade, é incutir hábitos, criar métodos de trabalho e utilizar instrumentos e estratégias de procura, uso e avaliação da informação que necessitará durante o seu percurso pessoal e profissional. A procura da bibliote-

ca escolar para estes fins existe, contudo, não totalmente disseminada por todas as escolas e docentes.

As crianças costumavam ir à biblioteca da escola para actividades específicas e fazem-no habitualmente com os professores da escola. Assistem à hora do conto e participam em oficinas de expressão plástica, dramática, teatros, concursos, jogos, passatempos e visitam exposições.

Podemos afirmar que o espaço biblioteca é utilizado para actividades lúdicas e pedagógicas destinadas às diferentes faixas etárias, isto é, os alunos do 2º ano vão a encontros com escritores, motivando para a leitura através do encontro presencial com autores, obras e leituras; actividades de expressão plástica, dramática e teatros; os alunos do 3º ano participam em oficinas de escrita criativa (estimulam a escrita, a imaginação e a sensibilidade estética) e em concursos, passatempos e os alunos do 4º ano já integram com mais frequência encontros de leitura com os pais em leituras partilhadas.

Apuramos que deste grupo de actividades a maior parte é dinamizada e implementada pelos técnicos da biblioteca escolar e municipal. O apoio SABE contribui para a dinamização e animação da leitura, hora do conto e leituras partilhadas, na implementação de oficinas de escrita criativa, plástica e dramática e relacionadas com as novas tecnologias da informação e apresentação de exposições biobibliográficas, na promoção de concursos e passatempos de forma constante e pontual. Verifica-se o empenhamento na divulgação de obras e autores, no apetrechamento das bibliotecas com material documental e gráfico (exposições), no apoio técnico, na construção e enriquecimento do catálogo informático (base geral) e fundamentalmente, no estabelecimento da rotina de requisição de livros/empréstimo domiciliário através do apoio no horário de abertura das bibliotecas realizada através dos técnicos e professores.

Professores que desenvolvem actividades na sala de aula com livros do PNL, leitura orientada através da exploração das obras e autores e actividades relacionadas com a interpretação (reconto, sinopses, desenhos, dramatizações, entre outros) e como afirma Costa (2009) *“uma actividade de leitura orientada, com livros oferecidos, para que todos os alunos tenham livros na mão”*. Trabalhos que apresentam no sítio Web da Biblioteca Municipal. Docentes que participam assiduamente nas actividades desenvolvidas nas BE e BP com empenho e frequência.

Para mais de metade dos inquiridos, o Plano Nacional de Leitura são as actividades que os professores desenvolvem na biblioteca. Mais de um terço dos alunos identifica o Plano, aos livros que os professores lêem nas aulas. Estas acções confundem-se o que depreendemos que os alunos têm acesso a uma diversidade de acontecimentos relacionados com o Plano no espaço biblioteca mas que a leitura em ambiente de sala de aula também é um factor existente e preponderante. Muitos dos docentes recorreram à BE para efectuarem as leituras orientadas, pro-

movendo o livro, autor e ilustrador, recorrendo ao fundo documental existente e às novas tecnologias da informação (na visualização de sites e blogues sobre o tema). Mais de metade dos alunos requisita, às vezes, os livros do PNL que ouvem ler na sala de aula porque gostaram muito da história/livro.

Participam, todos, na comemoração da Semana da leitura com acções diversificadas que vão desde exposições de trabalhos realizados nas turmas/escolas, leituras partilhas com colegas, professores, familiares e toda a comunidade educativa, encontros com escritores, apresentação de livros, mini feiras do livro e actividades de expressão plástica e dramática, em suma, um programa ambicioso e abrangente.

E a biblioteca pública, qual o seu papel num concelho de contexto rural, onde grande parte da população vive do sector terciário, a taxa de emprego é significativa, o nível socioeconómico médio/baixo, contudo, um concelho em expansão e com excelentes recursos naturais? A biblioteca pública apresenta um programa de actividades consistente e variado destinado a diferentes faixas etárias: bebés, crianças, jovens, adultos e idosos. Projectos de parceria com diferentes instituições: jardim-de-infância, escolas, centros de saúde, santa casa da misericórdia, lares de terceira idade, na disseminação de ideias, informações e saberes, em prol do desenvolvimento e enriquecimento da comunidade, através da promoção do livro e da leitura, oferecendo, disponibilizando e divulgando o património local e nacional, homenageando e perpetuando autores, difundindo as suas obras, ministrando formações, workshops, actividades e serviços que pretendem contribuir para elevação dos níveis de literacia da população.

A biblioteca pública actua em parceria com as bibliotecas escolares quer em termos técnicos quer na dinamização de actividades. Cerca de setenta por cento dos alunos costumam frequentar a BM e normalmente deslocam-se com os colegas/professor e de seguida, com os pais, avós e irmãos. Constatamos que as raparigas e os rapazes mais velhos (dez anos) vão sozinhos à biblioteca. Os rapazes com oito anos de idade vão com os amigos e as raparigas da mesma idade, os rapazes de sete e nove anos costumam ir com os pais/avós/irmãos.

Quase metade dos alunos estão inscritos na Biblioteca Municipal e costumam visitar a biblioteca, ouvem histórias, lêem livros na sala e participam em concursos/passatempos. Participam em actividades diversificadas, onde as histórias, actividades de expressão e ateliês, a visualização filmes e visita a exposições são das acções que cooperam com mais frequência, um espaço de convívio e de encontro de amigos, colegas e familiares, onde se ocupa o tempo livre, se usa o computador e navega na Internet.

A grande maioria dos alunos acha que lê bastante e escolhem sozinhos os livros que requisitam na biblioteca demonstrando autonomia e gosto na escolha. Das actividades que os

alunos mais frequentam é a hora do conto, um mundo onde reina a fantasia, onde se estimula a imaginação e a criatividade e se divulga o livro e autor, objectivos alcançados, já que costumam requisitar as histórias que ouvem. É de realçar que os utilizadores mais frequentes da biblioteca pública são as crianças e jovens até os doze anos (desde o pré-escolar ao 2º ciclo) e nas bibliotecas escolares, os alunos. Estes divertem-se a ler, aprendem mais e coisas novas, compreendem melhor os textos e seleccionam os livros por lhe agradar o título e a capa, associando a leitura a um acto de imaginação, aprendizagem e prazer. Depreendemos que as raparigas de oito anos seguem o exemplo dos amigos e os rapazes seguem o exemplo dos pais. Estes dados manifestam e reforçam o interesse pela leitura quer da família quer dos amigos onde na rotina quotidiana cabem os livros e a prática da leitura. O papel do docente é importante na medida que as raparigas e rapazes com oito e as raparigas com nove anos afirmam que os professores dizem que ler é fundamental.

Constatamos que as bibliotecas correspondem às expectativas das crianças: na oferta de acções para todas as idades de acordo com os diversos interesses e motivações e no acesso ao livro e documentos audiovisuais de forma gratuita, através do empréstimo domiciliário. As bibliotecas continham um espaço destinado à exposição/divulgação de livros PNL e permitia a pesquisa no catálogo informático (colectivo) por título, autor e ano de escolaridade recomendado pelo Plano. Sugestões que surtiam efeito devido ao número de leituras presenciais e empréstimos domiciliários a pais, professores e alunos. Era usual os familiares dos alunos dirigirem-se à Biblioteca Municipal à procura de livros PNL (leitura informativa para reforço de trabalhos escolares e de leitura de prazer) e o interesse em conhecer os objectivos das actividades que a Biblioteca promovia durante a semana e as férias escolares, participando e inscrevendo os filhos nas acções que seleccionam, cuidadosamente.

Para concluir, constatamos que os alunos estão bastante familiarizados com o acto de ler, não só porque é incentivado em casa, mas a escola/professores e as bibliotecas/técnicos têm um papel preponderante na criação e alargamento de práticas de leitura. Como refere Juca Ferreira (2010) *“Quem nasce em uma família de pais leitores, quem é apresentado ao livro por bons professores, quem experimenta o prazer de um livro bem lido, o prazer e o deleite estético de um belo texto, sabe da importância da leitura para a plena realização da nossa humanidade. (...) [e] a biblioteca, um suporte acessível para ampliar o acesso aos livros.* Crianças que melhoraram gradualmente as suas competências de escrita e de expressão oral facilitadas pela leitura orientada com os professores e actividades associadas e as decorridas nas Bibliotecas escolares e na Biblioteca Municipal em consonância com o PNL, acções pedagógicas e recreativas, relacionadas directamente com a promoção do livro e da leitura. Os resultados deste estudo apoiam a

conclusão de estudos anteriores efectuados no âmbito do Plano Nacional de Leitura que salientam um aumento do interesse ou gosto dos alunos pela leitura, o desenvolvimento, a melhoria de competências e resultados dos alunos, assim como uma intensificação das práticas e hábitos de leitura, de actividades nas escolas e do aumento da frequência da utilização de bibliotecas pelos alunos (2008).

Os pais e familiares das crianças frequentaram as actividades, inicialmente com alguma apreensão mas actualmente lêem com os filhos, partilham histórias de vida, participam nas conversas e reflexões de encontros com professores e escritores.

Verificamos que as actividades de promoção e animação da leitura são actos continuados, projectos em parceria com professores, o Plano Nacional de Leitura e Bibliotecas, numa incessante procura da criação, desenvolvimento de hábitos, enriquecimento de capacidades/competências e na elevação dos níveis de literacia da população do concelho de Arganil. Tal como noutros estudos, os nossos resultados, parecem sustentar a existência de *“uma subida clara do reconhecimento público da importância que tem a leitura para a sociedade actual e para a vida individual de cada um”*, como refere António Firmino da Costa (2009).

# Conclusões

---

O conceito de educação será cada vez mais um processo contínuo, que ocorre ao longo da vida do indivíduo sempre fortemente influenciado, por um lado, pelo meio social e por outro, pelos meios de difusão e obtenção de informação e conhecimento, e a leitura faz parte de todo este processo. A forma como o processo de iniciação à leitura e à escrita acontece e decorre na escola é condição essencial na transformação da leitura num acto de prazer, que reforça, inevitavelmente o sucesso da aprendizagem. O ensino e a aprendizagem são acções complexas, que englobam conhecimentos que se constroem a partir de experiências prévias e das interacções que se estabelecem.

Sendo este um processo contínuo e constante, a emergência do gosto de ler, o estímulo pela leitura deve ser iniciado desde o berço. Desta forma, é importante tornar esta prática, um hábito permanente. Se esta prática tem origem nas características pessoais e contexto social envolvente (a família, a escola, a comunidade) então, devem ser sensibilizados, estimulados, desenvolvidos e prolongados com a ajuda de todos.

Os pais são os principais modelos de referência e quando fomentam o hábito, os filhos desenvolvem o gosto. O facto de as crianças terem acesso aos livros em casa contribuiu decisivamente para a aquisição precoce de práticas de leitura e na formação de futuros leitores. Contudo, esta socialização primária com a leitura, deixa de acarretar um peso tão considerável na aquisição de hábitos devido à diversidade de agentes que permitem o contacto e interesse pelos livros. Importante também, o ambiente escolar, os professores, que abram a porta para o mundo dos livros e contribuam para o desenvolvimento de práticas de leitura dos seus alunos e as bibliotecas lhes proporcionem o acesso e uma aprendizagem contínua. Crianças que, independentemente do meio social e cultural onde se inserem, da escolaridade e ocupação profissional dos seus pais, tenham as mesmas condições para adquirir o gosto e criar práticas de leitura. As bibliotecas criam, despertam e alimentam o prazer da leitura, fortalecendo hábitos, reforçando aprendizagens e competências. Instituições que facilitam o acesso aos livros, de forma gratuita, para folhear na escola, ler nas salas de aula, consultar e desfrutar em casa com a família através do empréstimo domiciliário. Contemplando a leitura num espaço e tempo próprio, a um ritmo individual e pessoal, onde cada leitor dedica o seu tempo à leitura de prazer, à pesquisa e investigação. Portanto, lêem mais e familiarizam-se com diferentes suportes de leitura e áreas de conhecimento.

A importância do Plano Nacional de Leitura enquanto política pública educativa é crucial na medida em que pretende elevar os níveis de literacia da população, através do desenvolvimento de competências nos domínios de leitura e de escrita que se concretizam em acções de fomento e promoção da leitura nas escolas e nas bibliotecas, com propostas exequíveis e resultados positivos.

Políticas públicas educativas implementadas que revelam que os Planos Nacionais de Leitura, não só em Portugal como nos países em estudo, contribuem para o aumento do interesse da população pela leitura e crescente implementação de actividades regulares e consistentes em ambiente sala de aula nas escolas e em bibliotecas.

Com a implementação do PNLL no Brasil assistiu-se a um aumento do interesse e importância do livro e da leitura no quotidiano dos brasileiros e na subida do índice de leitura, ainda modesto, mas significativo.

O balanço do Plano de Fomento de la Lectura em Espanha revela resultados animadores: mais e melhores bibliotecas (novos edifícios, melhorias nas instalações e equipamentos), aumento das verbas orçamentais e notória presença das bibliotecas em ambiente virtual.

Verifica-se sobretudo, o aumento dos índices de leitura, da qualificação escolar e da taxa de alfabetização. O nível de escolaridade é factor determinante na frequência dos hábitos de leitura assim como o ambiente familiar e escolar, decisivo no incentivo e desenvolvimento destas práticas: maior o contacto com os livros e a média de livros lidos.

E de acordo com o objectivo geral deste estudo podemos afirmar que com a implementação do PNL nas escolas do 1º ciclo do concelho de Arganil através dos docentes, da biblioteca pública e das bibliotecas escolares, contribui, decisivamente, para a elevação dos níveis de literacia e criação de hábitos de leitura dos alunos.

As crianças em estudo e respectivas famílias possuem livros em casa e têm hábitos de leitura; os pais contam-lhes histórias. Os livros que lêem são na maioria oferecidos pela família e amigos, comprados e requisitados nas bibliotecas. Estas divertem-se a ler, aprendem mais e coisas novas, associam a leitura a um acto de imaginação, aprendizagem e prazer. A leitura literária está presente no quotidiano dos alunos, lêem mais e compreendem melhor os textos, momentos de leitura que procuram durante os intervalos das aulas e após as mesmas.

Os docentes estão empenhados na dinamização de acções relacionadas com a promoção do livro e da leitura. Costumam levar histórias para a sala de aula, partilham as leituras em voz alta, os alunos fazem desenhos e resumos da história. Professores que desenvolvem actividades na BE e sala de aula com livros do PNL, leitura orientada através da exploração dos livros e autores e acções relacionadas com a interpretação das obras, recorrendo ao fundo documental das

bibliotecas e às NTIC, trabalhos que apresentam no sítio Web da Biblioteca Municipal. Participam assiduamente nas actividades desenvolvidas pelos técnicos nas BE e BP com empenho e frequência e várias são as acções que implementam na comemoração da Semana da Leitura com um programa ambicioso e abrangente.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares trabalham em parceria através do SABE, no apoio técnico e na execução de projectos, destinados às diferentes faixas etárias, incluindo famílias e comunidade educativa.

Das actividades que as crianças mais fazem na biblioteca destacam-se a requisição e leitura de livros e ouvem histórias. Constatamos que o empréstimo domiciliário é prática corrente, facilitando o acesso aos livros, diferentes matérias e conteúdos. A ida dos alunos com os professores à biblioteca está relacionada com actividades lúdicas, desde a leitura de livros, navegação na internet a actividades de expressão. Quando se deslocam à BE para actividades específicas participam em oficinas de expressão plástica, dramática, teatros, concursos. Visitam a Biblioteca Pública, ouvem histórias e lêem livros, vão com os colegas/professores e familiares. Quem mais frequenta a biblioteca pública são as crianças e jovens até os doze anos (desde o pré-escolar ao 2º ciclo) e nas bibliotecas escolares, os alunos.

As bibliotecas correspondem às expectativas das crianças: na oferta diversificada de actividades para todas as idades, no âmbito da leitura escolar e leitura pública, de acordo com os diversos interesses e motivações.

Os alunos estão bastante familiarizados com os livros e o acto de ler e melhoram gradualmente as suas competências de escrita e de expressão oral facilitadas pela leitura orientada com os professores e actividades associadas e as decorridas nas Bibliotecas em consonância com o PNL e outras acções pedagógicas e recreativas.

Esta investigação permite apurar que, as escolas em estudo e respectivas bibliotecas escolares e biblioteca pública, em articulação com o PNL funcionam como meios de consolidação de hábitos de leitura. Actividades de promoção e divulgação de obras e autores, de enriquecimento de capacidades e competências dos alunos, no reforço e aumento de empréstimos domiciliários e interbibliotecas. Momentos de convívio com livros e leituras, que aproximam todos os intervenientes (crianças, famílias, professores, técnicos, bibliotecas, comunidade) das práticas de leitura, na elevação dos níveis de literacia, numa forma activa e cooperativa, frequente e continuada.

## Sugestões e recomendações

Um estudo quando concluído parece inacabado porque ao longo da investigação surgem questões inerentes à análise que não são passíveis de ser fundamentadas ou pela falta de dados mais específicos ou porque não é objecto principal de estudo. A complementaridade e interdisciplinaridade são cruciais na análise e interpretação de resultados, e nesta investigação o depoimento dos pais dos alunos seriam peças chave no aprofundamento de questões relacionadas com os hábitos de leitura em ambiente familiar. Apurámos que existe um número significativo de crianças que declaram gostar pouco de ler, contudo, existem livros em casa. O que nos leva a reflectir que muitas destas crianças têm livros à sua disposição mas não gostam ou gostam pouco de ler, porque será? Não são incentivados?

Verificamos ainda, que há pais que não leram nenhum livro aos filhos e a maioria possui mais de quinze livros em casa, o mesmo se observa nos alunos cujos pais leram menos de cinco livros. Poder-se-á constatar que pelo facto de os pais lerem poucos livros aos filhos não significa que não tenham livros em casa. Os pais parecem estar despertos para esta temática (existem livros em casa): contudo, na prática, não partilham leitura de livros em casa, com os filhos?

Como em outros estudos realizados, verifica-se que são os pais com nível de instrução mais elevada que mais investem na formação e gosto pela leitura. Mas nesta amostra constata-se que aproximadamente setenta por cento dos alunos, cujas mães e a totalidade dos pais que não sabem ler nem escrever, afirmam gostar muito de ler. Que estratégias utilizam os pais para que esta tendência se verifique?

Estas questões podem suscitar novos estudos de forma aprimorar esta investigação, numa análise mais aprofundada da população em estudo.

Contudo, a escola, as instituições e a comunidade em geral podem contribuir para que as práticas se disseminem e fortaleçam, actuando e particularizando em famílias e alunos com ausência de hábitos de leitura, menos propícios ao acto de ler, auxiliando-os a ultrapassar obstáculos, facilitando a aprendizagem e reforçando a motivação. Quando apuradas as dificuldades, tendo em conta as diversas características do aluno/família, através de um trabalho individualizado e contínuo, mais eficazmente se pode actuar. Um projecto colectivo e interdisciplinar que estimule os pais, professores, educadores, mediadores da leitura, voluntários de leitura para uma causa nobre e essencial. Um trabalho que comunica a informação sobre os mais variados suportes, um espaço facilitador do conhecimento, onde a mediação da leitura quando praticada com inteligência emocional e criativa, desenvolve apetências e é fundamental para atrair novos públicos, futuros leitores, alimentando hábitos de leitura, investindo na formação das competências literárias e artísticas do indivíduo.

# Bibliografia

---

Conselho Europeu de Lisboa. (23-24 de Março de 2000). *Conclusões da Presidência - Conselho Europeu de Lisboa*. Obtido em 12 de Abril de 2009, de [http://www.consilium.europa.eu/ueDocs/cms\\_Data/docs/pressData/pt/ec/00100-r1.p0.htm](http://www.consilium.europa.eu/ueDocs/cms_Data/docs/pressData/pt/ec/00100-r1.p0.htm)

*Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares*. (2006). Obtido em 21 de Janeiro de 2009, de <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>

*Preço dos livros, falta de bibliotecas e analfabetismo levam brasileiro a ler pouco*. (2 de Abril de 2006). Obtido em 5 de Janeiro de 2012, de Agência Brasil: Empresa Brasil de Comunicação: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2004-06-02/preco-dos-livros-falta-de-bibliotecas-e-analfabetismo-levam-brasileiro-ler-pouco>

*Metade dos brasileiros não tem hábito de leitura*. (29 de Maio de 2008). Obtido em 6 de Janeiro de 2012, de DIHITT : <http://www.dihitt.com.br/barra/metade-dos-brasileiros-nao-tem-habito-de-leitura>.

*Políticas públicas de educação*. (2008). Obtido em 19 de Setembro de 2009, de Wikiducção: [http://wiki.educartis.com/wiki/index.php?title=Pol%C3%ADticas\\_p%C3%ABlicas\\_de\\_educa%](http://wiki.educartis.com/wiki/index.php?title=Pol%C3%ADticas_p%C3%ABlicas_de_educa%)

*Wikipédia*. (22 de Setembro de 2012). Obtido em 2 de Novembro de 2012, de Anexo: lista de países por índice de alfabetização: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista\\_de\\_pa%C3%ADses\\_por\\_%C3%ADndice\\_de\\_alfabetiza%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_%C3%ADndice_de_alfabetiza%C3%A7%C3%A3o)

Afonso, J., & Silva, M. (Junho de 2009). *Candidaturas RBE: 13 anos a construir bibliotecas*. Obtido em 4 de Fevereiro de 2010, de Rede de bibliotecas escolares: <http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter/np4/?newsId=533&fileName=candidaturas.pdf>

Agencia Estado. (22 de Fevereiro de 2010). *Brasileiro lê menos que há dois anos*. Obtido em 9 de Janeiro de 2012, de Portal Estadão : <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,brasileiro-le-menos-que-ha-dois-anos-diz-pesquisa,514424,0.htm>

Ágoas, F. (Abril de 2008). *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX. Análise Social, n.187*. Obtido em 8 de Janeiro de 2012, de SCIELO-Scientific Electronic Library Online: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732008000200012&lng=en&nrm=iso&ignore=.html](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732008000200012&lng=en&nrm=iso&ignore=.html)

- Amorim, G. (30 de Junho de 2010). *Leituras e prazer na escola*. Obtido em 7 de Fevereiro de 2012, de Blogue do Galeno: [www.blogdogaleno.com.br](http://www.blogdogaleno.com.br)
- Araújo, C., Pinto, E. M., Lopes, J., Nogueira, L., & Pinto, R. (Janeiro de 2008). *Universidade do Minho*. Obtido em 12 de Setembro de 2009, de Estudo de caso: [http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf)
- Assessoria de Comunicação Social do FNDE. (8 de Maio de 2008). *Grandes cidades debatem estratégias de incentivo à leitura*. Obtido em 5 de Setembro de 2012, de Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/701-grandes-cidades-debtem-estrat%C3%A9gias-de-incentivo-%C3%A0-leitura>
- Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. (1983). *"Manifesto" da Leitura Pública da BAD*. Obtido em 9 de Março de 2009, de Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: <http://www.apbad.pt/Downloads/Comemoracao20anosRNBp.pdf>
- Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. (2009). *Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Obtido em 16 de Setembro de 2009, de 10 Congresso BAD: <http://www.apbad.pt>
- Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros. (Março de 2004). *Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros*. Obtido em 13 de Janeiro de 2010, de APEL, estudo de hábitos de leitura e compra de livros: [http://www.apel.pt/gest\\_cnt\\_upload/editor/File/apel/estudos\\_estatisticas/Habitos%20de%20Leitura%202004.pdf](http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/Habitos%20de%20Leitura%202004.pdf)
- Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros. (2005). *Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros*. Obtido em 13 de Janeiro de 2010, de Hábitos de leitura 2005: [http://www.apel.pt/gest\\_cnt\\_upload/editor/File/apel/estudos\\_estatisticas/Relatorio\\_HabitosLeitura.pdf](http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/Relatorio_HabitosLeitura.pdf)
- Benavente, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1995). *Estudo nacional de literacia. Relatório preliminar*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1996). *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Conselho Nacional de Educação.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa: Guía Práctica*. Barcelona: Ediciones CEAC, S. A.
- Bornes, M. M. (2011). Conto de Fadas: o poder do imaginário na aprendizagem da leitura e da escrita. *Atas do 8.º Encontro nacional de investigação em leitura, literatura infantil e ilustração* (pp. 424-439). Braga: CIEC- Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho.

- Brasão, I., Domingos, N., & Santos, T. (2004). *Leitores de bibliotecas públicas: inquérito à rede de leitura pública na região de Lisboa*. Lisboa: Colibri.
- Brito, F. C. (2010). *Metodologia*. Obtido em 12 de Junho de 2011, de A importância da Ead na formação de bibliotecários: uma visão da relação ensinantes e aprendentes: <http://books.google.pt/books?id=EhVDm5XQVZ0C&pg=PA14&lpg=PA14&dq=%C3%A9+considerada+como+%E2%80%9Catividade+b%C3%A1sica+das+ci%C3%A2ncias+na+sua+indaga%C3%A7%C3%A3o+e+descoberta+da+realidade.+%C3%89+uma+atitude+e+uma+pr%C3%A1tica+te%C3%B3rica+de+constante>
- Calixto, J. A. (2010). *Conferência Internacional Bibliotecas para a vida II: Bibliotecas e leitura, 2, Évora, 2009*. Lisboa: Colibri/CIDEHUS/UE.
- Cardoso, G., Costa, A. F., Conceição, C. P., & Gomes, M. (2005). *A sociedade em rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- Carmo, F. (1 de Junho de 2009). *Rede de bibliotecas escolares - Ministério da Educação e da Ciência*. Obtido em 17 de Setembro de 2009, de Ab initio: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/561.html>
- Carvalhais, M. M. (Março de 2010). Obtido em 10 de Janeiro de 2011, de "Uma leitura-síntese de «Dimensão económica da literacia em Portugal: uma análise»": [http://bibliotecamm.wikispaces.com/file/view/Economia\\_literacia.pdf](http://bibliotecamm.wikispaces.com/file/view/Economia_literacia.pdf)
- Castrillón, S. (2006). *Organización de la sociedad civil por el derecho a leer y a escribir* -. Obtido em 12 de Dezembro de 2011, de Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC): [http://www.cerlalc.org/redplanes/secciones/biblioteca/castrillon\\_organizacion.pdf](http://www.cerlalc.org/redplanes/secciones/biblioteca/castrillon_organizacion.pdf)
- Castro, R. V., & Sousa, M. L. (1996). *Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses*. Obtido em 12 de Março de 2009, de Literacias, práticas, teorias, ícones: <http://www.ectep.com/literacias/orientacoes/ensaio/01.html>
- Cervo, A., & Bervian, P. (1983). *Metodologia científica para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Cheong, C. Y. (25 de Maio de 2012). Learning world. (Euronews, Entrevistador)
- Clark, C., Torsi, S., & Strong, J. (Agosto de 2005). *Young people and reading: a school study conducted by the National Literacy*. Obtido em 17 de Dezembro de 2012, de National Literacy Trust: [http://www.literacytrust.org.uk/assets/0000/0765/Young\\_people\\_reading\\_2005.pdf](http://www.literacytrust.org.uk/assets/0000/0765/Young_people_reading_2005.pdf)
- Costa, A. F. (2008). *Avaliação externa do Plano Nacional de Leitura: elementos de avaliação do 2º ano do PNL*. Obtido em 13 de Junho de 2009, de Plano Nacional de Leitura: [http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/upload/programas\\_iniciativas/conferencia%20200](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/upload/programas_iniciativas/conferencia%20200)

- Costa, A. F., Pegado, E., & Ávila, P. (2008). *Avaliação do Plano Nacional de Leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- Costa, A. F., Pegado, E., Ávila, P., & Coelho, A. R. (2010). *Relatório de avaliação do 4º ano do Plano Nacional de Leitura*. Lisboa: GEPE/Ministério da Educação.
- Costa, A. F., Pegado, E., Ávila, P., & Coelho, A. R. (2011). *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: os primeiros cinco anos*. Lisboa: CIES/ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Costa, A. F., Pegado, E., Ávila, P., Coelho, A. R., & Alves, T. (2009). *Avaliação dos 2º e 3º anos do Plano Nacional de Leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatísticas e Planeamento da Educação.
- Craveiro, M. C. (n. d.). *Repositorium*. Obtido em 2009 de 12 de Junho, de Parte II - Metodologia da investigação: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7085/7/Parte%20II%20-%20Metodologia%20da%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Cunha, M. (17 de Setembro de 2007). *Hábito de leitura dos jovens brasileiros*. Obtido em 8 de Janeiro de 2012, de A informação: <http://a-informacao.blogspot.pt/2007/09/hbito-de-leitura-dos-jovens-brasileiros.html>
- Das, L. H. (2008). *Rede de Bibliotecas Escolares*. Obtido em 21 de Setembro de 2009, de Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho: [http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/bib\\_sec\\_21.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/bib_sec_21.pdf)
- Dias, C., Pinto, E., Pinto, M., Ferreira, P., & Silva, L. (n. d.). *Universidade do Minho*. Obtido em 12 de Janeiro de 2011, de Métodos de investigação em educação: inquérito por questionário: [inqporquestion.com.sapo.pt/powerpoint.ppt](http://inqporquestion.com.sapo.pt/powerpoint.ppt)
- Erasmie, T., & Lima, L. (1989). *Investigação e projectos de desenvolvimento em educação*. Braga: Universidade do Minho.
- Europa Press. (8 de Dezembro de 2010). *Informe PISA 2009: la educación en España es desastrosa*. Obtido em 2 de Fevereiro de 2012, de La voz libre: <http://www.lavozlibre.com/noticias/ampliar/162324/informe-pisa-2009-la-educacion-en-espana-es-desastrosa>
- Federación de Gremios de Editores de España. (Dezembro de 2003). *Cuatro de cada diez españoles leen libros todas las semanas*. Obtido em 3 de Julho de 2011, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_03.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_03.asp)
- Federación de Gremios de Editores de España. (Junho de 2004). *El barómetro de hábitos de lectura y compra de libros correspondiente al primer trimestre indica que el porcentaje de lectores sigue siendo superior al de no lectores, con un 52%*. Obtido em 1 de Março de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_10.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_10.asp)

- Federación de Grémios de Editores de España. (Fevereiro de 2005). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros: año 2004- el porcentaje de lectores y la frecuencia de lectura aumentaron en 2004*. Obtido em 12 de Agosto de 2012, de [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_23.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_23.asp)
- Federación de Gremios de Editores de España. (Janeiro de 2006). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros: año 2005- aumenta el índice de lectura de libros y supera el 57%*. Obtido em 12 de Janeiro de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_48.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_48.asp)
- Federación de Gremios de Editores de España. (Abril de 2006). *El Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros elaborado por la FGEE analiza los hábitos lectores de los menores de catorce años-los niños leen más que los adultos*. Obtido em 12 de Janeiro de 2011, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_54.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_54.asp)
- Ferreira, J. (28 de Maio de 2008). *Livro e leitura*. Obtido em 6 de Janeiro de 2012, de Ministério da Cultura: <http://www.cultura.gov.br/site/2008/05/28/politicas-publicas-do-livro-e-leitura/>
- Figueiredo, M. M. (2009). Obtido em 7 de Setembro de 2010, de Os cursos de educação formação - um estudo de caso: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1072/1/2010000606.pdf>
- Fonseca, F. I. (2000). *Direcção Geral da Educação*. Obtido em 29 de Dezembro de 2011, de Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura: [http://area.dgidc.min-edu.pt/gramaTICa/Inseparabilidade\\_entre\\_ensino\\_da\\_lingua\\_e\\_da\\_literatura.pdf](http://area.dgidc.min-edu.pt/gramaTICa/Inseparabilidade_entre_ensino_da_lingua_e_da_literatura.pdf)
- Fontes, F., & Fortuna, C. (1999). *Leitura juvenil: hábitos e práticas no distrito de Coimbra*. Lisboa: IPLB.
- Foucambert, J. (1994). *A Leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freitas, E., & Santos, M. L. (1991). Inquérito aos hábitos de leitura. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas*, pp. 67-89.
- Freitas, E., Casanova, J. L., & Alves, N. A. (1997). *Hábitos de leitura: um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Fróis, M. (2008). *BE 2007/2008*. Arganil.
- GAVE. (2001). *Resultados do estudo internacional PISA 2000: Programme for International Student Assessment*. Lisboa: Ministério da Educação/Gabinete de Avaliação Educacional.
- GEPE/ME; INE, PORDATA. (27 de Setembro de 2012). *Taxa real da escolarização em Portugal*. Obtido em 30 de setembro de 2012, de PORDATA - Base de dados Portugal Contemporâneo: <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+real+de+escolarizacao-987>

- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Edições Celta.
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Lisboa: Asa.
- Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gil, G. (21 de Dezembro de 2004). *Ministro da Cultura, Gilberto Gil, no lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura*. Obtido em 22 de Novembro de 2012, de Ministério da Cultura do Brasil: <http://www.cultura.gov.br/site/2004/12/21/ministro-da-cultura-gilberto-gil-no-lancamento-do-ano-ibero-americano-da-leitura/>
- Governo de Espanha. (23 de Junho de 2007). *Ley de la lectura, del libro y de las bibliotecas*. Obtido em 21 de Fevereiro de 2011, de <http://www.boe.es/boe/dias/2007/06/23/pdfs/A27140-27150.pdf>
- Governo Federal do Brasil. (Janeiro de 2001). *Direitos do cidadão: acesso à educação*. Obtido em 5 de Janeiro de 2012, de Portal Brasil: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direitos-do-cidadao/acesso-a-educacao>
- Hannesdóttir, S. K. (1995). *Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas*. Obtido em 22 de Janeiro de 2009, de Bibliotecários escolares: linhas de orientação para os requisitos de competência. Relatório profissional da IFLA, Nº 41: <http://www.oei.es/pdfs/rbe2.pdf>
- IFLA/UNESCO. (1994). *Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas*. Obtido em 21 de Janeiro de 2009, de Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/manifestoUnescOBibliotecasPublicas.aspx>
- Inspecção-Geral da Educação. (2001). *Inspecção-Geral da Educação*. Obtido em 21 de Março de 2010, de Avaliação integrada das escolas. Relatório Nacional. Ano lectivo 2000–2001: <http://static.publico.clix.pt/docs/educacao/avaliacaoescolas2001.pdf>
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (13 de Dezembro de 2001). *Instituto Paulo Montenegro apresenta os resultados do I Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional*. Obtido em 13 de Janeiro de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.11.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.11.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (8 de Setembro de 2003). *Instituto Paulo Montenegro apresenta os resultados do III Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – Leitura e Escrita*. Obtido em 17 de Fevereiro de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.09.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.09.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (2007). *Inaf 2007 mostra a evolução da educação no Brasil*. Obtido em 15 de Março de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.05.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.05.00.00&ver=por)

- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (1 de Dezembro de 2009). *Boas notícias e um forte alerta são as principais revelações de Inaf 2009*. Obtido em 15 de Janeiro de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.04.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.04.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (2012). *Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década*. Obtido em 14 de Novembro de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (n. d.). *Inaf / balanço 5 anos*. Obtido em 14 de Março de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.06.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.06.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (n. d.). *Instituto Paulo Montenegro apresenta os resultados do V Indicador de Alfabetismo Funcional, sobre habilidades de Leitura e Escrita*. Obtido em 19 de Março de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.07.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.07.00.00&ver=por)
- Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. (n. d.). *O que é o Inaf?* Obtido em 8 de Fevereiro de 2012, de Instituto Paulo Montenegro: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por)
- Instituto Pró-livro. (29 de Março de 2012). *Retratos da Leitura no Brasil 2011*. Obtido em 22 de Outubro de 2012, de Instituto Pró-livro: [http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf)
- Internacional Association of School Librarianship. (Setembro de 1993). Obtido em 22 de Janeiro de 2009, de Declaração política da ISLA sobre bibliotecas escolares: [http://www.bprmadeira.org/site/images/BPR/Documentos/Geral/rede/07\\_declaracao\\_pol\\_IASL.pdf](http://www.bprmadeira.org/site/images/BPR/Documentos/Geral/rede/07_declaracao_pol_IASL.pdf)
- Jesus, A. (31 de Julho de 2012). *Miséria e ostentação no ensino*. Obtido em 31 de Julho de 2012, de Jornal de Negócios Online: [http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS\\_V2&id=571247&pn=1](http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=571247&pn=1)
- Lages, M. F. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: GEPE/Ministério da Educação.
- Lopes, J. T., & Antunes, L. (1999). *Bibliotecas e hábitos de leitura: balanço de quatro pesquisas*. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- Lopes, J. T., & Antunes, L. (2000). *Bibliotecas e hábitos de Leitura: instituições e agentes. Relatório síntese*. Lisboa: OAC / IPLB.
- LUSA. (1 de Junho de 2006). *Ministra da Cultura desvaloriza críticas de Saramago ao Plano Nacional de Leitura*. Obtido em 12 de Setembro de 2009, de Público:

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/ministra-da-cultura-desvaloriza-criticas-de-saramago-ao-plano-nacional-de-leitura-1259125>

- LUSA. (23 de Outubro de 2007). *Leitura: leitor português "ainda é pouco exigente"* - Coordenadora de estudo sobre leitura em Portugal. Obtido em 12 de Janeiro de 2008, de Expresso: <http://expresso.sapo.pt/leitura-leitor-portugues-ainda-e-pouco-exigente-coordenadora-de-estudo-sobre-leitura-em-portugal=f147963>
- LUSA. (22 de Outubro de 2009). *Plano Nacional de Leitura põs portugueses a ler mais, defende sociólogo*. Obtido em 24 de Outubro de 2009, de Público: <http://www.publico.pt/educacao/noticia/plano-nacional-de-leitura-pos-portugueses-a-ler-mais-defende-sociologo-1406377>
- LUSA. (14 de Julho de 2011). *Plano Nacional de Leitura já escolheu livros recomendados para ano lectivo 2011/2012*. Obtido em 3 de Agosto de 2011, de Público: <http://www.publico.pt/Cultura/plano-nacional-de-leitura-ja-escolheu-livros-recomendados-para-ano-lectivo-20112012-1502869>
- Melo, P. A. (2008). *Afectividade e aprendizagem da leitura e da escrita*. Obtido em 27 de Dezembro de 2011, de Repositório Institucional da Universidade de Aveiro: [ria.ua.pt/bitstream/10773/1319/1/2008001009.pdf](http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1319/1/2008001009.pdf)
- Mialaret, G. (1997). *A aprendizagem da leitura*. Lisboa: Editorial Estampa .
- Miguel, G. (27 de Abril de 2011). *Mujer, menor de 65 años, con estúdios secundarios superiores: perfil del lector español*. Obtido em 12 de Agosto de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Lectura\\_Dia\\_del\\_Libro.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Lectura_Dia_del_Libro.pdf)
- Miguel, G. (Fevereiro de 2012). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros de 2011*. Obtido em 10 de Setembro de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Barometro\\_HabitosLectura2011.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Barometro_HabitosLectura2011.pdf)
- Ministério da Ciência e da Tecnologia: missão para a sociedade da informação. (1997). Obtido em 10 de Fevereiro de 2009, de Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal: <http://www.conhecimento.pcm.gov.pt/documentos/pdf/livroverde.pdf>.
- Ministério da Cultura do Brasil. (2005). *Livro e leitura*. Obtido em 4 de Janeiro de 2012, de Ministério da Cultura: [http://www2.cultura.gov.br/politicas/livro\\_e\\_leitura/index.html](http://www2.cultura.gov.br/politicas/livro_e_leitura/index.html)
- Ministério da Cultura do Brasil. (Dezembro de 2006). *Introdução*. Obtido em 4 de Outubro de 2010, de Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL: <http://189.14.105.211/conteudo/c00005/Introducao.aspx>

- Ministério da Cultura do Brasil. (n. d.). *O que é o PNLL?* Obtido em 22 de Novembro de 2011, de Plano Nacional do Livro e Leitura: [http://189.14.105.211/conteudo/c00013/O\\_que\\_e\\_o\\_PNLL.aspx](http://189.14.105.211/conteudo/c00013/O_que_e_o_PNLL.aspx)
- Ministério da Cultura do Brasil. (n. d.). *Objetivos e metas.* Obtido em 22 de Novembro de 2011, de Plano Nacional do Livro e da Leitura: [http://189.14.105.211/conteudo/c00008/Objetivos\\_e\\_Metas.aspx](http://189.14.105.211/conteudo/c00008/Objetivos_e_Metas.aspx)
- Ministério da Cultura do Brasil. (n. d.). *Princípios Norteadores.* Obtido em 22 de Novembro de 2011, de PNLL: [http://189.14.105.211/conteudo/c00007/Principios\\_Norteadores.aspx](http://189.14.105.211/conteudo/c00007/Principios_Norteadores.aspx)
- Ministério da Cultura e Ministério da Educação. (Novembro de 2006). *Plano Nacional do Livro e da Leitura: directrizes para a política nacional do livro e leitura.* Obtido em 22 de Novembro de 2011, de CERLAC: [http://www.cerlalc.org/redplanes/secciones/biblioteca/directrices\\_brasil.pdf](http://www.cerlalc.org/redplanes/secciones/biblioteca/directrices_brasil.pdf)
- Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica. (1997). *A Língua materna na educação básica.* Lisboa: ME - Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2001). *Educação.* Obtido em 20 de Janeiro de 2010, de Decreto-Lei n.º241/2001: <http://www.educacao.te.pt/professores/index.jsp?p=173&idCategoria=23&idTipo=2&idDocumento=1251>
- Ministério da Educação. (2004). *Organização curricular e programas: ensino básico - 1º ciclo.* Obtido em 5 de Fevereiro de 2011, de Direcção Geral da Educação - Ministério da Educação: [http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/wp-content/uploads/2010/09/Organizacao\\_curricular\\_programas1CEB.pdf](http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/wp-content/uploads/2010/09/Organizacao_curricular_programas1CEB.pdf)
- Ministério da Educação. (Setembro de 2007). *Educação e formação em Portugal.* Obtido em 6 de Fevereiro de 2011, de GEPE - Ministério da Educação: [http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=364&fileName=educacao\\_formacao\\_portugal.pdf](http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=364&fileName=educacao_formacao_portugal.pdf)
- Ministério da Educação. (31 de Outubro de 2008). *Portugal - Avaliação externa do 2.º ano do PNL revela aumento do interesse dos alunos pela leitura.* Obtido em 4 de Julho de 2009, de Organização dos Estados Ibérico Americanos: <http://www.oei.es/noticias/spip.php?article3734>
- Ministério da Educação do Brasil. (n. d.). *Justificativa.* Obtido em 22 de Novembro de 2011, de Plano Nacional do Livro e da Leitura: <http://189.14.105.211/conteudo/c00006/Justificativa.aspx>
- Ministério da Educação Nacional. (27 de Outubro de 1952). *Diário do Governo.* Obtido em 3 de Setembro de 2012, de Diário da República electrónico: <dre.pt/pdf1sdip/1952/10/24101/10671084.pdf>

- Ministerio de Educación. (2010). *PISA 2009-Programa para la evaluación internacional de los alumnos: OCDE informe español*. Obtido em 2 de agosto de 2012, de IAQSE: [pisa2009-informe-espanol.pdf](http://pisa2009-informe-espanol.pdf)
- Ministerio de Educación y Ciencia: Instituto de Evaluación. (2007). *La lectura en PISA 2000, 2003 Y 2006: marco e pruebas de la evaluación*. Obtido em 21 de Outubro de 2012, de Leer.es: <http://docentes.leer.es/wp-content/pisa/pdf/pisalectura.pdf>
- Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. (2007). *Introducción al Balance del Plan de Fomento de la Lectura 2004-2007*. Obtido em 21 de Fevereiro de 2010, de Plan de Fomento de la Lectura: [http://www.mcu.es/libro/docs/MC/PFL/BalancePFL\\_Introduccion.pdf](http://www.mcu.es/libro/docs/MC/PFL/BalancePFL_Introduccion.pdf)
- Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. (2007). *Plan de Fomento de la Lectura: balance 2004-2007*. Obtido em 21 de Fevereiro de 2010, de Plan de Fomento de la Lectura: [http://www.mcu.es/libro/docs/MC/PFL/BalancePFL\\_Colofon.pdf](http://www.mcu.es/libro/docs/MC/PFL/BalancePFL_Colofon.pdf)
- Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. (n.d.). *Introducción al Plan de Fomento de la Lectura*. Obtido em 21 de Fevereiro de 2010, de Plan de Fomento de la Lectura: <http://www.mcu.es/libro/MC/PFL/Introduccion.html>
- Moço, A. (2011). *Balanço do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010*. Obtido em 22 de Janeiro de 2012, de Nova Escola - Fundação Victor Civita: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/legislacao/pne-plano-nacional-de-educacao-537431.shtml>
- Mónica, M. F. (1977). *Deve-se ensinar o povo a ler?: a questão do analfabetismo (1926-39)*. Obtido em 12 de Maio de 2012, de Análise social: revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223915576N2uIW7kz6Wc55GA7.pdf>
- Moscardó, I. (Janeiro de 2007). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros en 2006- el índice de lectura supera la media de los tres últimos años*. Obtido em 12 de Janeiro de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/News/Noticia\\_250107.asp](http://www.federacioneditores.org/News/Noticia_250107.asp)
- Moscardó, I. (Fevereiro de 2008). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros en 2007 - el índice de lectura en españa mejora y se sitúa en el 56,9%*. Obtido em 12 de Agosto de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Barometro\\_2007.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Barometro_2007.pdf)
- Moscardó, I. (Outubro de 2008). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros tercer trimestre de 2008-los lectores españoles dedican 50 minutos diarios a la lectura*. Obtido em 13 de Agosto de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Lectura\\_2008\\_v2.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Lectura_2008_v2.pdf)

- Moscardó, I. (Novembro de 2009). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros en el tercer trimestre de 2009 - las mujeres superan a los hombres por franjas de edad y nivel de estudios en hábito lector*. Obtido em 12 de Agosto de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Lectura\\_TercerTrimestre\\_2009.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Lectura_TercerTrimestre_2009.pdf)
- Moscardó, I. (Setembro de 2010). *Barómetro de hábitos de lectura y compra de libros en el segundo cuatrimestre de 2010: nueve de cada diez españoles lee en cualquiera soporte impreso o digital*. Obtido em 21 de Agosto de 2012, de Federación de Gremios de Editores de España: [http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/NP\\_Lectura\\_2Cuatrimestre.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/NP_Lectura_2Cuatrimestre.pdf)
- Neto, J. C. (28 de Maio de 2008). *Retratos da leitura – caminhos para os atores do mundo do livro e o PNLL*. Obtido em 6 de Janeiro de 2012, de Instituto Pró livro: [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.prolivro.org.br%2Fipl%2Fpublier4.0%2Fdados%2Fanexos%2F57\\_3.doc&ei=CaLDUMGyKMWKKhQfTo4CwCQ&usg=AFQjCNFBPbIV8MSXQLc0PrK-64uX2JtuDQ&sig2=fqwsadavfy9C28mvBPT](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.prolivro.org.br%2Fipl%2Fpublier4.0%2Fdados%2Fanexos%2F57_3.doc&ei=CaLDUMGyKMWKKhQfTo4CwCQ&usg=AFQjCNFBPbIV8MSXQLc0PrK-64uX2JtuDQ&sig2=fqwsadavfy9C28mvBPT)
- Neto, J. C. (2010). *PNLL: textos e história 2006-2010*. Obtido em 13 de Dezembro de 2011, de <http://189.14.105.211/Conteudo/BibliotecaDigital/2/Arquivos/livro.pdf>
- Neves, J. S., & Lima, M. J. (25-28 de Junho de 2008). *A leitura em Portugal: perfis e tipos de leitores*. Obtido em 14 de Janeiro de 2010, de Associação Portuguesa de Sociologia: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/290.pdf>
- Neves, J. S., Lima, M. J., & Borges, V. (2007). *Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*. Lisboa: GEPE/Ministério da Educação.
- Nunes, H. B. (29 de Janeiro de 2005). *Homenagem ao Henrique Barreto Nunes*. Obtido em 11 de Dezembro de 2011, de Sobre “A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo”: <http://henriquebn.wordpress.com/revisao-da-materia-dada/sobre-%E2%80%9Ca-leitura-publica-no-portugal-contemporaneo%E2%80%9D/>
- Nunes, M. B. (2005). *Comunicação e Bibliotecas*. Obtido em 21 de Janeiro de 2009, de <http://www2.egi.ua.pt/cursos/files/RI/2%20-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20bibliotecas%20v2.pdf>
- Nunes, M. B. (2008). *Rede de Bibliotecas Escolares*. Obtido em 21 de Setembro de 2009, de Novas colecções e novas formas de acesso à informação na Biblioteca Escolar: [http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter/newsletter3/newsleter\\_n3\\_ficheiros/page00021.htm](http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page00021.htm)
- Nussbaum, M. C. (Setembro de 2010). Uma crise planetária da educação. *Courrier internacional*, pp. 60-67.

- Paiva, M. V. (29 de Outubro de 2008). *Os impactos das bibliotecas virtuais sobre os hábitos de leitura e estudo*. Obtido em 20 de Fevereiro de 2012, de Scribd: <http://pt.scribd.com/doc/6297683/Os-Impactos-Das-Bibliotecas-Virtuais-Sobre-Os-Habitos-de-Leitura-e-Estudo-Marcus-Vinicius-Jacob-Paiva>
- Pennac, D. (1998 ). *Como um romance*. Porto: Asa.
- Pereira, A. (1999). *SPSS-Guia prático de utilização. Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, C. S., & Calixto, J. A. (2010). *Para além da Branca de Neve: bibliotecas, educação e literacia da informação*. Évora: Colibri/CIDEHUS/UE.
- Polato, A. (11 de Setembro de 2012). *Zoara Failla: Se o professor não é leitor, não consegue transmitir o prazer pela leitura*. Obtido em 5 de Outubro de 2012, de Revista Época - Editora Globo S.A: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/09/zoara-failla-se-o-professor-nao-e-leitor-nao-consegue-transmitir-o-prazer-pela-leitura.html>
- Ponte, J. P. (2006). *O estudo de caso na investigação em educação matemática*. Obtido em 12 de Agosto de 2009, de Página de João Pedro da Ponte: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos\\_pt.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos_pt.htm)
- Pontes, J. (Realizador). (2007). *Portugal – um retrato social da autoria de António Barreto* [Filme].
- Presidência da República. (1996). *Portal Brasil*. Obtido em 4 de Abril de 2012, de Ensino fundamental: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/sistema-educacional/ensino-fundamental/print>
- Presidência da República. (30 de Outubro de 2003). *Presidência da República - LEI Nº 10.753, de 30 de Outubro de 2003*. Obtido em 20 de Janeiro de 2012, de Portal do Planalto: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.753.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm)
- Prole, A. (28 de Outubro de 2005). *O papel das bibliotecas públicas face ao conceito de literacia*. Obtido em 7 de Fevereiro de 2011, de Casa da leitura: [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_bibliotecas\\_literacia\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_bibliotecas_literacia_a.pdf)
- Prole, A. (28 de Outubro de 2005). *O papel das bibliotecas públicas face ao conceito de literacia*. Obtido em 7 de Fevereiro de 2011, de Casa da leitura: [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_bibliotecas\\_literacia\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_bibliotecas_literacia_a.pdf)
- Rebelo, J. A. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: Asa.
- Rodrigues, M. L. (2008). *Ministério da Educação*. Obtido em 7 de Agosto de 2009, de <http://www.min-edu.pt/np3/2898.htm>

- Rodrigues, M. L. (2010). *A escola pública pode fazer a diferença*. Coimbra: Almedina.
- Rodriguez, L. (2 de Outubro de 2010). *Depende de nós: "Leitura no Brasil"*. Obtido em 15 de Dezembro de 2011, de TV e diversão: qualidade e informação: <http://www.tvediversao.com/2010/10/depende-de-nos-leitura-no-brasil.html>
- Sanches, A. (15 de Junho de 2000). *Público*. Obtido em 25 de Janeiro de 2009, de Literacia na era da informação: <http://www.cfae-castelo-branco-velha-rodao.rcts.pt/textos/iliteracia.htm>
- Santos, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto.
- Santos, M. L., Lima, M. J., & Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Lisboa: GEPE – Gabinete de Estudos e Planeamento da Educação.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (Julho de 2009). *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*. Obtido em 11 de Dezembro de 2010, de Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, ano I, numero 1: <http://pt.scribd.com/doc/52842629/Artigo-Pesquisa-documental>
- Serrão, A., Ferreira, C. P., & Sousa, H. D. (Dezembro de 2010). *Gabinete de Avaliação Educacional - Ministério da Educação*. Obtido em 5 de Março de 2011, de PISA 2009: As competências dos alunos portugueses: síntese dos resultados: [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=346&fileName=Sintese\\_Resultados\\_PISA2009.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=346&fileName=Sintese_Resultados_PISA2009.pdf)
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1999). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, M. I., & Pré-escolar, N. d. (Setembro de 1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Obtido em 2 de Março de 2009, de Direcção Geral da educação: ([http://www.dgisd.min-edu.pt/educacaoinfancia/data/educacaoinfancia/Documentos/Orientacoes\\_curriculares\\_pre\\_escolar](http://www.dgisd.min-edu.pt/educacaoinfancia/data/educacaoinfancia/Documentos/Orientacoes_curriculares_pre_escolar)).
- Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o ensino da leitura*. Obtido em 17 de Janeiro de 2012, de Casa da leitura: [www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/forma\\_ensino.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/forma_ensino.pdf)
- Sim-Sim, I. (2001). *Formar leitores: a inversão do círculo*. Obtido em 2 de Março de 2011, de Casa da Leitura: [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_formar\\_leitores\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_formar_leitores_a.pdf)
- Sim-Sim, I. (2004). *(I)literacia, (des)conhecimento e poder*. Lisboa: Edições Colibri / Escola Superior de Educação de Santarém.
- Sousa, C. (23 de Abril de 2004). *Hábitos de Leitura: Portugal na cauda da Europa*. Obtido em 14 de Novembro de 2009, de Jornalismo Porto Net: [http://jpn.c2com.up.pt/2004/04/23/habitos\\_de\\_leitura\\_portugal\\_na\\_cauda\\_da\\_europa.html](http://jpn.c2com.up.pt/2004/04/23/habitos_de_leitura_portugal_na_cauda_da_europa.html)

- Teixeira, G. (n.d.). *O conhecimento interdisciplinar na sociedade contemporânea*. Obtido em 19 de Outubro de 2010, de Ser professor universitário: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/educa%C3%A7%C3%A3o-na-sociedade-de-informa%C3%A7%C3%A3o/o-conhecimento-interdisciplinar-na-sociedade-contempor%C3%A2n>
- Teixeira, G. (n.d.). *Ser professor universitário*. Obtido em 10 de Outubro de 2010, de O conhecimento interdisciplinar na sociedade contemporânea: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/educa%C3%A7%C3%A3o-na-sociedade-de-informa%C3%A7%C3%A3o/o-conhecimento-interdisciplinar-na-sociedade-contempor%C3%A2n>
- Trindade, L. (Maio de 2006). *A leitura pública no Portugal contemporâneo (1926-1987)*. Obtido em 5 de Setembro de 2012, de Centro de Estudos de Antropologia Social: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65612006000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65612006000100015&script=sci_arttext)
- Usherwood, B. (1999). *A Biblioteca pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho.
- Veiga, I., Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T., & Gaspar, T. (1996). *Lançar a rede de bibliotecas escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Viana, C. (14 de Setembro de 2011). *Plano Nacional de Leitura: mais de metade dos jovens portugueses valorizam a leitura*. Obtido em 30 de Setembro de 2011, de Público: [http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/mais-de-metade-dos-jovens-portugueses-valorizam-a-leitura\\_1511882](http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/mais-de-metade-dos-jovens-portugueses-valorizam-a-leitura_1511882).
- Viana, F. L., Ribeiro, I. S., Fernandes, I., Ferreira, A., Leitão, C., Gomes, S., et al. (2010). *O ensino da compreensão leitora. Da teoria à prática pedagógica: um programa de intervenção para o 1º ciclo do ensino básico*. Coimbra: Almedina.
- Wikiducção. (2008). Obtido em 19 de Setembro de 2009, de Políticas públicas de educação: [http://wiki.educartis.com/wiki/index.php?title=Pol%C3%ADticas\\_p%C3%BAblicas\\_de\\_educa%](http://wiki.educartis.com/wiki/index.php?title=Pol%C3%ADticas_p%C3%BAblicas_de_educa%)
- Wong, B. (22 de Outubro de 2007). Plano Nacional de Leitura com balanço positivo. *Público*, p. 14.
- Wong, B. (23 de Outubro de 2008). *A leitura está a ganhar cada vez mais espaço nas escolas*. Obtido em 24 de Janeiro de 2009, de Público: <http://www.publico.pt/destaque/jornal/a-leitura-esta--a-ganhar-cada-vez-mais-espaco-nas-escolas-280888>
- Wong, B. (23 de Outubro de 2008). Plano Nacional de Leitura: que pensam alguns livreiros, pais e professores. *Público*, p. 4.
- Yin, R. (1994). *Pesquisa estudo de caso - desenho e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Yunes, E. (Março de 2005). *Políticas públicas de lectura: modos de hacerlas*. Obtido em 3 de Janeiro de 2012, de CERLAC - Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina e el Caribe: [http://www.cerlalc.org/revista\\_noviembre/pdf/n\\_art01.pdf](http://www.cerlalc.org/revista_noviembre/pdf/n_art01.pdf)

Yunes, E. (11 de Julho de 2012). *Hábito de leitura exige mediação entre livros e internet, diz professora*. Obtido em 5 de Setembro de 2012, de Empresa Brasil de Comunicação: <http://www.ebc.com.br/educacao/2012/07/habito-de-leitura-exige-mediacao-entre-livros-e-internet-diz-professora>



# Anexos



## Anexo A - Inquérito por questionário

O presente questionário insere-se no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas ministrado pela Universidade Portucalense. O estudo incide nos alunos que frequentam o Agrupamento de escolas do 1º CEB de Arganil, sendo o principal objectivo a recolha de informações acerca do comportamento dos alunos face à leitura, à frequência dos mesmos na Biblioteca escolar e pública e actividades relacionadas com o livro e a leitura.

Solicitamos que respostas às questões com o máximo de seriedade para que o estudo possa ter valor científico.

O questionário é anónimo e todas as informações prestadas são confidenciais.

Agradeço a colaboração!

### QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

#### 1. Sexo

Feminino (rapariga)

Masculino (rapaz)

#### 2. Em que ano escolar estás?

2º ano

3º ano

4º ano

#### 3. Que idade tens?

7 anos

8 anos

9 anos

10 anos

Mais de 10 anos

### LEITURA

#### 4. Tens livros em casa?

Sim

Não

#### 5. Quantos?

1 livro

2-4 livros

4-8 livros

10-12 livros

Mais de 15 livros

#### 6. Costumas ver/ler livros em casa?

Sim

Não

#### 7. Quantos livros já leste sozinho?

Nenhum

Menos de 5 livros

Entre 5 e 10 livros

Entre 12 e 20 livros

Mais de 20 livros

**8. Os teus pais/irmãos/avós contam-te histórias?**

Sim   
Não

**9. Quantos livros já lestes com os teus pais?**

Nenhum   
Menos de 5 livros   
Entre 5 e 10 livros   
Entre 10 e 50 livros   
Mais de 50 livros

**10. Se respondeste sim, quando?**

Todos ou quase todos os dias   
Só às vezes   
Quando lhes peço   
Quase nunca

**11. E a tua família, costuma ler livros, jornais ou revistas?**

Sim   
Não

**12. Os livros que lêes são: (Assinala as que quiseres)**

Comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro   
Oferecidos pela família/amigos   
Requisitados na biblioteca da escola   
Requisitados na biblioteca municipal

**13. Gostas de ler?**

Muito   
Assim-Assim   
Pouco   
Nada

**14. Falas com os teus amigos acerca dos livros que lêes ou ouviste ler na escola/biblioteca?**

Sim, muitas vezes   
Sim, às vezes   
Não, nunca

**15. Há pessoas da tua idade que lêem livros do princípio ao fim e outras que não lêem os livros todos.  
Qual é o teu caso?**

Leio todos os livros do princípio ao fim   
Deixo vários livros por acabar   
Apenas leio do princípio ao fim os livros com desenhos   
Não leio, vejo apenas os desenhos

**16. Como tratas os teus livros?**

Não me preocupo muito com eles   
Alguns livros trato com cuidado mas outros não   
Trato todos os livros com muito cuidado

**17. Já alguma vez escreveste?**

	Sim	Não
Um diário		
Uma poesia		
Uma carta		
Um e-mail		
Um SMS		
Uma mensagem no <i>Messenger</i>		
No Hi5, facebook		

A preencher pelo aluno com a ajuda do Professor(a):

**18. Qual o grau de instrução completo dos pais ou do encarregado de educação com quem o aluno vive?**

Habilitações	Pai	Mãe	Encarregado de educação
Não sabe ler nem escrever			
1º Ciclo (ou equivalente) completo			
2º Ciclo (ou equivalente) completo			
3º Ciclo (ou equivalente) completo			
Ensino Secundário completo			
Frequência de curso superior			
Licenciatura			
Mestrado			
Doutoramento			

**19. Qual a ocupação ou profissão mais recente do pai, mãe, ou outras pessoas com quem a criança vive?**

Profissão	Pai	Mãe	Encarregado de educação
Empresário, administradores e dirigentes de empresas			
Profissionais Liberais (Médico, advogados, arquitectos...)			
Professores			
Quadros técnicos			
Trabalhadores por conta própria no comércio, serviços e actividades industriais			
Empregados de escritório, de comércio e serviços operários			
Agricultores			
Doméstico(a)			
Reformado			
Desempregado			

**ESCOLA**

**20. Os teus professores costumam ler histórias na sala de aula?**

Sim

Não

**21. Se respondeste sim, quando?**

Todos ou quase todos os dias

Uma vez por semana

Só às vezes

Nunca

**22. O que costumam fazer? (Assinala as quiseres)**

- |  |                          |
|--|--------------------------|
| Ouvimos a história em voz alta             | <input type="checkbox"/> |
| Fazemos desenhos                           | <input type="checkbox"/> |
| Fazemos resumos da história                | <input type="checkbox"/> |
| Fazemos fichas de leitura                  | <input type="checkbox"/> |
| Dramatizamos a história, fazemos fantoches | <input type="checkbox"/> |
| Fazemos concursos, jogos                   | <input type="checkbox"/> |
| Lemos o que falta da história em casa      | <input type="checkbox"/> |

**23. O teu professor(a) costuma levar livros para a sala de aula para te mostrar?**

- Sim   
Não

**24. Na tua turma costuma haver troca de livros entre os alunos?**

- Sim   
Não

**BIBLIOTECA ESCOLAR**

**25. Costumas ler os livros da biblioteca da tua escola?**

- Sim   
Não

**26. Costumas ir à biblioteca da escola:**

- |                              |                          |
|------------------------------|--------------------------|
| Todos ou quase todos os dias | <input type="checkbox"/> |
| Cerca de uma vez por semana  | <input type="checkbox"/> |
| Cerca de 15 em 15 dias       | <input type="checkbox"/> |
| Cerca de uma vez por mês     | <input type="checkbox"/> |
| Nunca                        | <input type="checkbox"/> |

**27. Vais à Biblioteca nos intervalos das aulas?**

- Sim   
Não

**28. Durante a semana (de segunda a sexta-feira) quanto tempo passas na biblioteca?**

- |                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| Menos de 1 hora      | <input type="checkbox"/> |
| Mais de 1 a 3 horas  | <input type="checkbox"/> |
| Mais de 3 a 6 horas  | <input type="checkbox"/> |
| Mais de 6 a 10 horas | <input type="checkbox"/> |
| Mais de 10 horas     | <input type="checkbox"/> |

**29. O que fazes na Biblioteca? (Assinala as que quiseres)**

- |   |                          |
|---|--------------------------|
| Requisito livros                          | <input type="checkbox"/> |
| Leio livros                               | <input type="checkbox"/> |
| Leio jornais e revistas                   | <input type="checkbox"/> |
| Leio banda desenhada                      | <input type="checkbox"/> |
| Faço pesquisas para trabalhos da escola   | <input type="checkbox"/> |
| Estudo/Faço trabalhos de casa             | <input type="checkbox"/> |
| Uso o computador para trabalhos da escola | <input type="checkbox"/> |
| Navego na Internet                        | <input type="checkbox"/> |

- Oiço uma história
- Faço teatro
- Escrevo histórias
- Visito exposições
- Passo o tempo livre
- Acompanho o professor(a) numa actividade escolar

**30. Na tua biblioteca há algum jornal (de parede, ou em papel, ou em formato electrónico)?**

- Sim
- Não

**31. Já alguma vez escreveste para ele?**

- Sim
- Não

**32. Os teus trabalhos são publicados no blogue da Escola, da biblioteca escolar ou da biblioteca municipal?**

- Sim
- Não
- Não sei

**33. Com quem vais à Biblioteca? (Assinala as que quiseres)**

- Com os professores
- Com os colegas
- Vou sozinho

**34. O que costumás fazer com os professores na Biblioteca? (Assinala as que quiseres)**

- Lemos livros
- Fazemos pesquisas para trabalhos da sala de aula
- Estudamos
- Usamos o computador e navegamos na Internet
- Ouvimos histórias
- Requisitamos livros
- Fazemos actividades de expressão plástica, dramática, teatro
- Não vamos à Biblioteca com os professores

**35. Costumas ir à biblioteca escolar para actividades específicas?**

- Sim
- Não

**36. Se sim, com quem? (Assinala as que quiseres)**

- Professora bibliotecária
- Professores da escola
- Técnicos da biblioteca escolar
- Técnicos da biblioteca municipal
- Todos

**37. Que tipo de actividades desenvolvem? (Assinala as que quiseres)**

- Hora do Conto
- Oficinas de escrita criativa

- Expressão plástica, dramática, teatros
- Novas tecnologias da Informação
- Concursos, jogos, passatempos
- Visitar exposições
- Encontros com escritores
- Encontros de leitura com os pais

**38. O que é para ti o Plano Nacional de Leitura?**

- Os livros que os professores lêem nas aulas
- As actividades que os professores desenvolvem na biblioteca
- Não sei o que é

**39. Costumas requisitar os livros do Plano Nacional de Leitura que ouves ler na sala de aula?**

- Sim, sempre
- Às vezes
- Não

**40. Se respondeste sim ou às vezes, porquê?**

- Porque gostei muito da história/livro
- O (a) professor(a) disse que era muito importante

**BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ARGANIL**

**41. Costumas ir à Biblioteca Municipal?**

- Sim
- Não

**42. Com quem vais à Biblioteca? (Assinala as que quiseres)**

- Sozinho
- Com os amigos
- Com os colegas/Professor
- Com os pais/avôs/irmãos

**43. Estás inscrito na Biblioteca Municipal?**

- Sim
- Não

**44. Que costumas fazer na Biblioteca Municipal? (Assinala as que quiseres)**

- Visito a biblioteca
- Vou requisitar livros e/ou filmes
- Leio livros na sala
- Faço pesquisas para trabalhos
- Estudo/Faço trabalhos de casa
- Oiço histórias
- Vejo filmes
- Oiço música
- Participo nas actividades/Ateliês
- Uso o computador e/ou navego na Internet
- Visito exposições
- Vou aos encontros com escritores
- Participo em concursos/passatempos
- Vou ter com os meus amigos/colegas
- Passo o meu tempo livre

**45. Na Biblioteca, quando escolhes os livros para levar para casa: (Assinala as que quiseres)**

- Escolho sozinho
- Escolho com a ajuda do funcionário da biblioteca
- O/A professor(a) ajudam-me a escolher

**46. Costumas requisitar os livros que ouves ler na hora do conto/Biblioteca?**

- Sim
- Não

**47. Que é que te leva a ler? (Assinala as que quiseres)**

- Aprendo mais e coisas novas
- Conheço novas palavras e falo melhor
- Compreendo melhor os textos
- Divirto-me a ler
- Sigo o exemplo dos meus pais/familiares
- Sigo o exemplo dos meus amigos
- Os meus professores dizem que ler é fundamental
- Não gosto de ler

**48. Como escolhes os livros que lês? (Assinala as que quiseres)**

- Por me agradar o título e a capa
- Por indicação de amigos
- Por indicação de familiares
- Por indicação do funcionário da biblioteca e/ou livraria
- Por indicação do(a) professor(a)
- Porque os meus amigos os estavam a ler
- Porque vi um filme ou uma série de televisão sobre o livro

**49. O que significa para ti LER? (Assinala as que quiseres)**

- Prazer
- Imaginação
- Aprendizagem
- Criação
- Comunicação
- Utilidade
- Necessidade
- Esforço
- Inutilidade
- Desagrado
- Cansaço
- Nada

**50. Achas que lês bastante?**

- Sim
- Não e gostava de ler mais
- Não e não gostava de ler mais

**Fim do Inquérito. Muito Obrigada**

Escola:  
Ano:  
Dia: / /2010

## Anexo B – Carta de solicitação do inquérito por questionário

---

Exmo. Senhor  
Presidente da Direcção do Agrupamento de Escolas de Arganil  
Prof. José António Marques Machado

Arganil, 7 de Maio de 2010

Assunto: Pedido para a realização de uma investigação através da distribuição de inquéritos.

No âmbito do curso de mestrado em “Educação e Bibliotecas” a frequentar na Universidade Portucalense no Porto, tendo como orientadora a Professora Doutora Manuela Barreto Nunes, venho por este meio solicitar a V. Exa. autorização para distribuir questionários nas escolas do 1º CEB de Arganil, Folques, Sarzedo, Pombeiro da Beira e S. Martinho da Cortiça. Só desta forma será possível concretizar o estudo (investigação-acção) para a elaboração da dissertação cujo título provisório é: “O contributo das políticas públicas educativas para a melhoria dos níveis de literacia e a criação de hábitos de leitura na população. Arganil: um estudo de caso, a partir da implementação do Plano Nacional de Leitura nas escolas do concelho”.

O estudo incide sobre os alunos que frequentam o 2º, 3º e 4º ano de escolaridade sendo o principal objectivo a recolha de informações acerca do seu comportamento face à leitura e a actividades relacionadas com o livro e a leitura, bem como sobre os seus hábitos de frequência da Biblioteca escolar e pública.

Para realizar esta investigação pretendia distribuir os questionários a uma turma de cada ano de escolaridade, necessitando de 20 a 25 minutos/por turma para recolher dados, dependendo da disponibilidade do horário e do professor.

Sem outro assunto de momento,  
Subscrevo-me com elevada estima e consideração.

De V. Exa.  
Atentamente

---

(Rita Isabel Mendes Faria da Cunha)

## Anexo C – Apresentação dos resultados do inquérito por questionário

---

<b>1 - Sexo</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Feminino (rapariga)	70	48,3%
Masculino (rapaz)	75	51,7%

<b>2 - Em que ano escolar estás?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
2º ano	58	39,7%
3º ano	47	32,2%
4º ano	41	28,1%

<b>3 - Que idade tens?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
7 anos	27	18,6%
8 anos	46	31,7%
9 anos	45	31,0%
10 anos	25	17,2%
Mais de 10 anos	2	1,4%

<b>4 - Tens livros em casa?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	140	96%
Não	6	4%

<b>5 - Quantos?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
1 livro	6	4,3%
2-4 livros	11	7,9%
4-8 livros	13	9,3%
10-12 livros	12	8,6%
Mais de 15 livros	98	70,0%

<b>6 - Costumas ver/ler livros em casa?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	143	97,9%
Não	3	2,1%

<b>7 - Quantos livros já leste sozinho?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Nenhum	4	2,8%
Menos de 5 livros	28	19,3%
Entre 5 e 10 livros	45	31,0%
Entre 12 e 20 livros	18	12,4%
Mais de 20 livros	50	34,5%

<b>8 - Os teus pais/irmãos/avós contam-te histórias?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	104	71,7%
Não	41	28,3%

<b>9 - Quantos livros já leste com os teus pais?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Nenhum	22	15,1%
Menos de 5 livros	39	26,7%
Entre 5 e 10 livros	43	29,5%
Entre 10 e 50 livros	27	18,5%
Mais de 50 livros	15	10,3%

<b>10 - Se respondeste sim, quando?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Todos ou quase todos os dias	33	24,6%
Só às vezes	63	47,0%
Quando lhes peço	26	19,4%
Quase nunca	12	9,0%

<b>11 - E a tua família, costuma ler livros, jornais ou revistas?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	135	93,8%
Não	9	6,3%

<b>12 - Os livros que lêes são: (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro	101	69,7%
Oferecidos pela família/amigos	108	74,5%
Requisitados na biblioteca da escola	101	69,7%
Requisitados na biblioteca municipal	53	36,6%

<b>13 - Gostas de ler?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito	114	78,1%
Assim-Assim	23	15,8%
Pouco	9	6,2%
Nada	0	0%

<b>14 - Falas com os teus amigos acerca dos livros que lêes ou ouviste ler na escola/biblioteca?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim, muitas vezes	40	27,4%
Sim, às vezes	91	62,3%
Não, nunca	15	10,3%

<b>15 - Há pessoas da tua idade que lêem livros do princípio ao fim e outras que não lêem os livros todos. Qual é o teu caso?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Leio todos os livros do princípio ao fim	97	66,9%
Deixo vários livros por acabar	35	24,1%
Apenas leio do princípio ao fim os livros com desenhos	9	6,2%
Não leio, vejo apenas os desenhos	4	2,8%

<b>16 - Como tratas os teus livros?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Não me preocupo muito com eles	3	2,1%
Alguns livros trato com cuidado mas outros não	9	6,2%
Trato todos os livros com muito cuidado	133	91,7%

<b>17 - Já alguma vez escreveste?</b>	Sim	%	Não	%
Um diário	61	42,7%	57	40,1%
Uma poesia	104	72,7%	30	21,1%
Uma carta	115	80,4%	19	13,4%
Um e-mail	64	44,8%	51	35,9%
Um SMS	58	40,6%	51	35,9%
Uma mensagem no <i>Messenger</i>	62	43,4%	48	33,8%
No Hi5, facebook	32	22,4%	71	50,0%

<b>18 - Habilitações</b>	Pai n	Pai %	Mãe n	Mãe %	Encarregado de educação - n	Encarregado de educação - %
Não sabe ler nem escrever	3	2,3%	3	2,3%		
1º Ciclo (ou equivalente) completo	61	47,7%	50	37,9%	1	50,0%
2º Ciclo (ou equivalente) completo	30	23,4%	33	25,0%		
3º Ciclo (ou equivalente) completo	20	15,6%	28	21,2%		
Ensino Secundário completo	6	4,7%	10	7,6%	1	50,0%
Frequência de curso superior	0	0%	3	2,3%		
Licenciatura	7	5,5%	3	2,3%		
Mestrado	1	0,8%	2	1,5%		
Doutoramento	0	0%	0	0%		

<b>19 - Profissão</b>	Pai n	Pai %	Mãe n	Mãe %	Encarregado de educação	Encarregado de educação
Empresário, administradores e dirigentes de empresas	6	5,0%	7	5,3%		
Profissionais Liberais (Médico, advogados, arquitectos...)	0	0%	1	0,8%		
Professores	5	4,2%	2	1,5%		
Quadros técnicos	14	11,8%	7	5,3%		
Trabalhadores por conta própria no comércio, serviços e actividades industriais	20	16,8%	20	15,2%		
Empregados de escritório, de comércio e serviços operários	65	54,6%	49	37,1%	1	50,0%
Agricultores	4	3,4%	7	5,3%		
Doméstico(a)	1	0,8%	23	17,4%		
Reformado	1	0,8%	1	0,8%		
Desempregado	1	2,5%	15	11,4%	1	50,0%

<b>20 - Os teus professores costumam ler histórias na sala de aula?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	136	93,8%
Não	9	6,2%

<b>21 - Se respondeste sim, quando?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Todos ou quase todos os dias	24	16,9%
Uma vez por semana	35	24,6%
Só às vezes	81	57,0%
Nunca	2	1,4%

<b>22 - O que costumam fazer? (Resposta Múltipla)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Ouvimos a história em voz alta	133	91,1%
Fazemos desenhos	116	79,5%
Fazemos resumos da história	99	67,8%
Fazemos fichas de leitura	92	63,0%
Dramatizamos a história, fazemos fantoches	47	32,2%
Fazemos concursos, jogos	55	37,7%
Lemos o que falta da história em casa	36	24,7%

<b>23 - O teu professor(a) costuma levar livros para a sala de aula para te mostrar?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	115	79,3%
Não	30	20,7%

<b>24 - Na tua turma costuma haver troca de livros entre os alunos?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	73	52,1%
Não	67	47,9%

<b>25 - Costumas ler os livros da biblioteca da tua escola?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	138	96%
Não	6	4%

<b>26 - Costumas ir à biblioteca da escola:</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Todos ou quase todos os dias	54	37,5%
Cerca de uma vez por semana	76	52,8%
Cerca de 15 em 15 dias	13	9,0%
Cerca de uma vez por mês	1	0,7%
Nunca	0	0%

<b>27 - Vais à Biblioteca nos intervalos das aulas?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	101	71,1%
Não	41	28,9%

<b>28 - Durante a semana (de segunda a sexta-feira) quanto tempo passas na biblioteca?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Menos de 1 hora	60	42,3%
Mais de 1 a 3 horas	61	43,0%
Mais de 3 a 6 horas	21	14,8%
Mais de 6 a 10 horas	0	0%
Mais de 10 horas	0	0%

<b>29 - O que fazes na Biblioteca? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Requisito livros	134	93,7%
Leio livros	134	93,7%
Leio jornais e revistas	58	40,6%
Leio banda desenhada	103	72,0%
Faço pesquisas para trabalhos da escola	70	49,0%
Estudo/Faço trabalhos de casa	66	46,2%
Uso o computador para trabalhos da escola	70	49,0%
Navego na Internet	93	65,0%
Oiço uma história	131	91,6%
Faço teatro	98	68,5%
Escrevo histórias	88	61,5%
Visito exposições	91	63,6%
Passo o tempo livre	68	47,6%
Acompanho o professor(a) numa actividade escolar	108	76,1%

<b>30 - Na tua biblioteca há algum jornal (de parede, ou em papel, ou em formato electrónico)?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	58	39,7%
Não	88	60,3%

<b>31 - Já alguma vez escreveste para ele?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	27	18,8%
Não	117	81,3%

<b>32 - Os teus trabalhos são publicados no blogue da Escola, da biblioteca escolar ou da biblioteca municipal?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	97	66,4%
Não	14	9,6%
Não sei	35	24,0%

<b>33 - Com quem vais à Biblioteca? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Com os professores	124	84,9%
Com os colegas	101	69,2%
Vou sozinho	49	33,6%

<b>34 - O que costumás fazer com os professores na Biblioteca? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Lemos livros	131	89,7%
Fazemos pesquisas para trabalhos da sala de aula	57	39,0%
Estudamos	66	45,2%
Usamos o computador e navegamos na Internet	91	62,3%
Ouvimos histórias	134	91,8%
Requisitamos livros	134	91,8%
Fazemos actividades de expressão plástica, dramática, teatro	87	59,6%
Não vamos à Biblioteca com os professores	9	6,2%

<b>35 - Costumas ir à biblioteca escolar para actividades específicas?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	138	95,8%
Não	6	4,2%

<b>36 - Se sim, com quem? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Professora bibliotecária	92	64,3%
Professores da escola	102	71,3%
Técnicos da biblioteca escolar	51	35,7%
Técnicos da biblioteca municipal	91	63,6%
Todos	45	31,5%

<b>37 - Que tipo de actividades desenvolvem? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Hora do Conto	144	98,6%
Oficinas de escrita criativa	104	71,2%
Expressão plástica, dramática, teatros	117	80,1%
Novas tecnologias da Informação	104	71,2%
Concursos, jogos, passatempos	117	80,1%
Visitar exposições	117	80,1%
Encontros com escritores	57	39,0%
Encontros de leitura com os pais	43	29,5%

<b>38 - O que é para ti o Plano Nacional de Leitura?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Os livros que os professores lêem nas aulas	52	36,4%
As actividades que os professores desenvolvem na biblioteca	73	51,0%
Não sei o que é	18	12,6%

<b>39 - Costumas requisitar os livros do Plano Nacional de Leitura que ouves ler na sala de aula?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim, sempre	40	28,0%
Às vezes	81	56,6%
Não	22	15,4%

<b>40 - Se respondeste sim ou às vezes, porquê?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Porque gostei muito da história/livro	95	78,5%
O (a) professor(a) disse que era muito importante	26	21,5%

<b>41 - Costumas ir à Biblioteca Municipal?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	101	70,1%
Não	43	29,9%

<b>42 - Com quem vais à Biblioteca (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sozinho	20	17,1%
Com os amigos	36	30,8%
Com os colegas/Professor	82	70,1%
Com os pais/avós/irmãos	48	41,0%

<b>43 - Estás inscrito na Biblioteca Municipal?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	63	46,0%
Não	74	54,0%

<b>44 - Que costumás fazer na Biblioteca Municipal? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Visito a biblioteca	110	88,7%
Vou requisitar livros e/ou filmes	69	55,6%
Leio livros na sala	76	61,3%
Faço pesquisas para trabalhos	34	27,4%
Estudo/Faço trabalhos de casa	37	29,8%
Oiço histórias	80	64,5%
Vejo filmes	59	47,6%
Oiço música	27	21,8%
Participo nas actividades/Ateliês	64	51,6%
Uso o computador e/ou navego na Internet	45	36,3%
Visito exposições	58	46,8%
Vou aos encontros com escritores	38	30,6%
Participo em concursos/passatempos	76	61,3%
Vou ter com os meus amigos/colegas	50	40,3%
Passo o meu tempo livre	44	35,5%

<b>45 - Na Biblioteca, quando escolhes os livros para levar para casa:</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Escolho sozinho	78	83,0%
Escolho com a ajuda do funcionário da biblioteca	18	19,1%
O/A professor(a) ajudam-me a escolher	19	20,2%

<b>46 - Costumas requisitar os livros que ouves ler na hora do conto/Biblioteca?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	87	79,1%
Não	23	20,9%

<b>47 - Que é que te leva a ler? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Aprendo mais e coisas novas	122	83,6%
Conheço novas palavras e falo melhor	106	72,6%
Compreendo melhor os textos	114	78,1%
Divirto-me a ler	125	85,6%
Sigo o exemplo dos meus pais/familiares	85	58,2%
Sigo o exemplo dos meus amigos	72	49,3%
Os meus professores dizem que ler é fundamental	100	68,5%
Não gosto de ler	5	3,4%

<b>48 - Como escolhes os livros que lês? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Por me agradar o título e a capa	112	77,8%
Por indicação de amigos	27	18,8%
Por indicação de familiares	30	20,8%
Por indicação do funcionário da biblioteca e/ou livraria	38	26,4%
Por indicação do(a) professor(a)	32	22,2%
Porque os meus amigos os estavam a ler	13	9,0%
Porque vi um filme ou uma série de televisão sobre o livro	36	25,0%

<b>49 - O que significa para ti LER? (Assinala as que quiseres)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Prazer	110	75,9%
Imaginação	117	80,7%
Aprendizagem	112	77,2%
Criação	85	58,6%
Comunicação	63	43,4%
Utilidade	71	49,0%
Necessidade	48	33,1%
Esforço	61	42,1%
Inutilidade	9	6,2%
Desagrado	8	5,5%
Cansaço	10	6,9%
Nada	3	2,1%

<b>50 - Achas que lês bastante?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	112	77,8%
Não e gostava de ler mais	31	21,5%
Não e não gostava de ler mais	1	0,7%

<b>51 - Escola a que pertencem:</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Arganil	47	33,8%
Folques	14	10,1%
Sarzedo	29	20,9%
S. Martinho da Cortiça	30	21,6%
Pombeiro da Beira	19	13,7%

## Anexo D – Cruzamentos

	Ano escolar		
	2º Ano	3º Ano	4º Ano
1 Livro	2	2	2
2-4 livros	4	6	1
4-8 livros	4	3	6
10-12 livros	2	6	4
Mais de 15 livros	43	28	27

	Nenhum	Menos de 5 livros	Entre 5 e 10 livros	Entre 12 e 20 livros	Mais de 20 livros
Feminino	1,4%	18,6%	22,9%	12,9%	44,3%
Masculino	4,0%	20,0%	38,7%	12,0%	25,3%

Quantos livros já leste sozinho?	Ano escolar		
	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Nenhum	25,0%	50,0%	25,0%
Menos de 5 livros	39,3%	32,1%	28,6%
Entre 5 e 10 livros	40,0%	33,3%	26,7%
Entre 12 e 20 livros	33,3%	38,9%	27,8%
Mais de 20 livros	44,0%	26,0%	30,0%

		1 Livro	2-4 livros	4-8 livros	10-12 livros	Mais de 15 livros
Os teus pais/irmãos/avós contam-te histórias?	Sim	3	7	5	8	77
	Não	2	4	8	4	21

Quantos livros já lestes com os teus pais?		Todos ou quase todos os dias	Só às vezes	Quando lhes peço	Quase nunca
Menos de 5 livros		10,3%	51,3%	12,8%	25,6%
Entre 5 e 10 livros		18,6%	60,5%	20,9%	,0%
Entre 10 e 50		22,2%	48,1%	29,6%	,0%
Mais de 50 livros		80,0%	6,7%	13,3%	,0%

Quantos livros já lestes com os teus pais?	1 Livro	2-4 livros	4-8 livros	10-12 livros	Mais de 15 livros
Nenhum	10,5%	5,3%	10,5%	10,5%	63,2%
Menos de 5 livros	8,3%	19,4%	13,9%	2,8%	55,6%
Entre 5 e 10 livros	16,7%	18,2%	46,2%	58,3%	27,6%
Entre 10 e 50 livros	,0%	9,1%	,0%	8,3%	25,5%
Mais de 50 livros	,0%	,0%	,0%	8,3%	14,3%

Livros comprados pela família em livrarias, supermercados, feiras do livro					
	1 Livro	2-4 livros	4-8 livros	10-12 livros	Mais de 15 livros
Assinalado	2,0%	4,1%	9,2%	11,2%	73,5%

Masculino	Gostas de ler?		
	Muito	Assim-Assim	Pouco
2º Ano	79,4%	17,6%	2,9%
3º Ano	62,5%	33,3%	4,2%
4º Ano	47,1%	23,5%	29,4%

Feminino	Gostas de ler?		
	Muito	Assim-Assim	Pouco
2º Ano	83,3%	8,3%	8,3%
3º Ano	95,5%	4,5%	,0%
4º Ano	95,8%	4,2%	,0%

Quantos livros já leste sozinho?	Gostas de ler?		
	Muito	Assim-Assim	Pouco
Nenhum	50,0%	,0%	50,0%
Menos de 5 livros	53,6%	35,7%	10,7%
Entre 5 e 10 livros	82,2%	11,1%	6,7%
Entre 12 e 20 livros	83,3%	16,7%	,0%
Mais de 20 livros	90,0%	8,0%	2,0%

Gosto pela leitura	1 Livro	2-4 livros	4-8 livros	10-12 livros	Mais de 15 livros
Muito	,0%	8,1%	9,0%	9,0%	73,9%
Assim-Assim	14,3%	9,5%	4,8%	9,5%	61,9%
Pouco	37,5%	,0%	25,0%	,0%	37,5%

Quantidade de vezes que os alunos falam com os amigos acerca dos livros	Gostas de ler?		
	Muito	Assim-Assim	Pouco
Sim, muitas vezes	90,0%	7,5%	2,5%
Sim, às vezes	75,8%	16,5%	7,7%
Não, nunca	60,0%	33,3%	6,7%

		Leio todos os livros do princípio ao fim	Deixo vários livros por acabar	Apenas leio do princípio ao fim os livros com desenhos	Não leio, vejo apenas os desenhos
Quantos livros já leste sozinho?	Menos de 5 livros	50,0%	42,9%	7,1%	,0%
	Entre 5 e 10 livros	68,9%	22,2%	6,7%	2,2%
	Entre 12 e 20 livros	77,8%	22,2%	,0%	,0%
	Mais de 20 livros	73,5%	14,3%	6,1%	6,1%

Grau de instrução	Pai	Mãe
Não sabe ler nem escrever	2,3%	2,3%
1º Ciclo (ou equivalente) completo	47,7%	37,9%
2º Ciclo (ou equivalente) completo	23,4%	25,0%
3º Ciclo (ou equivalente) completo	15,6%	21,2%
Ensino Secundário completo	4,7%	7,6%
Licenciatura	5,5%	2,3%
Mestrado	0,8%	2,3%

Grau de instrução		Pai	Mãe
	Empresário, administrador e dirigentes de empresa	5,0%	5,3%
	Profissionais Liberais (Médico, advogado, arquitecto...)	0,0%	0,8%
	Professores	4,2%	1,5%
	Quadros técnicos	11,8%	5,3%
	Trabalhadores por conta própria no comércio, serviços e actividades industriais	16,8%	15,2%
	Empregadores de escritório, de comércio e serviços operários	54,6%	37,1%
	Agricultores	3,4%	5,3%
	Doméstico (a)	0,8%	17,4%
	Reformado	0,8%	0,8%
	Desempregado	2,5%	11,4%
	Total	100%	100,1%

		Indica o grau de instrução completo - Mãe							
		Não sabe ler nem escrever	1º Ciclo (ou equivalente) completo	2º Ciclo (ou equivalente) completo	3º Ciclo (ou equivalente) completo	Ensino Secundário completo	Frequência de curso superior	Licenciatura	Mestrado
Gostas de ler?	Muito	66,7%	72,0%	87,9%	82,1%	70,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Assim-Assim		18,0%	6,1%	14,3%	30,0%			
	Pouco	33,3%	10,0%	6,1%	3,6%				

		Indica o grau de instrução completo - Pai						
		Não sabe ler nem escrever	1º Ciclo (ou equivalente) completo	2º Ciclo (ou equivalente) completo	3º Ciclo (ou equivalente) completo	Ensino Secundário completo	Licenciatura	Mestrado
Gostas de ler?	Muito	100,0%	77,0%	70,0%	80,0%	83,3%	100,0%	100,0%
	Assim-Assim		13,1%	20,0%	20,0%	16,7%		
	Pouco		9,8%	10,0%				

		Indica o grau de instrução completo - Mãe							
		Não sabe ler nem escrever	1º Ciclo (ou equivalente) completo	2º Ciclo (ou equivalente) completo	3º Ciclo (ou equivalente) completo	Ensino Secundário completo	Frequência de curso superior	Licenciatura	Mestrado
Quantos?	1 Livro	0	4	0	0	1	0	0	0
	2-4 livros	0	8	2	1	0	0	0	0
	4-8 livros	1	3	4	4	1	0	0	0
	10-12 livros	0	2	5	4	0	0	0	0
	Mais de 15 livros	2	29	22	19	8	2	3	2
		Indica o grau de instrução completo - Pai							
		Não sabe ler nem escrever	1º Ciclo (ou equivalente) completo	2º Ciclo (ou equivalente) completo	3º Ciclo (ou equivalente) completo	Ensino Secundário completo	Licenciatura	Mestrado	
Quantos?	1 Livro	0	3	3	0	0	0	0	
	2-4 livros	0	8	2	1	0	0	0	
	4-8 livros	1	5	5	1	0	0	0	
	10-12 livros	0	3	7	1	0	0	0	
	Mais de 15 livros	2	38	13	17	6	6	1	

		Quantos livros já leste sozinho?				
		Nenhum	Menos de 5 livros	Entre 5 e 10 livros	Entre 12 e 20 livros	Mais de 20 livros
Indica o grau de instrução completo - Mãe	Não sabe ler nem escrever		33,3%			66,7%
	1º Ciclo (ou equivalente) completo	2,0%	26,0%	32,0%	14,0%	26,0%
	2º Ciclo (ou equivalente) completo		12,1%	30,3%	15,2%	42,4%
	3º Ciclo (ou equivalente) completo	7,1%	21,4%	32,1%	7,1%	32,1%
	Ensino Secundário completo		10,0%	10,0%	20,0%	60,0%
	Frequência de curso superior		33,3%			66,7%
	Licenciatura			33,3%	33,3%	33,3%
	Mestrado			50,0%		50,0%

		Quantos livros já leste sozinho?				
		Nenhum	Menos de 5 livros	Entre 5 e 10 livros	Entre 12 e 20 livros	Mais de 20 livros
Indica o grau de instrução completo - Pai	Não sabe ler nem escrever	33,3%	33,3%			33,3%
	1º Ciclo (ou equivalente) completo	1,6%	23,0%	31,1%	14,8%	29,5%
	2º Ciclo (ou equivalente) completo	3,4%	17,2%	48,3%	6,9%	24,1%
	3º Ciclo (ou equivalente) completo	5,0%	20,0%	20,0%	25,0%	30,0%
	Ensino Secundário completo		16,7%		16,7%	66,7%
	Licenciatura		14,3%	14,3%		71,4%
	Mestrado					100,0%

Costumas ir à Biblioteca da Escola? Todos ou quase todos os dias			
	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Feminino	45,2%	21,4%	62,5%
Masculino	54,8%	78,6%	37,5%

		Costumas ir à biblioteca da escola?			
		Todos ou quase todos os dias	Cerca de uma vez por semana	Cerca de 15 dias em 15 dias	Cerca de uma vez por mês
Gostas de ler?	Muito	39	65	8	1
	Assim-Assim	12	7	3	0
	Pouco	3	4	2	0
		Durante a semana (de segunda a sexta-feira) quanto tempo passas na biblioteca?			
		Menos de 1 hora	Mais de 1 a 3 horas	Mais de 3 a 6 horas	
Gostas de ler?	Muito	48	47	16	
	Assim-Assim	10	8	4	
	Pouco	2	6	1	

		Durante a semana (de segunda a sexta-feira) quanto tempo passas na biblioteca?		
		Menos de 1 hora	Mais de 1 a 3 horas	Mais de 3 a 6 horas
Costumas ir à Biblioteca da Escola?	Todos ou quase todos os dias	26	11	15
	Cerca de uma vez por semana	26	44	5
	Cerca de 15 dias em 15 dias	6	6	1
	Cerca de uma vez por mês	1	0	0

Actividades que os alunos desenvolvem na Biblioteca Escolar com o Professor								
		Lemos livros	Pesquisas para trabalhos de sala de aula	Estudamos	usamos o computador/internet	Ouvimos histórias	Requisitamos livros	Actividades expressão plástica/dramática/Teatro
Ano Escolar	2º Ano	42,0%	24,6%	42,4%	44,0%	40,3%	41,0%	48,3%
	3º Ano	29,8%	47,4%	39,4%	29,7%	32,8%	33,6%	27,6%
	4º Ano	28,2%	28,1%	18,2%	26,4%	26,9%	25,4%	24,1%

Actividades que os inquiridos realizam na Biblioteca Escolar	2º ano	3º ano	4º ano
Hora do Conto	40,3%	31,3%	28,5%
Oficina escrita criativa	36,5%	33,7%	29,8%
Expressão Plástica, Dramática, Teatros	48,7%	27,4%	23,9%
Novas tecnologias da informação	46,2%	29,8%	24,0%
Concursos, jogos, passatempos	41,0%	33,3%	25,6%
Visitas a exposições	47,9%	28,2%	23,9%
Encontros com escritores	50,9%	22,8%	26,3%
Encontros de leituras com os pais	41,9%	30,2%	27,9%

A idade e o sexo dos inquiridos e com quem vão à Biblioteca Municipal			Sozinho	Com os amigos	Com os colegas/Professor	Com os pais/avós/irmãos
Feminino	Que idade tens?	7 anos	10,0%	10,5%	11,4%	10,0%
		8 anos	10,0%	31,6%	34,1%	40,0%
		9 anos	30,0%	26,3%	34,1%	30,0%
		10 anos	50,0%	31,6%	20,5%	20,0%
Masculino	Que idade tens?	7 anos	10,0%	17,6%	18,4%	25,0%
		8 anos	40,0%	41,2%	36,8%	21,4%
		9 anos	20,0%	23,5%	23,7%	32,1%
		10 anos	30,0%	17,6%	18,4%	21,4%
		mais de 10 anos	,0%	,0%	2,6%	,0%

O que levam as raparigas a ler por idade			Aprendo mais e coisas novas	Conheço novas palavras e falo melhor	Compreendo melhor os textos	Divirto-me a ler	Sigo o exemplo dos meus pais	Sigo o exemplo dos meus amigos	Os meus professores dizem que ler é fundamental
Feminino	Que idade tens?	7 anos	11,7%	12,2%	15,7%	15,5%	12,8%	12,9%	15,7%
		8 anos	30,0%	36,7%	35,3%	32,8%	41,0%	54,8%	33,3%
		9 anos	38,3%	32,7%	31,4%	34,5%	33,3%	22,6%	33,3%
		10 anos	20,0%	18,4%	17,6%	17,2%	12,8%	9,7%	17,6%
O que levam os rapazes a ler por idade			Aprendo mais e coisas novas	Conheço novas palavras e falo melhor	Compreendo melhor os textos	Divirto-me a ler	Sigo o exemplo dos meus pais	Sigo o exemplo dos meus amigos	Os meus professores dizem que ler é fundamental
Masculino	Que idade tens?	7 anos	19,7%	26,3%	25,8%	25,8%	24,4%	27,5%	18,8%
		8 anos	34,4%	35,1%	30,6%	31,8%	40,0%	30,0%	33,3%
		9 anos	26,2%	21,1%	22,6%	24,2%	22,2%	25,0%	25,0%
		10 anos	18,0%	14,0%	17,7%	16,7%	11,1%	17,5%	20,8%
		mais de 10 anos	1,6%	3,5%	3,2%	1,5%	2,2%	0,0%	2,1%